

ALFAGUARA



Haruki Murakami

Norwegian Wood





ALFAGUARA

Haruki Murakami

Norwegian Wood





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Copyright © 2000 by Haruki Murakami
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Noruegi No Mori

Capa
Christiano Menezes / Retina_78

Revisão
Antônio dos Prazeres
Umberto Pinto de Figueiredo
Diogo Henriques

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M944n

Murakami, Haruki
Norwegian wood [recurso eletrônico]/ Haruki Murakami ; tradução do japonês
Jefferson José Teixeira. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.
recurso digital

Tradução de : *Noruegi no mori*
Formato: ePub
298p. ISBN: 978-85-7962-074-4
1. Romance japonês. I. Teixeira, Jefferson José. II. Título.

11-2180 CDD: 895.63
CDU: 821.521-3

A muitas fêtes

Eu tinha 37 anos e estava a bordo de um Boeing 747. A imensa aeronave descia atravessando densas nuvens carregadas de chuva, preparando-se para aterrissar no aeroporto de Hamburgo. Sob a chuva fina e fria de novembro, tingindo a terra de um tom escuro, tudo se revestia do ar melancólico das paisagens retratadas nas pinturas da escola de Flandres: os operadores de terra em capas impermeáveis, a bandeira no mastro em cima da sóbria construção do aeroporto, um *outdoor* da BMW. Alemanha, eis-me de volta, pensei.

Uma vez o avião pousado, os sinais de proibido fumar se apagaram e uma música de fundo começou a tocar suavemente pelos alto-falantes do teto. Era “Norwegian Wood”, dos Beatles, numa lânguida execução orquestrada. A melodia me perturbou, como sempre. Mas desta vez ela me emocionou bem mais que o usual, revolvendo violentamente algo dentro de mim.

Dobrei o corpo para a frente, permanecendo imóvel nessa posição, o rosto coberto com as mãos para tentar impedir a cabeça de explodir. Não demorou muito para a comissária de bordo alemã aparecer perguntando em inglês se eu estava passando mal. Respondi que estava tudo bem, que era só uma leve tontura.

— Está realmente tudo bem?

— Sim, não se preocupe. Obrigado — agradei.

A comissária sorriu gentilmente e se afastou, e a música mudou para uma canção de Billy Joel. Ergui o rosto e, contemplando as nuvens negras que pairavam sobre o mar do Norte, refleti sobre as muitas coisas perdidas no curso da minha vida até aquele momento. O tempo perdido, pessoas mortas ou desaparecidas, emoções que eu nunca mais experimentaria.

A aeronave parou por completo. Enquanto os passageiros começavam a desafivelar os cintos de segurança e a retirar sua bagagem de mão e casacos de dentro dos compartimentos superiores, eu estava na pradaria. Inalava o aroma do capim, sentia

o vento na pele, ouvia o trinar dos pássaros. Era o outono de 1969 e eu estava prestes a completar 20 anos.

A mesma comissária de antes se aproximou e, sentando-se ao meu lado, perguntou se eu havia melhorado.

— *It's all right now, thank you, I only felt lonely, you know* (Estou bem, obrigado, estava só um pouco deprimido) — disse esboçando um sorriso.

— *Well, I feel the same way, the same thing, once in a while. I know what you mean* (Às vezes também acontece o mesmo comigo. Entendo como se sente) — disse ela balançando a cabeça e, levantando-se da poltrona, dirigiu-me um magnífico sorriso. — *I hope you'll have a nice trip. Auf Wiedersehen!* (Desejo-lhe boa viagem. Até qualquer dia.)

— *Auf Wiedersehen!* — exclamei também.

Mesmo hoje, passados 18 anos, ainda sou capaz de relembrar nitidamente a paisagem da pradaria. A superfície da montanha, cuja poeira acumulada durante o verão havia sido completamente lavada pela chuva fina que persistia por vários dias, revestia-se então de um tom esverdeado denso e vívido, as espigas das eulálias balançavam por toda parte ao sabor da brisa de outubro e uma nuvem comprida aderida perfeitamente ao domo azul enregelado. O céu se erguia tão alto que contemplá-lo chegava a provocar dor nos olhos. O vento cortava a pradaria, agitava levemente os cabelos dela, entrando em seguida bosque adentro. Nos ramos das árvores, as folhas murmuravam, e ao longe ouvia-se o latido de um cão. Parecia uma voz miúda e indistinta vinda da entrada de um outro mundo. De resto, completo silêncio. Nenhum outro ruído nos chegava aos ouvidos. Não cruzávamos com ninguém. Vimos apenas dois pássaros vermelhos levantarem vôo de dentro da pradaria em direção ao bosque, como se algo os tivesse assustado. Enquanto caminhávamos, Naoko me contou sobre o poço.

Que fascinante é a memória. Enquanto eu estava dentro dessa paisagem praticamente não prestei atenção nela. Não poderia sequer imaginar que 18 anos mais tarde a relembraria em

seus pormenores, apesar de nada ter visto nela de tão impressionante. Para ser sincero, na época a paisagem não me causou nenhum interesse em particular. Eu pensava apenas em mim, na linda garota caminhando ao meu lado, no nosso relacionamento e novamente em mim. Estava numa idade na qual não importava o que presenciasse, sentisse e pensasse, tudo no final voltava às minhas mãos como um bumerangue. Como se isso não bastasse, eu estava apaixonado. Uma paixão complicada. Não me sobrava tempo para prestar atenção à paisagem a meu redor.

Agora, porém, a primeira coisa a me vir à mente é a cena da pradaria. O cheiro do capim, a brisa fresca, a silhueta das montanhas, o latido do cão: eram essas coisas que antes de mais nada me assaltavam a memória. Muito distintamente. De tão nítidas, eu tinha a impressão de que se estendesse o braço poderia traçar com o dedo o contorno de cada uma delas. Entretanto, não se via ninguém dentro dessa paisagem. Ninguém. Nem Naoko nem eu. Pergunto-me aonde afinal fomos parar. Como algo assim aconteceu? Aonde foram parar as coisas aparentemente tão importantes: eu, ela, meu mundo? No momento, sequer consigo recordar de imediato o rosto de Naoko. O que tenho entre as mãos é apenas uma paisagem deserta.

É claro que, com tempo suficiente, sou capaz de recordar seu rosto. Suas pequenas mãos frias, os lindos cabelos lisos e macios ao toque, a pequena pinta logo abaixo do lóbulo redondo e delicado da orelha, o casaco chique de pêlo de camelo que ela costumava usar no inverno, o hábito de sempre encarar o ouvinte ao fazer uma pergunta, a voz por vezes ligeiramente trêmula por algum motivo (como se ela estivesse falando de cima de um morro castigado pelo vento): se eu sobrepusesse uma a uma essas imagens, seu rosto logo surgiria naturalmente. Em primeiro lugar, vem-me à memória seu perfil, provavelmente pelo fato de eu e Naoko sempre caminharmos lado a lado. Portanto, o que lembro dela antes de tudo é sempre o contorno lateral do rosto, e, em seguida, ela se vira para mim, sorrindo docemente, meneando de leve a cabeça, conversando, encarando-me. Exatamente como se

procurasse a sombra de um peixinho cruzando ao acaso o fundo de uma fonte límpida.

Mas demora algum tempo até o rosto de Naoko surgir em minha mente dessa forma. Com o passar dos anos, o tempo necessário gradualmente se alonga. Triste, mas é a pura verdade. Os cinco segundos de início suficientes para recordar seu rosto logo se transformaram em dez, trinta, um minuto. Encompridaram-se exatamente como sombras ao anoitecer. E provavelmente as sombras terminarão dragadas pela absoluta escuridão noturna. Minhas lembranças sem dúvida se distanciam cada vez mais do local onde Naoko costumava estar. Sem dúvida se afastam do lugar onde eu próprio costumava estar no passado. Apenas a paisagem, unicamente essa paisagem da pradaria em outubro, aparece em minha mente repetidas vezes, verdadeira cena simbólica cinematográfica. Sempre que aparece, essa cena dá um chute em alguma parte de meu cérebro. Vamos, acorde, eu continuo aqui; vamos, acorde e analise a razão de eu ainda permanecer por aqui. O chute nunca dói. Não há nenhum tipo de dor. A cada novo chute, apenas um som subsiste ecoando no vazio. E mesmo esse som provavelmente desaparecerá algum dia. Assim como todo o resto se extinguiu no final das contas. Entretanto, dentro do avião da Lufthansa, no aeroporto de Hamburgo, a paisagem chutava meu cérebro de maneira mais demorada e forte que o usual. Acorde, analise a razão. Por isso mesmo escrevo este livro. Sou do tipo de pessoa incapaz de entender bem alguma coisa, seja lá o que for, se não a puser por inteiro no papel.

Sobre o que mesmo ela falava então?

Lembrei: contava-me sobre o poço no campo. Eu não saberia dizer se esse poço realmente existiu. Talvez não passasse de uma imagem ou símbolo, mero fruto de sua imaginação, tal qual as inúmeras outras criações de sua mente naqueles dias sombrios. Todavia, após ouvir sua história, tornei-me incapaz de relembrar a paisagem da pradaria sem associá-la invariavelmente à imagem do poço. Na realidade, em minha mente a imagem do poço que eu

nunca vira formava parte indissociável da paisagem. Eu não teria dificuldades em descrever suas características em todos os pormenores. O poço ficava exatamente na divisa onde termina a pradaria e começa o bosque. A grama cobria o buraco escuro de apenas um metro de diâmetro aberto na terra, escondendo-o engenhosamente. Não havia cercas ou contorno mais elevado de pedras a seu redor. Era um mero buraco abrindo sua boca. Expostas às intempéries, as pedras da beirada haviam adquirido uma coloração branca estranhamente turva. Apresentavam rachaduras e falhas em alguns pontos. Podia-se ver uma lagartixa esverdeada esgueirar-se por uma fenda entre elas. Mesmo tentando me curvar para espiar o interior do buraco, eu nada enxergava. Deduzia apenas que era pavorosamente profundo. De uma fundura além da imaginação. E em seu interior a escuridão comprimia-se em tal densidade que era como se todos os tipos de escuridão existentes no mundo houvessem sido destilados até o último grau.

— Garanto que é muito fundo, muito fundo *mesmo* — disse Naoko escolhendo cuidadosamente as palavras. Ela às vezes se expressava desse jeito. Falava pausadamente, procurando as palavras exatas. — É fundo mesmo, mas ninguém sabe onde fica. É certo que fica em algum lugar aqui por perto.

Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de lã, ela me olhava e seu sorriso parecia dizer: “Estou falando a verdade!”

— Mas então deve ser muito perigoso — concluí. — Um poço profundo, mas que ninguém sabe onde fica. Se alguém cair lá dentro é o fim de tudo.

— Com certeza, não há escapatória. Ahhhhhhh, plof! Tudo terminado.

— Será que essas coisas acontecem mesmo?

— Eventualmente. Talvez uma vez a cada dois ou três anos. Alguém desaparece de repente e nenhuma busca dá em nada. Nesses casos os habitantes da região costumam dizer: Aquele caiu no poço do campo!

— Não é um jeito agradável de morrer — afirmei.

— É um jeito terrível! — exclamou Naoko, livrando-se dos pedacinhos de grama pregados ao casaco. — Seria melhor

simplesmente quebrar o pescoço e morrer, mas no caso de ser apenas uma torção do pé você não pode fazer nada. Pode gritar até perder a voz e ninguém vai escutá-lo, não há chance de ser encontrado, centopéias e aranhas passeiam sobre o seu corpo, há ossos de pessoas mortas espalhados pelo chão, está escuro e úmido. E bem lá em cima flutua um pequeno círculo de luz, realmente diminuto, como se fosse a lua no inverno. Você morre ali sozinho aos poucos.

— Fico arrepiado só de imaginar — falei. — Alguém precisa descobrir onde fica o poço e construir uma cerca em volta dele.

— Mas *ninguém* consegue descobrir. Por isso, tome cuidado para não sair do caminho certo.

— Eu prometo não me afastar.

Naoko tirou a mão esquerda do bolso e segurou a minha.

— Está tudo bem. Não se preocupe. Você poderia caminhar por aqui às cegas durante uma noite escura e *nunca* cairia no poço. E contanto que eu fique grudada em você, também não vou cair.

— De jeito nenhum?

— De jeito nenhum.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Intuição — disse Naoko segurando minha mão com mais força. Por algum tempo, continuamos caminhando em silêncio. — Tenho intuição para esse tipo de coisa. Nada baseado na lógica, só uma sensação. Por exemplo, agora não sinto medo nenhum colada assim a você. Nem o mal nem a escuridão poderiam me seduzir.

— É tudo muito simples então: basta continuar para sempre comigo — disse eu.

— Está falando sério?

— Claro que estou.

Naoko parou de repente. Parei também. Ela pousou as mãos sobre os meus ombros e me encarou. No fundo de suas pupilas, um líquido negro e pesado descrevia um redemoinho de estranho formato. Esse par de lindas pupilas passou um longo tempo investigando o mais fundo de mim. Em seguida, Naoko ergueu-se na ponta dos pés e encostou carinhosamente o rosto no meu. Foi

um maravilhoso gesto de carinho que fez meu coração parar por um instante.

— Obrigada — disse Naoko.

— Não há por que agradecer — respondi.

— Fico feliz de ouvir você dizer isso. Feliz de verdade — disse ela esboçando um sorriso tristonho. — Mas infelizmente é impossível.

— Impossível? Por quê?

— Seria errado. Seria cruel. Seria... — Naoko fez uma pausa e, em silêncio, recomeçou a marcha. Percebi que várias recordações rodopiavam por sua mente e, tentando não me intrometer, continuei a caminhar calado a seu lado. — É... seria injusto. Tanto para você quanto para mim — completou ela rompendo o longo período de silêncio.

— Por que injusto? — murmurei.

— Porque é impossível para uma pessoa passar toda a sua vida zelando por outra. Suponhamos que fôssemos casados. Você certamente trabalharia em uma empresa, certo? Quem cuidaria de mim enquanto estivesse fora trabalhando? Quando viajasse a trabalho, quem cuidaria de mim? Será que eu poderia passar cada minuto da minha vida colada a você? Não seria desigual? Que tipo de relacionamento seria esse? Você acabaria enjoando de mim. Você se perguntaria o que está fazendo com a própria vida, vivendo apenas para servir de ama-seca a uma mulher. Para mim seria insuportável. Não resolveria nenhum dos meus problemas.

— Mas os seus problemas não vão durar a vida toda — falei, tocando suas costas. — Um dia vão terminar. E, nesse dia, vamos parar e repensar nossas vidas. Vamos resolver o que fazer a partir daí. Quem sabe, quando essa hora chegar, seja você quem precise me ajudar? A nossa vida não é um livro de contabilidade. Se você precisa de mim neste momento, pode me usar. Está entendendo? Por que você vê tudo de forma tão rígida? Tente relaxar mais. Essa tensão acaba forçando você a ver as coisas do modo mais pessimista. Relaxe o corpo e você toda vai se tornar mais leve.

— Como você pode dizer isso? — perguntou Naoko com a voz pavorosamente seca.

Ao ouvi-la, percebi ter cometido um deslize.

— Por quê? — perguntou ela olhando fixamente para o chão a seus pés. — Não é novidade para mim que se eu relaxar o corpo todo eu me tornarei mais leve. De que adianta me falar isso? Pois ouça bem o que lhe digo: se eu relaxar agora, eu me despedaço. É assim que sempre vivi e que deverei continuar a viver. Se eu relaxar por um segundo, nunca mais conseguirei voltar à condição original. Eu me despedaçaria, e os fragmentos acabariam sendo soprados para algum lugar. É tão difícil para você compreender isso? Se nem isso você consegue entender, como pode então falar em cuidar de mim?

Fiquei calado.

— Minha perturbação é muito mais profunda do que você imagina. Sinto-me no escuro, com frio, confusa... Mas me diga uma coisa: por que você foi para a cama comigo daquela vez? Por que simplesmente não me deixou sozinha?

Caminhávamos agora por um bosque de pinheiros terrivelmente silencioso. Pela superfície do caminho espalhavam-se carcaças completamente ressecadas de cigarras mortas ao fim do verão, que eram trituradas sob nossos pés. Naoko e eu caminhávamos por esse bosque lentamente e olhando para o chão como se procurássemos alguma coisa perdida.

— Desculpe — disse Naoko, segurando delicadamente meu braço e sacudindo repetidamente a cabeça. — Não quis magoar você. Não ligue para o que eu disse. Desculpe, de verdade. Eu só estava aborrecida comigo mesma.

— Talvez eu ainda não seja capaz de entender você de verdade — desabafei. — Não sou muito inteligente e levo tempo para entender as coisas. Mas, com um pouco mais de tempo, acho que vou conseguir entender você perfeitamente, muito melhor do que qualquer outra pessoa neste mundo.

Paramos de andar e começamos a perscrutar o silêncio ao nosso redor. Eu rolava com a ponta do sapato as carcaças das cigarras e as pinhas, ou erguia os olhos para o céu visível por entre os galhos dos pinheiros. Imersa em pensamentos, Naoko mantinha as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, o olhar ausente.

— Toru, você me ama?

— Claro — respondi.

— Poderia então me fazer dois favores?

— Até três, se for o caso.

Naoko sacudiu a cabeça rindo.

— Só dois. Já será suficiente. Um deles é que eu gostaria que você entendesse o quanto estou agradecida por você ter vindo se encontrar comigo aqui. Isso me deixa feliz, e muito... me ajuda. Pode não parecer, mas é verdade.

— Prometo vir mais vezes — falei. — E qual é o outro favor?

— Eu gostaria que você nunca se esquecesse de mim. Você vai se lembrar para sempre que eu existi e estive assim ao seu lado como agora?

— Claro. Vou me lembrar para sempre — respondi.

Sem dizer mais nada, ela começou a caminhar à minha frente. A claridade outonal trespassava os galhos indo dançar suavemente nos ombros de seu casaco. Ouviu-se novamente o latido do cão que aparentava estar mais próximo de nós do que antes. Naoko subiu a parte mais elevada de uma pequena colina e saiu do bosque, descendo a passos ágeis uma encosta não muito íngreme. Eu a seguia a uma distância de dois ou três passos.

— Volte. O poço pode estar em algum lugar por aqui — disse eu atrás dela.

Naoko parou e, sorrindo, segurou meu braço delicadamente. Continuamos andando lado a lado pelo resto do caminho.

— Você promete mesmo nunca me esquecer? — perguntou ela numa voz débil como um sussurro.

— Nunca esquecerei você — falei. — Como poderia?

Mesmo assim, as lembranças sem dúvida se distanciam, e eu já me esqueci de inúmeras coisas. Por vezes, sou assaltado pela imensa apreensão de escrever este relato baseado na memória. Isso porque de repente imagino ter provavelmente deixado escapar da memória as partes mais importantes. Não teriam todas as recordações fundamentais se acumulado num local obscuro de meu

corpo, numa espécie de limbo, transformando-se em lama inconsistente?

De qualquer forma, no momento isso é tudo que tenho. Aperto fortemente contra o peito as recordações imperfeitas que se dissiparam e continuam a se dissipar a cada novo segundo, escrevendo este livro como um homem faminto chupando ossos. Esse é o único modo de cumprir a promessa que fiz a Naoko.

Quando ainda jovem e com as lembranças ainda vívidas em minha memória, tentei várias vezes escrever sobre Naoko. Mas na época fui incapaz de produzir uma linha sequer. Eu bem sabia que, se a primeira linha aparecesse, provavelmente poderia escrever tudo com facilidade, mas ela não surgia de maneira alguma. Tudo era evidente demais e eu não sabia por onde começar. Da mesma forma que um mapa muito fiel acaba se tornando inútil por ser exageradamente fiel. Porém, agora compreendo. No final das contas, creio eu, só poderei preencher o receptáculo imperfeito das frases com lembranças e recordações imperfeitas. E penso que, quanto mais as lembranças de Naoko se dissiparem dentro de mim, mais profundamente eu poderei compreendê-la. Entendo também agora a razão de ela ter me pedido para nunca esquecê-la. Obviamente Naoko sabia. Ela sabia que na minha mente as lembranças dela iriam desaparecer gradualmente. Por isso me pediu para nunca esquecê-la e para me lembrar sempre que ela existiu.

Pensar nisso me deixa insuportavelmente triste. Porque Naoko nunca chegou sequer a me amar.

Antigamente — para ser mais exato, cerca de vinte anos atrás — eu morava num alojamento estudantil. Tinha 18 anos e acabara de ser aceito na universidade. Meus pais estavam preocupados, pois eu nada conhecia de Tóquio e também porque seria a primeira vez que moraria sozinho, e, sendo assim, encontraram esse alojamento. Acharam que seria mais fácil para um rapaz de minha idade, sem traquejo social, viver num lugar com refeitório e diversas comodidades. Logicamente os custos envolvidos pesaram na decisão. As despesas com o alojamento eram bem inferiores às que teria caso morasse num quarto particular. Não haveria necessidade de comprar absolutamente nada, exceto cobertas e um abajur. Eu particularmente preferiria, se possível, alugar um apartamento e morar sozinho com tranqüilidade, mas levando em conta o valor da matrícula e as mensalidades da universidade particular, além dos gastos individuais mensais, tornava-se difícil ser egoísta nesse caso. Acabei desistindo, achando que no final das contas me adaptaria bem onde quer que morasse.

Esse alojamento ficava no alto de uma colina, de onde se descortinava uma bela vista da cidade. Seu terreno era amplo e cercado por altos muros de concreto. Bem na frente do portão principal havia um olmo gigantesco e muito reto. Devia ter no mínimo 150 anos. Se ficássemos de pé em sua base e erguêssemos os olhos, não conseguíamos ver o céu encoberto pela densa folhagem verde.

Um caminho de cimento contornava a gigantesca árvore, voltando depois a formar uma longa linha reta a cortar o pátio. Dois prédios de três andares em concreto armado emparelhavam-se de cada lado do pátio. Eram grandes, com inúmeras janelas, dando a impressão a quem os visse de uma prisão convertida em prédios de apartamentos, ou prédios de apartamentos convertidos numa prisão. Mas não eram de forma alguma sujos, e tampouco tinham ar sombrio. Por suas janelas abertas podia-se ouvir o som de rádios.

As cortinas nas janelas de todos os quartos eram da mesma cor creme, que permite disfarçar o desbotamento pelo sol.

Seguindo direto pelo caminho, via-se à frente o prédio de dois andares da administração. No térreo estavam instalados um refeitório e um grande banheiro coletivos; no primeiro andar, um salão de conferências, várias salas de reunião e até mesmo uma sala para visitantes ilustres, cuja finalidade eu ignorava. Ao lado do prédio da administração ficava o terceiro prédio do alojamento, que também contava com três andares. Seu pátio era amplo e, no meio do gramado, um irrigador girava refletindo os raios do sol. Nos fundos do prédio da administração estendia-se um campo usado tanto para beisebol quanto para futebol, e uma meia dúzia de quadras de tênis. O alojamento provia dessa forma tudo aquilo que se pudesse desejar.

O único problema desse alojamento era o fato de ser politicamente suspeito. Era administrado por uma fundação de estrutura desconhecida, e dirigido principalmente por um indivíduo de extrema direita cujo estilo de administração — obviamente na minha opinião pessoal — era muitíssimo estranho e desvirtuado. Uma leitura do panfleto de admissão e das normas do alojamento bastaria para se chegar a semelhante conclusão. O suposto “espírito fundador” do alojamento era “esforçar-se para formar recursos humanos promissores para a nação por meio do que existe de melhor em matéria de fundamentos de ensino”. Muitos líderes financeiros endossavam esse “espírito”, investindo capitais particulares no projeto. Mas isso era só uma fachada e, como sempre acontece em casos assim, as verdadeiras intenções eram extremamente dúbias. Ninguém sabia ao certo o que acontecia. Alguns afirmavam tratar-se apenas de uma estratégia para usufruir benefícios fiscais, outros sugeriam ser uma forma de publicidade para os investidores. Havia até quem argumentasse que, sob o pretexto de construir um alojamento, aquele terreno muito valorizado fora obtido de forma fraudulenta. Certo homem dava ao caso uma explicação ainda mais profunda. Segundo ele, o objetivo dos fundadores do alojamento seria a criação de um grupo secreto, formado por ex-residentes, no seio da comunidade político-

financeira. Sem dúvida, parecia existir dentro do alojamento um clube privilegiado composto pela alta elite dos estudantes que ali residiam, e, embora eu pessoalmente pouco soubesse sobre o assunto, era de meu conhecimento que grupos de estudo se realizavam várias vezes por mês com a participação dos fundadores e que os estudantes afiliados a esse clube não precisariam se preocupar em conseguir emprego depois de formados. Eu era incapaz de julgar qual dessas suposições era correta, mas no final das contas o ponto comum entre todas era que “se tratava de um lugar suspeito”.

De qualquer forma, morei por dois anos nesse alojamento suspeito, da primavera de 1968 até a primavera de 1970. Não saberia responder caso me perguntassem por que morei por tanto tempo num lugar daqueles. Do ponto de vista da vida cotidiana, não havia grande diferença para mim se ele era gerenciado pela direita ou pela esquerda, ou se era um lugar cheio de hipocrisia ou falsidades.

O dia no alojamento começava com o hasteamento solene da bandeira nacional. Obviamente, o hino nacional também era executado. Os dois eram indissociáveis, assim como as notícias esportivas são sempre acompanhadas por ritmos de marchas. O mastro da bandeira ficava no centro do pátio, de forma a poder ser visto de todas as janelas dos prédios.

O diretor da ala leste — na qual eu morava — era responsável pelo hasteamento da bandeira. Era um homem por volta de seus 60 anos, alto e de olhar penetrante. Havia fios brancos misturados a seus cabelos visivelmente eriçados e a nuca bronzeada exibia uma longa cicatriz. Diziam que ele era formado pelo colégio militar Nakano, embora ninguém confirmasse a veracidade dessa informação. Estava sempre acompanhado por um estudante na função de assistente, que o auxiliava no hasteamento. Ninguém conhecia ao certo esse rapaz. Tinha a cabeça raspada e sempre vestia um uniforme azul-marinho de estudante. Eu não sabia seu nome, nem o quarto em que morava. Nunca o vi no refeitório nem tampouco no chuveiro. Não saberia nem mesmo dizer se era realmente um estudante. Bem, pelo uniforme supunha-se que

fosse. Era só o que se poderia imaginar. Ao contrário do senhor do colégio Nakano, era baixo, gordo e de pele clara. Era essa dupla sinistra ao extremo que todas as manhãs, às seis horas, hasteava a bandeira do Sol Nascente no centro do pátio do alojamento.

Logo ao entrar no alojamento, por pura curiosidade, várias vezes me levantei às seis da manhã só para presenciar essa cerimônia patriótica. A dupla aparecia no pátio quase no mesmo instante em que o radiodespertador soava o alarme indicando seis horas. O estudante, como previsto, vestia seu uniforme e sapatos de couro preto, enquanto o senhor do colégio Nakano vestia uma jaqueta e calçava tênis brancos. O estudante carregava uma pequena caixa de jacarandá. O senhor carregava um gravador portátil Sony, que colocava na base do mastro. O estudante então abria a caixa. Dentro dela, a bandeira nacional estava dobrada com cuidado. O estudante entregava a bandeira ao senhor com reverência e este a amarrava à adriça. O estudante apertava então o botão do gravador para a execução do *Kimigayo*, o hino nacional.

— *Governai, nosso Senhor...*

A bandeira subia deslizando pelo mastro.

— *Seixos em rochas se transformem...* — A bandeira atingia a metade do mastro. — *Até que o musgo as cubra.* — Nesse ponto, ela alcançava o topo. Os dois acompanhavam o erguer da flâmula com os corpos eretos, em posição de sentido. Era uma cena deslumbrante, particularmente nos dias de tempo bom e vento na medida certa.

Ao cair da tarde, a cerimônia de arriamento da bandeira ocorria de forma semelhante. Todavia, a ordem era inversa à do hasteamento matinal. A flâmula descia deslizando pelo mastro, para então ser guardada na caixa de jacarandá. À noite, a bandeira não tremulava.

Eu não compreendia a razão de a bandeira ser retirada do mastro no período noturno. A nação continuava a existir e muitas pessoas trabalhavam durante a madrugada. Parecia-me injusto que tantos trabalhadores, como operários da rede ferroviária, taxistas, garçonetes de bar, bombeiros do turno da noite, guardas-noturnos nos prédios, entre outros, não pudessem receber a proteção da

nação. Mas, a bem da verdade, talvez isso não seja uma coisa tão importante. Provavelmente ninguém nem mesmo reparava. Seria eu o único a se importar? Na verdade, isso foi só uma idéia passageira e eu não me sentia disposto a me aprofundar no assunto.

A regra para partilha de quartos estipulava que os calouros e segundanistas morassem em quartos duplos, enquanto aos estudantes dos terceiro e último anos eram atribuídos quartos individuais. Os quartos duplos eram um pouco mais estreitos e alongados, no tamanho de seis tatames, com uma janela de esquadria de alumínio na parede oposta à porta e, diante da janela, dois conjuntos de escrivaninha e cadeira dispostos de forma que cada estudante se sentasse de costas para o outro. À esquerda da entrada havia um beliche de armação de ferro. Todos os móveis eram de extrema simplicidade, mas sólidos. Além das escrivaninhas e do beliche havia dois armários, uma pequena mesa de centro e prateleiras embutidas. Mesmo vendo com bons olhos, o quarto nada tinha de poético. Nas prateleiras da maioria deles enfileiravam-se rádio transistor, secador de cabelos, garrafa termoeletrica, aquecedor elétrico, café solúvel, saquinhos de chá, açúcar em cubos, panelas para cozinhar macarrão instantâneo e diversas peças simples de louça. Na parede de argamassa estavam pregadas fotos de belidades nuas recortadas de revistas ou pôsteres de filmes pornô tirados sabe-se lá de onde. No meio desses, um dos estudantes havia pregado fotos de porcos copulando, o que poderia ser considerado uma completa exceção, pois as paredes de praticamente todos os quartos estavam cobertas por fotos de mulheres despidas, jovens cantoras ou atrizes. No suporte para livros sobre as mesas enfileiravam-se livros didáticos, dicionários e romances.

Por serem ocupados apenas por rapazes, os quartos mostravam-se em geral de uma imundície assustadora. Cascas de laranjas mofadas aderiam ao fundo das lixeiras, latas vazias de alumínio serviam como cinzeiros, acumulando mais de dez centímetros de pontas de cigarros que, quando começavam a pegar fogo, eram apagadas jogando-se sobre elas café ou cerveja, fazendo exalar um cheiro ácido e nauseabundo. Toda a louça era

encardida, com restos de um material indefinível grudados em vários pontos. E, espalhados desordenadamente pelo chão, viam-se invólucros de macarrão instantâneo, garrafas vazias de cerveja, algumas tampas e outras coisas do gênero. Não passava pela cabeça de ninguém juntar tudo com uma vassoura e usar uma pá para jogar na lata de lixo. Quando o vento soprava, uma densa poeira se erguia do chão. Além disso, todos os quartos exalavam um odor fétido. Dependendo do quarto, o cheiro diferia ligeiramente, mas seus elementos formadores eram exatamente os mesmos: suor, ranço dos corpos e lixo. Enfiava-se a roupa suja sob a cama e os colchões impregnados de suor emanavam um odor insuportável por falta de alguém para arejá-los periodicamente. Até hoje me espanto ao constatar que aquele caos não deu origem a nenhuma epidemia fatal.

Comparado aos outros quartos, o meu possuía a assepsia de um necrotério. O chão imaculadamente limpo, vidros da janela sem manchas, colchões arejados uma vez por semana, lápis guardados dentro do porta-lápis, e até as cortinas eram lavadas mensalmente. Meu companheiro de quarto era zeloso ao extremo no que se referia à limpeza. “Porra, o cara lava até a cortina”, eu confidenciava aos colegas de alojamento, sem que ninguém acreditasse em mim. Todos pareciam desconhecer que cortinas devem ser lavadas de vez em quando. Supunham tratar-se de objetos pendurados nas janelas de forma semipermanente. “O cara tem um comportamento esquisito”, era o comentário geral a seu respeito. Foi assim que o apelidaram de Nazista ou Tropa de Assalto.

No meu quarto não havia sequer fotos de mulheres nuas pregadas, mas, em vez disso, tínhamos uma foto do canal de Amsterdã. Quando preguei a foto de uma mulher nua, meu companheiro a retirou, dizendo:

— Sabe, Watanabe, eu... eu não sou muito fã desse tipo de coisa.

Não reclamei, pois minha vontade de pregar a foto também não era especialmente forte. Quem visitava nosso quarto invariavelmente exclamava ao ver a foto do canal: “Que diabo é

isso?” Eu respondia: “O Nazista adora bater punheta contemplando essa paisagem.” Falava de brincadeira, mas não havia quem não levasse a sério. Tanto que até eu mesmo comecei a me perguntar se não haveria naquilo um fundo de verdade.

Apesar de todos se solidarizarem comigo por eu ser obrigado a dividir o quarto com o Nazista, em nenhum momento viver com ele me causou mal-estar. Contanto que eu não sujasse o ambiente à minha volta, ele de forma alguma se intrometia em minha vida, o que por sua vez tornava as coisas cômodas para mim. Ele se incumbia de toda a limpeza, arejava os colchões e jogava fora o lixo. Quando eu estava ocupado demais e deixava de tomar banho por três dias seguidos, ele me aconselhava a fazê-lo após farejar o ar à minha volta. Também sugeria quando era chegada a hora de eu ir cortar os cabelos ou quando deveria aparar os pêlos de dentro do nariz. O que me perturbava era quando, ao ver um único inseto no quarto, ele pulverizava inseticida por toda parte. Nessas ocasiões, eu era forçado a me exilar no caos dos quartos vizinhos.

O Nazista estudava geografia em uma universidade pública.

— Estudo car... car... cartografia — disse-me quando nos conhecemos.

— Você curte mapas? — perguntei.

— Curto. Depois que me formar, quero trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisa Geográfica e desenhar ma... ma... mapas.

Impressionou-me saber que no mundo existem pessoas com sonhos e objetivos tão variados. Essa foi uma das primeiras coisas que me marcaram depois de chegar em Tóquio. Certamente seria um transtorno se não houvesse algumas poucas pessoas interessadas e apaixonadas pela criação de mapas, embora não se necessite de grande número delas. Porém, era estranho ver alguém que gaguejava a cada menção da palavra “mapa” desejando entrar para o Instituto Nacional de Pesquisa Geográfica. Nem sempre o Nazista gaguejava, mas isso acontecia em 100 por cento dos casos, quando a palavra “mapa” era pronunciada.

— Vo... você está estudando o quê? — perguntou ele.

— Arte dramática — respondi.

— Isso quer dizer teatro?

— Não, não é bem isso. Nós lemos e estudamos peças teatrais. Racine, Ionesco, Shakespeare.

Ele me confessou não conhecê-los, com exceção de Shakespeare. Eu também praticamente nunca ouvira falar deles. Repetia apenas o que vira escrito no resumo descritivo dos cursos.

— De qualquer forma, é disso que você gosta, não é? — perguntou ele.

— Não especialmente — respondi.

Minha resposta o perturbou. Quando isso acontecia, a gagueira piorava. Senti como se estivesse cometendo um delito grave.

— No meu caso, poderia ser qualquer curso — expliquei. — Não importava se fosse etnologia ou história oriental. Simplesmente senti maior interesse por arte dramática. Só isso.

Essa explicação não pareceu tê-lo convencido.

— Não estou entendendo — disse-me ele com a fisionomia de quem realmente não estava entendendo. — No me... meu caso, adoro ma... mapas e por isso estudo car... car... car... cartografia. Foi justamente por isso que entrei numa universidade em Tóquio e meus pais pa... pagam meus estudos. Mas com você é diferente...

As palavras do Nazista eram mais lógicas do que as minhas. Desisti de continuar explicando. Tiramos no palitinho de fósforo quem ficaria com qual cama do beliche. Ele ficou com a de cima, eu com a de baixo.

Ele sempre vestia uma camisa branca, calça preta e um suéter azul-marinho. Tinha a cabeça raspada, era alto e as maçãs de seu rosto eram saltadas. Costumava usar um casaco de uniforme militar ao ir para a universidade. Seus sapatos e pasta eram pretos. Ele parecia um estudante de direita, razão pela qual os colegas lhe puseram o apelido, mas a bem da verdade era completamente indiferente à política. Vestia-se sempre dessa maneira apenas por achar cansativo ter de escolher as roupas. Seus interesses se restringiam às mudanças na linha costeira, à conclusão de um novo túnel da rede ferroviária ou a outros acontecimentos do gênero. Ele era capaz de conversar ininterruptamente sobre esses assuntos durante uma ou duas horas,

gaguejando e tropeçando nas palavras, até que eu fugisse dele ou acabasse adormecendo.

Ele se levantava todas as manhãs às seis horas com o *Kimigayo* lhe servindo de despertador. Sinal de que aquela cerimônia ostentosa e pomposa de hasteamento da bandeira não era de todo inútil. Vestia-se e ia lavar o rosto. Demorava muito tempo no banheiro. Eu chegava a imaginar se não estaria retirando os dentes e lavando-os um por um. Quando voltava ao quarto, batia ruidosamente a toalha para desamarrotá-la, estendendo-a sobre o aquecedor para secá-la, e colocava a escova de dentes e o sabonete de volta na prateleira. Ligava em seguida o rádio e iniciava sua sessão de ginástica.

Acostumado a ler até tarde da noite e dormir como uma pedra até as oito da manhã, eu em geral continuava profundamente adormecido mesmo com o barulho que o Nazista fazia ao acordar, o som do rádio e o início de sua ginástica. No entanto, acordava invariavelmente no momento em que os exercícios atingiam a parte dos saltos. Era inevitável. Porque a cada salto seu — por sinal, bem altos — a cama trepidava sob o efeito do choque. Agüentei durante três dias. Isso porque ouvira dizer que certa dose de resignação é elemento fundamental numa vida em comum. Entretanto, na manhã do quarto dia, cheguei à conclusão de que minha paciência havia se esgotado.

— Desculpe, mas você não poderia fazer sua ginástica no terraço ou em qualquer outro lugar? — pedi, categórico. — Desse jeito, não consigo dormir.

— Mas já são seis e meia da manhã — retrucou ele perplexo.

— Sim, eu *sei* que horas são. Seis e meia, certo? Esse é um horário em que eu ainda estou dormindo. Não poderia explicar a razão, só sei que as coisas são assim no meu caso.

— Impossível. Se eu fizer ginástica no terraço, o pessoal do terceiro andar certamente vai cair de pau me matando. Como o térreo é um depósito, fazendo aqui ninguém se incomoda.

— Então vá para o pátio. No gramado.

— Também é impossível. Me... meu rádio não é transistor, não funciona sem corrente elétrica, e não posso fazer os exercícios sem a música do programa de ginástica.

Realmente seu rádio era um modelo antigo sem pilhas e, embora o meu fosse transistor, só pegava estações de música em FM. Comecei a me impacientar.

— Vamos entrar num acordo — propus. — Você pode fazer ginástica aqui. Mas vai ter que parar com os saltos. É barulhento demais. Está bem assim?

— Sa... Saltos? — replicou ele parecendo surpreso. — Como assim?

— Saltos. Pular no mesmo lugar para cima e para baixo.

— Quem disse que eu faço isso?

Comecei a sentir a cabeça doer. Estava prestes a desistir de tudo, mas para tentar esclarecer aquilo que estava dizendo, comecei a dar pulos no quarto cantarolando a primeira parte da melodia do programa de ginástica da estação NHK.

— Isso. Viu? Está entendendo agora?

— É... Tem razão. Eu não tinha per... percebido.

— Está entendendo agora? — falei, sentando na cama. — Quero que você corte só esse pedaço. Posso suportar todo o resto. Pare apenas com a parte dos saltos e me deixe dormir tranqüilamente.

— É impossível — disse-me ele categórico. — É impraticável para mim cortar uma parte dos exercícios. Há dez anos faço a mesma ginástica todas as manhãs e, uma vez começada, tudo se desenrola automaticamente. Se eu pular uma etapa, não consigo fazer tu... tu... tudo.

Não havia mais nada que eu pudesse argumentar. O que poderia dizer? Uma solução rápida para o problema seria dar fim ao maldito rádio, atirando-o pela janela quando o Nazista se ausentasse do quarto, mas era óbvio o estardalhaço infernal que se seguiria caso me atrevesse a fazê-lo. Afinal, ele tinha um enorme zelo por seus pertences. Enquanto eu permanecia sentado na cama, calado e sem ação, ele me consolou sorridente.

— Wa... Watanabe, que tal você se levantar no mesmo horário e fazermos ginástica juntos? — propôs, saindo em seguida para tomar o café-da-manhã.

Naoko riu ao ouvir a história do Nazista e de sua ginástica radiofônica. Eu não pretendia que soasse cômica, mas no final acabei eu próprio rindo da história. Fazia muito tempo que não via o rosto sorridente de Naoko, embora seu sorriso tenha se apagado quase instantaneamente.

Havíamos descido do trem na estação Yotsuya e caminhávamos pelo declive que margeia os trilhos até Ichigaya. Era uma tarde de domingo de meados de maio. A chuva fina intermitente que caíra durante a manhã havia cessado por completo pouco antes do meio-dia, e as depressivas nuvens baixas de chuva haviam desaparecido, varridas pelo vento sul. As folhas das cerejeiras, de um verde brilhante, balançavam ao vento, refletindo a luminosidade dos raios do sol. Aquela luz prenunciava a chegada do verão. Os passantes despiam suéteres e paletós, carregando-os sobre o ombro ou braço. Sob o sol intenso da tarde dominical, não havia quem não parecesse feliz. Nas quadras de tênis que se avistavam para além da encosta, rapazes tiravam a camisa para jogar apenas de calção. Somente duas freiras sentadas lado a lado num banco trajavam rígidos hábitos negros de inverno e, embora apenas a seu redor o calor estival não parecesse chegar, conversavam prazerosamente ao sol.

Depois de 15 minutos caminhando, o suor começou a se formar nas minhas costas. Despi a camisa de algodão grosso ficando apenas de camiseta. Naoko havia enrolado as mangas do moletom cinza-claro até os cotovelos. O moletom estava desbotado uniformemente como se houvesse sido lavado milhares de vezes. Tive a impressão de já tê-la visto antes usando o mesmo moletom, mas poderia ser apenas minha memória me pregando uma peça. Talvez não passasse de impressão. Naquela época, eram poucas as minhas lembranças relacionadas a Naoko.

— O que está achando da vida em comunidade? É divertido viver com outras pessoas? — indagou Naoko.

— Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa. Faz apenas pouco mais de um mês que estou no alojamento — respondi. — Mas não é tão ruim. Pelo menos, não há nada de insuportável nela.

Ela parou diante de um bebedouro público e tomou um gole d'água, tirando em seguida um lenço branco do bolso da calça para enxugar a boca. Depois disso, agachou-se e cuidadosamente tornou a amarrar o cadarço do sapato.

— Acha que eu seria capaz de levar uma vida dessas?

— Quer dizer, uma vida comunitária?

— Isso — respondeu Naoko.

— Bem, tudo deve depender de como você encara esse tipo de vida. Sem dúvida, há inúmeros inconvenientes. Normas severas, caras imbecis com o rei na barriga ou o colega de quarto que começa sua sessão de ginástica às seis e meia da manhã. Mas dá para agüentar se você imaginar que esse tipo de coisas existe por toda parte. Basta se conscientizar de que não há outra opção e tudo se torna mais fácil. É isso.

— Tem razão — concordou ela, e durante um tempo pareceu imersa em algum pensamento. Em seguida me fitou como se contemplasse um objeto raro. Notei como seus olhos eram profundamente translúcidos a ponto de assustar. Até então, nunca havia reparado que seus olhos eram tão diáfanos. Pensando bem, nunca tivera oportunidade de admirá-los. Era também a primeira vez que caminhávamos juntos e conversávamos tão demoradamente.

— Está considerando a idéia de entrar para um alojamento ou algum lugar parecido? — perguntei.

— Não, não é isso — disse Naoko. — Estava apenas imaginando como seria viver em comunidade. E, bem... — Naoko mordeu os lábios procurando sem sucesso a palavra ou expressão adequada. Suspirou e baixou os olhos. — Bem, não sei. Esqueça.

Esse foi o ponto final da conversa. Naoko voltou a caminhar em direção ao leste, e eu a seguia à distância de alguns passos.

Quase um ano havia se passado desde nosso último encontro. Durante esse período, ela havia emagrecido a ponto de

tornar-se irreconhecível. As bochechas carnudas, uma característica sua tão particular, haviam praticamente desaparecido, e o pescoço havia se afinado. Apesar de mais magra, não passava a impressão de esquelética ou doente. A forma de emagrecimento mostrava-se bastante natural e serena. Ela parecia ter se escondido num lugar estreito e comprido até seu corpo se adaptar a esse lugar. Além disso, Naoko era muitíssimo mais bonita do que a imagem que eu fazia dela até então. Pensei em comentar sobre isso com ela, mas desisti por não encontrar a maneira mais adequada de expressá-lo.

Não havíamos planejado ir àquele lugar com um objetivo definido. Naoko e eu nos encontramos por acaso no trem da linha Chuo. Ela havia decidido sair sozinha para o cinema e eu me dirigia a uma livraria em Kanda. Nenhum dos dois tinha compromissos importantes naquele momento. Seguindo sua sugestão, descemos do trem. Por acaso era a estação de Yotsuya. Sempre que ficávamos os dois sozinhos, faltava-nos um assunto especial de conversa. Eu não fazia a menor idéia do porquê de Naoko sugerir saltarmos do trem. Desde o início, não havia muito que conversar entre nós.

Ao sair da estação, ela começou a andar sem sequer dizer para onde. Sem alternativa, eu a acompanhei. Sempre havia uma distância de cerca de um metro entre nós dois. Se quisesse, eu poderia ter reduzido essa distância, mas algo vagamente me impedia. Eu continuava andando um metro atrás dela, contemplando suas costas e seus lisos cabelos negros. Ela usava um grande prendedor de cabelos marrom, e eu podia ver sua pequena orelha branca quando ela virava o rosto de lado. Ocasionalmente ela voltava a cabeça na minha direção e dizia alguma coisa. Algumas vezes era uma pergunta para a qual eu tinha resposta, mas em alguns casos eu não atinava como responder. Outras vezes não conseguia escutar o que ela dizia. O fato de eu poder ouvi-la ou não lhe parecia indiferente. Depois de dizer o que desejava, ela tornava a se virar para a frente e continuava a caminhar. Bem, acabei desistindo e decidi aproveitar o belo dia de sol, perfeito para um passeio.

Todavia, a forma de Naoko caminhar mostrava que ela entendia o passeio como algo bem mais sério. Virou à direita ao chegar em Iidabashi, dirigindo-se ao fosso do palácio imperial, e, atravessando o cruzamento em Jinbocho, subiu a ladeira de Ochanomizu, indo dar em Hongo. Depois disso, caminhamos até Komagome seguindo a linha do bonde. Percorremos uma distância considerável. O sol já se punha quando chegamos a Komagome. Era um final de tarde calmo de primavera.

— Onde estamos afinal? — perguntou Naoko como se percebesse pela primeira vez o lugar à sua volta.

— Komagome — respondi. — Não notou? Demos uma volta enorme!

— Por que viemos parar num lugar desses?

— Você nos trouxe até aqui. Eu apenas segui seus passos.

Entramos num restaurante especializado em pratos à base de macarrão de trigo-sarraceno, onde fizemos uma refeição leve. Bebi sozinho uma cerveja para matar a sede. Permanecemos ambos calados desde o momento de fazermos o pedido até terminarmos de jantar. Eu, exaurido pela longa caminhada; ela, novamente pensativa, com as mãos apoiadas sobre a mesa. O noticiário na tevê informava que naquele domingo todos os pontos turísticos haviam se enchido de visitantes. E nós, pensei comigo, acabamos de andar de Yotsuya até Komagome.

— Você está em boa forma — elogiei ao terminar de comer o macarrão.

— Está surpreso?

— Claro.

— Pois fique sabendo que nas corridas de longa distância nos tempos do ginásio eu costumava correr 10 ou 15 quilômetros. Além disso, meu pai adorava escalar montanhas e desde pequena me levava junto todos os domingos. Você se lembra que atrás da minha casa há uma montanha? Por isso minhas pernas se tornaram naturalmente sólidas.

— Pois não parece nem um pouco — falei.

— Eu sei. Todos me acham uma menina de constituição extremamente delicada. Mas você sabe como as aparências

enganam — disse, acrescentando um sorriso sutil às palavras.

— Perdoe-me, mas estou caindo pelas tabelas.

— Sou eu quem devo pedir desculpas por obrigá-lo a me acompanhar o dia inteiro.

— Foi bom poder conversar com você. Nunca antes tivemos oportunidade de conversar só os dois — eu disse, mesmo não conseguindo lembrar sobre o que havíamos conversado por mais que me esforçasse.

Ela manuseava mecanicamente o cinzeiro sobre a mesa.

— Será que poderíamos voltar a nos encontrar, se você não se importar? Sei muito bem que não tenho o direito de pedir isso.

— Direito? — exclamei espantado. — O que você quer dizer com isso?

Ela corou. Eu provavelmente havia exagerado um pouco na minha reação de espanto.

— É difícil explicar — disse ela como se desejasse se justificar. Suspendeu as mangas do moletom até a altura dos cotovelos, para logo em seguida tornar a baixá-las. A luz da lâmpada tingia os pêlos de seus braços de uma bela cor dourada. — Eu não pretendia usar essa palavra. Estava procurando uma outra maneira de dizer isso.

Naoko apoiou os cotovelos sobre a mesa e por algum tempo fixou o olhar no calendário pregado à parede. Eu sentia que ela o olhava como se esperasse poder encontrar nele uma expressão adequada. Visivelmente sem obter sucesso, suspirou, cerrou os olhos e mexeu no prendedor de cabelos.

— Não se preocupe com isso — falei. — Acho que entendo o que você estava tentando me dizer. Para mim também é difícil achar as palavras exatas.

— Não consigo me expressar bem — afirmou Naoko. — E tem sido sempre assim nos últimos tempos. Tento dizer alguma coisa, mas só me ocorrem as palavras erradas. Palavras erradas ou opostas ao que quero dizer. E quando eu tento corrigir o que disse, cometo erros, as coisas ficam mais confusas, e acabo então sem saber mais o que pretendia dizer no início. Sinto como se meu corpo se repartisse em dois, com as duas metades brincando de pega-

pega. Bem no meio existe um poste bem grosso, ao redor do qual elas não param de dar voltas se perseguindo. Nunca consigo alcançar a outra metade de mim que sempre tem a palavra certa.

Naoko ergueu a cabeça e me fitou.

— Será que você está entendendo?

— Qualquer pessoa sente o mesmo em maior ou menor grau — falei. — Todos tentam expressar o seu eu, e se irritam ao se descobrirem incapazes de fazer isso direito.

Naoko me pareceu um pouco desapontada ao ouvir o que eu acabara de dizer.

— Não é bem assim — retrucou ela, sem oferecer nenhuma explicação adicional.

— Vai ser um prazer vê-la de novo — falei. — Tenho tempo de sobra aos domingos e caminhar faz bem para a saúde.

Tomamos o trem da linha Yamanote, e Naoko fez baldeação para a linha Chuo na estação Shinjuku. Ela estava morando em Kokubunji, num pequeno apartamento alugado.

— Você acha que meu jeito de falar está diferente de antigamente? — perguntou-me Naoko na hora de nos separarmos.

— Tenho a impressão de que mudou um pouco — respondi. — Mas não saberia dizer o que mudou nem de que forma. Para ser sincero, apesar de naquela época nos encontrarmos com freqüência, eu não me lembro de termos conversado muito.

— Tem razão — admitiu ela. — Posso telefonar para você no sábado que vem?

— Claro. Vou ficar à espera da sua ligação — respondi.

Conheci Naoko na primavera do meu segundo ano no ensino secundário. Ela também era secundarista e freqüentava um colégio para moças refinadas administrado por missionários cristãos. O requinte do colégio era tal que as moças que se dedicavam com assiduidade aos estudos eram criticadas como vulgares. Naoko era namorada de meu grande amigo Kizuki (a bem da verdade, era literalmente meu único amigo). Os dois se conheciam praticamente desde o nascimento e moravam a 200 metros um do outro.

Assim como ocorre com muitos casais que se conhecem desde a tenra infância, a relação entre eles era extremamente aberta e a vontade de ficarem sempre a dois não parecia tão forte. Estavam sempre visitando a casa um do outro e era comum jantarem ou jogarem *mahjong* com as respectivas famílias. Várias vezes saímos em duas duplas. Naoko chamava uma colega de colégio e íamos os quatro ao zoológico, à piscina ou ao cinema. Porém, falando com sinceridade, apesar de as colegas de Naoko serem sempre bonitas, eram um pouco refinadas demais para o meu gosto. Apesar de mais rudes, eu me entrosava melhor e conversava com mais naturalidade com as meninas dos colégios públicos da mesma série que eu. Nunca sabia o que se passava pela cabeça das moças que Naoko costumava trazer, por mais bonitas que fossem. E acho que o sentimento era recíproco.

De modo que Kizuki desistiu de me convidar para sair a quatro e passamos a sair e conversar somente a três. Éramos eu, Kizuki e Naoko. Pensando bem, embora fosse uma situação estranha, era a que nos deixava no final das contas mais à vontade, a que melhor nos servia. A introdução de uma quarta pessoa criava certo embaraço em nosso relacionamento. Quando estávamos os três juntos, era como um programa de entrevistas da tevê: eu era o convidado, Kizuki o talentoso entrevistador e Naoko sua assistente. Kizuki levava jeito para ocupar a posição principal. É verdade que ele possuía um lado sarcástico e muitos o tomavam por arrogante por não conhecê-lo direito, mas no fundo era um rapaz atencioso e justo. Quando estávamos a três, conversava e brincava tanto comigo quanto com Naoko, sem favoritismos, preocupado em que nenhum dos dois se sentisse deixado de lado. Quando um de nós permanecia calado por muito tempo, ele puxava conversa tentando com habilidade nos fazer falar. Vendo-o agir assim, eu imaginava que fosse uma tarefa cansativa, mas na verdade não deveria ser tão difícil assim. Ele possuía o talento para discernir instantaneamente o ambiente à sua volta e se ajustar a ele. Além disso, era dotado da valiosa capacidade de encontrar alguns pontos interessantes mesmo no discurso mais tedioso de seus interlocutores. Por isso,

quando eu conversava com ele, sentia-me uma pessoa extremamente interessante, levando uma vida idem.

Ele nunca fora muito sociável. No colégio, não mantinha amizades com mais ninguém além de mim. Eu não compreendia como, para alguém tão inteligente e dotado de tanto talento verbal, podia ser suficiente se concentrar no pequeno mundo formado por nós três, em vez de se expandir para um mundo mais amplo. Também não entendia a razão de ele me ter escolhido para amigo. Sou uma pessoa normal, que passa despercebida, do tipo que gosta de ler livros e ouvir música sozinho, sem nada de especial que pudesse, entre os outros desconhecidos, atrair a atenção de Kizuki a ponto de ele me dirigir a palavra. Mesmo assim, sintonizamos de imediato e nos tornamos amigos. Seu pai era dentista, conhecido por seu profissionalismo e honorários caros.

— Que tal sairmos dois casais no próximo domingo? Minha namorada estuda num colégio de moças e vai trazer uma das colegas bonitas dela para você — propôs Kizuki pouco depois de nos conhecermos. Aceitei o convite. Foi assim que conheci Naoko.

Assim, nós três passávamos muito tempo juntos, mas, mesmo quando Kizuki nos deixava a sós por alguns instantes, eu e Naoko não conseguíamos manter uma conversa. Nenhum de nós dois sabia ao certo sobre o que conversar. Na realidade, não existia entre mim e Naoko um tópico de interesse mútuo. Por isso não nos restava outra opção senão permanecer quase o tempo todo calados, bebendo água ou manuseando algum objeto sobre a mesa. E esperávamos a volta de Kizuki. Quando ele chegava, a conversa recomeçava. Naoko não falava muito, e eu era do tipo que preferia escutar meu interlocutor a falar, por isso sentia-me um pouco constrangido ao ficar a sós com ela. Não era uma questão de incompatibilidade de gênios, mas simplesmente falta do que conversar.

Duas semanas depois do funeral de Kizuki, Naoko e eu nos encontramos uma vez. Marcamos encontro num café para acertar um assunto pendente, que uma vez terminado nos deixou sem mais o que dizer um ao outro. Procurei alguns assuntos para manter a conversa, mas esta sempre morria no meio do caminho. Além disso,

eu notava um certo tom impertinente em sua maneira de falar. Sentia que Naoko estava zangada comigo, embora não atinasse com o motivo. Nós nos separamos naquele dia e nunca mais nos vimos até o dia em que nos encontramos inesperadamente um ano depois num trem da linha Chuo.

Provavelmente Naoko havia ficado zangada pelo fato de ter sido eu, e não ela, a última pessoa a ver Kizuki e conversar com ele. Sei que eu não deveria colocar as coisas dessa forma, mas acho que posso entender o que ela sentia. Se estivesse ao meu alcance, eu teria de bom grado trocado de lugar com ela. Mas o que havia acontecido era irreversível, e por mais que eu desejasse não poderia alterar o passado.

Numa agradável tarde de maio, depois do almoço, Kizuki sugeriu que matássemos as aulas da parte da tarde para irmos jogar sinuca. Como eu próprio não tinha especial interesse nas aulas restantes, saímos do colégio, descemos tranquilamente a ladeira em direção ao porto, entramos no salão de bilhar e jogamos quatro partidas. Depois de eu ganhar facilmente a primeira, Kizuki de imediato se empenhou com seriedade no jogo e venceu todas as demais. Como combinado, paguei pelo jogo. Durante todo o tempo, ele não fez nenhuma brincadeira. Aquilo era raro. Terminadas as partidas, fomos fumar um cigarro.

— Por que você está tão sério? — perguntei.

— Não estava a fim de perder hoje — replicou ele, estampando um sorriso de satisfação.

Naquela mesma noite, ele morreria na garagem de sua casa. Conectou uma mangueira de borracha do cano de escapamento a uma das janelas de seu N360, usando fita adesiva para vedar a brecha na janela e ligando em seguida o motor. Eu não saberia dizer quanto tempo levou até morrer. Já estava morto quando os pais voltaram de uma visita a um parente enfermo e abriram a porta para entrar com o carro na garagem. O rádio do carro estava ligado e havia um recibo de posto de gasolina preso ao limpador do pára-brisa.

Ele não deixou nenhum bilhete e ninguém conseguia pensar em um provável motivo. Fui chamado pela polícia para ser interrogado por ter sido a última pessoa a vê-lo. relatei ao policial encarregado das investigações não haver notado nada de diferente no comportamento de Kizuki, normal como de costume. O policial não parecia ter tido uma impressão muito boa nem de mim nem de Kizuki. Para ele, devia ser natural que pessoas acostumadas a matar aulas para ir jogar sinuca se suicidassem. Uma pequena matéria saiu no jornal, e com isso o caso foi encerrado. A família deu fim ao N360 vermelho. Durante algum tempo, uma rosa branca foi posta sobre sua carteira no colégio.

Nos quase dez meses entre a morte de Kizuki e minha formatura no segundo grau, fui incapaz de definir com clareza minha posição no mundo à minha volta. Fiquei amigo de uma moça e chegamos a ir para a cama juntos, mas nosso relacionamento não durou nem seis meses. Nada nela chegou realmente a me balançar. Candidatei-me a uma vaga em uma universidade particular de Tóquio para a qual acreditava poder entrar sem precisar estudar muito, sendo admitido sem qualquer contentamento. Essa moça implorou-me para não ir para Tóquio, mas eu desejava me afastar de Kobe a qualquer custo. Queria começar vida nova num lugar onde não conhecesse absolutamente ninguém.

— Você não dá a mínima para mim agora que já conseguiu me levar para a cama, não é? — disse ela aos prantos.

— Não é verdade — retruquei. Eu só queria me ver longe daquela cidade. Mas era difícil para ela entender. Acabamos nos separando. Dentro do trem-bala rumo a Tóquio, relembrei seu lado bom e digno e me arrependi do mal que havia lhe causado, embora já fosse tarde demais para voltar atrás. Resolvi então esquecê-la.

Havia apenas uma coisa a fazer quando comecei minha nova vida no alojamento em Tóquio: não levar as coisas muito a sério, mantendo a apropriada distância entre mim e elas. Só isso. Resolvi apagar tudo da minha memória completamente: o feltro verde que revestia a mesa de bilhar, o N360 vermelho, a flor branca sobre a carteira. Realmente tudo: a fumaça elevando-se da alta chaminé do crematório e os pesos de papéis pequenos e pesados

na sala de interrogatório policial. No início, pareceu funcionar. Porém, por mais que eu me empenhasse em destruir as lembranças, restava dentro de mim algo semelhante a uma massa de ar indistinta. Com o passar do tempo, essa massa começou a tomar uma forma simples e nítida. Posso traduzir essa forma em palavras. Era algo assim:

A morte não é o oposto da vida, mas uma de suas partes constituintes.

Expressa em palavras, torna-se um lugar-comum, mas naquele momento eu não sentia que fossem palavras, e sim uma massa de ar dentro de mim. A morte existe também no interior dos pesos de papéis e das quatro bolas vermelhas e brancas enfileiradas sobre a mesa de bilhar. E nós continuamos a viver exalando-a para dentro de nossos pulmões como uma fina poeira.

Até aquele momento, a morte possuía para mim uma existência independente, totalmente separada da vida. É certo que algum dia a morte estenderá seus braços em nossa direção. Porém, até esse dia chegar não receberemos sua visita. Essa era para mim a verdade mais absoluta e lógica. A vida está deste lado, a morte do outro. Eu estou deste lado e não do outro.

A partir da noite em que Kizuki morreu, não fui mais capaz de entender a morte (e a vida) de maneira tão simplista. A morte não é o pólo oposto da vida. Ela é parte integrante da minha existência desde o início, e é impossível ignorar esse fato por mais que eu me empenhe. Ao se apossar de Kizuki naquela noite de maio de seus 17 anos, a morte simultaneamente havia se apossado de mim.

Foi sentindo essa massa de ar dentro de mim que vi chegar a primavera dos meus 18 anos. Mas ao mesmo tempo eu me esforçava para não me tornar sério. Tinha a ligeira sensação de que me tornar sério não era necessariamente sinônimo de chegar mais perto da verdade. Porém, por mais que eu refletisse, a morte era um fato pungente. Continuei a caminhar por infindáveis círculos, imerso nessa sufocante contradição. Vistos em retrospecto, sem dúvida aqueles foram dias estranhos. Em plena vida, tudo girava em torno da morte.

Naoko me ligou no sábado seguinte e nos encontramos no domingo. Acho que posso chamar aquilo de encontro por não achar palavra mais apropriada.

Como da vez anterior, caminhamos pelas ruas, paramos para um café, voltamos a andar, ao cair da noite jantamos, nos despedimos e nos separamos. Como de hábito, ela praticamente não abriu a boca e, como não parecia incomodada, eu por minha vez não fazia muito esforço para manter a conversa. Quando tínhamos vontade, falávamos sobre nossas vidas e nossas universidades, mas tudo num diálogo fragmentário que não conduzia a parte alguma. Não fizemos uma vez sequer alusão ao passado. Só perambulamos pela cidade. Felizmente Tóquio é uma cidade imensa e, por mais que caminhássemos, não chegávamos ao fim.

Continuamos a nos encontrar e a caminhar assim praticamente toda semana. Ela ia na frente e eu a acompanhava alguns passos atrás. Naoko tinha prendedores de cabelo de diversos formatos e costumava deixar a orelha direita à mostra. É algo que até hoje recordo bem, provavelmente porque naquela época sempre a via de costas. Tinha o hábito de brincar com o prendedor quando ficava envergonhada. Também usava bastante o lenço para enxugar os lábios. Era sua mania quando tinha alguma coisa a dizer. À medida que observava esses seus hábitos, eu começava pouco a pouco a gostar mais dela.

Naoko freqüentava uma universidade só para moças que ficava nos subúrbios de Musashino. Era uma universidade pequena, famosa pelo ensino da língua inglesa. Perto de seu apartamento estendia-se um canal de água límpida ao longo do qual costumávamos passear às vezes. Houve ocasiões em que ela me convidou a ir a seu apartamento comer algo que havia preparado, e não pareceu nem um pouco constrangida em ficar a sós comigo. Seu apartamento era bem cuidado, sem exageros, e, não fossem

pelas meias femininas estendidas para secar num canto próximo à janela, não se acreditaria tratar-se do apartamento de uma moça. Ela levava uma vida muito simples e frugal, e parecia praticamente não ter amigos. Era difícil imaginar que a Naoko que eu havia conhecido nos tempos do segundo grau vivesse daquele jeito. A Naoko que conheci no passado vestia roupas vistosas e vivia cercada de um monte de amigos. Ao ver o interior de seu apartamento, percebi que, assim como eu, ela também havia desejado ir embora para a universidade, deixar sua cidade e iniciar uma nova vida num lugar onde não conhecesse ninguém.

— Escolhi essa universidade pelo simples fato de nenhuma das minhas ex-colegas de colégio estudar nela — confessou-me ela sorrindo. — Por isso optei por ela. Esperava-se que nós todas fôssemos para universidades um pouco mais chiques. Você sabe do que eu estou falando.

No entanto, não se poderia dizer que meu relacionamento com Naoko não avançasse. Aos poucos, ela se acostumava a mim e eu a ela. Com o fim das férias de verão e início do novo período letivo, Naoko começou a caminhar ao meu lado de forma muito natural e completamente espontânea. Imaginei que isso fosse um sinal de que ela havia passado a me considerar seu amigo, e de minha parte eu não me sentia em nada constrangido por andar lado a lado com uma moça linda como ela. Continuamos a perambular a esmo por Tóquio. Andávamos por toda parte: subíamos ladeiras, atravessávamos rios e cruzávamos a linha do trem. Não tínhamos rumo certo. Para nós, bastava andar. Como numa cerimônia religiosa destinada a curar nossos espíritos, nós nos concentrávamos na marcha. Quando chovia, abríamos o guarda-chuva e seguíamos em frente.

Então chegou o outono e o pátio do alojamento cobriu-se de folhas de olmo. Senti a fragrância da nova estação ao vestir meu suéter. Meus sapatos estavam gastos e comprei um par novo, de camurça.

Não me lembro direito de nossas conversas naquela época. Creio que não deveriam ser importantes. Como de costume, não mencionávamos o passado. O nome de Kizuki raramente era

mentado. Continuávamos sem falar muito e havíamos nos acostumado a permanecer calados olhando um para o outro por cima de nossas xícaras de café.

Naoko adorava ouvir as muitas histórias que eu lhe contava sobre o Nazista. Certa vez, o Nazista marcara encontro com uma colega de turma (logicamente uma estudante de geografia), mas voltou cedo visivelmente decepcionado. Fora em junho. Ele me perguntou:

— Diga, Watanabe, sobre que tipo de co... coisas você costuma conversar com as mo... moças?

Não me lembro de como lhe respondi, mas de qualquer forma ele havia escolhido a pessoa errada para fazer esse tipo de pergunta. Em julho, enquanto ele estava ausente, alguém havia retirado a foto do canal de Amsterdã, trocando-a por uma da ponte Golden Gate de São Francisco. Quem fez isso queria apenas ter certeza de que o Nazista era capaz de se masturbar contemplando a ponte. Quando inventei que ele havia tocado punheta com grande prazer, a foto da ponte foi trocada pela de um *iceberg*. A cada nova mudança da foto, o Nazista ficava perturbado.

— Afinal de contas, quem está fazendo i... i... isso? — perguntou-me ele.

— Olhe, eu não faço idéia. Mas não ligue. Todas as fotos são bonitas. Seja lá quem for, você deveria ficar grato a essa pessoa — eu o consolei.

— Talvez você tenha razão, mas é muito estranho — concluiu ele.

Sempre que eu comentava sobre o Nazista, Naoko começava a rir. Como eram raras as vezes em que ela ria, eu tentava falar muito sobre ele, mas, para ser franco, para mim não era agradável transformá-lo em alvo de piadas. Ele não passava do caçula de uma família de poucos recursos e era um rapaz sério demais. Fazer mapas era o único sonho minúsculo de sua vida insignificante. Ninguém tinha o direito de gozar da cara dele por isso.

Digo isso, mas as “Anedotas do Nazista” já haviam se transformado num dos tópicos indispensáveis de conversa do

alojamento, a ponto de eu não ser mais capaz de interrompê-las mesmo que quisesse. Além do mais, ver o rosto sorridente de Naoko havia se tornado para mim motivo de real contentamento. Por isso, continuei oferecendo a todos histórias sobre meu companheiro de quarto.

Uma única vez Naoko me perguntou se eu não tinha nenhuma garota de quem gostasse. Contei-lhe sobre a moça da qual havia me separado. Confessei que achava a garota uma ótima pessoa, sentira prazer em ir para a cama com ela, e pensava nela às vezes com saudades, embora não soubesse dizer a razão de ela não ter conseguido me cativar. Expliquei-lhe também que talvez meu coração fosse revestido de uma couraça dura e que deveriam ser poucas as pessoas capazes de atravessá-la para entrar nele. Seria essa a razão da minha incapacidade de amar.

— Você nunca amou ninguém até hoje? — indagou Naoko.

— Nunca — respondi.

Depois disso, ela não perguntou mais nada.

O outono chegou ao fim e um vento gélido começou a cortar a cidade. Naoko às vezes encostava no meu braço. Eu podia sentir sua respiração leve através do tecido grosso do meu casaco de lã. Ela passava o braço por debaixo do meu, enfiava a mão no bolso do meu casaco e, nos dias de frio realmente intenso, tremia agarrada ao meu braço. E era só isso. Não havia nenhum significado especial em suas ações. De minha parte, eu continuava como sempre andando com as mãos enfiadas nos bolsos. Tanto eu quanto ela usávamos sapatos de sola de borracha que abafavam quase por completo o som de nossos passos. Só quando pisávamos nas grandes folhas mortas de sicômoro caídas pelo caminho podíamos ouvir um estalido seco. Ao ouvir esse ruído, eu sentia pena de Naoko. Não era o meu braço que ela procurava, mas o braço de outra pessoa. Não era o calor do meu corpo que ela buscava, mas o calor do corpo de outra pessoa. De certa forma eu sentia a consciência pesada pelo simples fato de ser eu mesmo.

À medida que o inverno avançava, comecei a sentir maior transparência em seus olhos. Era uma transparência contida em si mesma. Às vezes, sem nenhuma razão aparente, Naoko me fitava

como se procurasse algo, causando-me, a cada vez, uma estranha e insuportável sensação de tristeza.

Comecei a presumir que ela deveria estar tentando me transmitir alguma coisa. Porém, Naoko parecia incapaz de exprimi-la em palavras. Antes mesmo de verbalizar, tinha dificuldade para compreendê-la dentro de si própria. Justamente por isso as palavras não saíam. Ela manuseava o prendedor de cabelo com freqüência, enxugava a boca com o lenço e fitava meu rosto sem motivo. Eu queria abraçá-la quando ela fazia isso, mas sempre acabava desistindo depois de alguma hesitação. Temia que isso pudesse ferir seus sentimentos. Por isso, como de hábito, seguíamos andando pelas ruas de Tóquio, e Naoko continuava a procurar as palavras no vazio.

Eu virava alvo de gozações dos colegas do alojamento sempre que ela me ligava ou que saíamos nas manhãs de domingo. Era bastante natural que eles pensassem que eu havia arranjado uma namorada. De nada adiantaria explicar — nem haveria necessidade —, de modo que eu os deixava fantasiar o que bem entendessem. Quando eu voltava para o alojamento ao cair da noite, sempre havia alguns deles para me crivar de perguntas idiotas sobre nossas posições na cama, o formato do seu órgão sexual ou a cor da sua calcinha. Eu respondia exatamente aquilo que eles desejavam ouvir.

Foi assim a transição dos meus 18 anos para os 19. O sol se levantava, se punha, a bandeira nacional era hasteada e arriada. Aos domingos, eu me encontrava com a namorada do meu amigo morto. Não tinha a mínima noção do que estava fazendo ou pretendia fazer dali em diante. Lia Claudel, Racine e Eisenstein nas aulas da universidade, mas eles praticamente não me diziam nada. Não fiz nenhuma amizade nas turmas da universidade, e no alojamento os relacionamentos eram superficiais. Como eu vivia lendo livros sozinho, os colegas do alojamento concluíram que eu almejava me tornar escritor, embora eu próprio nunca houvesse pensado nisso. Não havia nada que eu desejasse me tornar.

Tentei várias vezes conversar com Naoko sobre o que sentia. Acreditava que ela seria capaz de me entender até certo ponto. Mas eu não encontrava palavras para me expressar. Achei isso muito estranho. Imaginei que eu havia provavelmente sido contagiado por sua doença de procurar palavras.

Aos sábados à noite, eu me sentava na cadeira do saguão, onde ficava o telefone, à espera da sua ligação. Com a maioria do pessoal ausente nas noites de sábado, o saguão ficava mais calmo e deserto do que de costume. Nessas horas, eu me esforçava em analisar o que estava acontecendo no meu coração, enquanto admirava as partículas de luz flutuando nesse espaço silencioso. O que afinal eu procurava? E o que afinal as pessoas procuravam em mim? Eu era incapaz de obter uma resposta conclusiva. Às vezes estendia a mão em direção às partículas de luz flutuando no ar, mas as pontas dos meus dedos não tocavam em nada.

Eu lia bastante, mas não era daquele tipo de leitor voraz, preferindo reler inúmeras vezes as obras que me agradavam. Na época, meus autores prediletos eram Truman Capote, John Updike, Scott Fitzgerald e Raymond Chandler, apesar de ninguém na universidade nem no alojamento curtir esse tipo de romances. Os autores preferidos por todos eram Kazumi Takahashi, Kenzaburo Oe, Yukio Mishima ou autores franceses contemporâneos. Com isso, naturalmente, as conversas não deslanchavam e eu continuava lendo meus livros sozinho e em silêncio. Lia as mesmas obras repetidamente e às vezes fechava os olhos aspirando o aroma dos livros. Sentia-me feliz apenas em poder sentir seu cheiro e tocar suas páginas.

Aos 18 anos, meu livro favorito era *Centauro*, de John Updike, mas quanto mais vezes o lia, mais seu brilho inicial aos poucos se esvanecia, cedendo a primeira posição a *O grande Gatsby* de Fitzgerald. Depois disso, *O grande Gatsby* continuou a ser meu romance predileto. Quando me dava vontade, eu tinha o hábito de pegar o livro da estante e abri-lo numa página ao acaso, demorando-me em alguns trechos. Nunca havia me decepcionado

com a leitura. Nenhuma de suas páginas era tediosa. Eu o considerava uma obra-prima. Queria transmitir a todos como o livro era maravilhoso. Infelizmente, não havia ninguém à minha volta que o tivesse lido ou se dispusesse a lê-lo. Embora em 1968 ler F. Scott Fitzgerald não chegasse a ser um ato reacionário, tampouco era algo muito recomendável.

Na época, apenas um de meus colegas havia lido *O grande Gatsby*, e essa foi a razão de termos nos tornado amigos. Ele se chamava Nagasawa, cursava direito na Universidade de Tóquio e era dois anos mais velho do que eu. Morávamos no mesmo alojamento e nos conhecíamos apenas de vista, até que um dia, quando eu estava lendo *O grande Gatsby* enquanto tomava sol em um canto do refeitório, ele sentou-se a meu lado e me perguntou o que eu estava lendo. Quando lhe respondi, perguntou se eu estava gostando. Respondi-lhe que estava lendo o livro pela terceira vez e a cada leitura aumentava o número de trechos que considerava interessantes.

— Alguém que leu *O grande Gatsby* três vezes provavelmente pode se tornar meu amigo — disse-me ele como se estivesse falando consigo mesmo. Depois disso, ficamos realmente amigos. Foi por volta de outubro.

Quanto mais eu conhecia Nagasawa, mais o considerava uma pessoa estranha. Durante minha vida, havia encontrado, conhecido e cruzado com muita gente esquisita, mas ele certamente ganhava de todas. Era um leitor ávido — eu não lhe chegava aos pés — que havia adotado para si o princípio de nunca ler obras de autores falecidos há menos de 30 anos. Dizia confiar apenas nesse tipo de livros.

— Não quero dizer com isso que veja a literatura contemporânea com desconfiança. Só não quero gastar meu precioso tempo com obras ainda não batizadas pelo tempo. A vida é curta.

— Quais são seus autores favoritos? — perguntei.

— Balzac, Dante, Joseph Conrad, Dickens — respondeu ele sem pestanejar.

— Não se pode dizer que sejam autores modernos.

— Por isso mesmo os leio. Se você só lê o mesmo que todo mundo lê, acaba pensando o mesmo que todo mundo pensa. Isso é coisa para caipiras e imbecis. Pessoas sérias se envergonhariam desse tipo de atitude. Sabe, Watanabe, neste alojamento só nos salvamos nós dois. Os outros não passam de um monte de lixo humano.

— Como você pode saber? — perguntei aturdido.

— Reconheço de cara. É como se carregássemos uma marca no meio da testa e bastasse vê-la. Além disso, nós dois lemos *O grande Gatsby*.

Fiz um cálculo mental.

— Mas Scott Fitzgerald só morreu há 28 anos.

— E daí? Míseros dois anos — disse ele. — Para um escritor acima da média como Fitzgerald, abro exceção.

Ninguém mais no alojamento sabia que Nagasawa era um leitor secreto dos clássicos, e, mesmo que soubessem, esse fato não atrairia nenhuma atenção. Antes de mais nada, ele era conhecido por sua inteligência. Fora admitido sem esforço na Universidade de Tóquio, tirava boas notas e pretendia prestar o concurso do Ministério das Relações Exteriores e tornar-se diplomata. Seu pai administrava um hospital importante em Nagoya e seu irmão mais velho, também formado pela faculdade de medicina da Universidade de Tóquio, sucederia um dia o pai. Parecia uma família exemplar. Dinheiro para despesas pessoais não lhe faltava e, além disso, ele tinha boa aparência. Por isso, as pessoas o tratavam com deferência, e mesmo o diretor do alojamento, ao contrário do que fazia com outros residentes, não costumava pegar no seu pé. Quando Nagasawa pedia alguma coisa, era prontamente atendido. Ninguém se atreveria a recusar.

Nagasawa era sem dúvida dotado de uma capacidade inata de sedução e liderança. Tinha o poder de se colocar acima das outras pessoas, avaliando rapidamente a situação e dando instruções precisas e hábeis para que lhe obedecessem. Sobre sua cabeça pairava suavemente uma auréola semelhante à de um anjo, indicativa desse poder, e quem a visse perceberia no primeiro instante que ele era “um ser dotado de uma existência especial”, o

que inspirava respeito. Portanto, foi uma surpresa para todos quando Nagasawa escolheu a mim, um rapaz sem qualquer característica especial, para ser seu amigo íntimo, e isso me valeu certo respeito de pessoas que até então eu mal conhecia. A razão era no fundo muito simples, embora todos parecessem ignorá-la. Nagasawa simpatizava comigo porque eu nunca o adulava como as outras pessoas faziam. Tinha curiosidade pelas características extremamente estranhas e complexas de sua personalidade, mas suas boas notas, sua aura ou aparência não me interessavam nem um pouco. Isso deve ter sido uma coisa nova para ele.

Alguns traços da personalidade de Nagasawa eram conflitantes ao extremo. Às vezes ele era surpreendentemente gentil, mas poderia, num piscar de olhos, tornar-se pavorosamente cruel. Era ao mesmo tempo dono de um espírito espantosamente nobre e de uma vulgaridade irremediável. Avançava otimista, liderando os outros, mas seu coração se embrenhava em um pântano da solidão. Desde o início, percebi com clareza as contradições existentes em seu íntimo, e não entendia por que os outros não eram capazes de enxergá-las. Nagasawa vivia num inferno particular.

No entanto, creio que no fundo sentia simpatia por ele. Sua maior qualidade era a honestidade. Ele nunca mentia e reconhecia de imediato seus erros e falhas. Não dissimulava nada que pudesse lhe trazer conseqüências negativas. E nunca deixava de me tratar com gentileza e de me ajudar quando eu precisava. Não fosse por seu apoio, minha vida no alojamento possivelmente teria sido muito mais complicada e desagradável. Apesar disso, nunca lhe fiz confidências e, nesse sentido, nosso relacionamento era de um tipo completamente distinto do que eu havia tido com Kizuki. Na primeira vez em que vi Nagasawa se embriagar e importunar uma garota, prometi a mim mesmo que, houvesse o que houvesse, eu nunca lhe abriria totalmente meu coração.

Circulavam várias histórias no alojamento sobre Nagasawa. Uma delas dizia que certa vez ele havia engolido três lesmas, e outra que tinha um pênis enorme e já havia levado para a cama mais de uma centena de garotas.

A história das lesmas era verdade. Ele próprio me confirmou, quando lhe perguntei.

— Eram três lesmas enormes — admitiu.

— Por que você fez uma loucura dessas?

— É uma longa história — explicou ele. — Aconteceu no ano em que eu entrei no alojamento. Havia uma rivalidade entre calouros e veteranos. Se bem me lembro, foi em setembro. Como representante dos calouros, fui conversar com os veteranos. Uns babacas de extrema direita, armados com espadas de madeira de quendô. Não pareciam nem um pouco inclinados a ouvir o que eu tinha para dizer. Então eu disse que faria tudo o que eles quisessem para pôr fim àquela briga boba. Eles aceitaram na condição de que eu engolissem lesmas. Concordei, e foi assim que acabei engolindo as três lesmas imensas que eles trouxeram.

— O que você sentiu?

— O que eu senti? É um tipo de sensação indescritível que só mesmo quem engole lesmas pode entender. As lesmas deslizavam pela minha garganta abaixo, indo cair no estômago. É uma coisa realmente insuportável. Além de gelado, deixa um gosto ruim na boca. Dá arrepios só de lembrar. Eu me segurei para não vomitar. Se vomitasse, eles me obrigariam a engoli-las de novo. Foi assim que engoli as três.

— E o que aconteceu depois?

— Voltei para meu quarto e bebi bastante água com sal — respondeu Nagasawa. — Não havia mais nada a fazer.

— Com certeza — concordei.

— Mas depois disso nunca mais ninguém me perturbou. Nem os veteranos. Afinal, quem mais além de mim engoliria três lesmas daquela forma?

— Ninguém, acho — respondi.

Verificar o tamanho do seu pênis era fácil. Bastou tomar banho junto com ele no chuveiro coletivo. Devo admitir que era mesmo grande. Porém, o boato de que teria levado uma centena de garotas para a cama era exagerado. Depois de pensar um pouco, ele me confessou que o número deveria se situar por volta de 75. Ele não se lembrava muito bem, mas com certeza chegava a

setenta. Quando lhe contei que eu até então só havia transado com uma única garota, ele me garantiu que não seria complicado remediar aquela situação.

— Da próxima vez, venha comigo. Tenho certeza de que vai achar bem fácil.

Não acreditei nele, mas aquilo se revelou realmente fácil. Tanto que chegava a perder a graça. Entrávamos em algum bar ou lanchonete de Shibuya ou Shinjuku (em geral sempre os mesmos lugares), escolhíamos uma dupla de garotas com quem começávamos a conversar (o mundo está cheio de garotas em dupla), bebíamos e íamos para um hotel transar. Lábia não lhe faltava. Ele não dizia nada de particularmente importante, mas ao ouvi-lo as garotas ficavam aparvalhadas e, enfeitiçadas pela conversa, embebedavam-se, e era assim que acabavam indo para a cama com ele. Além disso, ele era bonito, gentil e atencioso, o que levava as garotas a apreciarem sua companhia. O fato muito curioso é que, quando estava com ele, eu próprio me sentia atraente e inteligente. Quando me rendia à insistência de Nagasawa e falava alguma coisa, as garotas mostravam interesse e sorriam do que eu dizia, da mesma forma que fariam se fosse ele. Eu devia isso ao charme de Nagasawa. A cada vez admirava esse seu incrível talento. Comparado com o dele, o talento verbal de Kizuki parecia brincadeira de criança. Eles tinham níveis completamente distintos. Por mais que eu me visse envolvido por esse poder de Nagasawa, sentia saudades de Kizuki. Confirmava mais uma vez como Kizuki era verdadeiramente sincero. Só compartilhava seus talentos comigo e com Naoko. Ao contrário, Nagasawa disseminava seu impressionante talento por todos à sua volta. De maneira geral, sua vontade de ir para a cama com as garotas que tinha diante de si não era tão grande assim. Para ele, tudo não passava de um jogo.

Não me agradava muito ir para a cama com uma desconhecida. Era uma forma prática de atender aos imperativos sexuais e eu gostava dos abraços e carícias mútuos. O que me desagradava eram as despedidas pela manhã, acordar com uma estranha profundamente adormecida a meu lado, o quarto cheirando a bebida, a cama, luminárias, cortinas, tudo com a cafonice típica de

um hotel exclusivo para sexo, a cabeça zonzinha por causa da ressaca. Em seguida a garota acordava e procurava sua roupa de baixo por toda parte. Enquanto calçava as meias, dizia: “Você tomou cuidado ontem à noite? Eu estava num daqueles dias perigosos.” E, olhando-se no espelho, passava batom nos lábios ou punha os cílios postiços, enquanto reclamava de dor de cabeça ou de não conseguir se maquiar direito. Era isso que eu detestava. Na verdade, bastaria não ficar com elas até o amanhecer, mas não é possível seduzir uma mulher (coisa que de todo modo vai contra as leis da física) tendo que se preocupar com o toque de recolher da meia-noite no alojamento, então não havia outro jeito senão pedir permissão para dormir fora. Sendo assim, eu acabava obrigado a ficar até a manhã seguinte e voltava para o alojamento sentindo-me desiludido e odiando a mim mesmo. A luminosidade intensa do sol feria meus olhos, eu sentia a boca pastosa e minha cabeça parecia pertencer a outra pessoa.

Depois de ir para a cama com garotas desse jeito três ou quatro vezes, perguntei a Nagasawa se repetir aquilo setenta vezes não o fazia ser invadido por um sentimento de inutilidade.

— Parabéns, achar tudo isso inútil prova que você é um homem decente — respondeu ele. — Não se ganha absolutamente nada indo para a cama com uma desconhecida depois da outra. É cansativo e acabamos odiando a nós mesmos. Também me sinto do mesmo jeito.

— Então por que continua?

— É difícil explicar. Lembra o que Dostoiévski escreveu sobre os jogos de azar? É parecido. Ou seja, quando à sua volta existem inúmeras possibilidades, é muito difícil não aproveitá-las. Entende?

— Mais ou menos — respondi.

— O sol se põe, as garotas saem pela cidade para beber. Estão procurando alguma coisa e eu posso lhes dar exatamente o que procuram. É a coisa mais fácil do mundo. Fácil como abrir uma torneira para beber água. Num piscar de olhos elas caem, e é isso o que no fundo esperam. É isso que chamo de possibilidade. Você seria capaz de deixar passar em brancas nuvens uma possibilidade

surgida assim diante de seus olhos? Com a capacidade e a oportunidade para colocar em prática esse poder, simplesmente deixaria passar em branco?

— Não sei, nunca estive numa situação assim. Não consigo sequer imaginar como seria — disse eu, rindo.

— Num certo sentido, é sorte sua — concluiu Nagasawa.

A razão de Nagasawa morar no alojamento, apesar de vir de uma família abastada, eram justamente suas aventuras amorosas. Temendo que o filho levasse uma vida libertina caso morasse sozinho em Tóquio, o pai obrigou-o a morar no alojamento durante os quatro anos do curso. Para Nagasawa, aquilo não fazia diferença, pois ele vivia a seu bel-prazer sem dar muita importância às normas do alojamento. Quando lhe dava vontade, pedia permissão para dormir fora e ia à caça de garotas ou dormia no apartamento da namorada. Obter a permissão não era fácil, mas, no seu caso, era quase como um passe, e ele garantiu que se eu quisesse também conseguiria um para mim.

Nagasawa tinha uma namorada firme, com a qual saía desde que entrara para a universidade. Ela se chamava Hatsumi e tinha a mesma idade que ele. Encontrei-a várias vezes e ela sempre me pareceu uma garota simpática. No início, eu me perguntei por que um rapaz como Nagasawa havia escolhido uma garota como ela, de uma beleza que não atraía os olhares e com uma aparência comum, mas não havia quem não gostasse dela depois de conversar um pouco. Era esse tipo de garota. Doce, inteligente, bem-humorada, delicada, sempre vestida com esplêndido bom gosto. Eu gostava muito dela e imaginava que, se tivesse uma namorada como ela, não estaria indo para a cama com outras mulheres sem atrativos. Ela também simpatizava comigo e tentava organizar encontros a quatro, apresentando-me alguma caloura sua conhecida, mas eu não queria repetir os fracassos do passado e sempre escapava dando alguma desculpa convincente. A universidade para moças freqüentada por Hatsumi era famosa por suas alunas extremamente ricas. Certamente eu não teria assunto para conversar com esse tipo de garota.

Hatsumi sabia que Nagasawa ia para a cama com outras moças, mas nunca reclamava por causa disso. Ela o amava de verdade, mas nunca exigia nada dele.

— Eu não mereço uma garota como ela! — dizia Nagasawa. Nesse ponto, nós concordávamos.

No inverno, encontrei um trabalho em tempo parcial numa pequena loja de discos em Shinjuku. O salário não era dos mais atraentes, mas o trabalho era fácil e perfeito para mim, já que eu só precisaria ir três vezes por semana à noite. Para completar, ainda poderia comprar discos com um bom desconto. No Natal, comprei de presente para Naoko um disco de Henry Mancini que continha a canção “Dear Heart”, sua favorita. Eu mesmo o embrulhei e preguei nele uma fita vermelha. Naoko me deu um par de luvas de lã que ela própria havia tricotado. Os polegares estavam um pouco curtos, mas elas realmente esquentavam minhas mãos.

— Desculpe. Sou mesmo uma desajeitada — disse-me Naoko ruborizada.

— Não se preocupe. Viu, estão perfeitas — disse eu, mostrando-lhe as luvas que havia calçado.

— Bem, pelo menos você não vai mais precisar enfiar as mãos nos bolsos do casaco — concluiu ela.

Nas férias daquele inverno, Naoko não voltou para Kobe. Quanto a mim, continuei trabalhando na loja de discos até o final do ano e acabei ficando em Tóquio mesmo. Nada de interessante me esperava em Kobe, nem havia ninguém que eu desejasse particularmente encontrar. Com o refeitório do alojamento fechado durante o Ano-novo, eu ia fazer as refeições no apartamento de Naoko. No Ano-novo, comemos bolinhos de arroz e tomamos uma sopa simples.

Muitas coisas aconteceram entre janeiro e fevereiro de 1969.

No final de janeiro, o Nazista caiu de cama com febre beirando os 40 graus. Por sua causa, fui obrigado a faltar a um encontro que havia marcado com Naoko. Eu conseguira com muito custo dois convites grátis para um concerto sinfônico e a havia

convidado a me acompanhar. Ela aguardava ansiosa o evento, pois a orquestra tocaria a quarta sinfonia de Brahms, uma de suas peças prediletas. Mas eu não poderia simplesmente sair deixando o Nazista rolando na cama, parecendo agonizar como se fosse bater as botas a qualquer momento. Não havia encontrado ninguém maluco o suficiente para tomar conta dele em meu lugar. Comprei gelo e enchi uma bolsa que criei pondo vários sacos plásticos um dentro do outro, umedei uma toalha para enxugar seu suor, media sua temperatura de hora em hora e cheguei até a trocar sua camisa. A febre não cedeu durante todo o dia. Na manhã seguinte, porém, ele se levantou abruptamente e começou a fazer sua ginástica como se nada tivesse acontecido. Sua temperatura estava absolutamente normal. Ele não parecia um ser humano.

— É curioso. Até hoje nunca tinha tido febre em toda a minha vida — disse o Nazista, num tom que insinuava ser eu o culpado por seu estado.

— Mas eu garanto que você estava com febre — falei irritado, mostrando-lhe o par de convites inutilizados por sua causa.

— Sorte sua que eram convites gratuitos — disse o Nazista. Pensei em pegar seu rádio e atirá-lo pela janela, mas acabei indo me enfiar na cama com dor de cabeça.

Em fevereiro, nevou várias vezes.

Perto do fim do mês, briguei por uma besteira com um veterano que morava no mesmo andar que o meu e dei-lhe um soco. Ele bateu com a cabeça na parede de concreto. Por sorte não se machucou seriamente, e apesar da intervenção de Nagasawa para que as coisas não tomassem proporções grandes demais, mesmo assim fui chamado à sala do diretor, de quem recebi uma advertência. Depois disso, a vida antes confortável do alojamento tornou-se cada vez mais difícil para mim.

Assim terminou o ano letivo e chegou a primavera. Faltaram-me alguns créditos para passar de ano. Minhas notas foram medíocres. A maioria foram Cs e Ds, com alguns poucos Bs. Naoko passou para o segundo ano sem perder nenhum crédito. Um ciclo inteiro de estações havia terminado, outro reiniciava.

Em meados de abril, Naoko completou 20 anos. Eu nasci em novembro, ou seja, ela era cerca de sete meses mais velha que eu. Havia algo de estranho no fato de Naoko fazer 20 anos. Tanto eu como ela achávamos que na verdade seria mais correto continuarmos indo e vindo sempre entre os 18 e 19 anos. Depois de 18 viria 19, mas depois de 19 voltaríamos a 18, o que faria mais sentido. Mas ela completou 20 anos. E no outono, o mesmo aconteceria comigo. Só os mortos permaneciam eternamente com 17 anos.

Choveu no dia do aniversário de Naoko. Terminadas as aulas, peguei o trem até seu apartamento, levando o bolo comprado perto da universidade. Eu havia sugerido uma pequena comemoração pelos seus 20 anos. Imaginei que, na posição contrária, eu adoraria que fizessem a mesma coisa por mim. Afinal, deve ser muito difícil para qualquer pessoa passar sozinha seu aniversário de 20 anos. O trem estava lotado e, ainda por cima, chacoalhava bastante. De modo que, quando cheguei ao apartamento de Naoko, o bolo mais parecia as ruínas do Coliseu romano. Mesmo assim, decorei-o com as vinte velinhas que havia levado, acendi-as com um fósforo, fechei a cortina e apaguei as luzes, criando um ambiente de aniversário. Naoko abriu uma garrafa de vinho. Bebemos, comemos um pouco de bolo e fizemos uma refeição leve.

— Parece estúpido fazer 20 anos — Naoko comentou. — Eu não estou nem um pouco preparada para isso. É uma sensação estranha. Tenho a impressão de ter sido bruscamente empurrada pelas costas.

— Eu ainda tenho sete meses para me preparar — falei sorrindo.

— Que sorte a sua ainda ter 19 — comentou ela com inveja.

Durante a refeição, contei-lhe que o Nazista havia comprado um suéter novo. Até então ele só tinha um suéter (o azul-marinho que costumava usar no segundo grau), e finalmente agora era dono de dois. O novo era um belo suéter vermelho e preto com um cervo bordado. O suéter em si era bonito, mas, quando ele o vestia,

ninguém era capaz de conter o riso. Ele não conseguia entender o porquê das risadas.

— Diga-me, Watanabe, qual é essa graça toda? — perguntou-me ele sentado ao meu lado no refeitório. — Tem alguma coisa de errado no meu rosto?

— Não, nada, não há nada esquisito — respondi tentando conter o riso. — Adorei seu suéter.

— Obrigado — agradeceu o Nazista sorrindo.

Naoko se divertiu ao ouvir essa história.

— Eu adoraria conhecê-lo. Nem que fosse para encontrá-lo uma única vez.

— Impossível. Com certeza bastaria olhar para ele para você desatar a rir — falei.

— Acha mesmo que isso aconteceria?

— Quer apostar? Mesmo eu que convivo diariamente com ele às vezes preciso me controlar para não rir de tão engraçado.

Terminada a refeição, arrumamos a mesa e sentamos no chão, ouvindo música e saboreando o que sobrava do vinho. Naoko bebeu dois copos durante o tempo que levei para beber apenas um.

Ao contrário do que sempre acontecia, Naoko conversou bastante naquele dia. Falou sobre sua infância, estudos, família. Cada assunto mereceu uma longa conversa, com detalhes dignos de uma pintura miniaturista. Ouvindo-a, fiquei admirado com sua capacidade de memorização. Aos poucos, porém, comecei a perceber algo em sua maneira de contar essas histórias. Havia alguma coisa estranha, artificial, distorcida. As histórias eram completas e lógicas, mas era estranha a relação entre cada uma delas. A história A rapidamente se transformava na história B nela contida, e por fim transformava-se na história C, contida em B, sem interrupção. Não havia fim. No início, eu me esforcei para acompanhar a conversa, mas pouco depois dei-me por vencido. Pus um disco para tocar e, quando ele terminou, levantei o braço da agulha para substituí-lo. Toquei todos os discos até voltar ao primeiro deles. Ao todo havia apenas uma meia dúzia de discos, o ciclo começando com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e terminando com *Waltz for Debbie*, de Bill Evans. Pelas janelas, via-

se a chuva caindo sem parar do lado de fora. O tempo passava devagar, e Naoko não interrompia seu monólogo.

A artificialidade na maneira de Naoko se expressar parecia vir do fato de ela falar evitando abordar determinados assuntos. Kizuki era logicamente um desses assuntos, mas senti que havia outros dos quais ela também procurava fugir. Ela discorria sem parar sobre detalhes de coisas triviais, embora houvesse vários temas aos quais não desejasse se referir. Entretanto, era a primeira vez que eu a via falando tão freneticamente e, por isso, não a interrompi.

Mas quando o relógio indicou 11 horas comecei a ficar nervoso. Naoko havia falado sem parar por mais de quatro horas. Eu estava preocupado com o horário do último trem e com o toque de recolher do alojamento. Aproveitei um momento oportuno para interrompê-la.

— Daqui a pouco vou ter de ir embora. Está chegando a hora do último trem — disse olhando para o relógio.

Mas as minhas palavras não pareceram chegar aos seus ouvidos. Ou, se ela as ouviu, pareceu não compreender seu significado. Por um instante ficou calada, mas logo recomeçou a falar. Desisti, mudei de posição, bebi o resto da segunda garrafa de vinho. Presumi que, naquelas circunstâncias, seria melhor deixá-la pôr para fora tudo o que desejasse. Resolvi entregar ao destino o último trem, o toque de recolher, enfim, tudo.

A conversa de Naoko, no entanto, não demorou muito mais. Subitamente percebi que o monólogo havia terminado. Fragmentos de palavras flutuavam no ar, como se arrancados de algum lugar. Na verdade, sua conversa não terminara por completo. Só havia evaporado de repente, indo parar em algum outro lugar. Ela tentou em vão continuar, mas já não havia mais nada. Alguma coisa se perdera. Ou quem sabe havia sido eu o culpado pela perda. Provavelmente o que eu disse acabou enfim chegando aos seus ouvidos, ela o captou depois de algum tempo e, por isso, perdeu a energia que a mantinha falando. Naoko me contemplou serenamente com os lábios entreabertos. Eu a via como uma máquina cujo funcionamento fora interrompido quando alguém

puxou o fio da tomada. Seus olhos estavam anuviados, como se uma membrana fina e opaca os cobrisse.

— Eu não queria interromper você — falei. — Mas está ficando tarde e...

Uma lágrima brotou de seus olhos, correu por seu rosto e caiu ruidosamente sobre a capa de um dos discos. Depois dessa primeira lágrima, as demais se seguiram num jorro. Ela se curvou no mesmo lugar onde estava sentada e, apoiando as mãos no tatame, começou a chorar com a força de alguém que está de quatro vomitando. Era a primeira vez que eu via alguém chorando com tanta intensidade. Estendi o braço e toquei seu ombro que tremia com pequenos espasmos. Em seguida, quase inconscientemente, tomei-a nos braços. Abraçada a mim, Naoko continuou a chorar em silêncio. Minha camisa ficou úmida — e depois encharcada — com suas lágrimas e seu hálito quente. Logo seus dedos começaram a se mexer nas minhas costas como à procura de alguma coisa importante que sempre estivera ali. Com a mão esquerda segurando seu corpo, usei a direita para acariciar seus cabelos lisos e sedosos. Fiquei nessa posição durante muito tempo, esperando Naoko parar de chorar. Mas seu choro nunca cessou.

Nessa noite fui para a cama com Naoko. Não sei se fiz bem ou não. Mesmo hoje, passados quase vinte anos, não tenho certeza. Possivelmente nunca saberei. Mas naquele momento era só o que eu podia fazer. Ela estava agitada, confusa, e deixou claro que queria que eu a tranquilizasse. Apaguei a luz do quarto e a despi lenta e delicadamente, tirando em seguida minhas próprias roupas. Depois nos enlaçamos num abraço. Nus na noite morna de chuva, não sentíamos frio. No meio da escuridão, exploramos calados nossos corpos. Eu a beijei e envolvi seus seios macios com as mãos. Ela segurou meu pênis já duro. Sua fenda estava morna e molhada e me chamava.

Apesar disso, quando a penetrei, ela se retesou de dor. Fez um gesto afirmativo quando lhe perguntei se era sua primeira vez. Fui eu então quem ficou confuso. Sempre havia pensado que ela

fora para a cama com Kizuki. Penetrei mais fundo e, imóvel, fiquei abraçado com ela por muito tempo. Quando senti que ela havia se acalmado, comecei a me movimentar devagar e me segurei o máximo que pude até ejacular. No final, Naoko me agarrou com mais força, gritando. De todos os gritos que escutei durante orgasmos, o seu foi o mais triste.

Depois de tudo terminado, perguntei-lhe por que ela nunca fora para a cama com Kizuki. Foi um erro da minha parte. Naoko afastou as mãos do meu corpo e recomeçou a chorar em silêncio. Tirei suas cobertas do armário, estendi-as sobre o tatame e a ajeitei debaixo delas. Fumando um cigarro, admirei pela janela a chuva de abril que não parava de cair.

Pela manhã, a chuva havia parado. Naoko dormia de costas para mim. Ou estaria ela acordada, sem ter pregado o olho durante a noite? Acordada ou adormecida, as palavras haviam sumido de seus lábios e seu corpo se enrijecera, como congelado. Tentei várias vezes falar com ela, sem obter resposta nem o mínimo movimento. Por muito tempo admirei seus ombros nus, mas, por fim, desisti e decidi me levantar.

As capas dos discos, copos, garrafas de vinho e cinzeiro continuavam pelo chão como na noite anterior. Sobre a mesa, restava ainda a metade deformada do bolo de aniversário. Era como se o tempo houvesse subitamente parado ali. Juntei e arrumei tudo o que havia pelo chão, bebendo depois dois copos de água da bica. Havia na estante um dicionário e uma tabela de conjugação de verbos franceses. Um calendário estava pregado na parede em frente à mesa. Sem fotos nem ilustrações, tinha apenas os números indicando as datas. Estava totalmente em branco. Sem anotações nem marcas.

Peguei minha roupa caída no chão e a vesti. Na altura do peito, a camisa ainda estava fria e úmida. Ao aproximá-la do rosto, senti nela o perfume de Naoko. Numa folha de um bloco de anotações que encontrei sobre a mesa, escrevi que gostaria de conversar demoradamente com ela quando se sentisse mais calma,

pedindo-lhe para me telefonar assim que pudesse e desejando-lhe um feliz aniversário. Contemplei novamente seus ombros e saí do quarto fechando a porta sem fazer barulho.

Uma semana se passou sem que eu recebesse nenhum telefonema dela. Como Naoko não tinha telefone no seu apartamento, na manhã de domingo resolvi ir até Kokubunji. Ela não estava, e a placa com seu nome havia sido retirada da porta. As janelas e as telas de proteção contra a chuva estavam firmemente cerradas. Ao perguntar ao zelador, fui informado de que ela se mudara havia três dias. Ele não tinha idéia de para onde fora.

Voltei ao alojamento e escrevi uma longa carta para ela, colocando como endereço sua casa em Kobe. Não importava para onde ela houvesse se mudado, a família certamente cuidaria de fazer a carta chegar a suas mãos.

Coloquei no papel honestamente tudo o que sentia. Havia muitas coisas que eu ainda não entendia, e, embora me esforçasse para compreendê-las, precisava de mais tempo. Não tinha idéia de onde eu estaria quando esse tempo se esgotasse. Naquele momento, tudo era uma incógnita para mim. Portanto, eu não podia prometer nem pedir nada, nem desfiar-lhe um cordão de palavras bonitas. Antes de mais nada, ainda desconhecíamos muito um do outro. Mas, se ela me concedesse mais tempo, eu me empenharia ao máximo para podermos nos conhecer melhor. De qualquer forma, queria me encontrar novamente com ela e conversar com calma. Depois da morte de Kizuki, eu havia perdido o amigo com quem poderia falar abertamente sobre meus sentimentos, e Naoko provavelmente sentia a mesma coisa. A necessidade que tínhamos um do outro era a meu ver maior do que imaginávamos. Por isso, déramos uma enorme volta para chegarmos aonde estávamos. Num certo sentido, algo havia se desvirtuado. Possivelmente eu não deveria ter agido da forma que agi. Mas achava que era tudo o que me restava a fazer. A ternura e intimidade que sentia por ela naquele momento representavam um tipo de emoção que eu jamais

havia experimentado. Eu precisava de uma resposta dela. Não importava qual. Era esse o conteúdo de minha carta.

Não recebi resposta.

Sentia como se algo em mim houvesse se desintegrado, e, sem nada para preenchê-lo, uma caverna se formara. Meu corpo estava curiosamente leve e os sons ecoavam nele. Durante a semana, eu freqüentava as aulas da universidade mais seriamente do que antes. Os cursos eram tediosos e eu não tinha nada para conversar com meus colegas, mas que mais poderia fazer? Assistia às aulas sentado sozinho em um canto da primeira fileira, não falava com ninguém, fazia sozinho minhas refeições e decidi parar de fumar.

No final de maio, a universidade entrou em greve. “Abaixo a Universidade”, gritavam os estudantes. Isso, acabem com ela, pensei. Dividam-na em pedaços e os pisoteiem até reduzi-los a pó. Pouco me importa. Se isso acontecer, será um alívio para mim e certamente darei um jeito depois. Se precisarem de ajuda, contem comigo. Vão em frente.

Com o *campus* da universidade ocupado e as aulas suspensas, comecei a trabalhar em uma transportadora. Sentava-me no banco do carona do caminhão e era incumbido de carregar e descarregar os pacotes. O trabalho era mais pesado do que eu havia imaginado, e, no começo, meu corpo ficou tão dolorido que eu mal conseguia me levantar pela manhã. O salário, no entanto, compensava o esforço, e contanto que eu estivesse ocupado e com o corpo em movimento, podia esquecer a caverna que havia dentro de mim. Trabalhava cinco dias por semana nessa empresa e três noites na loja de discos. Passava as noites livres no meu quarto lendo e bebendo uísque. O Nazista era completamente abstinente e extremamente sensível ao cheiro de álcool. Quando, deitado na cama, eu bebia uísque puro, ele reclamava que o cheiro perturbava sua concentração nos estudos e me pedia para ir beber do lado de fora.

— Os incomodados que se mudem — vociferei.

— Mas no... no alojamento é proibido beber álcool. Faz parte do re... regulamento — argumentou ele.

— Se está incomodado, saia você — insisti.

Depois disso, ele emudeceu. Fiquei irritado e acabei indo tomar meu uísque sozinho no terraço.

Em junho, escrevi outra longa carta para Naoko, endereçando-a novamente para a casa de sua família em Kobe. O conteúdo não era muito diferente do da carta anterior. No final, acrescentei que esperar por sua resposta era muito difícil e que eu só queria me certificar se ferira ou não seus sentimentos. Quando pus a carta na caixa dos correios, senti a caverna dentro do meu peito aumentar um pouco mais.

Durante o mês de junho, saí com Nagasawa duas vezes para ir para a cama com garotas. Em ambas as ocasiões, foi fácil encontrar alguém. Uma das garotas resistiu violentamente quando tentei tirar sua roupa depois de levá-la para um hotel, mas, quando comecei a ler um livro sozinho na cama por achar que não valia a pena o esforço de persuadi-la, logo veio se engraçando para o meu lado. A outra, depois de concluído o ato, começou a me bombardear com uma série de perguntas de caráter pessoal: com quantas garotas eu havia transado até aquela noite, onde eu nascera, em que universidade estudava, meu gênero de música predileto, se lera algum romance de Osamu Dazai, para onde gostaria de ir se pudesse viajar para o exterior e se não achava seus mamilos um pouco grandes demais comparados com os de outras mulheres. Lançou-me todo tipo de perguntas possíveis e imagináveis. Eu respondia a primeira coisa que me vinha à mente e acabei pegando no sono. Ao acordar, ela me disse que adoraria tomar café-da-manhã comigo. Eu a acompanhei até um café, onde comemos torradas e ovos horríveis acompanhados de um café intragável. Enquanto isso, ela prosseguia com o interrogatório. Qual a profissão do meu pai, se tive boas notas no segundo grau, meu mês de nascimento, se já havia comido carne de rã. Minha cabeça começava a doer e, assim que terminei o café-da-manhã, aleguei já estar na hora de ir para o trabalho.

— Quer dizer que não vamos nos encontrar mais? — perguntou ela tristonha.

— Com certeza vamos nos ver em algum lugar em breve — falei, e parti. Ao me ver sozinho, perguntei decepcionado a mim mesmo o que afinal estava pretendendo. Não deveria estar fazendo aquele tipo de coisa, pensei. Mas não me restava escolha. Meu corpo estava faminto, sedento por mulheres. Sempre que as tinha na cama, não parava de pensar em Naoko. Pensava em seu corpo nu flutuando na escuridão em toda sua brancura, em sua respiração, no barulho da chuva. E, à medida que pensava, a fome e a sede de meu corpo iam aumentando. Eu subia ao terraço para beber uísque e me perguntar para onde afinal estava caminhando.

Finalmente, no início de julho, recebi uma carta de Naoko. Era bem curta.

Desculpe ter demorado a responder. Por favor, tente entender. Demorou muito até eu me sentir capaz de escrever. Reescrevi uma dezena de vezes esta carta. Escrever é muito difícil para mim.

Vou começar pela conclusão. Decidi trancar a universidade por um ano. Embora seja um afastamento temporário, suspeito que nunca vá retomar o curso. Só fiz os procedimentos de praxe. Você deve achar minha atitude impensada, mas na verdade eu já pensava nisso há muito tempo. Várias vezes pensei em comentar sobre isso com você, mas nunca encontrei a melhor forma de abordar o assunto. Faltou-me coragem para transformar minhas idéias em palavras.

Tente não se preocupar tanto com as coisas. O que quer que tenha acontecido — ou que não tenha acontecido —, o resultado teria sido o mesmo. Essa maneira de me expressar talvez o magoe. Nesse caso, peço desculpas. O que estou tentando dizer é que eu não gostaria de vê-lo se culpando por minha causa. Na verdade, sou eu quem deve assumir total responsabilidade pelo que aconteceu. Há mais de um ano venho adiando uma decisão, e acho que com isso

acabei tornando as coisas difíceis para você. Mas cheguei ao limite, não podia esperar mais.

Depois de me mudar do apartamento de Kokubunji, voltei para a casa da minha família em Kobe e fiz um tratamento médico por algum tempo. O médico me recomendou uma casa de repouso que fica nas montanhas ao redor de Kyoto e, segundo ele, seria perfeita para mim. Estou pensando em passar um tempo lá. Não é exatamente um hospital no sentido mais preciso do termo, mas um lugar onde vou poder me recuperar melhor. Deixo os detalhes para outra carta. Por enquanto, ainda é difícil para mim pôr tudo no papel. O que mais preciso neste momento é descansar os nervos num lugar tranqüilo, isolado do mundo exterior.

À minha maneira, sou muito grata a você por ter ficado ao meu lado durante todo este ano. Acredite em mim quando digo isso, mesmo que não acredite em mais nada. Você não me feriu. Quem me feriu fui eu mesma. É assim que eu me sinto.

Ainda não me sinto preparada para encontrá-lo. Isso não significa que eu não deseje esse encontro, mas simplesmente que não estou preparada. Quando eu sentir que chegou o momento, escreverei imediatamente. Acho que poderemos então nos conhecer um pouco melhor. Como você mesmo disse, precisamos nos conhecer melhor.

Até breve

Reli a carta centenas de vezes. A cada leitura, uma tristeza insuportável me invadia. Era o mesmo tipo de tristeza que costumava sentir quando Naoko me fitava. Não havia lugar para onde pudesse mandar meu desassossego ou onde pudesse escondê-lo. Ele não tinha contorno nem peso, como o vento que passa soprando ao redor do meu corpo. Eu não era sequer capaz de me cobrir com ele. Os objetos da paisagem desfilavam na minha

frente devagar. Mas as palavras que eles diziam não chegavam aos meus ouvidos.

Eu passava as noites de sábado sentado numa cadeira no saguão, como de hábito. Não que esperasse telefonemas, mas simplesmente não tinha outra coisa para fazer. Sempre ligava a televisão nas transmissões de partidas de beisebol e fingia assistir. Enquanto isso, dividia ao meio o espaço vazio entre mim e o aparelho de televisão, dividindo novamente cada metade em duas. Repetia o processo sucessivamente até por fim criar um espaço pequeno o suficiente para caber na palma da minha mão.

Às dez da noite, desligava a televisão, voltava para meu quarto e dormia.

No final desse mês, o Nazista me presenteou com um vaga-lume.

O inseto estava dentro de um vidro de café solúvel. A tampa tinha alguns furos minúsculos criados para permitir a passagem do ar, e, dentro do vidro, havia um pouco de grama e água. Por ser ainda de dia, aquilo parecia um inseto preto comum de beira d'água, mas o Nazista insistia que era um vaga-lume de verdade. Ele afirmava conhecer bem esse tipo de inseto, e eu não tinha motivos nem provas para contestá-lo. Muito bem, era um vaga-lume. E por sinal, de ar sonolento. Toda vez que tentava subir pela parede de vidro, terminava por escorregar e cair.

— Eu o encontrei no jardim.

— No jardim do alojamento? — perguntei, surpreso.

— Foi. Lembra que naquele hotel perto daqui costumam soltar vaga-lumes no verão para entreter os hóspedes? Ele deve ter se perdido e veio parar aqui — disse ele, enquanto enfiava roupas e cadernos em sua mala de viagem preta.

Várias semanas haviam se passado desde o início das férias de verão e éramos os únicos que ainda continuávamos no alojamento. Eu não queria voltar para Kobe porque ainda estava trabalhando, e ele estava fazendo um estágio. Porém, com o término do estágio, o Nazista se preparava para voltar para casa. Ele era de Yamanashi.

— Que tal dar de presente para sua namorada? Tenho certeza de que ela vai gostar — disse ele.

— Obrigado — agradeceu.

À tardinha, o alojamento era silencioso como uma ruína. A bandeira era arriada do mastro e as luzes reluziam nas janelas do refeitório. Como o número de estudantes havia diminuído, apenas metade das luzes do refeitório era mantida acesa. A metade da direita era apagada, ficando acesa apenas a metade da esquerda. De qualquer forma, sentia-se no ar o leve aroma do jantar. Cheiro de ensopado de carne.

Subi ao terraço levando o vidro de café solúvel contendo o vaga-lume. O lugar estava deserto. Esquecida no varal, uma camisa branca, semelhante à pele despojada de um animal, tremulava ao sabor da brisa noturna. Subi pela escada de metal em um canto do terraço até o alto da torre da caixa-d'água. O tanque cilíndrico ainda estava quente do calor absorvido durante o dia. Sentei-me no espaço exíguo e, apoiado no corrimão, tinha diante dos olhos a lua branca quase cheia. À minha direita, via as luzes de Shinjuku e, à esquerda, as de Ikebukuro. Os faróis dos automóveis formavam um rio luminoso fluindo entre esses dois bairros. Um leve gemido, formado pela mistura de vários ruídos, pairava como uma nuvem sobre a cidade.

O vaga-lume brilhava indistintamente no fundo do vidro, com uma luz muito fraca e pálida. Havia muito que eu não via um vaga-lume, mas em minhas lembranças eles emitiam na escuridão das noites de verão uma luminosidade mais intensa e nítida do que aquela. Eu sempre achava que os vaga-lumes emitiam essa luminosidade viva, incendiária.

Talvez o vaga-lume estivesse enfraquecido, à beira da morte. Segurei o vidro pelo bocal e o balancei de leve algumas vezes. O vaga-lume batia contra a parede de vidro e dava vôos curtíssimos. Sua luminosidade, porém, continuava vaga.

Tentei me lembrar da última vez em que vira um vaga-lume. E onde teria sido? Consegui me lembrar da paisagem. Mas fui incapaz de recordar o lugar e o momento. Ouvia o som de água dentro da escuridão noturna. Havia o dique de tijolos ao estilo

antigo. Podia-se abri-lo ou fechá-lo girando-se uma manivela. O rio não era largo. Era um pequeno curso d'água, com a superfície coberta pelas plantas aquáticas que brotavam à sua margem. Tamanha era a escuridão ao redor que com a luz da lanterna apagada não era sequer possível ver os próprios pés. Centenas de vaga-lumes voavam acima da água represada do dique. Seu brilho se refletia na superfície da água como uma chuva de faíscas.

Cerrei os olhos e me deixei afundar por um momento nas trevas das lembranças. Podia ouvir o som do vento mais distintamente que de costume. Não era um vento muito forte, mas deixava rastros estranhamente nítidos ao soprar a meu redor. Quando tornei a abrir os olhos, a escuridão da noite de verão havia se tornado um pouco mais profunda.

Abri a tampa do vidro, retirei o vaga-lume e o pus sobre a borda de apenas 5 centímetros da torre da caixa-d'água. O inseto pareceu ignorar sua mudança de condição. Deu uma volta ao redor de um parafuso, num movimento incerto, tentando subir por uma parte solta da pintura semelhante a uma ferida. Depois de avançar um pouco para a direita e notar que por ali não poderia ir mais além, voltou em direção à esquerda. Subiu com esforço até a cabeça do parafuso, onde permaneceu agachado por algum tempo. Totalmente imóvel, parecia ter exalado seu último suspiro.

Ainda apoiado ao corrimão, eu observava o vaga-lume. Tanto ele quanto eu permanecemos assim imóveis por muito tempo. Apenas o vento soprava ao nosso redor. Dentro da escuridão, as inúmeras folhas dos olmos farfalhavam.

Esperei uma eternidade.

Demorou muito tempo até o vaga-lume levantar vôo. Como se finalmente houvesse entendido alguma coisa, ele abriu as asas e, no instante seguinte, estava flutuando na penumbra para além do corrimão. Descreveu um arco rápido próximo à torre da caixa-d'água, como se desejasse recuperar o tempo perdido. Parou depois, como se esperasse para ver a linha curva de luz que criara ser dispersa pelo vento, e finalmente voou rumo ao leste.

Muito depois de o vaga-lume desaparecer, seus traços luminosos continuaram dentro de mim. Atrás de minhas pálpebras

cerradas, dentro das espessas trevas, seu brilho suave continuava a vagar como uma alma perdida.

Estendi várias vezes os braços em direção a essas trevas. Meus dedos nada tocaram. A pequena luz estava sempre um pouco além do meu alcance.

Durante as férias de verão, a universidade solicitou o envio de tropas de choque que destruíram as barricadas e prenderam todos os estudantes que ocupavam o *campus*. Não era um acontecimento excepcional na época, uma vez que casos semelhantes ocorriam com freqüência em outros lugares. A universidade, afinal, não havia sido desmantelada. Um grande volume de investimentos é canalizado para as instituições de ensino superior, e seria pouco provável que as universidades viessem abaixo, sem reação, como resultado da violência de alguns estudantes. Mesmo aqueles que a obstruíram com barricadas não tinham a intenção de destruí-la. Pretendiam modificar o equilíbrio de poder da estrutura universitária, mas eu, particularmente, pouco me importava com isso. Então não senti nenhuma emoção especial quando a greve terminou.

Em setembro, fui ao *campus* na expectativa de encontrá-lo praticamente em ruínas, mas a universidade permanecia intacta. Os livros da biblioteca não foram saqueados, nem as salas dos professores destruídas, nem a sala dos estudantes incendiada. Perplexo, eu me perguntava o que afinal aqueles estudantes haviam feito atrás das barricadas.

Os estudantes que haviam comandado a greve foram os primeiros a assistir às aulas quando estas recomeçaram, depois do fim da greve e sob a ocupação das tropas policiais. Apareciam nas aulas, tomavam notas e respondiam à chamada como se nada houvesse acontecido. Foi muito estranho, porque ninguém declarou o término da resolução de greve, que ainda estava em vigor. A universidade havia chamado as tropas de choque para destruir as barricadas, mas o movimento grevista supostamente continuava. Na hora de declarar a greve, os líderes falaram alto e animados, criticando severamente ou oprimindo os estudantes contrários a ela (ou que exprimiam suas dúvidas sobre ela). Fui até eles lhes perguntar a razão de voltarem às aulas e não continuarem em greve. Não tive resposta. O que poderiam me responder? Estavam

com medo de perder os créditos por causa do número de faltas. Achei graça ao pensar que haviam sido esses os mesmos estudantes a clamar pela dissolução da universidade. Bastava o vento mudar um pouco de direção e seus gritos se transformavam em sussurros.

Veja, Kizuki, a merda que é este mundo, pensei. Esses putos estão conseguindo todos os créditos e logo vão criar uma sociedade medíocre.

Mesmo assistindo às aulas, decidi não responder à chamada por algum tempo. Sabia que agir assim não levaria a nada, mas teria me sentido mal se não o fizesse. Mas, por causa dessa minha atitude, acabei me isolando cada vez mais dentro da turma. Meu silêncio na hora em que meu nome era chamado criava uma atmosfera desagradável entre os colegas. Ninguém conversava comigo e eu não dirigia a palavra a ninguém.

Na segunda semana de setembro, cheguei à conclusão de que o ensino superior era desprovido de qualquer significado. Resolvi entendê-lo como um período de treinamento para suportar o tédio. Não havia nada de especial que eu desejasse realizar na sociedade para me fazer largar tudo naquela hora. De modo que continuei indo diariamente à universidade, assistia às aulas, fazia anotações e, no meu tempo livre, ia para a biblioteca ler livros ou fazer algum trabalho de pesquisa.

Apesar de estarmos na segunda semana de setembro, o Nazista não havia voltado. Mais do que raro, esse era um acontecimento de proporções monumentais. As aulas na sua universidade já haviam recomeçado e era inconcebível que ele as perdesse. Sobre sua mesa e seu rádio, uma fina camada de poeira se acumulava. Sobre a prateleira, um copo de plástico, escova de dentes, lata de chá, o inseticida aerossol e outros pertences seus estavam alinhados cuidadosamente.

Durante a ausência do Nazista, eu me encarregava da arrumação do quarto. Nesse ano e meio, havia adquirido o hábito de manter tudo limpo e, enquanto ele não voltava, a tarefa cabia

apenas a mim. Eu varria diariamente o chão, limpava a janela a cada três dias e uma vez por semana arejava meu colchão. Esperava os elogios do Nazista quando ele voltasse: “Wa...Watanabe, o que houve? Está tudo tão limpo!”

Mas ele não voltou. Certo dia, quando voltei das aulas, todos os seus pertences haviam sumido. A placa com seu nome havia sido retirada da porta do quarto, só restando a minha. Fui até a sala do diretor do alojamento e perguntei o que havia acontecido com o Nazista.

— Ele se mudou do alojamento — disse ele. — Por enquanto, pode continuar sozinho naquele quarto.

Perguntei por que o Nazista fora embora, mas o diretor evitou entrar em detalhes. Era um homem vulgar que sentia supremo prazer em controlar tudo e manter os outros na ignorância.

Durante algum tempo, a foto do *iceberg* continuou colada à parede do quarto, mas finalmente eu a retirei, substituindo-a por fotos de Jim Morrison e Miles Davis. Com isso o quarto ficou um pouco com a minha cara. Usei o dinheiro que havia economizado trabalhando para comprar um pequeno aparelho de som. À noite, ouvia música bebendo sozinho. Às vezes, me lembrava do Nazista, mas, em todo caso, estava contente de morar sozinho.

Nas manhãs de segunda-feira, das dez às 11h30, tínhamos aula sobre Eurípides em História da Arte Dramática II. Depois da aula, eu ia até um pequeno restaurante que ficava a dez minutos a pé da universidade e comia omelete e salada. Esse restaurante ficava afastado das ruas principais e, apesar de o preço ser um pouco maior do que o do refeitório estudantil, era calmo e relaxante, e suas omeletes simplesmente deliciosas. Nele trabalhavam um casal de poucas palavras e uma garçonete. Quando eu estava almoçando sentado sozinho próximo à janela, um grupo de quatro estudantes entrou. Eram dois rapazes e duas moças, todos vestindo roupas impecáveis. Sentaram-se a uma mesa perto da entrada, e depois de se demorarem analisando o cardápio, um deles transmitiu à garçonete o pedido de todos.

Não demorei a me dar conta de que uma das garotas olhava constantemente na minha direção. Seus cabelos eram muito curtos, ela usava óculos escuros e um minivestido de algodão. Como seu rosto não me era familiar, continuei a comer, até que ela se levantou e se aproximou de onde eu estava. Com uma das mãos apoiada na beirada da mesa, disse:

— Watanabe, não é?

Ergui a cabeça e olhei novamente para seu rosto, agora com mais atenção. Porém, por mais que o olhasse, não a reconhecia. Era do tipo de garota que não passaria despercebida e, caso a tivesse encontrado antes em algum lugar, eu me lembraria imediatamente. Além disso, não havia muitas pessoas na universidade que sabiam meu nome.

— Posso me sentar um pouco? Ou você está esperando alguém?

Ainda hesitante, assenti com a cabeça.

— Não estou esperando ninguém. Pode sentar.

Ela puxou uma cadeira ruidosamente, sentou-se na minha frente observando-me por trás dos óculos escuros. Em seguida, transferiu o olhar para o meu prato.

— Isso aí parece estar delicioso.

— Está ótimo. Omelete com cogumelos e salada de *petit-pois*.

— Hum — disse ela. — É isso que vou pedir da próxima vez. Hoje já escolhi outra coisa.

— O que você pediu?

— Macarrão com queijo gratinado.

— Também é uma boa escolha — elogiei. — Mas de onde é mesmo que nos conhecemos? Estou custando a me lembrar.

— Eurípides — respondeu ela, lacônica. — *Electra*. “Não, Deus não presta ouvidos a meu brado de dor.” Você sabe... a aula que acabou há pouco.

Olhei-a fixamente. Ela retirou os óculos escuros. Finalmente, lembrei. Uma caloura que eu vira na turma de História da Arte Dramática II. Seu penteado havia mudado tanto que eu não a havia reconhecido.

— Também pudera: até antes das férias de verão seus cabelos não batiam por aqui? — perguntei-lhe, indicando com a mão um local cerca de 10 centímetros abaixo do ombro.

— Tem razão. Fiz uma permanente. Mas, falando sério, me deu vontade de morrer de tão monstruoso que ficou. Realmente horroroso. Parecia a cabeça envolta em algas de um cadáver na praia. Em vez de me matar, decidi cortá-los bem rente, quase como os de uma monja. Pelo menos é fresco — explicou ela, acariciando com a palma da mão 4 ou 5 centímetros dos cabelos. Virou-se então para mim sorrindo.

— Não ficou nada mal — falei, enquanto traçava o resto da omelete. — Mostre de perfil.

Ela virou o rosto de lado, permanecendo nessa posição por uns cinco segundos.

— Acho que combina mesmo com você. Provavelmente por causa do formato bonito da sua cabeça. Além disso, deixa à mostra as orelhas — disse.

— Concordo com você. Também achei que não estava ruim assim bem curto. Mas nenhum rapaz elogia meu novo corte de cabelo. Dizem que pareço uma aluna do primário, que acabei de sair de um reformatório juvenil, coisas do gênero. Por que os homens adoram mulheres de cabelos compridos? Que comportamento fascista. Pura babaquice, você não acha? Por que será que os homens acreditam que uma mulher de cabelos longos é sempre refinada, carinhosa e feminina? Eu mesma conheço pelo menos 250 garotas *nada* refinadas de cabelos compridos. Juro.

— Prefiro desse jeito agora — completei. Não estava mentindo. Se minha memória não falhava, quando tinha cabelos compridos, ela não passava de uma garota bonitinha sem nenhum destaque. Porém, a garota que eu naquele momento via sentada na minha frente parecia emanar de seu corpo a jovial vitalidade de um pequeno animal que acabava de surgir no mundo com a chegada da primavera. Parecendo dotados de vida própria, seus olhos exprimiam júbilo, riso, cólera, perplexidade, desespero. Observei seu rosto durante algum tempo, pois há muito não via uma expressão tão repleta de vigor.

— Acha mesmo?

Afirmar com a cabeça enquanto comia a salada.

Ela recolocou os óculos escuros e me olhou por trás deles.

— Você não é do tipo mentiroso, ou é?

— Na medida do possível me esforço para ser sincero — respondi.

— Legal! — disse ela.

— Por que você usa esses óculos escuros? — foi minha vez de perguntar.

— Desde que cortei os cabelos tão curtos, tenho a forte impressão de estar desprotegida. Como se tivesse sido jogada nua no meio de uma multidão. Por isso uso os óculos.

— Faz sentido — admiti.

Terminei de comer minha omelete. Ela me espiava com enorme curiosidade.

— Você não precisa voltar para sua mesa? — perguntei, apontando para os três estudantes que a acompanhavam.

— Não se preocupe. Quando a comida chegar, volto para lá. Não é nada grave. A menos, é claro, que eu esteja atrapalhando sua refeição.

— Nem um pouco, mesmo porque já acabei — falei.

Como ela não demonstrava intenção de retornar a sua mesa, pedi um café. A dona do estabelecimento veio retirar meu prato, deixando o açúcar e o creme em seu lugar.

— Hoje na aula, por que você não respondeu na hora da chamada? Seu nome é Watanabe, não é? Toru Watanabe.

— Exatamente.

— Então por que não respondeu?

— Hoje não estava com vontade.

Ela retirou novamente os óculos, pondo-os sobre a mesa, e me fitou como quem observa um animal exótico enjaulado.

— Hoje não estava com vontade — repetiu ela. — Seu jeito de falar é idêntico ao de Humphrey Bogart. Impassível e enérgico.

— Deixe disso. Sou uma pessoa comum. Dessas que se encontram por toda parte.

A dona trouxe o café e o pôs na minha frente. Bebi-o em goles miúdos, sem pôr açúcar nem creme.

— Viu o que eu disse? Sem açúcar nem creme.

— É só porque não gosto de coisas doces — expliquei pacientemente. — Acho que você está enganada a meu respeito.

— Por que você está tão bronzeado?

— Passei duas semanas caminhando. De mochila e saco de dormir. Por isso peguei esta cor.

— Para onde você foi?

— Saí de Kanazawa, dei uma volta pela península de Noto e em seguida fui até Niigata.

— Sozinho?

— Sozinho — falei. — Algumas vezes andava com alguém que encontrava pelo caminho.

— Alguma companhia romântica? Com alguma garota que conheceu durante a viagem?

— Romântica? — perguntei, espantado. — Agora não tenho mais dúvidas de que você está mesmo confundindo as coisas. Como alguém que viaja a pé, carregando seu saco de dormir e com a barba por fazer, teria a chance de encontrar algum romance?

— Você sempre viaja assim sozinho?

— Sempre.

— Você gosta de solidão? — perguntou-me ela apoiando o queixo nas mãos. — Gosta de viajar sozinho, de comer sozinho e de se sentar sozinho durante as aulas, bem afastado dos outros...

— Ninguém gosta tanto assim de solidão. Eu só não me esforço para fazer amizades. Isso só serviria para me decepcionar — expliquei.

Levando as pontas das hastes dos óculos escuros aos lábios, ela disse num sussurro:

— Ninguém gosta tanto assim de solidão. Isso só serviria para me decepcionar — continuou repetindo. — Se um dia você escrever uma autobiografia, poderia usar essa frase.

— Obrigado — agradei.

— Você gosta de verde?

— Por que a pergunta?

— A camisa pólo que está usando é verde. Por isso a pergunta.

— Não particularmente. Gosto de qualquer cor.

— Não particularmente. Gosto de qualquer cor — ela desatou a me arremedar. — Adoro seu jeito de falar. Parece que está emboçando uma parede. Alguém já lhe disse isso?

Respondi que não.

— Meu nome é Midori. Apesar do meu nome significar verde em japonês, essa é uma cor que definitivamente não combina comigo. Não é estranho? Não acha isso uma maldade? Como se tivessem me jogado uma praga. Minha irmã mais velha se chama Momoko, literalmente “Menina pêssego”. Você não acha esquisito?

— E a cor pêssego combina com a sua irmã?

— E como! Parece que ela nasceu para usar essa cor. Não é justo.

Os pratos foram trazidos à sua mesa e um rapaz com um casaco de algodão quadriculado gritou: “Ei, Midori, a gororoba chegou.” Ela lhe acenou como querendo dizer: “Entendi.”

— Diga-me, Watanabe, você tem tomado notas nas aulas de História da Arte Dramática II?

— Tenho — respondi.

— Não poderia me emprestá-las? Faltei duas aulas. Não conheço mais ninguém naquela turma.

— Claro — falei, retirando o caderno da bolsa. Entreguei-o a Midori, depois de me certificar se não havia escrito nele nada que ela não devesse ver.

— Obrigada. Você vem à universidade depois de amanhã?

— Venho.

— Que tal nos encontrarmos aqui ao meio-dia? Devolvo seu caderno e o convido para almoçar. Você tem algum problema de má digestão quando não almoça sozinho?

— Claro que não — falei. — Mas não precisa retribuir me convidando para almoçar só porque lhe emprestei o caderno.

— Não se preocupe. Eu gosto de retribuir. Tudo bem? Não é melhor anotar na sua agenda para não se esquecer?

— Não vou me esquecer. Depois de amanhã. Meio-dia.
Midori. Verde.

Ouviu-se uma voz vinda da outra mesa.

— Ei, Midori. Venha logo senão o rango esfria.

Ignorando o chamado, ela me perguntou:

— Você sempre fala desse jeito?

— Acho que sim. Nunca prestei muita atenção — respondi.

— Até hoje nunca ninguém comentou que meu jeito de falar é esquisito.

Ela meditou por alguns instantes e finalmente levantou-se sorridente, voltando para sua mesa. Quando passei ao seu lado, na saída, Midori virou-se em minha direção levantando a mão. Os outros três apenas me olharam de esguelha.

Ao meio-dia da quarta-feira, Midori não compareceu ao encontro. Eu pretendia esperar por sua chegada bebendo uma cerveja, mas, como o restaurante estava começando a encher, não tive outro jeito senão fazer meu pedido e comer sozinho. Terminei a refeição ao meio-dia e 35 minutos, mas Midori ainda não havia chegado. Paguei a conta, saí, sentei-me na escadaria de pedra de um pequeno santuário na calçada oposta ao restaurante, onde esperei Midori até uma hora, enquanto o torpor causado pela cerveja passava, mas mesmo assim ela não deu as caras. Desisti, voltei para a universidade e fiquei lendo na biblioteca. Às duas, fui assistir à minha aula de alemão.

Ao terminar a aula, fui à secretaria para verificar as listas de inscritos por matérias e descobri seu nome em História da Arte Dramática II. Só havia uma estudante chamada Midori Kobayashi. Em seguida, folheei o fichário dos estudantes e procurei “Midori Kobayashi” entre os inscritos em 1969, anotando seu endereço e número de telefone. Ela morava com a família em Toshima. Entrei numa cabine telefônica e disquei o número.

— Livraria Kobayashi, às suas ordens — disse uma voz masculina.

Livraria Kobayashi?

— Desculpe incomodar. Eu poderia falar com Midori? — perguntei.

— Ela não está no momento — respondeu meu interlocutor.

— Saberia dizer se ela foi para a universidade?

— Hum, não. Provavelmente deve ter ido para o hospital. É da parte de quem?

Sem revelar meu nome, agradei e desliguei. Hospital? Teria ela ido ao hospital por estar machucada ou doente? Mas eu não sentira na voz do homem nenhum tipo de tensão anormal. Ele disse num tom lento: “Hum, não. Provavelmente deve ter ido para o hospital”, como se o hospital fizesse parte de sua vida, da mesma forma que poderia ter dito que ela fora à peixaria comprar peixe. Refleti um pouco sobre isso, mas, enjoando do assunto, voltei para o alojamento, estiquei-me na cama e terminei de ler *Lord Jim* de Joseph Conrad, que pegara emprestado com Nagasawa. Em seguida, fui até seu quarto para devolver-lhe o livro.

Nagasawa estava pronto para ir jantar e eu acabei acompanhando-o ao refeitório.

Perguntei como tinha se saído no concurso para a carreira diplomática. A segunda fase de provas fora em agosto.

— Normal — respondeu Nagasawa, dando pouca importância ao assunto. — Acho que deu para passar. O debate em grupo e a entrevista foram como seduzir uma garota.

— Ou seja, foi com a mão nas costas — falei. — Quando sai o resultado?

— No começo de outubro. Se passar, convido você para irmos comer alguma coisa bem gostosa.

— Como é a segunda fase? Os candidatos são todos iguais a você?

— De jeito nenhum. Em geral são um bando de imbecis. Ou imbecis ou débeis mentais. Eu diria que 95 por cento dos candidatos a burocratas são lixo humano. Não estou mentindo. Eles não sabem nem ler direito.

— Então por que você quer entrar para o Ministério das Relações Exteriores?

— Por vários motivos — explicou Nagasawa. — Um deles é a vontade de trabalhar no exterior. Mas principalmente quero testar minha capacidade. Já que vou testá-la, nada melhor que fazê-lo

dentro do maior campo possível: a nação! Quero provar para mim mesmo até onde posso subir dentro dessa enorme estrutura burocrática, até onde minhas forças vão resistir. Entende?

— Parece um jogo.

— Exatamente. Não passa de um jogo. Não tenho praticamente nenhuma sede por poder ou dinheiro. Estou falando sério. Posso ser insignificante e egoísta, mas chega a ser espantoso como me falta esse tipo de ambição. Sou um ser destituído de ego ou desejos. Tenho apenas curiosidade. Quero testar minha força por esse mundo vasto e severo.

— Suponho que você não tenha nenhum ideal.

— Exatamente — disse ele. — Na vida não precisamos desse tipo de coisa. O que precisamos mesmo é de um padrão de conduta.

— Mas existem muitas outras maneiras de viver além dessa, você não concorda? — perguntei.

— Isso quer dizer que você odeia a maneira como eu vivo?

— Claro que não! — exclamei. — Não se trata de gostar ou odiar. Eu nunca seria capaz de ser aceito na Universidade de Tóquio, não consigo ir para a cama com garotas que me agradam quando bem quero, não tenho o dom da palavra, as pessoas não me olham com admiração, e ainda por cima não tenho namorada. Quais minhas expectativas futuras depois de me formar em uma universidade particular de segunda classe? Como eu poderia criticar sua maneira de viver?

— Então você tem *inveja* de como eu vivo?

— Não — falei. — Estou acostumado demais comigo mesmo. Além disso, para ser franco, não tenho nenhum interesse pela Universidade de Tóquio ou pelo Ministério das Relações Exteriores. A única coisa que invejo em você é o fato de ter uma namorada incrível como Hatsumi.

Durante algum tempo, ele continuou a comer em silêncio.

— Meu caro Watanabe — disse Nagasawa depois de terminado o jantar. — Alguma coisa me diz que nós vamos nos reencontrar dez ou vinte anos depois de sairmos daqui. E acho que estaremos de alguma forma ligados um ao outro.

— Como num romance de Dickens — falei sorrindo.

— Exatamente — ele também sorriu. — Mas meus pressentimentos praticamente não falham.

Depois do jantar, fomos beber num bar das redondezas. Bebemos até depois das nove.

— Afinal, Nagasawa, qual é o padrão de conduta da sua vida? — perguntei.

— Se eu disser, você vai rir — respondeu ele.

— Não vou não — prometi.

— Eu quero me tornar um cavalheiro.

Eu não ri, mas quase caí da cadeira.

— Tornar-se um cavalheiro? Quer dizer, um verdadeiro cavalheiro?

— Isso mesmo. Um genuíno cavalheiro — confirmou ele.

— E o que isso quer dizer? Se houver uma definição, eu gostaria de saber.

— Um cavalheiro não faz aquilo que *deseja*, mas aquilo que *deve* fazer.

— De todas as pessoas que conheci até hoje, você é a mais estranha — falei.

— E você, a mais careta — retrucou ele.

E pagou toda a conta.

Midori Kobayashi também faltou à aula de História da Arte Dramática II na segunda-feira seguinte. Depois de passar os olhos por toda a sala e confirmar que ela não estava, sentei-me como de costume na primeira fileira e, enquanto aguardava o professor, decidi escrever uma carta para Naoko. Escrevi sobre minha viagem nas férias de verão. Descrevi a rota percorrida, as cidades por onde passei e as pessoas que encontrei no caminho. Escrevi: “E todas as noites pensava em você. Depois que você foi embora, comecei a entender o quanto a desejo ao meu lado. A universidade continua um tédio, mas assisto rigorosamente a todas as aulas e estudo considerando isso um treinamento pessoal. Sem você por aqui, comecei a me entediar com tudo. Desejo vê-la pelo menos uma vez

para conversarmos. Se possível, adoraria visitá-la na casa de repouso e termos um encontro de algumas horas. Também gostaria, se possível, de caminharmos juntos como antes. Sei que talvez seja difícil para você, mas responda por favor a esta carta, mesmo que apenas algumas linhas.”

Dobrei cuidadosamente as quatro páginas de papel de carta, colocando-as num envelope que enviaria para a casa de sua família.

O professor, um homem franzino e de rosto sombrio, finalmente chegou e, enxugando o rosto com um lenço, procedeu à chamada. Tinha algum problema na perna, pois vivia se apoiando numa bengala metálica. Mesmo que não se pudesse dizer que era divertido, o curso de História da Arte Dramática II era bem organizado e valia a pena assistir. Depois de comentar sobre o calor inclemente, o professor começou a discorrer sobre o papel do *deus ex machina* nas tragédias de Eurípides. Explicou-nos que os deuses nas obras de Eurípides diferiam daqueles encontrados em Ésquilo ou Sófocles. Quinze minutos depois do início da aula, a porta se abriu e Midori entrou na sala. Vestia uma blusa azul-escura e calças de algodão creme e, como antes, usava óculos escuros. Veio sentar-se a meu lado, não sem antes dar um sorriso em direção ao professor que parecia querer dizer “desculpe pelo atraso”. Tirou um caderno da bolsa a tiracolo e me entregou. Dentro do caderno, havia um bilhete: “Desculpe por quarta-feira. Está zangado comigo?”

A aula estava mais ou menos na metade, e o professor rascunhava no quadro-negro um esboço do palco de um teatro grego quando a porta novamente se abriu e dois estudantes de capacete entraram. Parecia uma dupla de comediantes. Um deles franzino, alto e pálido, o outro baixo, de rosto redondo, pele escura e uma barba que não lhe caía bem. O estudante alto segurava panfletos de protesto político. O estudante baixo se dirigiu ao professor pedindo-lhe licença para usar a segunda metade da aula para um debate. Explicou que o mundo estava repleto de problemas mais sérios do que as tragédias gregas. Foi mais uma notificação do que propriamente um pedido. O professor afirmou duvidar existir no mundo problemas mais sérios do que as tragédias gregas, mas que os estudantes poderiam fazer o que bem entendessem, já que não

ouviriam mesmo seus argumentos. Segurou firme na borda da mesa pousando o pé no chão, pegou a bengala e saiu da sala de aula arrastando a perna.

Enquanto o rapaz alto distribuía os panfletos, o de rosto arredondado subiu no estrado e fez um discurso. O panfleto continha, escritas em formato compacto e original, frases que retratavam simplificadaamente tudo o que se passava: “Boicotem as eleições fraudulentas para reitor”, “Colaborem para novas greves gerais”, “Destruam o imperialismo industrial e educacional japonês”. As idéias eram brilhantes e eu nada tinha contra o conteúdo, mas as frases careciam de poder de persuasão. Não inspiravam confiança nem possuíam a força capaz de cativar as pessoas. O discurso do rapaz de rosto arredondado não ficava atrás. Era a velha música de sempre, a mesma melodia, só algumas palavras foram alteradas. Pensei com meus botões que o verdadeiro inimigo daquele pessoal não era o poder público, mas a falta de criatividade.

— Vamos cair fora daqui — sugeriu Midori.

Concordei e me levantei. Quando saíamos, o rapaz de rosto arredondado disse-me alguma coisa que não consegui entender bem. Midori acenou para ele, dizendo “tchau”.

— Será que somos contra-revolucionários? — perguntou-me Midori assim que nos vimos fora da sala de aula. — Se houver uma revolução, seremos pendurados um ao lado do outro nos postes?

— Se possível, eu adoraria poder almoçar antes de ser pendurado — falei.

— É mesmo. Eu gostaria de levá-lo a um restaurante, mas fica um pouco longe. Você se importa?

— De jeito nenhum. Estou livre até a aula das duas.

Pegamos o ônibus até Yotsuya. O restaurante ao qual Midori me levou era especializado em comida caseira e ficava numa ruela atrás da estação. Mal nos sentamos, trouxeram uma tigela de sopa e o especial do dia dentro de uma caixa quadrada de laca vermelha. A comida saborosa compensava o esforço de pegar ônibus para ir até lá.

— Que delícia!

— Hum. E é muito barato, também. Por isso, quando estava no segundo grau, eu vinha almoçar aqui de vez em quando. Meu colégio ficava bem perto. Era muito rígido, a ponto de termos de sair para comer às escondidas. O tipo de colégio que bastaria nos descobrir almoçando fora para sermos expulsas.

Quando Midori tirou os óculos, notei que seus olhos pareciam bem mais sonolentos do que quando a vira antes. Ela brincava com a fina pulseira de prata que usava no pulso esquerdo e coçava o canto dos olhos com a ponta do dedo mínimo.

— Está com sono? — perguntei.

— Um pouco. Sono atrasado. Ando atarefada com uma montanha de coisas. Mas não se preocupe, estou bem — explicou ela. — Desculpe ter faltado a nosso compromisso. Aconteceu uma coisa importante e não consegui escapar. Além do mais, foi de repente pela manhã, me pegou desprevenida. Pensei em ligar para aquele restaurante, mas não me lembrava do nome e não sabia seu número de telefone. Você esperou muito?

— Não se preocupe. Tempo é o que tenho de sobra.

— Tanto assim?

— Tanto que gostaria de poder lhe dar um pouco para você poder dormir.

Apoiando o queixo nas mãos, Midori me fitou sorrindo.

— É muito gentil de sua parte.

— Não é questão de gentileza, tenho só muito tempo disponível — disse eu. — Falando nisso, liguei para sua casa naquele dia e alguém me informou que você tinha ido ao hospital. Aconteceu alguma coisa?

— Você ligou para a minha casa? — perguntou ela, franzindo levemente o cenho. — Como arrumou o telefone?

— Procurei na secretaria, claro. Qualquer um tem acesso.

Ela balançou a cabeça duas ou três vezes, mostrando que havia entendido, e voltou a brincar com a pulseira.

— Hum, eu não tinha pensado nisso. Poderia ter procurado seu número também. Sobre o hospital, vamos deixar para falar outro dia. Não quero tocar nesse assunto agora. Desculpe.

— Não tem problema. Parece que enfiei o nariz onde não era chamado.

— Não é isso. É só que estou um pouco cansada agora. Como um macaco na chuva.

— Não seria melhor voltar para casa e dormir? — propus.

— Ainda não estou com sono. Vamos caminhar um pouco — sugeriu Midori.

Midori me levou até em frente ao colégio onde havia cursado o segundo grau, não muito distante a pé da estação Yotsuya.

Ao passar pela estação Yotsuya, lembrei-me das caminhadas intermináveis com Naoko. Na realidade, tudo havia começado ali. Imaginei que se naquele domingo de maio não a tivesse encontrado por acaso no trem da linha Chuo, minha vida teria sido muito diferente da que era então. Mas logo em seguida mudei de opinião: mesmo que não tivéssemos nos encontrado naquele momento, provavelmente daria no mesmo. Possivelmente nos encontramos naquele dia por força do destino e, se não fosse naquele momento, com certeza teríamos nos esbarrado em outra ocasião. Foi só uma impressão que tive, sem nenhum fundamento em particular.

Midori Kobayashi e eu nos sentamos juntos num banco da praça contemplando o prédio do colégio onde ela havia estudado. As paredes estavam cobertas de hera e alguns pombos descansavam as asas nos beirais das janelas. Era uma construção antiga de charme peculiar. O jardim tinha um grande carvalho e, a seu lado, uma delicada fumaça branca se erguia calma e vertical. A luminosidade remanescente do verão ressaltava a impressão vaga e nublada da fumaça.

— Você sabe o que é aquela fumaça? — perguntou Midori de repente.

Respondi que não.

— Estão queimando absorventes.

— Deixe de gozação! — exclamei. Não sabia ao certo o que dizer além disso.

— Absorventes higiênicos, tampões, coisas assim — prosseguiu Midori sorridente. — Sendo um colégio de meninas, eles são jogados nas lixeiras dos toaletes. O velhinho da limpeza recolhe tudo e queima no incinerador. O resultado é aquela fumaça.

— Sinto pavor só em pensar — falei.

— Entendo. Eu também sentia o mesmo sempre que via aquela fumaça pela janela da sala de aula. Que coisa horrível. No meu colégio havia umas mil garotas, somando as do ginásio e do secundário. Esse total cairia para novecentos caso descontássemos as que ainda não começaram a menstruar, e se um quinto dessas está menstruada, temos um total aproximado de 180. Esse é o volume diário de absorventes jogados fora nas lixeiras.

— Não sou muito bom para cálculos tão minuciosos, mas você deve ter razão.

— É uma quantidade considerável, não acha? O equivalente a 180 garotas. Como deve se sentir o velhinho que recolhe, junta e queima tudo aquilo?

— Não posso nem imaginar — respondi. — Como alguém como eu poderia sequer imaginar? — Durante algum tempo, ficamos os dois contemplando a fumaça branca.

— Na realidade, eu não queria freqüentar esse colégio — confessou Midori, balançando levemente a cabeça. — Preferiria ter entrado para um colégio público comum. Um colégio comum, freqüentado por gente comum. Onde eu pudesse relaxar e me divertir como qualquer adolescente. Mas fui posta lá por causa da futilidade dos meus pais. Você sabe que isso acontece quando se tem boas notas no primário. O professor avisa aos pais que o aluno tem capacidade para entrar em determinado colégio com base em suas notas. Foi assim que fui parar nesse colégio. Fiquei lá por seis anos, mas não consegui gostar dele de jeito algum. Vivia repetindo para mim mesma que sairia dali o quanto antes. Só pensava nisso enquanto estava lá. No final, recebi menção honrosa por nunca ter me atrasado nem faltado às aulas, apesar de odiar o colégio. E sabe por quê?

— Não — respondi.

— Justamente porque o odiava. Por isso, não faltei um dia sequer. Não queria me sentir vencida por ele. Se fosse vencida uma vez, seria meu fim. Tinha medo de que, sendo derrotada uma vez, meu destino fosse afundar cada vez mais. Mesmo com febre de 39 graus, eu ia me arrastando para o colégio. Quando o professor me perguntava se eu estava passando mal, mentia dizendo que estava tudo bem. Foi assim que recebi um diploma de honra ao mérito e um dicionário de francês por minha assiduidade. Por isso mesmo escolhi estudar alemão na universidade. Não suportaria sentir que estava devendo alguma coisa àquele colégio. Sem brincadeira.

— Por que você odiava tanto o colégio?

— Você por acaso gostava do seu?

— Não particularmente, mas também não desgostava. Fiz o secundário num colégio público comum e nunca pensei muito nisso.

— Bom, esse meu colégio... — Midori continuou coçando o canto do olho com a ponta do dedo mínimo — é um colégio para moças da elite. Nele estudam cerca de mil garotas de boa educação e ótimas notas. Todas filhas de famílias abastadas. Do contrário, não tem jeito. A mensalidade é cara, sempre pedem contribuições, nas viagens escolares costumam reservar hotéis luxuosos em Kyoto onde servem comida tradicional em pratos laqueados, e uma vez por ano há um treinamento prático de boas maneiras à mesa no restaurante do Hotel Okura, ou seja, coisas um pouco fora do comum. Você sabia que das 160 colegas do mesmo ano eu era a única que morava em Toshima? Uma vez pesquisei todas as fichas das alunas. Tinha curiosidade em saber onde todas moravam. Foi incrível: Sanbancho em Chiyoda, Moto-azabu em Minato, Deenchofu em Ota, Seijo em Setagaya... todos bairros chiquérrimos. Só uma garota morava em Kashiwa, em Chiba, na zona rural, e acabei tentando ficar amiga dela. Era uma ótima pessoa. Convidou-me para visitar sua casa, pedindo desculpas por ser longe, e acabei indo. Era incrível. Gastava-se 15 minutos só para dar a volta na propriedade. O jardim era imenso e havia dois cães do tamanho de um carro mastigando enormes pedaços de carne. Mesmo assim, ela sentia-se inferior na turma por morar em Chiba. Era do tipo de garota que seria levada ao colégio de Mercedes se estivesse

atrasada. Tinha motorista particular, desses com chapéu e luvas brancas, parecido com o Besouro Verde. Mesmo assim, essa garota sentia vergonha. Incrível, não acha?

Concordei com um movimento de cabeça.

— Mesmo procurando no colégio inteiro, eu era a única que morava em Kita-Otsuka, no bairro de Toshima. Se isso não bastasse, na coluna “profissão dos pais” escreveram “dono de livraria”. Graças a isso, todas na turma olhavam para mim com enorme curiosidade. Diziam que deveria ser ótimo poder ler os livros que quisesse a qualquer hora. Você acredita? Todas achavam que era uma livraria imensa, tipo a Kinokuniya. Quando ouviam falar de livraria, só conseguiam pensar nela. Mas a realidade dava pena. Livraria Kobayashi. Pobre Livraria Kobayashi! Abre-se a porta de enrolar e se dá de cara com pilhas de revistas. O que vende mesmo são revistas femininas, particularmente aquelas com suplementos encartados das novas técnicas sexuais com ilustrações de 48 posições. As donas de casa das redondezas compram, sentam-se à mesa da cozinha para ler avidamente e, quando os maridos voltam do trabalho, tentam colocar alguma técnica em prática. Você não acha incrível? Nunca se sabe o que se passa na cabeça dessas mulheres. Em seguida, as revistas em quadrinhos. Vendem bastante também. *Magazine*, *Sunday*, *Jump*. E, é claro, as revistas semanais. De qualquer forma, nossa livraria praticamente só tem revistas. Temos alguns livros de bolso, mas poucos. Livros de mistério, romances históricos, novelas: é só isso que vende. E manuais práticos. *Como jogar go*, *Criando bonsai*, *Modelos de discursos de casamento*, *Tudo que você precisa saber sobre a vida sexual*, *Como parar de fumar imediatamente* e muitos outros. Até artigos de papelaria vendemos. Ao lado da caixa registradora há canetas esferográficas, lápis, cadernos etc. Só isso. Não temos *Guerra e paz*, nem *O ser sexual* de Oe Kenzaburo, muito menos *O apanhador no campo de centeio*. Essa é a Livraria Kobayashi. O que há nela que possa atrair a inveja de alguém? Você teria inveja de mim?

— Posso até ver a cena.

— Bem, é esse tipo de livraria. Os vizinhos vêm todos comprar livros conosco. Também entregamos em casa, e temos

muitos clientes antigos, o que sempre garantiu o pão de cada dia de nossa família de quatro pessoas. Não temos dívidas. Meus pais conseguiram manter as duas filhas na universidade. E pronto. Nunca tivemos dinheiro suficiente para fazer nada de especial além disso. Por isso eles não deveriam ter me mandado para esse colégio. Só serviu para causar problemas. Sempre que o colégio pedia uma contribuição, era obrigada a ouvir as reclamações dos meus pais e, quando saía com as colegas de turma para ir a um restaurante caro, morria de medo de o dinheiro não chegar. É uma vida ingrata. Sua família é rica?

— Minha família? Meus pais são trabalhadores comuns. Não somos nem ricos nem pobres. Deve ser muito difícil para eles sustentar meus estudos numa universidade particular de Tóquio, mas como sou filho único não há problema. Eles não me mandam muito dinheiro, e por isso preciso trabalhar. Moramos numa casa comum, com um pequeno jardim e um Toyota Corolla.

— Em que você trabalha?

— Faço bico três noites por semana numa loja de discos em Shinjuku. O trabalho é leve. É só ficar sentado esperando algum cliente.

— E eu pensando que você fosse filhinho de papai. Foi só uma impressão quando vi você — disse Midori.

— Nunca passei por necessidades. Mas não tenho muito dinheiro, o que é normal para a maioria das pessoas.

— No colégio onde estudei a maioria das pessoas era rica — disse ela, pondo as mãos sobre os joelhos com as palmas para cima. — Era esse o problema.

— Bom, de agora em diante você vai ficar até cansada de ver um mundo diferente desse.

— Sabe qual é a maior vantagem em ser rico? — perguntou ela.

— Não.

— É poder dizer que não se tem dinheiro. Por exemplo, digamos que eu sugira a uma colega de turma fazermos algo juntas. Ela me diz o seguinte: “Agora não posso porque estou sem dinheiro.” Se acontecesse a situação inversa, eu jamais poderia

dizer isso. Se eu disser “agora estou sem dinheiro”, isso significaria que eu não tenho dinheiro *mesmo*. Triste, não? É como uma garota linda dizer: “Hoje não quero sair porque meu rosto está horrível.” Se uma feiosa disser a mesma coisa, vão rir dela. Esse era o meu mundo. Foi assim durante seis anos, até o ano passado.

— Você acaba esquecendo — falei.

— Quero esquecer o quanto antes. Foi um alívio entrar na universidade. Encontrei um monte de pessoas comuns.

Passando a mão pelos cabelos curtos, Midori esboçou um sorriso tenso.

— Você trabalha? — perguntei.

— Trabalho. Escrevo explicações de mapas. Sabe aquele folheto explicativo que vem anexado quando se compra um mapa? Tem várias informações sobre a cidade, população e lugares de interesse. Aqui tem tal trilha para caminhada, contam tal e tal lenda, existem tais flores e pássaros, coisas assim. Meu trabalho é escrever o texto para esses folhetos. É bem simples. Não leva muito tempo. Posso escrever um texto com apenas um dia de pesquisa na biblioteca de Hibiya. É só pegar o jeito e consigo a quantidade de trabalho que quiser.

— Jeito? Que jeito?

— Bom, é só introduzir no texto algo que outras pessoas não costumam escrever. Com isso, os responsáveis na editora dos mapas acham que você tem dom para o negócio. Ficam incrivelmente admirados. E continuam a mandar trabalho. Não precisa ser nada tão especial. Só diferente. Por exemplo, um vilarejo em certa região foi tragado pelas águas para a construção de uma represa, mas as aves migratórias ainda se lembram dele e é possível vê-las sobrevoando o lago à procura do vilarejo quando chega a estação. Todo mundo fica feliz quando se incluem episódios desse tipo. Não é pitoresco e comovente? Nem todas as garotas que trabalham fora se dão esse trabalho. Por isso ganho um bom dinheiro escrevendo esses textos.

— Mas é preciso habilidade para descobrir tantos episódios como esse.

— É verdade — assentiu Midori, virando ligeiramente o pescoço. — Procurando bem sempre se encontra alguma coisa, mas, quando isso não acontece, é sempre possível inventar alguma historinha inofensiva.

— Ora! — falei admirado.

— *Peace!* — exclamou Midori.

Como Midori queria ouvir sobre minha vida no alojamento, contei-lhe como de hábito sobre a bandeira e a sessão de ginástica radiofônica do Nazista. Ela também riu bastante das histórias do Nazista. Não havia ninguém no mundo que não se divertisse com as histórias dele. Midori disse ter achado tudo tão engraçado que gostaria de um dia visitar o alojamento. Eu lhe garanti que não era tão divertido assim.

— São só algumas centenas de estudantes se embebedando e tocando punheta em seus quartos sujos.

— Você também?

— Não tem quem não faça — expliquei. — Garotas ficam menstruadas, garotos tocam punheta. É regra geral. Sem exceções.

— Mesmo quem tem namorada? Quero dizer, quem transa?

— Não é esse o problema. O estudante de Keio que mora no quarto ao lado do meu sempre toca punheta antes de se encontrar com a namorada. Diz que é para relaxar.

— Não sei muito sobre esse tipo de coisa. Afinal, sempre estudei em colégios de meninas.

— E esse tipo de coisa não sai nos suplementos das revistas femininas.

— É verdade — disse Midori rindo. — Mas, mudando de assunto, você estaria livre no domingo? Tem tempo?

— Estou livre todos os domingos. Só começo a trabalhar a partir das seis da tarde.

— Que tal ir à minha casa? Na Livraria Kobayashi. A loja vai estar fechada, mas tenho que ficar em casa durante a tarde toda. Provavelmente vou receber um telefonema importante. Não quer almoçar comigo? Eu preparo alguma coisa pra você.

— Com prazer — falei.

Midori rasgou uma página do caderno e desenhou nele um mapa mostrando detalhadamente como chegar até seu endereço. Em seguida, pegando uma caneta esferográfica vermelha, marcou com um gigantesco X o local onde ficava a casa.

— Não tem como errar. Há uma placa enorme com a inscrição “Livraria Kobayashi”. Pode vir por volta do meio-dia? Estarei preparando o almoço.

Agradei e enfiei o mapa no bolso. Disse que precisava voltar à universidade para a aula de alemão que começava às duas horas. Midori disse que precisava ir a algum lugar e pegou o trem na estação Yotsuya.

Na manhã de domingo, levantei-me às nove horas, fiz a barba, lavei roupa e depois a estendi no varal do terraço. O dia estava maravilhoso. Sentiam-se os primeiros aromas do outono. As crianças da vizinhança corriam atrás de um bando de libélulas que voavam em círculos pelo jardim, tentando capturá-las com redes. Pela falta de vento, a bandeira nacional pendia flácida no mastro. Vesti uma camisa bem passada e saí, andei até a estação do bonde. O bairro estudantil, com a maioria de suas lojas fechadas, estava quase totalmente morto no domingo. Os diversos barulhos da cidade ressoavam com mais nitidez que de costume. Uma moça atravessava a rua asfaltada fazendo retinir os saltos de madeira de seus tamancos, enquanto perto da garagem dos bondes quatro ou cinco crianças haviam alinhado latas vazias e jogavam pedras tentando derrubá-las. Aproveitei para comprar alguns narcisos na florista que estava aberta. Era estranho comprar narcisos no outono, mas sempre adorei essa flor.

Nessa manhã de domingo, só havia um grupo de três senhoras no bonde. Quando subi, elas olharam insistentemente para meu rosto e para os narcisos que eu segurava. Uma delas sorriu ao me ver. Retribuí o sorriso. Sentei na última fileira e me pus a observar a série de velhas casas que desfilavam pela janela. O bonde quase roçava a aba dos telhados. Na varanda de uma das casas, uma dezena de vasos de tomate se alinhava e, junto a eles,

um grande gato negro descansava ao sol. Pude ver também crianças pequenas soprando bolhas de sabão num jardim. Ouvi uma canção de Ayumi Ishida vindo de algum lugar. Também flutuava no ar um cheiro de *curry*. O bonde insinuava-se pelas ruelas parecendo costurá-las. Mais passageiros tomaram o bonde nas paradas ao longo do caminho, enquanto as três senhoras não se cansavam de conversar apaixonadamente sobre alguma coisa, olhos nos olhos.

Desci perto da estação de Otsuka e, seguindo o mapa desenhado por Midori, caminhei por uma avenida sem maiores atrativos. Nenhuma das lojas pelo caminho parecia prosperar nos negócios. Todos os prédios eram antigos e seu interior sombrio. Em algumas placas, o nome das lojas estava quase apagado. Pela idade e estilo dos prédios, ficava claro que o bairro não havia sido atingido pelos bombardeios durante a guerra. Por isso a rua conservava seu estado original. Alguns prédios foram logicamente reconstruídos e outros expandidos ou parcialmente renovados, e todos passavam uma impressão de imundície maior que a dos prédios antigos.

Parecia que muitas pessoas haviam se mudado daquele bairro para os subúrbios, pressionadas pela quantidade de carros, poluição, barulho e aluguéis caros, restando nele apenas apartamentos baratos, prédios de escritórios, lojas cuja mudança era inviável ou ainda pessoas apegadas obstinadamente ao local onde sempre haviam morado. A fumaça do escapamento dos carros dava à paisagem um aspecto vago e levemente encardido, como se tudo estivesse envolto em névoa.

Caminhei dez minutos por essa avenida e dobrei à direita na esquina do posto de gasolina, entrando numa pequena rua comercial, na metade da qual avistei a placa da Livraria Kobayashi. Realmente não era uma loja grande, mas tampouco tão pequena como eu havia imaginado pela descrição de Midori. Uma livraria comum de um bairro comum. Muito parecida com aquela para a qual eu corria quando criança para comprar minhas revistas favoritas no dia do lançamento. De pé diante da livraria, fui assaltado por uma sensação de nostalgia.

A loja estava fechada por uma porta metálica de enrolar, tipo cortina, onde se lia “*Hebdomadário Bunshun*: toda quinta-feira nas livrarias”. Eu havia chegado 15 minutos antes do meio-dia, mas não estava disposto a fazer hora andando pela rua carregando os narcisos, de modo que apertei o botão da campainha ao lado da cortina e, dando dois ou três passos para trás, esperei a resposta. Esperei uns 15 segundos e nada. Quando me perguntava se deveria tocar de novo, ouvi o barulho de uma janela se abrindo acima de mim. Quando olhei para cima, vi Midori com a cabeça para fora, acenando.

— Levante a cortina metálica e entre — gritou ela.

— Cheguei um pouco antes da hora. Não tem problema? — perguntei, também aos berros.

— Claro que não. Suba. Agora não posso largar o que estou fazendo — disse ela, fechando ruidosamente a janela.

Subi a cortina cerca de um metro, provocando um barulho infernal, curvei-me para entrar e abaixei-a atrás de mim. O interior da loja estava um breu. Consegui chegar aos fundos depois de quase cair ajoelhado sobre pilhas de revistas para devolver amarradas por barbantes no chão. Tirei os sapatos Tateando e prossegui. A casa estava às escuras. Entrei em um cômodo parecido com uma sala de visitas simples, onde havia um jogo de sofá. O cômodo, não muito amplo, era fracamente iluminado pela luz vinda da janela, parecendo um filme antigo polonês. Via-se à esquerda um espaço aparentemente usado como depósito e a porta do banheiro. Subi cuidadosamente a escada à direita, chegando ao andar de cima. Senti certo alívio ao constatar que ele estava bem mais iluminado que o térreo.

— Por aqui — ouvi a voz de Midori saindo de algum lugar.

À direita do topo da escada, havia um cômodo parecido com uma sala de jantar, no fundo do qual ficava a cozinha. A casa em si era antiga, mas a cozinha parecia ter sido reformada recentemente, pois a pia, as torneiras e os armários reluziam de novos. Midori preparava o almoço. Ouvia-se o ruído de alguma coisa cozinhando numa panela e sentia-se cheiro de peixe frito.

— Tem cerveja na geladeira. Sente-se e tome uma — ofereceu Midori, olhando-me num relance. Peguei uma lata de cerveja, sentei-me e comecei a beber. A cerveja parecia estar dentro da geladeira havia quase um ano de tão gelada. Sobre a mesa havia um pequeno cinzeiro branco, jornal e um vidro de molho de soja. Havia também uma caneta esferográfica e um bloco onde estavam anotados números de telefone e alguns números que pareciam um cálculo de despesas.

— Mais dez minutos e vai estar pronto. Você agüenta esperar?

— Claro — respondi.

— É bom estar de barriga vazia, pois o que não falta é comida.

Enquanto bebia a cerveja em pequenos goles, eu observava Midori virada de costas para mim, concentrada no preparo do almoço. Ela se movia com agilidade e destreza, sendo capaz de cuidar de uma só vez de quatro pratos diferentes. Provava o que estava cozinhando, cortava com gestos rápidos o que havia sobre a tábua de carne, tirava alguma coisa da geladeira e punha em cima de um prato, lavava rapidamente uma panela suja. Vista de trás, sua silhueta parecia a de um percussionista indiano que, acabando de tocar um címbalo, apressa-se a batucar numa chapa de madeira e em seguida num osso de búfalo. Cada gesto seu era preciso e eficiente, criando um equilíbrio perfeito. Eu a observava repleto de admiração.

— Se precisar de ajuda é só falar — prontifiquei-me.

— Está tudo sob controle. Estou acostumada a fazer tudo sozinha. — Midori virou-se de leve na minha direção e sorriu. Vestia calças *jeans* bem justas e uma camiseta azul-marinho. Nas costas da camiseta via-se impresso o imenso logotipo da Apple Records. Vistos de trás, seus quadris eram espantosamente estreitos. Como se o processo de crescimento que os alarga houvesse sido por algum motivo interrompido. De modo que a impressão que ela passava era mais neutra do que a de uma garota comum de *jeans* apertados. A luminosidade ofuscante filtrada pela janela acima da pia delineava seus contornos de maneira vaga.

— Não precisava ter se dado tanto trabalho preparando um almoço tão suntuoso — comentei.

— Não tem nada de suntuoso — disse Midori sem se virar. — Eu ontem estava ocupada demais para fazer compras decentes e só estou aproveitando tudo o que encontrei na geladeira. Por isso, não se preocupe. Estou falando sério. Além disso, a hospitalidade é uma tradição familiar. Sabe-se lá por quê, mas minha família adora receber bem os convidados. Chega a ser uma obsessão. Não que sejamos particularmente gentis ou que as pessoas gostem especialmente de nós, mas quando temos visitas procuramos sempre tratá-las da melhor forma possível. Felizmente ou não, todos temos essa mesma personalidade. Meu pai, por exemplo, praticamente nunca bebe, mas mantém em casa inúmeras garrafas de bebidas. Sabe por quê? Para servir aos convidados. Por isso, beba sem cerimônia quanta cerveja quiser.

— Obrigado — falei.

De repente percebi que havia deixado os narcisos no térreo. Eu os havia deixado de lado ao tirar os sapatos e acabara me esquecendo deles. Tornei a descer e na escuridão peguei a dezena de flores brancas, voltando em seguida. Midori tirou do armário da cozinha um jarro fino e comprido onde enfiou as flores.

— Adoro narcisos — disse ela. — Uma vez, numa festa do segundo grau, cantei uma canção chamada “Sete narcisos”. Você conhece?

— Claro que conheço.

— Tínhamos uma banda de música popular. Eu tocava violão.

E foi cantando “Sete narcisos” que Midori pôs a comida nos pratos.

Os pratos maravilhosos preparados por Midori extrapolaram de longe minhas expectativas. Peixe à vinagrete, omelete, peixe fermentado à moda de Kyoto preparado por ela própria, beringelas cozidas, caldo de folhas da planta aquática *junsai*, arroz com cogumelos *shimeji* e, como complemento, uma boa quantidade de

nabo cortado em tiras finas salpicadas com grãos de gergelim. O tempero delicado não negava o estilo inconfundível da região de Kansai.

— Está tudo delicioso! — exclamei admirado.

— Fale a verdade, Toru. Pela minha aparência, você não acreditava que eu tivesse dotes culinários, não é mesmo?

— É — respondi com franqueza.

— Você é da região de Kansai, deve gostar do tempero delicado.

— Você se deu o trabalho só por minha causa? — perguntei.

— Claro que não! Eu não chegaria a tal ponto. Em casa o tempero é sempre esse.

— Então seu pai ou mãe são de Kansai?

— Não. Meu pai nasceu aqui em Tóquio mesmo, e minha mãe é de Fukushima. Mesmo procurando muito, você não vai encontrar nenhum parente nosso que seja de Kansai. Somos uma família de Tóquio e do norte da região de Kanto.

— Agora você me confundiu — falei. — Como então você consegue preparar tão bem pratos tão tradicionais da culinária de Kansai?

— É uma longa história — disse ela enquanto comia a omelete. — Minha mãe odiava todo tipo de serviço doméstico e raramente cozinhava. Além disso, como somos comerciantes, nos dias de muito trabalho não era raro pedir comida em domicílio ou comprar croquetes já prontos no açougue. Desde criança eu realmente detestava esse tipo de coisa. Mas não podia fazer nada. Às vezes fazíamos uma boa quantidade de *curry*, que comíamos por três dias seguidos. Eu estava no terceiro ano do primeiro grau quando resolvi eu mesma preparar boas refeições. Fui até a livraria Kinokuniya em Shinjuku e comprei um livro de receitas que me pareceu maravilhoso, e o li de cabo a rabo até ficar craque. Aprendi tudo: como escolher uma tábua de carne, amolar facões, tirar espinhas de peixe, ralar peixe seco. O autor do livro era de Kansai e por isso meus pratos são todos ao estilo dessa região.

— Quer dizer que você aprendeu a preparar tudo isso em livros? — perguntei admirado.

— Bom, eu juntei dinheiro para ir a restaurantes de comida tradicional de Kansai. Foi assim que aprendi o tempero. Tenho uma grande capacidade intuitiva. Mas, por outro lado, meu raciocínio lógico é um desastre completo.

— É sem dúvida assombroso poder preparar tantos pratos sem nunca ter sido ensinada.

— Foi difícil mesmo — disse Midori suspirando. — Principalmente quando sua família não apreciava nem se interessava pelas artes culinárias. Nunca me davam dinheiro para comprar facas ou panelas decentes. Diziam que as que tínhamos eram suficientes. Sem brincadeira. Nem em sonho eu poderia desossar um peixe usando aquelas facas vagabundas. Se tentava explicar isso a eles, a resposta invariavelmente era: “Por que você tem que desossá-lo?” Era desesperador. Eu economizava minha mesada para comprar facas de trinchar, panelas e escorredores. Acredita? Uma garota de 15 anos economizando cada centavo para comprar desde escorredores e pedras de amolar até panelas para frituras! Enquanto isso, minhas colegas da escola usavam sua boa mesada para comprar lindos vestidos e sapatos. Não dá vontade de chorar?

Sacudi afirmativamente a cabeça, enquanto tomava o caldo de *junsai*.

— No primeiro ano do segundo grau, eu queria a todo custo uma frigideira. Uma de formato longo e estreito própria para preparar este tipo de omelete. Acabei gastando o dinheiro que havia economizado para comprar um sutiã novo. Você nem imagina os problemas que isso me causou. Durante quase três meses tive que me virar com um sutiã só. Acredita? De noite eu o lavava, me matava tentando secá-lo, e pela manhã o vestia para sair. Era uma tragédia quando não secava. Não há nada de mais deprimente no mundo que usar um sutiã ainda úmido. Eu chegava a chorar. Principalmente quando pensava que tudo aquilo era por causa de uma frigideira de ovos.

— Entendo seu sofrimento — falei rindo.

— Sei que minha mãe não merece que eu diga isso, mas fiquei um pouco aliviada depois que ela morreu. Passei a cuidar do orçamento doméstico e podia comprar o que me desse na telha. Por

isso hoje tenho uma coleção completa de utensílios de cozinha. Meu pai não tem noção nenhuma do orçamento doméstico.

— Quando sua mãe morreu?

— Dois anos atrás — respondeu Midori, evasiva. — Câncer. Tumor cerebral. Ela ficou internada durante um ano e meio, sofrendo muito, até que finalmente perdeu a lucidez e só se mantinha viva graças aos medicamentos. Ela não morria e, quando isso aconteceu, foi quase uma bênção. Esse tipo de morte é o mais horrível de todos. É um sofrimento para o doente e um inferno para as pessoas em volta. Todo nosso dinheiro foi dragado pela doença dela. Ela tomava um monte de injeções e cada uma custava 20 mil ienes, sem contar os custos com a enfermeira em tempo integral. E como eu precisava ajudar a tomar conta dela, não conseguia estudar e acabei repetindo um ano. E o pior... — Midori ameaçou dizer alguma coisa, mas mudou de idéia e, largando seus pauzinhos, suspirou. — A conversa ficou muito sombria. Por que começamos a falar sobre isso afinal?

— Tudo começou com o sutiã — falei.

— E a omelete. Coma-a com vontade — disse Midori com uma expressão solene.

Quando acabei de comer minha parte, estava satisfeito. Midori não havia comido quase nada.

— Só em preparar a comida perco o apetite — explicou ela. Terminado o almoço, ela retirou os pratos, limpou a mesa, trouxe de algum lugar um maço de Marlboro, pôs um cigarro na boca e o acendeu. Segurou o jarro contendo os narcisos, admirando-os por algum tempo.

— Acho melhor como estão agora — disse Midori. — Não precisarei mudá-los para um vaso. Assim dá a impressão de que acabaram de ser colhidos das águas de um lago e foram temporariamente postos num jarro.

— Eu os colhi no lago em frente à estação Otsuka — falei.

Midori soltou uma risadinha.

— Você é mesmo estranho. Consegue dizer bobagens conservando o rosto sério.

Com o queixo apoiado nas mãos, fumou o cigarro até a metade, esfregando-o depois com força no cinzeiro para apagá-lo. A fumaça parecia ter entrado em seus olhos, pois ela os coçava com os dedos.

— Em geral garotas apagam seus cigarros com mais elegância — comentei. — Você parece uma lenhadora. Não precisa tanta força. Basta começar pelas bordas. Assim ele não fica todo amassado desse jeito. É um pouco exagerado. E em nenhuma circunstância uma garota deve soltar fumaça pelo nariz. E uma garota normalmente não conta que usou por três meses o mesmo sutiã quando está almoçando a sós com um rapaz.

— Sou mesmo grosseira como uma lenhadora — disse Midori coçando um lado do nariz. — Não consigo me transformar numa moça chique. Às vezes tento, só de brincadeira, mas não está em mim. Alguma outra coisa que você queira criticar?

— Marlboro não é um cigarro feminino.

— Que diferença faz? Afinal, cigarro é tudo a mesma droga — disse. Pegou o maço vermelho e ficou girando-o nas mãos. — Comecei a fumar no mês passado. Não que quisesse realmente fumar, foi mais por curiosidade.

— O que a fez pensar em fumar?

Midori juntou as mãos sobre a mesa e pensou por alguns instantes.

— Nenhum motivo especial. Você não fuma?

— Parei de fumar em junho passado.

— Por que parou?

— Chega uma hora que enjoa. Eu não suportava acordar de madrugada e perceber que estava sem cigarros. Por isso parei. Detesto depender de alguma coisa a esse ponto.

— Você sem dúvida pensa seriamente sobre as coisas.

— Provavelmente — falei. — Talvez por isso as pessoas não simpatizem muito comigo. Sempre foi assim.

— Isso é porque você passa a impressão de não se importar nem um pouco em não ser amado pelos outros. Talvez isso deixe algumas pessoas enlouquecidas — disse ela num sussurro, ainda segurando o queixo. — Mas eu gosto de conversar com você.

“Detesto depender de alguma coisa a esse ponto.” Seu jeito de falar é mesmo incomum, Toru.

Eu a ajudei a lavar a louça. Postei-me a seu lado e enxugava com um pano de prato a louça que ela lavava, empilhando-a em seguida sobre a bancada da pia.

— Falando nisso, onde foi parar sua família hoje? — perguntei.

— Minha mãe está no túmulo. Morreu há dois anos.

— Eu sei, você me disse isso há pouco.

— Minha irmã foi se encontrar com o noivo. Acho que eles foram passear de carro. Ele trabalha numa empresa fabricante de automóveis. Por isso é apaixonado por carros. Eu não gosto tanto assim.

Midori calou-se e continuou a lavar os pratos, enquanto eu os enxugava também em silêncio.

— Ah, e meu pai... — disse ela depois de algum tempo.

— Sim.

— Meu pai foi para o Uruguai em junho do ano passado e ainda não voltou.

— Uruguai? — perguntei surpreso. — O que ele foi fazer lá?

— Tinha planos de emigrar para o Uruguai. Pura idiotice, na minha opinião. Um amigo dos tempos do exército tem uma fazenda lá e de repente meu pai nos disse que iria para lá e se viraria. Acabou pegando um avião e foi embora. Fizemos tudo para dissuadi-lo da idéia, tentando fazê-lo ver a insensatez que seria ir para um lugar desses, sem falar a língua e praticamente sem nunca ter saído de Tóquio. Tudo em vão. Com certeza a morte da minha mãe foi um choque terrível para ele. Deve ter desaparafusado alguma coisa em sua cabeça. Ele era apaixonado pela minha mãe. De verdade.

Incapaz de retrucar, eu observava Midori boquiaberto.

— Quando minha mãe morreu, sabe o que ele disse para mim e para minha irmã? “Estou arrasado. Preferiria mil vezes ter perdido vocês no lugar de sua mãe.” Foi como um soco no

estômago, ficamos sem ação. Imagine só. Não é o tipo de coisa que se deva dizer. Eu entendo a dor, a tristeza e o sofrimento de quem perdeu sua amada companheira. Sinto muita pena dele. Mas você não acha um absurdo dizer às próprias filhas que preferia que fossem elas que tivessem morrido? Não acha um exagero da parte dele?

— Claro.

— Isso nos magoou profundamente. — Midori meneou a cabeça. — Bom, de qualquer forma, na minha família são todos meio pancadas. Somos um pouco fora do comum.

— Parecem mesmo — concordei.

— Mas você não acha maravilhoso ver duas pessoas se amarem tanto? Amar sua mulher a ponto de dizer às filhas que preferia que fossem elas que tivessem morrido!

— Pondo nesses termos, talvez.

— E então ele partiu para o Uruguai e nos deixou aqui.

Eu enxugava os pratos calado. Ao terminar, Midori os guardou cuidadosamente no guarda-louça.

— Seu pai não manda notícias? — perguntei.

— Recebemos um cartão-postal uma única vez. Foi em março deste ano. Mas não havia nada especial escrito nele. “Aqui faz muito calor”, “As frutas são mais saborosas do que eu imaginava”. Só coisas assim. Por favor! Um postal com a foto estúpida de um jumento. O velho deve ter pirado de vez. E nem uma palavra sobre ter conseguido encontrar esse amigo ou conhecido dele. No final da carta, escreveu que assim que as coisas se ajeitassem chamaria a mim e minha irmã para vivermos com ele. Depois disso, nunca mais mandou notícias. E nunca responde a nossas cartas.

— E o que você faria se seu pai a chamasse para ir morar com ele no Uruguai?

— Eu iria. Parece divertido. Minha irmã disse que não iria de jeito nenhum. Ela detesta coisas e lugares imundos.

— O Uruguai é tão sujo assim?

— Como vou saber? Pelo menos, ela acredita que seja. Diz que por lá as ruas são cheias de bosta de jumento coberta de

moscas, as descargas dos banheiros não funcionam direito e lagartos e escorpiões rastejam por toda parte. Ela deve ter visto isso em algum filme. Ela também detesta insetos. O que ela gosta mesmo é de passear num carro de luxo pela costa de Shonan.

— Hum.

— Deve ser legal no Uruguai. Eu não me importaria em ir.

— Então, quem está cuidando da livraria agora? — perguntei.

— Minha irmã, mas ela detesta. Um tio nosso que mora nas redondezas aparece todo dia para ajudar e até faz as entregas de encomendas. Quando tenho tempo, também dou uma mão, e como o trabalho numa livraria não é tão pesado, a gente vai levando. Quando não der mais, o jeito é fechar as portas e se desfazer dela.

— Você gosta do seu pai?

Midori meneou a cabeça.

— Não tanto assim — disse ela.

— Então por que iria morar com ele no Uruguai?

— Eu confio nele.

— Confia?

— Isso. Não gosto dele tanto assim, mas confio nele. Confio em alguém que com o choque da morte da esposa larga casa, filhos e trabalho para ir para o Uruguai. Entende?

Suspirei.

— Acho que estou entendendo, mas ao mesmo tempo tenho minhas dúvidas — expliquei.

Midori começou a rir e deu um tapinha nas minhas costas.

— Não se preocupe, não é tão importante assim — concluiu ela.

Na tarde desse domingo, muitas coisas aconteceram. Foi um dia estranho. Um incêndio começou bem próximo à casa de Midori e, subindo à varanda no segundo andar para observá-lo, acabamos nos beijando. Falando assim pode soar idiota, mas foi desse jeito mesmo que aconteceu.

Quando tomávamos café depois da refeição, conversando sobre a universidade, ouvimos o barulho das sirenes crescendo pouco a pouco em volume e quantidade. Muitas pessoas corriam sob as janelas, algumas gritando a plenos pulmões. Midori foi até o cômodo que dava para a rua e, depois de abrir a janela e espiar lá embaixo, pediu-me para esperar e desapareceu. Ouvi passos rápidos subindo a escada.

Bebendo sozinho o café, eu me perguntava onde ficava o Uruguai. Imaginava o Brasil aqui, a Venezuela ali, e mais adiante a Colômbia, mas não me vinha à mente de jeito nenhum a localização do Uruguai. Logo Midori desceu e me mandou subir urgentemente com ela. Eu a acompanhei até uma escada estreita e íngreme no final do corredor, que levava a uma ampla varanda. Esta era mais alta do que os telhados das casas em volta, permitindo uma vista total de toda a redondeza. Espirais de fumaça negra erguiam-se três ou quatro prédios mais adiante, sendo carregadas pelo vento em direção à avenida. Um cheiro forte de queimado enchia o ar.

— É na casa dos Sakamotos! — exclamou Midori inclinando o corpo sobre o parapeito. — O senhor Sakamoto era comerciante de materiais de construção. Ele fechou a loja e não trabalha mais no ramo.

Inclinei-me também sobre o parapeito e olhei na mesma direção. Não se via em detalhes o que estava acontecendo devido à sombra de um prédio de dois andares, mas parecia que três ou quatro carros de bombeiros continuavam no trabalho de apagar o incêndio. A rua era estreita e só comportava dois dos carros, os outros aguardavam na avenida. Como sempre acontece, uma multidão de curiosos se aglomerava ao longo da rua.

— Talvez fosse melhor você juntar seus pertences mais importantes e cair fora daqui — disse eu a Midori. — Agora o vento está soprando na direção contrária, mas não se sabe quando vai mudar e logo ali há um posto de gasolina. Vamos, eu a ajudo a empacotar as coisas.

— Não tenho nada de valioso — disse Midori.

— Alguma coisa de valor você deve ter. Caderneta bancária, carimbo pessoal, documentos. Algum dinheiro.

— Esqueça. Eu não vou fugir.

— Mesmo que o incêndio chegue até aqui?

— Mesmo assim — respondeu ela. — Não me importo de morrer.

Olhei bem dentro de seus olhos. Midori também me fitava. Não fazia a mínima idéia de até que ponto ela estava falando sério ou só brincando. Observei-a por algum tempo, mas logo constatei que nada daquilo tinha importância para ela.

— Está bem. Entendi. Vou ficar com você — falei.

— Vamos morrer juntos? — perguntou ela, com os olhos reluzentes.

— De jeito nenhum. Na hora do perigo, eu sou o primeiro a dar no pé. Se você quiser morrer, morra sozinha.

— Que frieza!

— Eu não vou morrer com você só porque você me convidou para almoçar. Se ainda fosse para jantar, poderia até pensar no caso.

— Bom, vamos ficar aqui e ver o que acontece. Enquanto isso, que tal cantarmos? Quando as coisas ficarem pretas, decidimos o que fazer.

— Cantar?

Midori trouxe do andar de baixo um par de almofadas, quatro latas de cerveja e seu violão. Bebemos cerveja contemplando a densa fumaça negra se erguendo aos céus. Midori cantou, acompanhando-se ao violão. Perguntei se os vizinhos não ficariam irritados. Afinal, beber cerveja e cantar na varanda admirando um incêndio na vizinhança não era o que se poderia chamar de um ato ajuizado.

— Pare de se preocupar. Nós nunca ligamos muito para os vizinhos — disse Midori.

Ela me brindou com canções populares de seu antigo repertório. Embora nem mesmo a título de elogio se pudesse dizer que tivesse dom para cantar ou tocar violão, Midori parecia estar se divertindo. Interpretou em seqüência “Lemon Tree”, “Puff, the Magic Dragon”, “Five Hundred Miles”, “Where Have All the Flowers Gone?” e “Michael, Row the Boat Ashore”. De início, Midori tentou me

ensinar o acompanhamento em tom baixo, e cantamos juntos, mas como eu cantava terrivelmente mal ela logo desistiu, prosseguindo sozinha até se sentir satisfeita. Eu bebia cerveja e, escutando-a cantar, observava atentamente a situação do incêndio. A fumaça se adensava repentinamente, voltando a se acalmar logo depois, num movimento que se repetia inúmeras vezes. As pessoas gritavam e davam ordens. O helicóptero de uma agência de notícias apareceu causando um barulho infernal, tirou fotos e foi embora. “Tomara que não apareçamos nas fotos”, pensei. Usando alto-falantes, os policiais pediam aos curiosos que recuassem. Uma criança chorava, gritando por sua mãe. Ouviu-se o som de vidros se partindo em algum lugar. Por fim, o vento começou imprevisivelmente a soprar em nossa direção, espalhando esparsamente à nossa volta flocos de cinza esbranquiçados. Mesmo assim, Midori continuava interpretando alegremente as canções, espaçando-as com goles de cerveja. Ao terminar de cantar todas as canções conhecidas, começou a entoar uma estranha música de sua autoria.

*Adoraria cozinhar um guisado para você
Mas não tenho panela.
Adoraria tricotar um cachecol
Mas não tenho lã.
Adoraria escrever poesias
Mas não tenho caneta.*

— O título da canção é “Não tenho nada” — disse Midori. Tanto a letra quanto a música eram sofríveis.

Ao mesmo tempo em que ouvia essa música sem pé nem cabeça, eu imaginava que, se as faíscas atingissem o posto de gasolina, a casa onde estávamos voaria pelos ares. Cansada de cantar, Midori pôs o violão de lado e encostou-se a meu ombro como um gato se espreguiçando ao sol.

— O que achou da minha música? — perguntou ela.

— Singular, original, expressa bem a sua personalidade — respondi com todo o tato possível.

— Obrigada — agradeceu ela. — O tema é não ter nada.

— Acho que consegui entender isso.

— Sabe, quando a minha mãe morreu... — Midori virou-se para mim.

— O que houve?

— Não fiquei nem um pouco triste.

— É mesmo?

— E também não senti tristeza quando papai partiu.

— Verdade?

— Sério. Não acha horrível? Não me acha insensível?

— Tenho certeza de que foi por causa das circunstâncias.

— Sim, aconteceu muita coisa — disse Midori. — Aqui em casa era tudo muito complicado. Mas eu sempre pensei que seria natural ficar triste quando o pai da gente parte ou a mãe morre. Comigo as coisas não aconteceram desse jeito. Eu não senti nada. Nem tristeza, nem solidão, nem dor, e praticamente não penso neles. Às vezes eles aparecem nos meus sonhos, só isso. De dentro da escuridão, minha mãe me encara e me acusa, dizendo: “Confesse que está contente por eu ter morrido.” Não estou particularmente alegre com a morte dela. Só não estou tão triste assim. Para ser sincera, não chorei uma lágrima sequer. Ao contrário, quando eu era pequena chorei a noite toda porque meu gato morreu.

Eu me perguntava a razão de tanta fumaça. Era impossível enxergar o fogo e o incêndio não parecia ter se alastrado. Só a fumaça subia aos céus sem cessar. Eu pensava no que poderia estar queimando por tanto tempo.

— Mas a culpa não é só minha. Admito que não sou um poço de sensibilidade. Mas se eles, quer dizer, se meu pai e minha mãe me amassem um pouco mais, provavelmente minha maneira de sentir seria bem diferente. Eu certamente teria ficado bem mais triste.

— Você acha que não foi amada?

Ela inclinou o pescoço e olhou para mim. E sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Seria um meio-termo entre “insuficiente” e “nulo”. Sempre fui ávida por afeto. Queria receber amor até me saciar, mesmo que

fosse por uma única vez. Mas eles nunca me ofereceram seu amor. Se eu fazia ares de criança mimada pedindo alguma coisa, eles invariavelmente reclamavam alegando não ter dinheiro. Por isso, prometi a mim mesma fazer o possível e o impossível para encontrar alguém que me amasse integralmente todos os dias do ano. Tomei essa resolução quando ainda estava no primário.

— Fantástico! — exclamei admirado. — E conseguiu?

— Aí entra a parte difícil da história — disse Midori, e por alguns instantes permaneceu pensativa admirando a fumaça. — Provavelmente por ter esperado demais, eu sempre exijo perfeição. Por isso é complicado.

— O amor perfeito?

— Não. Nem eu espero tanto. O que desejo é um capricho. Só um capricho. Por exemplo, eu digo agora que estou com vontade de comer torta de morango com *chantilly*. Então, você larga tudo o que está fazendo e vai correndo comprar. E volta arfando e me entrega dizendo: “Aqui está, Midori. Sua torta de morango com *chantilly*.” E eu, jogando a torta pela janela, digo: “Ah, já perdi a vontade.” É isso que eu procuro.

— Isso não me parece ter nenhuma relação com amor — opinei, um pouco espantado.

— Aí é que você se engana. Não sabia? — disse ela. — Há épocas em que esse tipo de coisa é de suma importância para uma garota.

— Atirar tortas de morango com *chantilly* pela janela?

— Exatamente. E eu quero que o rapaz me diga: “Tudo bem, Midori. O errado fui eu. Eu deveria ter pressentido que você perderia a vontade de comer torta de morango com *chantilly*. Sou tão idiota e insensível quanto bosta de jumento. Para me redimir, vou comprar qualquer outra coisa que você queira. O que você deseja? Uma musse de chocolate, ou quem sabe uma torta de queijo?”

— E aí?

— Aí eu o amaria perdidamente pelo que ele fez.

— Acho essa história completamente sem pé nem cabeça.

— Pois, para mim, isso é amor. Embora ninguém seja capaz de compreender — Midori sacudiu levemente a cabeça contra o

meu ombro. — Para certo tipo de pessoas, o amor começa em coisas minúsculas ou insignificantes. Só pode começar assim.

— É a primeira vez que conheço uma garota que pensa desse jeito.

— Sabe que muita gente me diz a mesma coisa? — disse ela, cutucando as cutículas. — Mas eu só consigo pensar as coisas seriamente. Só estou sendo sincera. Nunca me passou pela cabeça que pudesse haver diferenças entre a minha maneira de pensar e a dos outros, e nem eu desejo isso. Mas quando sou sincera todos acham que é brincadeira ou encenação. Por isso as coisas às vezes ficam complicadas.

— É nessas horas que você deseja morrer num incêndio?

— Não, claro que não. Foi só uma questão de curiosidade.

— Morrer num incêndio?

— Não. Eu só queria ver a sua reação — disse Midori. — Mas não tenho medo de morrer. Mesmo. A fumaça nos envolve, perdemos os sentidos e morremos, e pronto. Num piscar de olhos. Isso não me apavora. Principalmente comparado com o modo como minha mãe e outros parentes meus morreram. Sabia que em nossa família todos morrem de doenças graves, agonizando desesperadamente até o fim? Deve ser coisa de sangue. Leva muito tempo até morrerem. No final, não se sabe dizer se ainda estão vivos ou mortos. Só resta a consciência da dor e do sofrimento.

Midori levou um Marlboro à boca e o acendeu.

— Sabe, o que me mete medo é esse tipo de morte. A sombra da morte invade o território da vida devagar, bem devagar, e quando menos se espera tudo escurece, não se enxerga mais nada, e cai-se prostrado numa condição tal que as pessoas o consideram mais morto do que vivo. Eu odeio isso. Não poderia suportar isso.

Mais meia hora e o incêndio foi controlado. O fogo parecia praticamente não ter se alastrado e não houvera feridos. Os carros de bombeiros voltaram ao quartel e só um ficou no local. As pessoas se dispersaram conversando animadamente. Com as luzes giratórias acesas, uma viatura policial continuava na rua controlando

o tráfego. Um casal de corvos apareceu não se sabe de onde e, empoleirado no alto de um poste, observava a movimentação na rua lá embaixo.

Midori parecia exausta quando o incêndio finalmente se extinguiu. Relaxando o corpo, olhava vagamente o céu. Ela mal falava.

— Está cansada? — perguntei.

— Não é isso — respondeu ela. — Fazia muito tempo que eu não relaxava. Estava distraída.

Olhei-a e ela retribuiu o olhar. Pus os braços em volta de seu corpo e a beijei. Seus ombros se moveram quase imperceptivelmente, mas ela logo relaxou, cerrando os olhos. Por cinco ou seis segundos, nossos lábios permaneceram levemente unidos. A sombra de seus cílios, impressa em seu rosto pelo sol de início de outono, parecia tremer ligeiramente.

Foi um beijo carinhoso e doce, daqueles que não conduzem a lugar algum. Se não estivéssemos observando o incêndio sentados na varanda e bebendo cerveja nessa tarde de sol, provavelmente eu não a teria beijado, e acho que Midori também sentia isso. Continuamos por um bom tempo observando da varanda os telhados iluminados das casas, a fumaça, as libélulas e coisas assim, envolvidos por um sentimento terno e íntimo, e talvez desejássemos inconscientemente preservar de alguma forma esse momento. Nosso beijo foi desse tipo. Porém, como acontece com todos os beijos, não era isento de certo perigo.

Midori foi a primeira a falar. Segurou de leve a minha mão. Parecendo ter dificuldade em se expressar, confessou-me que estava saindo com uma pessoa. Eu lhe disse que já pressentia isso.

— Você gosta de alguma garota? — perguntou ela.

— Gosto.

— Mas está sempre livre aos domingos?

— É bem complicado — falei.

Compreendi então que a magia efêmera daquela tarde de começo de outono havia se evaporado.

Às cinco horas, saí da casa de Midori para ir trabalhar. Convidei-a para sairmos juntos e comermos algo leve, mas ela recusou alegando ter de ficar em casa para o caso de haver algum telefonema.

— É horrível precisar ficar presa em casa o dia inteiro aguardando telefonemas. Quando estou sozinha, sinto como se meu corpo apodrecesse pouco a pouco. Ele vai se decompondo e derretendo gradualmente até restar só um líquido verde espesso que é logo absorvido pelas profundezas da terra. Depois só resta a roupa. É assim que eu me sinto quando passo o dia inteiro esperando.

— Na próxima vez que precisar ficar à espera de um telefonema, eu lhe farei companhia. Desde que o almoço esteja incluído — falei.

— Tudo bem. Vou providenciar outro incêndio para a sobremesa.

No dia seguinte, Midori não apareceu na aula de História da Arte Dramática II. Terminada a aula, fui ao refeitório estudantil e comi sozinho o almoço frio e insípido. Depois sentei-me ao sol observando a paisagem à minha volta. Bem perto de mim, duas estudantes mantinham uma longa conversa. Uma delas apertava contra o peito uma raquete de tênis como se abraçasse cuidadosamente um bebê, enquanto a outra carregava alguns livros e um LP de Leonard Bernstein. Eram bonitas e pareciam se divertir muito com a conversa. Do prédio do grêmio estudantil ouvia-se alguém treinando escalas em tom grave. Aqui e ali grupos de quatro ou cinco alunos expressavam abertamente sua opinião, riam e berravam uns com os outros. Alguns andavam de *skate* no estacionamento. Um professor carregando uma maleta de couro atravessava o local, procurando evitar ser atingido. No pátio, uma moça de capacete estava agachada no chão escrevendo cartazes contra a invasão asiática pelo imperialismo americano. Era a paisagem costumeira do horário de almoço na universidade. Porém, ao prestar atenção a essas cenas como há tempos não fazia, acabei

subitamente percebendo uma coisa. Todos aparentavam estar felizes, cada um a seu modo. Eu não saberia dizer se estariam realmente felizes ou se era só aparência. De qualquer forma, porém, naquele agradável início de tarde de final de setembro, todos pareciam alegres e isso me provocou uma solidão fora do comum. Senti como se eu fosse o único a destoar dessa paisagem.

Pensando bem, eu me perguntava a que paisagem eu havia pertencido todos aqueles anos. A última cena de intimidade que me vinha à memória era a do salão de bilhar perto do porto, onde eu e Kizuki jogamos juntos. Na mesma noite Kizuki morreu, e depois disso um ar frio e severo havia se instalado entre mim e o resto do mundo. Refleti sobre o que a existência de Kizuki havia representado para mim. Mas não encontrei resposta. O que eu compreendia é que a morte de Kizuki só tinha servido para aparentemente destruir para sempre e por completo parte do que se poderia chamar de minha adolescência. Pude entender e sentir isso com clareza. Mas o que isso queria dizer ou as conseqüências que poderiam advir de sua morte estavam além da minha compreensão.

Para matar o tempo, fiquei um longo período ali sentado, observando a paisagem e o ir-e-vir das pessoas. Pensei que talvez pudesse encontrar Midori, mas ela não apareceu. Terminado o intervalo do almoço, fui à biblioteca e preparei-me para a aula de alemão.

Na tarde de sábado dessa semana, Nagasawa foi ao meu quarto me convidar para sairmos à noite, dizendo que conseguiria para mim uma permissão para dormir fora. Aceitei seu convite. Aquela semana havia sido tão conturbada na minha cabeça que eu estava a fim de ir para a cama com qualquer pessoa.

À tardinha tomei banho, fiz a barba e vesti uma jaqueta de algodão por cima da camisa pólo. Nagasawa e eu jantamos no refeitório e em seguida pegamos um ônibus para Shinjuku. Descemos do ônibus em meio ao burburinho, vagamos pelos arredores, entramos em um de nossos bares habituais e esperamos por garotas que nos agradassem. Uma das características desse

bar era ser freqüentado por muitas garotas em duplas, mas nessa noite nenhuma delas parecia querer se aproximar de nós. Ficamos ali por quase duas horas, tomando uísque com tônica em pequenos goles, para não ficarmos bêbados. Duas garotas simpáticas sentadas no balcão pediram *gimlet* e *margarita*. Nagasawa imediatamente as abordou puxando conversa, mas elas estavam esperando seus namorados. Mesmo assim, nós quatro conversamos alegremente até seus parceiros chegarem e as duas irem se juntar a eles.

Nagasawa sugeriu mudarmos de bar e me levou para outro. Era um pequeno estabelecimento situado numa espécie de beco, onde a maioria dos clientes já estava bêbada e barulhenta. Fomos nos juntar a um grupo de três garotas sentadas a uma mesa ao fundo com quem jogamos conversa fora. O clima não estava ruim. Todos estávamos de ótimo humor. Mas quando as convidamos para ir beber em outro lugar elas recusaram alegando já ser quase hora do toque de recolher. As três moravam no alojamento de alguma universidade de moças. Que dia azarado! Mudamos novamente de bar, mas de nada adiantou. Não sei por que cargas-d'água as garotas não se mostravam muito dispostas a se aproximar de nós.

Às 23h30, Nagasawa admitiu a derrota.

— Fico sem graça quando penso que o arrastei comigo e no final não deu em nada — lamentou ele.

— Não se preocupe. Foi um prazer constatar que nem sempre o dia é do caçador — falei.

— Essas coisas acontecem comigo no máximo uma vez por ano — declarou ele.

Para ser sincero, àquela altura eu já havia perdido todo o tesão. Depois de três horas perambulando por bares de Shinjuku, numa noite barulhenta de sábado, a observar a incompreensível energia criada pela mistura de libido e álcool, comecei a considerar meu desejo carnal trivial e insignificante.

— O que vamos fazer agora, Watanabe? — perguntou Nagasawa.

— Estou pensando em pegar um filme num desses cinemas que tem sessões madrugada adentro. Não assisto a nada há

séculos.

— Bom, eu vou dar um pulo na casa de Hatsumi. Você não fica chateado?

— Claro que não — respondi com um sorriso.

— Se quiser, posso lhe apresentar alguma garota para você passar a noite. Que tal?

— Não, hoje prefiro ir ao cinema.

— Desculpe mesmo. Assim que puder eu o compenso por esta noite — disse ele, desaparecendo na multidão.

Fui a uma lanchonete e, depois de traçar um *cheeseburger* com um bom café quente para me recuperar da bebedeira, fui assistir a *A primeira noite de um homem* num antigo cinema ali perto. Não achei lá essas coisas, mas, por falta de opções, acabei ficando para a outra sessão. Às quatro da manhã, saí do cinema e, imerso em pensamentos, vaguei sem rumo certo pelas ruas gélidas de Shinjuku.

Quando cansei de andar, decidi entrar num café e esperar pelo primeiro trem do dia tomando café e lendo um livro. Não demorou muito para o local se entulhar de gente que, como eu, também esperava o primeiro trem. Uma garçonete aproximou-se de onde eu estava sentado e, desculpando-se, perguntou se eu me importaria em dividir minha mesa com outras pessoas. Respondi que não haveria problema. Concentrado na leitura, para mim era indiferente ter ou não alguém sentado na minha frente.

Duas garotas vieram sentar-se à minha mesa. Deviam ter a mesma idade que eu. Não eram beldades, tampouco eram de se jogar fora. Estavam maquiadas e vestidas com reserva, o que mostrava não serem do tipo que costuma rodar às cinco da manhã pelo bairro boêmio. Alguma coisa devia ter acontecido e elas perderam o último trem por qualquer motivo. Pareciam aliviadas em me ter como companheiro de mesa. Afinal, eu estava bem-arrumado, havia feito a barba na noite anterior e, além disso, lia avidamente *A montanha mágica*, de Thomas Mann.

Uma das moças era grandona, vestia um casaco curto com capuz cinza e calças *jeans* brancas, carregava uma bolsa de couro sintético e exibia nas orelhas brincos imensos no formato de

conchas. A outra, baixinha, usava óculos, vestia um cardigã azul sobre a blusa quadriculada e exibia no dedo um anel com uma pedra azul-turquesa. Tinha o hábito de tirar ocasionalmente os óculos e pressionar os olhos com as pontas dos dedos.

Ambas pediram *café au lait* e torta, que demoraram um bom tempo para consumir enquanto pareciam discutir em voz baixa. A grandona inclinou várias vezes a cabeça, enquanto sua companheira balançava a sua em sinal negativo. O som alto das canções de Marvin Gaye ou dos Bee Gees não me deixava ouvir o que elas conversavam, mas a baixinha parecia desnorтеada ou irritada, e a outra tentava consolá-la. Alternadamente, eu lia meu livro e as observava.

Com a bolsa a tiracolo, a baixinha foi ao toalete. Enquanto isso, a outra virou-se para mim soltando um “com licença”. Abaixei o livro para olhá-la.

— Você conhece algum lugar das redondezas onde ainda estejam servindo bebidas alcoólicas? — perguntou ela.

— Depois das cinco da manhã? — retruquei perplexo.

— É.

— São 5h20, você reparou? Nessa hora, as pessoas em geral estão voltando para casa para dormir e tentar curar a ressaca.

— Eu sei — disse ela, parecendo bastante envergonhada. — Mas minha amiga está me pedindo para irmos beber a qualquer custo. É meio importante...

— Provavelmente o jeito é voltar para casa e beber lá.

— Mas eu preciso pegar o trem de 7h30 para Nagano.

— Então a solução é comprar alguma coisa numa máquina automática e se sentar em algum canto para beber.

— Se não for pedir demais, você poderia nos acompanhar? Não fica bem para duas garotas fazerem isso sozinhas — disse ela.

Eu já havia passado por várias experiências estranhas em Shinjuku, mas aquela era a primeira vez em que era convidado por duas desconhecidas para ir beber às 5h20. Seria complicado inventar uma desculpa para recusar e, como estava mesmo sem fazer nada, fui até a máquina automática mais próxima, comprei várias garrafas de saquê e alguns tira-gostos e fomos os três para

um lugar vazio no lado oeste da estação Shinjuku, onde improvisamos um pequeno banquete.

Elas me contaram que trabalhavam juntas numa agência de turismo. Era o primeiro emprego das duas, já que haviam acabado de se formar naquele ano no curso básico da universidade. Pareciam se dar bem. A baixinha havia descoberto recentemente que o namorado de um ano a havia traído com outra, e essa era a razão de estar tão deprimida. Em linhas gerais, era isso. Em vez de voltar para a casa dos pais em Nagano, onde seu irmão iria se casar, a grandona havia resolvido acompanhar a amiga varando a noite anterior em Shinjuku para pegar o primeiro trem expresso no domingo pela manhã.

— Como você descobriu que ele estava dormindo com outra? — perguntei à baixinha.

A garota tomava seu saquê em goles homeopáticos, enquanto arrancava as ervas daninhas a seus pés.

— Quando abri a porta do quarto dele, estavam trepando bem na minha frente. Não houve margem para dúvidas.

— Quando foi isso?

— Anteontem à noite.

— Hum. Então eles deixaram a porta aberta? — perguntei.

— Exatamente.

— Por que será que não trancaram a porta?

— Não faço idéia. Como diabos poderia saber?

— Você não acha que foi um verdadeiro choque? Que foi monstruoso? Como ficam os sentimentos dela nessa história? — perguntou a grandona, que parecia ser uma garota de boa índole.

— É difícil dizer, mas seria bom que os dois sentassem e conversassem com calma. Depois disso, é uma questão de você decidir se deve perdoá-lo ou não — opinei.

— Ninguém pode entender o que estou sentindo agora — disse a baixinha parecendo cuspir as palavras, continuando a arrancar as ervas daninhas uma por uma.

Um bando de corvos vindo do oeste sobrevoou a loja de departamentos Odakyu. O dia havia amanhecido completamente. Conversamos ainda sobre vários assuntos até chegar a hora de a

grandona pegar o trem. Demos o resto do saquê para um vagabundo no subsolo da saída oeste e compramos passes de acompanhante para nos despedirmos dela na plataforma da estação. Quando o trem que ela havia tomado desapareceu de nosso campo de visão, sem precisar dizer nada, fomos, eu e a baixinha, para um hotel. Nem ela nem eu estávamos particularmente com vontade de transar, mas, se não o fizéssemos, deixaríamos alguma coisa inacabada entre nós.

Ao entrar no quarto do hotel, fui o primeiro a me despir e ir tomar banho, mergulhando na banheira e tomando cerveja como um desesperado. Ela veio em seguida e nos estendemos lado a lado na banheira, bebendo cerveja calados. Por mais que bebêssemos, não ficávamos nem bêbados nem com sono. Sua pele era imaculada e aveludada. Elogiei o lindo formato de suas pernas, e ela me agradeceu secamente.

Porém, na cama, ela se transformou da água para o vinho. Reagia sensivelmente a minhas mais leves carícias, contorcendo-se e gemendo. Quando a penetrei, cravou as unhas brutalmente em minhas costas e, ao aproximar-se do orgasmo, gritou 16 vezes o nome de outro homem. Eu me concentrei em contar seus gritos, tentando retardar a ejaculação. Logo em seguida, pegamos no sono.

Ao acordar, às 12h30, ela havia partido. Não deixara nenhum bilhete. Como eu havia bebido num horário esquisito, sentia um lado da cabeça estranhamente pesado. Tomei uma ducha para espantar o sono, fiz a barba e, ainda despido, sentei-me numa cadeira e bebi uma garrafa de suco do frigobar. Comecei então a relembrar um por um todos os acontecimentos da noite anterior na ordem de ocorrência. Não restava dúvidas de que eu havia me envolvido neles de verdade, embora cada um parecesse estranhamente distante e irreal, como se entre eles houvesse duas ou três placas de vidro. Os copos que havíamos usado para beber cerveja ainda estavam sobre a mesa e na pia do banheiro havia uma escova de dentes usada.

Comi alguma coisa leve em Shinjuku, entrando em seguida na cabine telefônica para ligar para Midori Kobayashi. Imaginei que

também naquele dia ela estaria sozinha em casa, esperando por um telefonema. O telefone tocou 15 vezes, mas ninguém atendeu. Vinte minutos depois tornei a ligar, mas o resultado foi o mesmo. Peguei o ônibus de volta para o alojamento. Na caixa de correspondências da entrada havia uma carta expressa endereçada a mim. Era de Naoko.

“Obrigada pela sua carta”, escrevia Naoko. “Meus pais logo a mandaram para cá. Receber cartas suas não é nenhum transtorno e, na verdade, fico muito contente. Estava mesmo pensando em lhe escrever.”

Interrompi a leitura nesse ponto, abri a janela do quarto, tirei o casaco e sentei-me na cama. Ouvia-se o arrulho dos pombos num pombal da vizinhança. O vento balançava a cortina. Com a carta de sete páginas de Naoko nas mãos, entreguei-me a uma série de pensamentos incoerentes. Eu só havia lido algumas linhas iniciais, mas isso bastou para que o mundo real à minha volta começasse a perder a coloração. Fechei os olhos e, por muito tempo, tentei pôr em ordem minhas emoções. Depois de inspirar profundamente, continuei a leitura. Naoko prosseguia escrevendo o seguinte:

Já se passaram quatro meses desde que cheguei aqui. Durante todo esse tempo, pensei muito em você. Quanto mais pensava, mais me dava conta de ter sido injusta com você. Acho que deveria tê-lo tratado com justiça, pois essa seria a atitude certa para uma pessoa íntegra.

Esse modo de pensar pode não parecer o mais normal. Para início de conversa, garotas da minha idade nunca usam a palavra “justiça”. Garotas comuns são basicamente indiferentes quanto ao fato de as coisas serem ou não justas. Garotas comuns normalmente se preocupam muito mais em saber o que é bonito e como podem ser felizes do que com a questão de alguma coisa ser justa. “Justiça” é, sem dúvida, uma palavra de uso exclusivo masculino. Mesmo assim, sinto que ela define bem quem eu sou neste exato momento. Para mim, saber o que é belo e como posso ser feliz são temas difíceis e intrincados, e acabo apegando-me a outros

critérios, como por exemplo a justiça, a franqueza ou a universalidade.

Mas de qualquer forma acho que fui injusta com você. Com isso, eu o acabei pressionando e provavelmente devo tê-lo magoado. Mas eu também estava andando em círculos e acabei magoando a mim mesma. Não digo isso como desculpa nem autodefesa, mas porque é verdade. Se deixei alguma ferida aberta dentro de você, saiba que essa ferida não é exclusivamente sua, mas minha também. Por isso, não sinto ódio por mim. Sou um ser humano imperfeito. Muito mais do que você imagina. Justamente por isso não quero que você me odeie. Se você me odiar, eu me despedaço. Ao contrário de você, não consigo entrar na minha couraça para nela me refugiar. Na verdade eu não conheço você muito bem, mas essa é a impressão que você me passa. Por isso, às vezes sinto uma enorme inveja de você e talvez seja essa a razão de tê-lo pressionado mais do que o necessário.

Provavelmente essa é uma visão ultra-analítica das coisas. Concorda comigo? O tratamento a que estou me submetendo aqui certamente não é ultra-analítico. Mas na condição em que estou, depois de vários meses de tratamento, mesmo não querendo acabo analisando as coisas. “Se alguma coisa se transformou em tal outra, é por causa disso”, ou “alguma coisa tem tal significado”, ou “isso causou aquilo”. Não sei se esse tipo de análise pretende simplificar o mundo ou pulverizá-lo.

Mas, de qualquer forma, eu mesma sinto que me recuperei bastante comparado com minha condição algum tempo atrás, e as pessoas à minha volta reconhecem isso. Há muito eu não escrevia uma carta com tanta tranquilidade. Foi preciso um esforço sobre-humano para escrever a carta que lhe enviei em julho (para ser sincera, não me lembro de nada do que escrevi nela. Não teria sido uma carta monstruosa?), mas desta

vez estou escrevendo com muita calma. Ar puro, um mundo tranqüilo isolado do exterior, uma vida regrada, exercícios físicos diários: ao que parece, eu precisava desse tipo de coisa. É ótimo poder escrever cartas para as pessoas. É maravilhoso poder sentar-me à escrivaninha com a caneta em punho para redigir frases como estas, movida pelo desejo de transmitir meus pensamentos a alguém. É claro que ao colocá-los em palavras só consigo expressar uma pequena parte do muito que tenho para dizer, mas isso não me incomoda. Fico feliz por sentir o desejo de escrever para alguém. Por isso estou escrevendo para você neste momento. São sete e meia da noite, acabei de jantar e de tomar banho. Tudo está silencioso ao meu redor e está escuro lá fora. Não se vê nenhum raio de luz. Aqui sempre é possível ver as estrelas no céu nitidamente, mas hoje elas estão encobertas pelas nuvens. As pessoas daqui conhecem bem as estrelas e me ensinam a localização da constelação de Virgem ou Sagitário. Provavelmente acabaram se interessando pelas estrelas querendo ou não, pois não há mais nada para fazer por aqui ao cair da noite. E, pelo mesmo motivo, também conhecem bastante sobre pássaros, flores e insetos. Eu gosto de conversar com elas e sentir o quanto sou ignorante sobre um monte de coisas.

Somos ao todo setenta residentes. Além disso, há vinte funcionários, entre médicos, enfermeiras, pessoal administrativo etc. Não é um número elevado, considerando que o lugar é bem amplo. Pelo contrário, a expressão “lugar vazio” seria a mais adequada para descrevê-lo. É imenso, rodeado de natureza, e as pessoas vivem tranqüilamente. É tão calmo que às vezes chego a pensar se não seria este o mundo normal e verdadeiro. É claro que não é. Ele acaba sendo assim porque estamos morando aqui sob determinadas condições.

Estou jogando tênis e basquete. O time de basquete é formado por pacientes — uma palavra que eu particularmente detesto, mas fazer o quê? — e funcionários. Mas quando estou concentrada no jogo perco aos poucos a noção de quem é paciente e quem é funcionário. É uma coisa um pouco estranha. Talvez isso soe esquisito, mas quando olho à minha volta durante uma partida, todos me parecem igualmente deformados.

Um dia, quando comentei isso com o médico responsável por meu caso, ele me deu razão em me sentir assim. Explicou-me que não estamos aqui para corrigir essa deformidade, mas para aprendermos a conviver com ela. Um de nossos problemas reside em não sermos capazes de reconhecê-la e aceitá-la. Disse-me que, assim como cada pessoa tem um jeito de andar diferente, também existem sensações, pensamentos e visões de mundo distintas, impossíveis de serem corrigidas rapidamente mesmo quando se quer, e, se tentamos corrigi-las à força, outras coisas acabam se degradingolando. É claro que essa é uma explicação simplista, que isso é só uma parte do problema que enfrentamos, mas mesmo assim acho que sou capaz de entender até certo ponto o que ele quis dizer. Talvez realmente não sejamos capazes de nos adaptar completamente à nossa deformidade. Por isso não conseguimos situar em nosso íntimo a dor e o sofrimento reais causados por ela, e é para nos afastarmos dela que viemos para cá. Enquanto estivermos aqui não ferimos ninguém nem ninguém nos fere. Isso porque sabemos que somos todos “deformados”. Essa é a grande diferença em relação ao mundo exterior. Muitas pessoas lá fora vivem na ignorância de suas deformidades. Mas aqui, neste nosso microcosmo, as deformidades por si só são uma precondição. Assim como os índios pregam penas na cabeça para indicar sua tribo, nós exibimos as

nossas deformidades. E vivemos discretamente para que ninguém se machuque.

Além dos esportes, cuidamos de uma horta. Tomates, beringelas, pepinos, melancias, morangos, cebolinha, repolho, nabo e muitas outras coisas. Plantamos um pouco de tudo. Usamos também uma estufa. Os residentes conhecem a fundo o cultivo de vegetais e se dedicam com afinco a essa atividade. Lêem livros, convidam especialistas, e de manhã até a noite suas conversas só giram em torno do melhor fertilizante ou tipo de terra. Também comecei a apreciar o cultivo de vegetais. É maravilhoso ver as plantas crescerem pouco a pouco todos os dias. Você já plantou melancias? Elas incham como se fossem pequenos animais.

Comemos diariamente verduras e frutas colhidas em nossa horta. É claro que comemos também carne e peixe, mas, morando aqui, sentimos cada vez menos vontade de comer essas coisas, porque as verduras são frescas e deliciosas. Algumas vezes saímos para catar plantas selvagens e cogumelos. Nesse caso também temos especialistas — para dizer a verdade, aqui está cheio de especialistas — que nos ensinam a distinguir os comestíveis dos não-comestíveis. Graças a isso, engordei 3 quilos desde que vim para cá. Acho que estou com o peso ideal. Devo isso aos exercícios e a uma alimentação regrada e correta.

Quando não estamos cuidando da horta, passamos o tempo lendo, ouvindo discos ou tricotando. Não temos rádio nem televisão, mas, em compensação, temos uma biblioteca decente, com livros e discos. Na seção de discos há desde uma coleção completa das sinfonias de Mahler até os Beatles. Costumo sempre pegar discos emprestados para ouvir no quarto.

O problema com este lugar é que, uma vez morando aqui, não se tem mais vontade — ou então se tem medo

— de pôr os pés para fora. Enquanto estamos aqui dentro, podemos nos sentir vivendo em paz e tranqüilidade. Somos capazes de enfrentar naturalmente nossas deformidades. Sentimo-nos recuperados. Mas não temos certeza se o mundo exterior nos aceitaria da mesma forma.

O médico responsável pelo meu caso comentou que chegou a hora de eu começar a manter contato com pessoas de fora. Por “pessoas de fora” entenda-se, em última instância, pessoas normais do mundo normal. Quando ele me disse isso, o único rosto que me veio à lembrança foi o seu. Falando sinceramente, não sinto muita vontade de me encontrar com meus pais. Eles estão preocupados demais comigo e vê-los e conversar com eles só me deixa de mau humor. Além disso, há várias coisas que preciso explicar a você. Não sei se conseguirei explicá-las muito bem, mas elas são importantes, do tipo que não posso continuar evitando.

Mas não é porque eu disse tudo isso que você deve me considerar um fardo na sua vida. Longe de mim querer me tornar um fardo para alguém. Estou só lhe transmitindo com sinceridade o quanto me alegro ao sentir o carinho que você demonstra por mim. Neste momento eu provavelmente preciso muito desse carinho. Peço desculpas se qualquer coisa que escrevi possa tê-lo aborrecido. Perdoe-me. Como escrevi antes, sou uma pessoa muito mais imperfeita do que você imagina.

Algumas vezes fico imaginando o que teria acontecido se tivéssemos nos conhecido numa situação totalmente normal e simpatizado um com o outro. O que aconteceria se eu fosse normal, se você fosse normal (desde o início você é) e se Kizuki não tivesse existido? Mas esse “se” é avassalador. Pelo menos estou me esforçando para ser justa e sincera. No momento, não posso fazer mais nada. Espero estar lhe transmitindo assim um pouco do que sinto.

Ao contrário dos hospitais tradicionais, aqui as visitas são a princípio livres. Podemos nos encontrar sempre que você desejar, contanto que você marque por telefone até a véspera. Podemos almoçar juntos e há instalações para o caso de você querer passar a noite. Venha me ver quando puder. Espero ansiosa o dia de nosso reencontro. Junto a esta, mando um mapa. Perdoe-me pela carta tão longa.

Chegando ao final da carta, tornei a lê-la do início ao fim. Então desci, comprei uma Coca-Cola e, enquanto a bebia, li-a mais uma vez. Por fim, devolvi as sete páginas de papel de carta para dentro do envelope, pondo-o sobre a escrivadinha. No envelope rosa, constavam meu nome e endereço em caligrafia miúda e nítida, um pouco precisa demais para uma garota. Sentei-me em frente à escrivadinha, contemplando por algum tempo esse envelope. No endereço no verso lia-se “Pensionato Ami”. Que nome estranho. Durante uns cinco minutos, refleti sobre esse nome e concluí que ele deveria se referir à palavra *ami* (amigo) em francês.

Guardei a carta na gaveta da escrivadinha, troquei de roupa e saí. Tinha a impressão de que se continuasse perto da carta eu a leria dezenas de vezes. Perambulei sozinho pelas ruas de Tóquio, sem rumo definido, como costumava fazer antes com Naoko. Enquanto vagava de uma rua para outra, relembrava cada linha da carta e refletia sobre ela à minha maneira. Quando o sol se pôs, voltei ao alojamento. Dei um telefonema interurbano para o “Pensionato Ami”. Uma moça atendeu e perguntou o que eu desejava. Mencionei o nome de Naoko e perguntei se seria possível visitá-la na tarde do dia seguinte. Ela perguntou meu nome e pediu-me para ligar de novo dali a meia hora.

Quando voltei a telefonar depois do jantar, a mesma moça de antes atendeu confirmando que eu poderia ir. Agradei, desliguei o telefone, enfiei numa mochila algumas roupas e artigos de toalete. Então continuei a ler *A montanha mágica* bebendo conhaque até pegar no sono. Mesmo assim, só consegui dormir depois de uma da manhã.

Ao acordar, às sete da manhã de segunda-feira, lavei rapidamente o rosto, fiz a barba e fui direto à sala do diretor do alojamento pedir permissão para me ausentar por dois dias, dizendo que iria fazer uma caminhada na montanha. Como até então costumava fazer viagens curtas sempre que me sobrava tempo, o chefe do alojamento simplesmente concordou sem demonstrar surpresa. Peguei um trem lotado de passageiros indo para o trabalho e desci na estação ferroviária de Tóquio, onde comprei uma passagem para o trem-bala. Depois de literalmente saltar para dentro do primeiro expresso “Hikari”, tomei um café quente e comi um sanduíche como café-da-manhã. Só então cochilei por cerca de uma hora.

Cheguei pouco antes das 11 à estação de Kyoto. Seguindo as instruções de Naoko, peguei um ônibus municipal até Sanjo, seguindo de lá a pé até o pequeno terminal próximo, onde indaguei de que plataforma e a que horas partiria o ônibus número 16. Indicaram-me o local de partida e me informaram que a saída seguinte estava prevista para 11h35, e que o tempo de viagem até meu destino seria de aproximadamente uma hora. Depois de comprar a passagem no guichê, entrei numa livraria das redondezas para comprar um mapa e fui me sentar na sala de espera para confirmar a localização exata do “Pensionato Ami”. Vi no mapa que o pensionato ficava bem no meio das montanhas. O ônibus iria rumo ao norte e cruzaria várias montanhas até alcançar um ponto a partir do qual não poderia mais avançar, retornando daí à cidade. Eu deveria descer numa parada pouco antes da última. Naoko havia escrito que nesse lugar começava uma trilha, e que eu teria pela frente um percurso a pé de cerca de vinte minutos até chegar ao Pensionato Ami. Se ficava assim tão dentro das montanhas, não era de espantar que fosse um lugar tranquilo!

Com vinte passageiros a bordo, o ônibus logo partiu em direção ao norte, atravessando a cidade de Kyoto e margeando o rio Kamo. Conforme avançava, a paisagem ia se tornando cada vez

mais triste, com menos casas e mais plantações e terrenos baldios. Telhados de telhas negras e estufas reluziam, banhados pelo sol de início de outono. O caminho era repleto de curvas e o motorista girava o volante para a direita e para a esquerda sem parar, a ponto de me deixar enjoado. Eu sentia no estômago o café que havia bebido mais cedo pela manhã. Aos poucos a quantidade de curvas diminuiu e, quando finalmente consegui respirar aliviado, o ônibus penetrou subitamente num bosque frio de ciprestes. As árvores erguiam-se majestosas como numa selva virgem, seus galhos enlaçados impedindo a passagem da luz do sol e envolvendo tudo sob seu manto negro. O vento que entrava pela janela aberta tornou-se repentinamente gelado, e era possível sentir sua umidade cortante sobre a pele. Rodamos por muito tempo pelo bosque acompanhando o vale do rio, e quando eu já estava começando a pressentir que o mundo havia sido para sempre engolido pelos ciprestes, o bosque finalmente terminou e nos vimos num local semelhante a um platô circundado por montanhas. Dali viam-se prados verdejantes a perder de vista, e um rio margeava a estrada. Ao longe, uma fina fumaça branca se erguia, aqui e ali roupas secavam nos varais, alguns cães latiam. Um gato fazia a sesta sobre pilhas de toras de madeira cuja altura quase atingia a calha na frente da casa. Durante algum tempo, as casas se seguiram em seqüência, mas não se via vitalma.

Essa mesma paisagem se reproduzia inúmeras vezes. O ônibus avançava dentro de um bosque de ciprestes, cortava-o de cabo a rabo, chegava a um vilarejo, saía dele para logo penetrar em outro bosque de ciprestes. A cada parada do veículo nos vilarejos, alguns passageiros desciam. Nenhum subia. Quarenta minutos depois de sairmos da cidade, chegamos a um promontório de onde se descortinava uma vista esplendorosa. O motorista estacionou o ônibus informando aos passageiros que faria uma parada de cerca de cinco minutos para descanso e quem desejasse poderia descer. Agora só havia quatro passageiros no ônibus, incluindo eu, e todos descemos para espreguiçar o corpo, fumar um cigarro ou contemplar o panorama da cidade de Kyoto à nossa frente. O motorista se afastou para fazer xixi. Um homem de seus 50 anos e

pele bronzeada, que havia levado para dentro do ônibus uma enorme caixa amarrada por barbantes, perguntou-me se eu iria fazer uma caminhada nas montanhas. Respondi que sim.

Por fim, outro ônibus apareceu do lado oposto, estacionou junto ao nosso, e seu motorista desceu. Os dois motoristas conversaram rapidamente e em seguida voltaram a subir em seus respectivos ônibus. Os passageiros também retornaram a seus assentos. Os veículos começaram a avançar, cada qual em sua direção. A razão de nosso ônibus precisar esperar pelo outro sobre o promontório logo ficou evidente. Mais abaixo, o caminho se estreitava bruscamente, tornando impossível para dois veículos de grande porte se cruzarem no meio do caminho. De fato, nosso ônibus encontrou vários veículos leves e carros de passeio vindo na direção oposta, e a cada vez um dos motoristas precisava dar marcha à ré, encolhendo-se ao máximo junto ao acostamento.

Os vilarejos situados ao longo do rio foram se tornando menores do que os anteriores, e os campos arados e terrenos planos mais exíguos. As montanhas tornaram-se mais abruptas e suas escarpas mais próximas do ônibus. Apenas os cães continuavam numerosos em todos os vilarejos, e latiam quando o ônibus passava como se brigassem entre si.

Não havia nada ao redor da parada onde descii. Nem casas, nem plantações. O sinal do ponto de ônibus erguia-se reto e solitário, e tudo que se via era um córrego e a trilha para a montanha. Com a mochila nas costas, comecei a caminhada pela trilha, acompanhando o vale do rio. Este corria à esquerda do caminho, enquanto à direita se estendia uma mata de corte. Depois de avançar 15 minutos por uma encosta suave, vi um caminho onde mal cabia um carro e, em sua entrada, li numa placa: “Pensionato Ami. Proibida a entrada, exceto funcionários.”

As marcas dos pneus dos carros eram visíveis no caminho pela mata de corte. Vindo dos bosques nos arredores ouvia-se de vez em quando um som semelhante ao bater das asas de pássaros. O som era estranhamente nítido, como se fosse em parte amplificado. Uma única vez ouvi ao longe o som de um disparo, mas

foi um baque surdo, como se houvesse ultrapassado várias camadas de um filtro.

Ao chegar ao lado oposto da mata, vi um muro de pedra branca. Na realidade, era aproximadamente da minha altura e, sem nenhuma proteção ou rede em sua parte superior, permitia que qualquer pessoa o pulasse com facilidade caso o desejasse. O portão de ferro negro era sólido, mas estava aberto e não havia guarda na guarita. Ao lado do portão, uma placa com inscrição idêntica à que eu vira antes indicava: “Pensionato Ami. Proibida a entrada, exceto funcionários.” Na guarita restavam indícios de presença humana: três pontas de cigarro no cinzeiro, restos de chá numa xícara, um rádio transistor na prateleira e um relógio de parede emitindo um som seco para marcar o tempo. Esperei pela volta do guarda, mas como não havia sinal de que ele retornaria, apertei duas vezes uma coisa com jeito de campainha. No estacionamento do lado interno, junto ao portão, via-se um microônibus, um Land Cruiser 4WD e um Volvo azul-escuro. Apesar do espaço para cerca de trinta carros, só havia esses três.

Passados dois ou três minutos, o guarda de uniforme azul-marinho veio pedalando sua bicicleta amarela pelo caminho que atravessava o bosque. Era um homem de seus 60 anos, alto e calvo. Encostou a bicicleta na parede da guarita e, virando-se para mim, disse: “Desculpe tê-lo feito esperar”, num tom de voz que não denotava sinceridade em suas desculpas. O número 32 estava escrito em tinta branca no pára-lama da bicicleta. Informei-lhe meu nome e ele ligou para algum lugar, repetindo-o duas vezes. Seu interlocutor falou alguma coisa a que ele retrucou com um “sim, ah, entendi”, desligando em seguida.

— Por favor, dirija-se ao prédio principal e fale com a Dra. Ishida — disse o guarda. — Siga esse caminho que atravessa o bosque até uma rotatória e de lá pegue o segundo caminho à esquerda... ouça bem... o segundo à esquerda. Você logo verá um prédio antigo. Dobre à direita e, depois de atravessar mais um bosque, você vai encontrar um edifício de concreto. Esse é o prédio principal. Há placas pelo caminho, não tem como errar.

Segui pelo segundo caminho à esquerda da rotatória, conforme ele me instruíra, até chegar a um prédio antigo com o charme das casas de campo de antigamente. No jardim estavam dispostas pedras de belo formato, lanternas e plantas bem tratadas. O local sem dúvida havia servido originalmente como casa de campo. Virando à direita e atravessando o bosque, deparei-me com o edifício de concreto de dois andares. Embora tivesse dois andares, ele havia sido construído sobre uma depressão do terreno, e não transmitia nenhuma impressão de imponência particular. Seu estilo era simples e ele transpirava limpeza.

A entrada ficava no piso superior. Subi alguns degraus da escada, abri uma grande porta de vidro e entrei. Uma jovem de vestido vermelho estava sentada na recepção. Informei-lhe meu nome e expliquei-lhe que o guarda me dissera para falar com a Dra. Ishida. Ela sorriu e, indicando um sofá marrom no saguão, pediu-me em voz miúda para me sentar e aguardar. Em seguida, discou um número no telefone. Tirei a mochila das costas, sentei-me nas macias almofadas do sofá e olhei em volta. Era um saguão limpo e agradável. Havia alguns vasos com plantas ornamentais, quadros abstratos de bom gosto nas paredes, e o chão era encerado e brilhante. Durante todo o tempo de espera, fiquei observando o reflexo dos meus sapatos no chão.

A certa altura, a jovem recepcionista se aproximou de mim informando: “A doutora logo virá atendê-lo.” Balancei afirmativamente a cabeça. Estava impressionado com o silêncio daquele lugar. Não se ouvia absolutamente nada. Imaginei que deveria ser o horário da sesta. Era uma tarde calma em que tudo parecia adormecido: pessoas, animais, insetos, vegetação.

Alguns instantes depois, ouvi o som macio de sapatos de sola de borracha e uma senhora de meia-idade de cabelos curtos e extremamente eriçados surgiu, logo sentando-se de pernas cruzadas ao meu lado. Em seguida, apertou minha mão. Ela a segurou, olhando de um lado e do outro.

— Você nunca tocou nenhum instrumento musical, ou pelo menos não toca há muitos anos, não é? — perguntou-me de supetão.

— É verdade — respondi surpreso.

— Posso sentir só de ver suas mãos — explicou sorridente.

Era uma mulher muito estranha. A primeira coisa que chamava a atenção era seu rosto bastante enrugado, embora isso não a fizesse parecer envelhecida; ao contrário, as rugas acentuavam uma jovialidade que transcendia a idade. As rugas combinavam perfeitamente com seu rosto, parecendo estar lá desde seu nascimento. Quando ela sorria, as rugas também sorriam; ao ficar séria, as rugas também ficavam sérias. Quando seu rosto não estava nem alegre nem compenetrado, elas se espalhavam por todo seu semblante com ironia e ardor. Ela devia estar beirando os 40 anos e, além de simpática, tinha um charme todo peculiar. Simpatizei com ela à primeira vista.

Seu corte de cabelo era irregular, com pontas levantadas aqui e ali, e a franja caía sobre a testa também em desordem, mas esse estilo combinava perfeitamente com ela. Vestia um jaleco azul sobre a camiseta branca, calças de algodão cor creme, e calçava tênis. Alta e magra, seios minúsculos, muitas vezes franzia os lábios para o lado com ironia, as rugas nos cantos dos olhos movimentando-se com delicadeza. Ela parecia uma carpinteira hábil e gentil, mas um pouco cansada do convívio social.

Com o queixo contraído e os lábios franzidos, ela me examinou de cima a baixo por algum tempo. Tão detalhado foi seu exame que me pus a imaginar que a qualquer instante ela tiraria do bolso uma fita métrica e começaria a medir cada parte do meu corpo.

— Você toca algum instrumento?

— Não, nenhum — respondi.

— Que pena! Seria divertido se soubesse tocar.

Assenti, sem entender a razão de ela insistir em falar sobre instrumentos musicais.

Ela tirou do bolso do jaleco um maço de Seven Stars, levou um cigarro aos lábios e acendeu-o com um isqueiro, expelindo a fumaça com evidente satisfação.

— Bem, Watanabe. É esse o seu nome, não é? Antes de se encontrar com Naoko, acho que devo lhe dar algumas explicações.

Por isso resolvi ter esta conversa a dois. Como nossa instituição é bem diferente de outras que existem por aí, tenho receio de que possam ocorrer pequenos mal-entendidos por falta de conhecimento prévio. Diga-me, você ainda não sabe nada sobre este lugar, não é mesmo?

— Praticamente nada.

— Então vamos explicar do início... — continuou ela, mas, parecendo ter percebido alguma coisa, estalou os dedos. — Falando nisso, você já almoçou? Não está com fome?

— Estou — respondi.

— Venha comigo. Conversaremos no refeitório, enquanto comemos. Já passou do horário do almoço, mas, se formos logo, talvez ainda encontremos alguma coisa.

Ela se levantou antes de mim e seguiu apressadamente pelo corredor, descendo as escadas em direção ao refeitório localizado no térreo. O lugar tinha capacidade para cerca de duzentas pessoas, mas só metade estava ocupada naquele momento; quanto à outra metade, permanecia fechada por divisórias. Parecíamos estar num hotel de lazer fora da alta temporada. O cardápio consistia em sopa de batatas com macarrão, salada de verduras, suco de laranja e pão. As verduras eram realmente deliciosas, tal como Naoko havia escrito em sua carta. Comi tudo o que tinha no prato, deixando-o absolutamente limpo.

— Você parece ter gostado muito da comida — disse-me ela impressionada.

— Está realmente deliciosa. Além disso, não como quase nada desde hoje de manhã.

— Se quiser, fique à vontade para pegar minha parte também. Já estou satisfeita. Quer?

— Se a senhora não for comer mais — respondi.

— Tenho estômago de passarinho, quase não como. Complemento o que falta fumando — disse ela acendendo outro Seven Stars. — Ah, pode me chamar de Reiko. É como todo mundo me chama por aqui.

Reiko parecia me observar com curiosidade, enquanto eu tomava sua sopa de batatas quase intocada e mordia nacos do pão.

— Você é a médica responsável por Naoko? — perguntei.

— Eu? Médica? — ela franziu o rosto de espanto. — O que o leva a pensar que eu seja médica?

— Eles me disseram para falar com a Dra. Ishida.

— Ah, entendi. Eu ensino música aqui. Por isso, algumas pessoas por brincadeira me apelidaram de “Dra. Ishida”. Na verdade, sou paciente. Já estou aqui há sete anos e como ensino música a todos e ajudo nos trabalhos administrativos fica difícil dizer se sou paciente ou funcionária. Naoko não comentou nada sobre mim?

Balancei negativamente a cabeça.

— Estranho. Bem, de qualquer forma, Naoko e eu dividimos o mesmo quarto. Ou seja, somos companheiras de quarto. É divertido conviver com ela. Nós conversamos bastante. Ela me fala muito sobre você.

— O que ela fala sobre mim? — perguntei curioso.

— Ah, antes disso, deixe-me explicar sobre o pensionato — continuou Reiko, ignorando minha pergunta. — Antes de mais nada, eu gostaria que você entendesse que este lugar não é exatamente aquilo que geralmente se convencionou chamar de “hospital”. Em suma, aqui não é um lugar de tratamento, mas de convalescença. Naturalmente há vários médicos com quem temos consultas diárias de uma hora, nas quais eles apenas verificam as condições gerais, tiram nossa temperatura e coisas assim, bem diferente do tipo de tratamento ativo executado em outros hospitais. Por isso aqui não existem grades e o portão vive escancarado. As pessoas vêm para cá por vontade própria e também vão embora da mesma forma. E só aquelas aptas a essa convalescença podem ser admitidas. Como não é todo mundo que pode entrar, aqueles que necessitam de tratamento especializado acabam indo para um hospital próprio para atender seu caso específico. Está dando para me acompanhar até aqui?

— Acho que sim. Mas o que é, em termos concretos, essa convalescença?

Reiko deu uma baforada no cigarro e bebeu o resto do suco de laranja.

— O estilo de vida neste pensionato é em si a convalescença. Uma vida regrada, exercícios físicos, isolamento do mundo exterior, tranquilidade, ar puro. Nossa horta nos torna quase auto-suficientes em alimentos e não há televisão nem rádio. É um tipo de vida comunitária tão na moda nos dias de hoje. A mensalidade cara que se paga para entrar neste pensionato é o que o diferencia de uma vida comunitária.

— É mesmo muito caro?

— Não chega a ser caro demais, mas também não é barato. Dá para imaginar por essas instalações espetaculares. Terreno amplo, poucos pacientes e grande número de funcionários. No meu caso, eu já moro aqui há muitos anos e, por ser quase funcionária, na verdade sou isenta dos custos de internação, o que é ótimo. Você não quer tomar café?

Respondi que sim. Ela apagou o cigarro, foi até o balcão, onde encheu dois copos com café da cafeteira e os trouxe até nossa mesa. Pôs açúcar, mexeu com uma colher e provou seu café com o semblante sério.

— Esta casa de repouso não visa a lucros. Por isso ainda pode funcionar com custos de internação não muito elevados. O terreno do pensionato foi todo recebido em doação e um filantropo criou uma empresa para essa finalidade. Há vinte anos, toda essa região era a casa de campo dele. Você deve ter visto uma residência antiga no caminho para cá.

Confirmei.

— Antigamente aquele era o único prédio que existia, e era onde os pacientes se reuniam para terapias de grupo. A razão de a casa de repouso ter começado é que o filho desse filantropo tinha tendência para problemas mentais e um especialista aconselhou terapia de grupo. Esse médico tinha por teoria que certos tipos de doenças poderiam ser curados se as pessoas vivessem em grupo no campo, ajudando-se mutuamente, executando trabalhos físicos, com conselhos e acompanhamento médico. Essa filosofia levou ao início do pensionato. Aos poucos ele foi crescendo, tomou o caráter de empresa, as terras cultiváveis foram ampliadas, e cinco anos atrás construíram esta sede.

— Isso significa que a terapia foi bem-sucedida.

— Bom, evidentemente ela não é eficaz para todas as doenças, e muitas pessoas não chegam a apresentar melhoras. Mas muitos dos que não tiveram sucesso em outros lugares se recuperaram por completo depois de virem para cá. O que há de bom aqui é que todos se ajudam mutuamente. Infelizmente isso é uma coisa difícil de encontrar em outros lugares. Fora daqui os médicos são médicos, e os pacientes são pacientes. Os pacientes buscam a ajuda do médico, e o médico, por sua vez, *fornece* auxílio ao paciente. Mas aqui todos se ajudam mutuamente. Somos espelhos das outras pessoas. Além disso, os médicos são nossos amigos. Eles nos observam discretamente e, quando sentem que precisamos de alguma coisa, rapidamente nos ajudam. Em certo sentido, nós também lhes damos apoio. Ou seja, em alguns casos, somos melhores do que eles para determinadas coisas. Por exemplo, eu estou ensinando piano a um médico, outra paciente ensina francês a uma enfermeira, coisas desse tipo. Entre as pessoas que sofrem de doenças como as nossas existem muitas dotadas de talentos específicos. É por isso que aqui somos todos iguais. Pacientes, funcionários, até mesmo você. Enquanto estiver aqui, você é um dos nossos, e eu o ajudarei da mesma forma como você me ajudará. — Reiko riu, franzindo delicadamente as rugas do rosto. — Você ajudará a Naoko e ela o ajudará.

— Dê-me um exemplo concreto do que devo fazer.

— Em primeiro lugar, é preciso desejar ajudar o outro. Além disso, é preciso que você também deseje ser ajudado. Em segundo lugar, é preciso sinceridade. Nada de mentiras, falsidades e dissimulação. Basta isso.

— Farei o possível — falei. — Mas por que você está aqui há sete anos, Reiko? Durante todo esse tempo em que conversamos, não senti nada errado em você.

— Durante o dia — continuou ela com o semblante sombrio. — O problema é à noite. Quando escurece, começo a babar e rolar pelo chão.

— É mesmo? — perguntei.

— Não seja bobo. Estou brincando. — Ela sacudiu a cabeça com ar decepcionado. — Estou recuperada, pelo menos até o momento. Apenas gosto de ficar aqui e ajudar outras pessoas a melhorarem, ensinando música e cultivando vegetais. Adoro o pensionato. Somos todos amigos. Comparado com isso, o que há no mundo exterior? Agora estou com 38 anos, mais um pouco chego aos 40. Não sou como Naoko. Mesmo que saia daqui, não há ninguém esperando por mim lá fora, não há um lar para me acolher, nenhum trabalho em especial, e praticamente nenhum amigo. Além disso, já estou aqui há sete anos e não sei mais nada do que acontece no mundo. Algumas vezes leio o jornal na biblioteca. Mas nesses sete anos nunca pus os pés para fora daqui. Eu não saberia como viver se tivesse que deixar o pensionato.

— Mas um novo mundo poderia se abrir para você — argumentei. — Vale a pena experimentar.

— Hum, talvez você tenha razão — disse ela girando por algum tempo o isqueiro na mão. — Mas determinadas circunstâncias me impedem. Qualquer dia podemos conversar com calma sobre isso, se você quiser.

Assenti com a cabeça.

— E Naoko? Está melhor?

— Bom, nós acreditamos que sim. De início ela estava muito confusa e ficamos preocupados com ela, mas agora está calma e sua maneira de falar melhorou a ponto de ser capaz de expressar aquilo que deseja dizer... ela está caminhando na direção certa. Mas Naoko precisaria ter começado mais cedo o tratamento. Ela já havia começado a apresentar sintomas desde o suicídio do namorado, Kizuki. Tanto a família como ela própria deveriam estar conscientes do problema. Havia também as circunstâncias familiares...

— Circunstâncias familiares? — retruquei atônito.

— Você não sabia? — perguntou Reiko ainda mais espantada do que eu.

Calado, sacudi a cabeça negativamente.

— Pergunte então direto à Naoko. É melhor assim. Ela está decidida a conversar francamente com você sobre um monte de coisas. — Reiko voltou a mexer o café com a colher, sorvendo-o

num pequeno gole. — É melhor avisá-lo logo de início que você e Naoko estão proibidos de ficarem sozinhos. É norma do pensionato. Visitantes externos não podem ficar a sós com a pessoa que vieram visitar. Por isso, vocês sempre estarão acompanhados de um observador, que neste caso serei eu mesma. Sinto muito, mas você vai ter de me agüentar. Tudo bem?

— Sem problemas — respondi rindo.

— Mas não faça cerimônias, e conversem sobre o que bem entenderem, sem se preocuparem com a minha presença. Eu sei praticamente tudo sobre você e Naoko.

— Tudo?

— Quase tudo — disse ela. — Afinal, estamos fazendo terapia de grupo juntas, você sabe. Por isso estamos mais ou menos a par do que acontece com os outros. Além disso, Naoko e eu costumamos conversar sobre tudo. Por aqui não existe muita coisa que permaneça em segredo.

Eu observava o rosto de Reiko enquanto tomava meu café.

— Tem uma coisa que sinceramente não entendo. Não sei se o que fiz com Naoko quando estava em Tóquio foi realmente correto. Vivo refletindo sobre isso, mas ainda não encontrei resposta.

— Para mim também é uma incógnita — disse Reiko. — Naoko também não entende. Isso é uma coisa que vocês terão de conversar bastante antes de decidir. Você não concorda? Não importa o que aconteça, é sempre possível conduzir as coisas na direção certa. Isso, claro, se houver compreensão mútua. Mais tarde vocês terão todo o tempo do mundo para refletir se esse acontecimento foi certo ou não, não acha?

Balancei a cabeça num gesto de assentimento.

— Acho que nós três podemos nos ajudar mutuamente, você, Naoko e eu, bastando para isso sermos francos e querermos nos ajudar. A três poderemos obter bons resultados. Até quando você pode ficar conosco?

— Eu gostaria de voltar para Tóquio no máximo depois de amanhã à noite. Preciso trabalhar, e na quinta-feira tenho prova de alemão.

— Ótimo. Então pode passar a noite no nosso quarto. Assim você não gasta dinheiro e poderemos conversar com calma sem nos preocuparmos com o tempo.

— O que você quer dizer com *nosso* quarto?

— Meu e de Naoko, claro — explicou Reiko. — Não se preocupe, pois há uma saleta separada com um sofá-cama onde você poderá dormir sossegado.

— Não será incômodo para vocês? Quero dizer, um visitante dormindo no quarto de duas moças?

— Não acho que você esteja pretendendo entrar no nosso quarto de dormir à uma da madrugada para nos violentar.

— Claro que não.

— Sendo assim, acho que não vai haver problema. Passe a noite conosco e vamos conversar bastante e tranquilamente. É a melhor coisa a fazer. Poderemos nos conhecer melhor e eu tocarei violão para você. Sou boa nisso, sabia?

— Tem certeza de que não vou incomodar?

Reiko pôs entre os lábios o terceiro Seven Stars e o acendeu depois de franzir para um lado o canto da boca.

— Naoko e eu já conversamos bastante sobre isso. É um convite pessoal de nós duas. Você não acha que deveria apenas aceitar educadamente?

— Claro, com prazer — respondi.

Reiko fitou por algum tempo meu rosto, aprofundando as rugas dos cantos dos olhos.

— Seu jeito de falar é esquisito, sabia? — comentou ela. — Por acaso você está tentando imitar aquele rapaz de *O apanhador no campo de centeio*?

— De jeito nenhum — respondi rindo.

Reiko também riu com o cigarro na boca.

— Mas você é sem dúvida uma excelente pessoa. Percebo isso só em olhá-lo. Depois de sete anos morando aqui e depois de ver uma enorme quantidade de gente chegando e indo embora, posso sentir a diferença entre pessoas capazes de abrir seu coração e as que são incapazes disso. Você é daquelas que conseguem. Para ser mais exata, consegue se quiser.

— O que acontece quando as pessoas abrem o coração?

Mantendo o cigarro entre os lábios, Reiko juntou as mãos sobre a mesa num gesto alegre.

— Elas se recuperam — disse ela, sem prestar muita atenção às cinzas do cigarro que caíam sobre a mesa.

Saímos do edifício-sede, cruzamos um pequeno morro e passamos ao lado da piscina e das quadras de tênis e basquete. Dois homens jogavam tênis. Um deles era magro e de meia-idade, o outro, jovem e obeso. Não jogavam mal, mas na minha opinião não se poderia chamar aquilo de partida de tênis. Eles pareciam mais interessados em pesquisar a elasticidade das bolas do que propriamente no jogo. Era com estranha concentração que mandavam animadamente a bola para a quadra oposta. Ambos estavam encharcados de suor. O rapaz mais próximo de nós interrompeu o jogo assim que percebeu a presença de Reiko, vindo ao seu encontro sorridente, para trocar algumas palavras. Ao lado da quadra, um homem de rosto inexpressivo aparava o gramado, usando um enorme cortador de grama.

Pelo bosque mais à frente espalhavam-se 15 ou vinte chalés em estilo ocidental, distanciados uns dos outros. Na frente da maioria deles havia uma bicicleta amarela, semelhante àquela que o guarda pedalava. Reiko me explicou que os funcionários viviam ali com suas famílias.

— Temos tudo de que precisamos aqui mesmo, sem precisar ir até a cidade — explicou Reiko enquanto caminhávamos. — Como eu disse há pouco, somos praticamente auto-suficientes em alimentos. Também temos os ovos do nosso galinheiro. Temos livros, discos, instalações esportivas, um pequeno estabelecimento que funciona como supermercado, sem contar que toda semana um cabeleireiro passa por aqui. Nos fins de semana acontecem sessões de cinema. Podemos encomendar compras aos funcionários que vão à cidade e, como existe um sistema de pedido de roupas por catálogo, tudo se torna muito conveniente.

— É proibido ir à cidade? — perguntei.

— É. A princípio não é permitido, a menos logicamente que seja para ir, por exemplo, ao dentista, ou em algum caso especial. Somos livres para sair daqui quando quisermos, mas, depois de partir, não podemos voltar. É como pôr fogo numa ponte. Passar dois ou três dias na cidade e depois voltar é uma coisa que não podemos fazer. Pensando bem, você não acha natural? Se fosse permitido, viraria um entra-e-sai constante de pessoas.

Depois de atravessar o bosque, chegamos a uma leve encosta. Nela havia casas de madeira de dois andares de aparência estranha, enfileiradas irregularmente. Eu não saberia explicar direito onde ou por que elas eram estranhas, mas minha impressão inicial foi que havia alguma coisa esquisita nelas. Algo parecido com a sensação que muitas vezes temos diante de uma pintura que tenta descrever o irreal de forma agradável. Ocorreu-me que aquele poderia ser o resultado se Walt Disney houvesse produzido um desenho animado a partir das pinturas de Munch. Todas as casas tinham o mesmo formato e estavam pintadas de cores idênticas. Seu formato era quase cúbico, perfeitamente simétrico à direita e à esquerda, com uma ampla entrada e inúmeras janelas. Entre as casas serpenteava um caminho sinuoso, semelhante ao existente nas áreas destinadas à prática de direção nas auto-escolas. Flores bem tratadas estavam plantadas em frente de cada casa. Não se via ninguém, e em todas as janelas havia cortinas.

— Aqui é a chamada Área C, onde moram as mulheres. Ou seja, nós! São ao todo dez casas, cada uma dividida em quatro unidades, com duas moradoras por unidade. Portanto, a capacidade total é para 80 pessoas. Atualmente temos apenas 32 moradoras aqui.

— É muito calmo — comentei.

— Neste horário não há ninguém — disse Reiko. — Minha situação é especial e no momento estou bem livre, mas todas as outras estão ocupadas com suas programações individuais. Há quem pratique esporte, algumas fazem jardinagem, outras participam de terapia em grupo, e há também as que saem para colher flores nas montanhas. Cada uma decide o que deseja fazer e prepara sua programação. O que é mesmo que Naoko está fazendo

agora? Se não me engano, ela está trocando papéis de parede ou repintando. Já nem sei mais direito. Há várias atividades que em geral terminam às cinco da tarde.

Reiko entrou no prédio com a placa C-7, subiu a escada da frente e abriu a porta à direita. A porta não estava trancada a chave. Reiko me levou para conhecer o interior do apartamento. Era simples e agradável, composto de quatro cômodos: sala de estar, quarto, cozinha e banheiro. Não havia móveis supérfluos nem decoração desnecessária, mas nem por isso passava a sensação de austeridade. Não havia nada de especial em seu interior, mas estar dentro daquele apartamento era como estar diante de Reiko: podia-se descansar e simplesmente relaxar. Na sala de estar havia um sofá, uma mesa e uma cadeira de balanço. Na cozinha, via-se uma mesa de jantar. Sobre cada mesa repousava um grande cinzeiro. No quarto havia duas camas, duas mesas e um guarda-roupa. Entre as camas, na altura da cabeceira, ficava uma mesinha com um abajur próprio para ler e um livro de bolso aberto e virado para baixo. A cozinha era equipada com um pequeno fogão elétrico, que fazia conjunto com o refrigerador, permitindo preparar pratos simples.

— Não temos banheira, só chuveiro, mas no geral é um lugar maravilhoso, não acha? — perguntou Reiko. — O banheiro com banheira e a lavanderia são comunitários.

— É quase impressionante demais. No alojamento onde moro, meu quarto só tem teto e janela.

— É, mas você não sabe como é o inverno por estas bandas — disse Reiko e, com um tapinha em minhas costas, me convidou a sentar, ela própria sentando-se a meu lado. — O inverno aqui é longo e rigoroso. Para onde quer que se olhe é neve, neve e neve. É úmido a ponto de congelar os ossos. No inverno, passamos os dias tirando neve com a pá. Aquecemos bem o apartamento e passamos o tempo ouvindo música, conversando ou tricotando. Por isso, se não tivéssemos um espaço assim, sufocaríamos. Se vier aqui no inverno, você vai entender o que estou dizendo.

Reiko suspirou profundamente como se relembresse o longo inverno, pousando em seguida as mãos sobre os joelhos.

— À noite abrirei este aqui e prepararei sua cama — disse dando uma palmadinha no sofá onde estávamos sentados. — Nós vamos dormir no quarto e você aqui. Está bem assim?

— Não poderia estar melhor.

— Está decidido então — disse Reiko. — Acho que devemos estar de volta lá pelas cinco horas. Naoko e eu temos tarefas até esse horário, mas você não se importaria de ficar aqui sozinho, não é?

— Nem um pouco. Vou estudar alemão enquanto espero.

Depois que Reiko saiu, eu me estiquei no sofá de olhos fechados. Por algum tempo, permaneci imerso no silêncio à minha volta, quando de repente recordei a ocasião em que Kizuki e eu viajamos de moto. Se não me engano, naquela época também estávamos no outono, pensei. Outono de que ano? Sim, quatro anos atrás. Veio-me à mente o cheiro da jaqueta de couro de Kizuki e o ronco barulhento e irritante da Yamaha vermelha 125. Fomos até uma praia distante e voltamos à noite completamente exaustos. Embora nada de marcante tenha acontecido, eu me lembro perfeitamente desse passeio. O vento outonal sibilava agudo em minhas orelhas e, segurando firmemente com ambas as mãos a jaqueta de Kizuki, com os olhos erguidos em direção ao céu, eu sentia como se meu corpo fosse ser expelido para o espaço sideral.

Fiquei deitado no sofá por muito tempo, na mesma posição, passando em revista as memórias daquela época. Não sei exatamente por quê, mas deitado ali me vieram à mente, consecutivamente, acontecimentos e cenas do passado que eu quase nunca havia recordado antes. Alguns alegres, outros um pouco tristes.

Quanto tempo terei permanecido nesse estado? Fiquei tão imerso nessa torrente de lembranças imprevistas (na verdade, parecia uma fonte esguichando abundantemente de uma fenda na rocha) que não percebi que Naoko havia aberto a porta e entrado no quarto. Abri os olhos e lá estava ela. Ergui o rosto e por algum tempo olhei-a bem dentro dos seus olhos. Ela me observava sentada no braço do sofá. De início, pensei tratar-se de uma

imagem saída das minhas lembranças. Mas aquela era a verdadeira Naoko.

— Estava dormindo? — perguntou-me num sussurro.

— Não, só estava pensando em algumas coisas — respondi me sentando. — Tudo bem com você?

— Tudo — respondeu Naoko sorridente. Seu sorriso parecia uma cena longínqua e pálida. — Tenho pouco tempo. Na verdade, não poderia ter vindo aqui, mas dei uma escapulida. Por isso preciso voltar logo. Fale a verdade, não achou meus cabelos horríveis?

— Nem um pouco. Estão uma graça — falei. Preso de um lado por um prendedor como antigamente, seu penteado era simples como o de uma colegial. Caía-lhe bem e era como se ela estivesse acostumada a ele. Ela parecia uma daquelas beldades retratadas nas xilogravuras medievais.

— Como dá muito trabalho, acabo pedindo a Reiko para cortar. Está falando sério? Achou bonitinho?

— Achei sim, de verdade.

— Mas minha mãe falou que está horrível — disse Naoko. Ela tirou o prendedor, deixando cair os cabelos, alisando-os várias vezes antes de tornar a prendê-los. O prendedor tinha o formato de uma borboleta. — Queria ver você sozinho antes de nos encontrarmos a três. Não que eu tenha alguma coisa especial para dizer a você, mas queria olhar seu rosto e me acostumar com você aqui. Do contrário, eu estranharia você. Não tenho jeito para lidar com pessoas.

— Está funcionando?

— Está, um pouco — disse ela, levando novamente a mão ao prendedor. — Não tenho mais tempo. Preciso ir.

Consenti com um gesto de cabeça.

— Toru, obrigada por ter vindo. Você não imagina minha felicidade. Mas se você sentir que estar aqui é um peso, quero que me diga sem constrangimento. Este lugar e o sistema daqui são um pouco especiais e há pessoas incapazes de se acostumar. Se você se sentir assim, me fale francamente. Prometo não ficar chateada.

Todos aqui somos sinceros. Falamos muitas coisas de coração aberto.

— Eu vou ser franco — prometi.

Naoko sentou-se a meu lado no sofá e encostou-se em mim. Abracei-a e ela pousou a cabeça sobre meu ombro, com o nariz colado a meu pescoço. Permaneceu imóvel nessa posição como se me tomasse a temperatura. Enquanto a abraçava assim delicadamente, senti um calor me percorrer. Por fim, ela se levantou sem uma palavra e, assim como quando entrou, abriu delicadamente a porta e foi embora.

Depois que ela saiu, dormi deitado no sofá. Não tinha essa intenção, mas acabei adormecendo profundamente, sentindo-me cercado pela existência de Naoko. Na cozinha, havia a louça usada por ela, sua escova de dentes estava no banheiro e sua cama no quarto. Dormi profundamente, como se espremesse cada gota de cansaço de todos os cantos de minhas células. Sonhei com uma borboleta voando pela penumbra.

Quando acordei, meu relógio de pulso indicava 16h35. A coloração da luz havia mudado, não havia mais vento e as formas das nuvens eram diferentes. Tirei da mochila uma toalha para enxugar o rosto suado e troquei a camisa por uma limpa. Depois fui à cozinha beber água, e pela janela acima da pia observei o lado de fora. Dali via-se a janela da casa em frente. Dentro dela havia alguns recortes de papel suspensos por fios. Silhuetas de pássaros, nuvens, bois e gatos haviam sido minuciosamente recortadas e montadas. Como antes, não havia ninguém, nenhum som. Era como se eu estivesse vivendo em meio a ruínas bem conservadas.

Passava um pouco das cinco quando as pessoas começaram a voltar para a Área C. Observando pela janela da cozinha, vi duas ou três mulheres passando logo abaixo. As três usavam chapéu e não deu para perceber o formato de seu rosto nem sua idade, mas, pelo tom de voz, não aparentavam ser muito jovens. Pouco depois de elas desaparecerem atrás de uma casa, mais quatro mulheres surgiram, vindas da mesma direção, e da mesma forma sumiram

atrás da mesma casa. A atmosfera era de crepúsculo. Da janela da sala de estar viam-se os bosques e os contornos das montanhas. Acima dessa linha flutuava uma luminosidade tênue no formato exato de uma franja.

Naoko e Reiko chegaram juntas às cinco e meia. Naoko e eu nos cumprimentamos naturalmente, fingindo estarmos nos encontrando pela primeira vez. Ela parecia realmente encabulada. Reiko reparou no livro que eu estava lendo e perguntou o título. Respondi que era *A montanha mágica* de Thomas Mann.

— Por que você trouxe esse tipo de livro para um lugar como este? — perguntou Reiko espantada, e fui obrigado a admitir que ela estava certa.

Reiko preparou café para nós. Conteí a Naoko sobre o súbito desaparecimento do Nazista. Disse-lhe também que em nosso último encontro ele havia me presenteado com um vaga-lume. Muito desapontada, Naoko confessou que achava uma pena ele ter sumido, pois adorava ouvir as histórias sobre ele. Reiko quis saber mais sobre o Nazista e continuei falando. Ela também riu bastante. Enquanto eu contasse histórias sobre o Nazista, o mundo viveria alegre e em paz.

Às seis horas, fomos os três jantar no refeitório da sede. Naoko e eu comemos peixe frito, salada de verduras, legumes cozidos, arroz e sopa de missô, enquanto Reiko se contentou com uma salada de macarrão e café. Depois disso, voltou a fumar.

— Quando se envelhece, o corpo se modifica e já não há necessidade de se comer muito — disse Reiko à guisa de explicação.

Havia cerca de vinte pessoas às mesas jantando. Enquanto comíamos, algumas entraram, outras saíram. A cena se parecia muito com a do refeitório do meu alojamento, exceto pela idade variada das pessoas. A única diferença é que todos ali conversavam com o mesmo tom de voz. Não havia ninguém falando alto, assim como tampouco ninguém cochichava. Ninguém soltava uma gargalhada ou exclamação de espanto nem levantava a mão para chamar outra pessoa. Todos conversavam calmamente no mesmo tom. As pessoas jantavam em grupos separados. Cada grupo era

composto de três a cinco pessoas. Quando alguém falava, os outros esticavam o pescoço para ouvir, aquiessendo, e, assim que essa pessoa terminava, uma outra falava por algum tempo. Não entendi sobre o que conversavam, mas sua conversa me fazia lembrar a esquisita partida de tênis que eu havia presenciado à tarde. Perguntei-me se Naoko tambémalaria assim quando estivesse com eles. Sei que soa estranho dizer isso, mas, por um instante, senti uma ponta de tristeza misturada com ciúme.

Na mesa atrás de mim, um homem careca de jaleco branco, com toda a aparência de um médico, explicava pormenorizadamente a um jovem de óculos aparentemente nervoso e a uma mulher de meia-idade com cara de esquilo o que acontece com a secreção gástrica em estado não-gravitacional. O rapaz e a senhora escutavam com atenção entre exclamações de espanto e admiração. Mas, ouvindo a maneira de falar do careca vestido de branco, aos poucos comecei a duvidar de que ele fosse realmente médico.

Ninguém no refeitório prestava atenção especial em mim. Ninguém me olhava de soslaio, pareciam nem mesmo perceber minha presença em seu meio. Para eles, minha visita devia ser um acontecimento bastante natural. Uma única vez o homem vestido de branco virou a cabeça para trás e me perguntou:

— Até quando vai ficar conosco?

— Passo duas noites e volto na quarta-feira — respondi.

— Nesta época do ano é muito agradável aqui, não acha? Volte no inverno. É maravilhoso quando tudo se reveste de branco — disse ele.

— Naoko provavelmente vai sair daqui antes da neve chegar — explicou Reiko ao homem.

— Entendo. Mas o inverno é ótimo — insistiu ele com a cara séria. Cada vez eu duvidava mais que aquele homem fosse mesmo um médico.

— Sobre o que todos costumam conversar? — perguntei a Reiko, que pareceu não entender minha pergunta.

— Sobre o que conversamos? Generalidades. O que aconteceu durante o dia, livros que lemos, previsão do tempo para

amanhã, bom, várias coisas. Não me diga que você está se perguntando se alguém se levanta e grita: “Amanhã vai chover se um urso polar comer todas as estrelinhas do céu!”, ou alguma coisa assim?

— Não foi isso que eu quis dizer — revidei. — Mas todo mundo fala tão calmamente que fiquei curioso em saber sobre o que conversariam.

— Aqui é tão sossegado que todos naturalmente falam em voz baixa — disse Naoko separando habilmente as espinhas do peixe na borda do prato, limpando em seguida a boca com um lenço. — Também não há necessidade de elevar o tom da voz. Não é preciso convencer o interlocutor, nem tampouco chamar a atenção de ninguém.

— Tem razão — concordei. Mas à medida que comia, envolto pelo silêncio, curiosamente senti saudades do alvoroço humano. Desejava ouvir gargalhadas, gritos sem sentido, expressões exageradas. Apesar de até então essa confusão de sons sempre ter me irritado bastante, naquele ambiente de estranho silêncio eu não conseguia relaxar e simplesmente comer meu peixe. A atmosfera do refeitório era semelhante à das exposições de máquinas especializadas. Pessoas com enorme interesse numa área específica se reúnem num espaço delimitado para trocar informações que só elas são capazes de entender.

Terminado o jantar e de volta ao apartamento, Naoko e Reiko me avisaram que iriam tomar banho no banheiro coletivo na Área C. Sugeriram que eu usasse o banheiro do apartamento, caso não me importasse em tomar apenas uma ducha. Respondi que era isso que faria. Depois de elas saírem, tirei a roupa, tomei banho e lavei os cabelos. Enquanto os secava com o secador, peguei um disco de Bill Evans entre os que havia na estante e o pus na vitrola, e só depois me dei conta de que era o mesmo disco que eu pusera para tocar inúmeras vezes quando estava no apartamento de Naoko no dia de seu aniversário. Na noite em que Naoko havia chorado e eu a havia abraçado. Só seis meses haviam passado desde então, mas a

impressão que eu tinha era de algo já muito distante no passado. Provavelmente porque havia pensado sobre isso milhares e milhares de vezes. E de tanto pensar minha noção do tempo acabara por se distorcer.

Como o luar estava brilhante demais, apaguei a luz e me esparramei no sofá, ouvindo o piano de Bill Evans. A luz da lua filtrando-se pela janela encompridava a sombra de vários objetos, que tingia delicadamente as paredes como se as pintasse de tinta nanquim diluída. Tirei da mochila um cantil metálico cheio de conhaque, enchi a boca com um gole, fazendo o líquido descer devagar. Senti um calor percorrer desde minha garganta até o estômago. Essa queimação se espalhou do estômago para cada canto do meu corpo. Depois do segundo gole, tampei o cantil e guardei-o na mochila. Agora a luz da lua parecia se movimentar acompanhando a música.

Naoko e Reiko voltaram do banho cerca de vinte minutos depois.

— Ficamos espantadas ao ver todas as luzes apagadas — disse Reiko. — Pensamos que você tivesse arrumado suas coisas e voltado para Tóquio.

— Eu nunca faria isso. É que tem tanto tempo que não vejo uma lua tão brilhante que acabei apagando a luz.

— Não é linda? — exclamou Naoko. — Reiko, ainda temos aquela vela do último blecaute?

— Deve estar na gaveta da cozinha, se não estou enganada.

Naoko foi até a cozinha, abriu a gaveta e voltou trazendo uma grande vela branca. Eu a acendi, pinguei sua cera sobre o cinzeiro, onde a pus de pé. Reiko acendeu um cigarro usando o fogo da vela. O ambiente permanecia silencioso e, com os três circundando a vela, tinha-se a impressão de que só havíamos sobrado nós no recanto mais afastado do mundo. As sombras imóveis produzidas pelo luar e as sombras oscilantes da luz da vela encontravam-se e entrelaçavam-se sobre a parede branca. Naoko e eu nos sentamos lado a lado no sofá, e Reiko se acomodou na cadeira de balanço à nossa frente.

— Que tal um pouco de vinho? — perguntou-me Reiko.

— Vocês podem beber aqui? — falei, surpreso.

— Na verdade, não — disse Reiko enquanto, envergonhada, coçava o lóbulo da orelha. — Mas, em geral, eles fazem vista grossa. Não tem problema se for vinho ou cerveja, desde que não seja muito. De vez em quando peço a um funcionário conhecido para comprar para nós.

— Às vezes fazemos festas — disse Naoko brincando.

— Que maravilha — falei.

Reiko tirou uma garrafa de vinho branco do refrigerador, abriu-a com um saca-rolhas e voltou trazendo três copos. Era um vinho delicioso, de sabor suave, aparentando ser de fabricação caseira. Quando o disco acabou de tocar, Reiko puxou seu violão de debaixo da cama e, depois de afinar as cordas com carinho, começou a tocar devagar uma fuga de Bach. Apesar de seus dedos não conseguirem executar alguns trechos, era Bach de verdade, tocado corretamente e com emoção. Era terno, íntimo, e cheio de alegria por estar tocando.

— Comecei a aprender depois que vim para cá. Tudo porque, como você mesmo constatou, não temos piano nos quartos. Fui autodidata e, como meus dedos não estão adaptados ao violão, não faço muitos progressos. Mas adoro dedilhar o violão. É pequeno, simples e fácil... como um quarto pequeno mas confortável.

Ela tocou mais uma peça curta de Bach. Era um trecho extraído de uma suíte. Observando a vela, bebendo vinho e ouvindo Bach interpretado por Reiko, fui aos poucos me sentindo em paz. Quando ela terminou, Naoko lhe pediu para tocar uma canção dos Beatles.

— Chegou a hora dos pedidos — disse-me Reiko piscando o olho. — Desde o dia em que Naoko chegou, ela não pára de me pedir para tocar canções dos Beatles. Eu me encontro na triste condição de sua escrava musical.

Dizendo isso, ela tocou “Michelle” brilhantemente.

— Essa é ótima, você não acha? Eu adoro. — Reiko sorveu um gole de vinho e deu uma tragada no cigarro. — É como a chuva caindo suavemente sobre uma vasta planície.

Depois disso ela tocou “Nowhere Man” e “Julia”. Às vezes, enquanto tocava, fechava os olhos e sacudia a cabeça. Então dava um gole no vinho e fumava seu cigarro.

— Toque “Norwegian Wood” — pediu Naoko.

Reiko trouxe da cozinha um cofrinho de porcelana em forma de um gato acenando com a pata, e Naoko pôs nele uma moeda de 100 ienes que tirou da carteira.

— O que vocês estão fazendo? — perguntei.

— Temos um trato de eu sempre depositar 100 ienes no cofre quando lhe peço para tocar “Norwegian Wood” — explicou Naoko. — Faço isso porque é minha canção favorita. Eu só a peço quando realmente quero ouvi-la.

— E eu uso o dinheiro para comprar meus cigarros.

Reiko exercitou os dedos antes de tocar “Norwegian Wood”. Imprimia emoção nas canções que executava sem, no entanto, deixá-las cair no sentimentalismo. Peguei também uma moeda de 100 ienes e a pus no cofrinho.

— Obrigada — agradeceu Reiko sorridente.

— Às vezes fico tão deprimida ao ouvir essa canção. Não sei por quê, mas sinto como se estivesse perdida vagando nas profundezas de um bosque — disse Naoko. — Sozinha, com frio, no escuro e sem ninguém para me socorrer. Por isso, a menos que eu peça, ela não toca essa música.

— Isso me faz lembrar de *Casablanca* — disse Reiko sorrindo.

Depois de “Norwegian Wood”, Reiko tocou algumas canções de bossa-nova. Enquanto isso, eu observava Naoko. Como ela própria havia escrito na carta, estava mais saudável do que antes — bronzeada, o corpo mais enrijecido pela prática de esportes e o trabalho ao ar livre. Seu olhar continuava límpido e profundo como as águas de um lago, e os pequenos lábios ainda tremiam timidamente, mas no todo sua beleza começava a se transformar na de uma mulher madura. Não havia mais aquele lado cortante — o fio gelado de uma fina lâmina — que podia ser visto antes nas sombras de sua beleza, e em seu lugar uma tranquilidade profundamente gentil e serena flutuava à sua volta. Essa nova

beleza tocou meu coração. Eu estava admirado pelo fato de uma mulher poder se transformar tão radicalmente em apenas seis meses. A nova beleza de Naoko me atraía tanto ou mais do que a anterior, mas mesmo assim eu não podia deixar de lamentar ao pensar naquilo que ela havia perdido. Ela nunca teria de volta aquela beleza tão particular às adolescentes que, egoísta, parece ter vida própria.

Naoko disse estar curiosa para saber sobre minha vida. Conte-i-lhe sobre a greve na universidade e também sobre Nagasawa. Era a primeira vez que falava sobre ele com Naoko. Foi difícil explicar com precisão a estranha humanidade de seu caráter, seu sistema de raciocínio inusitado e sua moral ambígua, mas Naoko acabou entendendo razoavelmente bem o que eu queria dizer. Escondi o fato de eu e Nagasawa sairmos em dupla à caça de garotas. Apenas expliquei que aquele personagem incomum era o único homem com quem eu mantinha um relacionamento mais próximo dentro do alojamento. Enquanto isso, Reiko havia retomado a fuga de Bach em seu violão. Como de costume, ela parava de vez em quando para beber um gole de vinho ou tragar seu cigarro.

— Ele parece um cara estranho — disse Naoko.

— Ele é estranho — confirmei.

— E mesmo assim você gosta dele?

— Não sei ao certo — respondi. — Provavelmente gostar não é a palavra adequada. Ele desafia categorias como gostar ou detestar. Ele próprio não se importa nem um pouco com isso. Nesse sentido, é uma pessoa muito franca, que não brinca com o sentimento dos outros, e eu diria até que é um cara de princípios.

— Estranho você chamar alguém que já transou com tantas mulheres de uma pessoa de princípios — disse Naoko em meio a um sorriso. — Quantas ele já levou para a cama?

— Acho que já chegou na casa das 80 — respondi. — Mas, no caso de Nagasawa, quanto maior o número de mulheres, menos sentido parece ter cada ato individual, e acho que no fundo é isso que ele deseja.

— E isso é ter princípios? — perguntou Naoko.

— Para ele, pelo menos, é.

Por alguns instantes, Naoko refletiu sobre o que eu dissera.

— Acho que ele é muito mais pirado do que eu — disse ela.

— Concordo plenamente — completei. — Mas ele criou um sistema para toda a sua deformação e transformou-a numa teoria. Ele é muito inteligente. Experimente trazê-lo aqui: ele não agüentaria dois dias. “Claro, isso eu já sei, também conheço aquilo, bom, já entendi tudo.” É assim que ele é. Esse tipo de pessoa é respeitado na sociedade.

— Com certeza, minha cabeça é ruim — disse Naoko. — Ainda não entendo bem as coisas aqui. Não sou capaz de entender nem a mim mesma.

— Sua cabeça não é ruim. É normal. Há muitas coisas sobre mim que eu não sei. Isso é ser uma pessoa normal.

Naoko ergueu as pernas para cima do sofá, dobrou-as e apoiou o queixo sobre os joelhos.

— Quero conhecer você melhor, Toru — confessou-me ela.

— Sou um cara normal. Família, formação, rosto, notas escolares e pensamentos: tudo normal — falei.

— Não foi seu adorador Scott Fitzgerald que escreveu que não se deve confiar em pessoas que se autoproclamam normais? Li isso naquele livro dele que você me emprestou — disse Naoko sorrindo e caçoando de mim.

— Sem dúvida — concordei. — Mas não falei por afetação. No fundo, sinceramente, eu me sinto assim. Sou um cara normal. Você é capaz de encontrar algo em mim fora do normal?

— Claro! — exclamou Naoko com ar admirado. — Vai me dizer que você nunca se deu conta? Se não fosse isso, por que então eu teria ido para a cama com você? Ou acha que só fiz isso porque estava bêbada e na hora qualquer pessoa serviria?

— É claro que não penso isso — revidei.

Naoko permaneceu em silêncio contemplando os próprios pés por muito tempo. Sem saber o que dizer, continuei bebendo vinho.

— E você, Toru, com quantas garotas já transou? — perguntou Naoko em voz baixa, como se tivesse pensado nisso subitamente.

— Oito ou nove — respondi com sinceridade.

Reiko interrompeu o exercício, deixando cair ruidosamente o violão sobre o colo.

— Você ainda nem fez 20 anos, não é? Afinal, que tipo de vida leva?

Naoko estava calada, fitando-me com seus olhos límpidos. contei a Reiko como havia sido minha primeira transa e como eu havia me separado da garota. Expliquei que havia sido incapaz de amá-la. Falei também sobre ter ido para a cama com várias desconhecidas sob a tutela de Nagasawa.

— Não estou arranjando desculpas, mas foi muito difícil — falei para Naoko. — Toda semana eu me encontrava com você, nós conversávamos, mas sabia que Kizuki era o único dono do seu coração. Era insuportável. Acho que por isso fui para a cama com garotas que mal conhecia.

Naoko meneou a cabeça repetidas vezes, levantando em seguida o rosto para novamente me fitar.

— Lembra que você me perguntou por que eu não transava com Kizuki naquela época? Ainda quer saber?

— Talvez seja melhor eu saber — respondi.

— Também acho — disse Naoko. — Os mortos vão continuar mortos, mas nós precisamos levar nossas vidas adiante.

Concordei com Naoko. Reiko exercitava um trecho difícil, repetindo-o inúmeras vezes.

— Eu queria ir para a cama com Kizuki. — Naoko tirou o prendedor e deixou os cabelos caírem soltos. Divertia-se manuseando o prendedor em forma de borboleta. — Obviamente, ele também queria. Por isso tentamos repetidas vezes. Todas em vão. Não conseguimos. Na época não entendi por quê, e até hoje continuo sem entender. Eu estava apaixonada por Kizuki e não tinha medo de perder a virgindade. Ficaria feliz em fazer o que ele quisesse. Mas não deu certo.

Naoko ergueu os cabelos novamente e os prendeu com o prendedor.

— Eu não ficava molhada de jeito nenhum — sussurrou Naoko. — Nunca me abri para ele. Então sempre doía. Era seco,

doía demais. Tentamos de várias formas. Mas, por mais que tentássemos, não adiantava. Doía mesmo quando ele passava creme ou alguma coisa assim. Por isso eu acabava usando os dedos ou a boca... Está me entendendo?

Meneei afirmativamente a cabeça, calado.

Naoko admirava a lua pela janela — ela parecia maior e mais brilhante do que antes.

— Toru, eu preferiria nunca ter que falar sobre isso. Se pudesse, manteria isso para sempre trancado no meu coração. Mas é impossível. Eu precisava desabafar. Eu mesma não tenho a resposta. Você lembra que fiquei toda molhada quando transamos? Não fiquei?

— Ficou — respondi.

— Na noite do meu aniversário de 20 anos, fiquei molhada na mesma hora em que você entrou. E não conseguia parar de desejar que você me abraçasse. Queria que você tirasse minha roupa, acariciasse meu corpo, me penetrasse. Era a primeira vez que eu pensava essas coisas. Por quê? Como essas coisas acontecem? E logo comigo, que estava apaixonada por Kizuki!

— Você quer dizer com isso que não estava apaixonada por mim?

— Desculpe — disse Naoko. — Não era minha intenção ferir seus sentimentos, mas eu quero que você entenda. Minha relação com Kizuki era realmente especial. Desde os 3 anos de idade nós brincávamos juntos. Crescemos juntos, conversando sempre sobre um monte de coisas e nos dando muito bem. Na primeira vez em que nos beijamos estávamos na quinta série e foi lindo! Quando fiquei menstruada pela primeira vez, fui procurá-lo e chorei como um bebê. Era essa a nossa relação. Por isso, depois que ele morreu, eu perdi a noção de como deveria me relacionar com outras pessoas. E também já não sei mais o que significa amar alguém.

Ela fez menção de pegar o copo de vinho sobre a mesa, mas não conseguiu, e o copo caiu rolando no chão. O vinho se derramou sobre o carpete. Agachei-me, peguei o copo e tornei a pô-lo sobre a mesa. Perguntei a Naoko se ela queria um pouco mais de vinho. Ela permaneceu calada por alguns instantes, mas por fim seu corpo

tremeu de repente e ela desatou a chorar. Curvou o corpo, enterrou o rosto nas mãos e, com a mesma violência daquela noite comigo, chorou de soluçar. Reiko deixou o violão de lado e veio acariciar delicadamente as costas da amiga. Quando ela pôs a mão sobre seu ombro, Naoko encostou a cabeça no peito de Reiko como um bebê.

— Watanabe — disse Reiko para mim —, você se importaria de ir dar uma volta por uns vinte minutos? Acho que ajudaria bastante.

Assenti com a cabeça, levantei-me e vesti um suéter por cima da camisa.

— Obrigado — disse eu a Reiko.

— De nada. Não é culpa sua. Não se preocupe. Quando você estiver de volta, já terá passado — disse-me ela, piscando o olho.

Segui pelo caminho iluminado pela luz estranha e irreal da lua e entrei no bosque, caminhando a esmo. Sons diversos produziam uma curiosa vibração sob o luar. O eco dos meus pesados passos parecia vir de outra direção, como o barulho dos passos de alguém andando no fundo do mar. Às vezes eu ouvia atrás de mim algum ruído rápido e seco. Reinava no bosque uma atmosfera sufocante, como se os animais noturnos estivessem prendendo a respiração, esperando eu passar.

Atravessei o bosque e sentei-me na encosta de um morro baixo, de onde fiquei observando a casa de Naoko. Foi fácil identificar seu quarto. Bastou procurar a única janela dos fundos onde brilhava uma luz tênue. Fiquei totalmente imóvel observando aquela luz. Ela me lembrava a última pulsação de um espírito ainda em brasas. Eu queria proteger aquela luz, cobrindo-a com as mãos. Durante muito tempo contemplei essa luz tênue e trêmula, do mesmo modo como Jay Gatsby observava, noite após noite, aquela pequena luz na margem oposta do rio.

Voltei meia hora mais tarde e, quando cheguei à porta, ouvi Reiko praticando violão. Subi as escadas pé ante pé e bati na porta. Ao

entrar, não vi Naoko, apenas Reiko sentada sozinha no carpete tocando violão. Ela apontou para a porta do quarto. Parecia estar dizendo que Naoko estava lá. Reiko então pôs o violão no chão, sentou-se no sofá e pediu que eu me sentasse ao seu lado. Em seguida dividiu o que restava do vinho entre os nossos dois copos.

— Ela está bem — disse Reiko, dando um tapinha no meu joelho. — Não se preocupe. Depois de descansar por uns instantes, ela vai se acalmar. Estava só um pouco nervosa. Enquanto isso, que tal darmos um passeio?

— Com prazer — falei.

Reiko e eu percorremos lentamente o caminho iluminado pelos postes e, chegando às quadras de tênis e basquete, nos sentamos num banco. Ela pegou uma bola de basquete cor de laranja debaixo do banco e a fez girar nas mãos por alguns instantes. Então me perguntou se eu jogava tênis. Respondi-lhe que sim, embora muito mal.

— E basquete?

— Não é minha especialidade.

— Afinal, em que você é bom? Além de ir para a cama com garotas, claro. — Reiko riu franzindo as rugas nos cantos dos olhos.

— Essa também não é propriamente minha especialidade — falei um pouco magoado.

— Não fique bravo. Estava só brincando. Mas, falando sério, em que você é bom? Qual é seu forte?

— Nada em especial. Existem coisas que eu gosto de fazer.

— O quê, por exemplo?

— Caminhadas. Nadar. Ler.

— Pelo visto, você gosta de fazer coisas sozinho.

— Acho que sim. Talvez seja isso mesmo — concordei. — Nunca tive interesse por esportes praticados em grupo. Por mais que tentasse, nunca consegui me entregar completamente. Nenhum me despertava a atenção.

— Então você tem que vir aqui no inverno. Nós esquiamos nos bosques e trilhas. Com certeza você iria adorar. Passamos o dia inteiro circulando na neve e suando em bicas — disse Reiko

observando sua mão direita sob a iluminação da rua, como se examinasse um velho instrumento musical.

— Naoko fica daquele jeito sempre? — perguntei.

— Fica, às vezes — disse Reiko, agora examinando a mão esquerda. — De vez em quando fica. Fica descontrolada e chora. Mas no final das contas isso é bom. Porque ela está exteriorizando suas emoções. O perigo é quando ela não consegue pô-las para fora. Nesse caso, as emoções se acumulam dentro do corpo e se solidificam gradualmente. Diversas emoções condensam e morrem dentro do corpo. Quando isso acontece, é um verdadeiro inferno.

— Será que eu disse alguma coisa que não devia?

— Não, nada. Está tudo bem. Você não disse nada de errado, não precisa se preocupar. Seja sempre franco sobre tudo. É a melhor política. Mesmo que isso possa machucar um pouco ou mesmo que alguém se descontrole como agora há pouco, a longo prazo, essa é a melhor solução. Se você quiser mesmo que Naoko se recupere, continue a agir assim. Como eu disse no começo, você não deve pensar em socorrê-la, mas sim desejar que, por meio da recuperação dela, você próprio possa se recuperar. É assim que se faz aqui. Em resumo, enquanto estiver aqui, você deve falar sobre as coisas com franqueza. No mundo exterior, nem todas as pessoas são sinceras ao falar as coisas, não concorda?

— Você tem razão — respondi.

— Nos meus sete anos aqui, vi muitas pessoas entrando e saindo — disse Reiko. — Provavelmente devo ter visto até demais. Por isso posso sentir instintivamente ao ver uma pessoa se ela pode ou não ser curada. Mas, no caso de Naoko, nem eu sei ao certo. Não posso adivinhar o que vai acontecer com ela. Ela tanto pode estar completamente curada daqui a um mês como também é possível que a condição atual dure muitos anos. Logo, não tenho condições de lhe dar conselhos sobre o assunto. Só posso dizer generalidades: seja sincero, ajudem-se mutuamente, coisas assim.

— Por que será que só no caso de Naoko você não consegue entender?

— Provavelmente porque gosto dela. Acho que não consigo entendê-la bem por causa das muitas emoções que sinto por ela. Eu

gosto mesmo dela, sabe? Além disso, no caso dela, há um monte de problemas um pouco complicados. São como fios emaranhados, e o jeito é ir separando um por um. Talvez leve muito tempo para desembaraçá-los ou, por algum motivo, todos se desembaracem facilmente. Bom, é isso. É por isso que eu também não posso afirmar nada.

Reiko pegou novamente a bola de basquete, girou-a entre as mãos e a fez quicar no chão.

— O mais importante é não ficar impaciente — prosseguiu Reiko. — Esse é mais um conselho que lhe dou. Não se precipite. Mesmo que esteja envolvido a ponto de ser incapaz de se desvencilhar, não se desespere nem se irrite arrastando-a à força. Você tem que entender que desembaraçar calmamente fio por fio leva tempo. Acha que consegue?

— Vou tentar — respondi.

— Mesmo levando tempo, é possível que ela não se recupere completamente. Você já pensou sobre isso?

Assenti com a cabeça.

— A espera é difícil — disse Reiko enquanto quicava a bola. — Principalmente para alguém da sua idade. Você vai ter de aguardar passivamente enquanto ela melhora. Sem prazo nem garantia. Acha que vai conseguir? Você a ama a esse ponto?

— Não tenho certeza — respondi com sinceridade. — Assim como Naoko, também não sei direito o que significa amar outra pessoa. Embora ela sinta isso de uma forma diferente. Mas vou tentar fazer o que estiver a meu alcance. Do contrário, eu próprio ficaria desnortado. Como você disse há pouco, Naoko e eu precisamos nos salvar mutuamente, e acho que esse é o único caminho para a nossa salvação.

— Enquanto isso, você vai continuar indo para a cama com qualquer garota que aparecer na sua frente?

— Também não sei o que fazer em relação a isso — falei. — O que você me aconselha? Devo continuar esperando e, enquanto isso, me contentar em me masturbar? Nesse caso também não tenho um controle completo da situação.

Reiko colocou a bola no chão e deu um tapinha no meu joelho.

— Olhe, eu não estou sugerindo que você deve parar de ir para a cama com outras garotas. Se sentir que essa é a atitude certa, vá em frente. Afinal, a vida é sua e cabe a você decidir. Mas o que eu quero dizer é que você não deve se desgastar fazendo uma coisa que foge à sua natureza. Está entendendo? Seria um desperdício se isso acontecesse. O período entre os 19 e 20 anos é muito importante na formação da personalidade, e qualquer deformação nessa época será difícil de suportar mais tarde na vida. É verdade. Por isso pense bastante. Se quiser tomar conta de Naoko, cuide de você mesmo também.

Respondi que iria refletir sobre isso.

— Eu também já tive 20 anos. Muito tempo atrás — disse Reiko. — Você acredita?

— Claro que acredito.

— Acredita mesmo?

— Acredito mesmo — respondi sorrindo.

— Eu era muito bonita na época, não tanto quanto Naoko, claro. Não estava cheia de rugas como agora.

Eu lhe disse que gostava muito das suas rugas. Ela me agradeceu.

— Mas daqui para a frente evite elogiar uma mulher dizendo que gosta das suas rugas. Eu gosto de ouvir isso, mas sou uma exceção.

— Vou tomar cuidado — respondi.

Ela tirou do bolso uma carteira e puxou de uma divisão uma foto para me mostrar. Era a foto colorida de uma linda menina de cerca de 10 anos de idade. Estava sobre esquis, vestia roupas coloridas de esqui e sorria, de pé sobre a neve.

— Não é linda? É minha filha — disse Reiko. — Ela me mandou esta foto no início do ano. Agora deve estar na quarta série.

— O sorriso dela é parecido com o seu — falei devolvendo-lhe a foto.

Ela pôs a carteira de volta no bolso e fungou de leve antes de levar um cigarro aos lábios e acendê-lo.

— Quando eu era jovem, queria ser pianista profissional. Tinha talento suficiente e as pessoas à minha volta reconheciam isso. Cresci incentivada por todo mundo. Ganhei concursos, sempre tirava as melhores notas na universidade de música e já tinha praticamente tudo arranjado para continuar meus estudos na Alemanha quando me formasse, ou seja, uma adolescência perfeita. Era bem-sucedida em tudo que fazia e, quando as coisas não iam bem, sempre havia alguém por perto para dar um jeito. Até que um belo dia uma coisa estranha aconteceu e tudo degringolou. Foi quando eu estava no quarto ano da universidade de música. Estava me preparando para um concurso importante havia algum tempo, mas de repente o dedo mínimo da minha mão esquerda perdeu o movimento. Não entendi por quê, ele simplesmente ficou paralisado. Fiz massagens, deixei o dedo de molho em água quente, interrompi os exercícios de piano por dois ou três dias, mas de nada adiantou. Desatinada, corri para o hospital. Submeti-me a uma bateria de exames, mas nenhum médico foi capaz de dar um diagnóstico. Não havia nada de errado com meu dedo, os nervos estavam perfeitos, não havia por que ele não se movimentar. Eles disseram que o problema poderia ser psicológico. Então fui me consultar com um psiquiatra. Mas ele também não entendeu direito o que estava acontecendo. Só disse que poderia ser devido ao estresse do concurso. Aconselhou-me a me afastar do piano por algum tempo.

Reiko tragou fundo a fumaça do cigarro, expelindo-a em seguida. Depois inclinou várias vezes a cabeça.

— Passei um tempo na casa da minha avó em Izu me recuperando. Desisti do concurso e decidi relaxar totalmente, afastando-me do piano por duas semanas, só me divertindo. Tudo em vão. O que quer que eu fizesse, não conseguia parar de pensar no piano. Não havia mais nada na minha cabeça. E se o meu dedo nunca mais se movimentasse? Se isso acontecesse, como eu poderia viver? Esses mesmos pensamentos iam e voltavam na minha cabeça. E não poderia ser diferente, entende? Até então minha vida havia se resumido ao piano. Eu começara a aprender a tocar aos 4 anos, e toda minha vida girava em função da música. Eu nunca havia pensado em nada além disso. Por medo de machucar

os dedos, nunca fiz trabalhos domésticos e todos à minha volta só prestavam atenção no meu talento. Experimente tirar o piano de uma menina que cresceu assim. O que sobra? Foi então que veio a explosão. Bum! Os parafusos da minha cabeça saíram voando sabe-se lá para onde. Minha cabeça pirou, tudo escureceu.

Ela jogou o cigarro ao chão, pisoteou-o até apagá-lo, e depois inclinou várias vezes a cabeça.

— Foi o fim do sonho de me tornar concertista. Passei dois meses no hospital. Logo depois de ser internada, meu dedo recomeçou a se mexer e voltei à universidade, onde consegui me formar. Mas alguma coisa dentro de mim havia desaparecido. Alguma coisa parecida com uma bola de energia havia se extinguido dentro do meu corpo. Os médicos me recomendaram desistir de me tornar pianista profissional, alegando que meus nervos eram frágeis demais. Então, depois de formada, comecei a dar aulas particulares em casa. Mas isso para mim era um sofrimento enorme. Era como se minha vida tivesse terminado. Sua melhor parte havia se encerrado aos 20 anos. Você não acha isso terrível? Eu tinha todas as possibilidades nas mãos e, da noite para o dia, não me restava mais nada. Nem aplausos, nem incentivos, nem elogios, apenas dia após dia ensinando em casa sonatinas e exercícios de Beyer. Eu me sentia um lixo e vivia chorando. Lamentava tudo o que havia perdido. Chorava de humilhação quando ouvia que alguém visivelmente menos talentoso do que eu havia tirado o segundo lugar num concurso ou dado um recital em alguma sala de concertos.

“Meus pais me tratavam cheios de dedos, com medo de me magoar. Mas eu sabia o quanto eles estavam decepcionados. A mesma filha até há pouco elogiada pela sociedade havia acabado de voltar de um hospital psiquiátrico. Casá-la havia se tornado inviável. Quando se vive na mesma casa, você sente o que os outros pensam. Eu odiava isso a ponto de não conseguir suportar. Tinha medo de sair de casa, pois quando o fazia tinha a impressão de que os vizinhos fofocavam sobre mim. Então aconteceu de novo: bum! O parafuso escapuliu, os fios se embaralharam, tudo escureceu na minha cabeça. Eu tinha 24 anos, e dessa vez passei

sete meses na casa de repouso. Não aqui, mas num lugar de muros altos e portão trancado. Era sujo, não havia piano... Na época, eu não sabia mais o que fazer. Mas concentrava meu pensamento em sair daquele lugar o quanto antes e, apavorada com a idéia de morrer ali, consegui a muito custo me recuperar. Sete meses: você não imagina como foram longos! Foi nessa época que começaram as rugas.”

Reiko sorriu, esticando os lábios de um lado para outro.

— Depois de receber alta do hospital, logo conheci um rapaz com quem me casei. Era um dos meus alunos de piano, engenheiro de uma empresa fabricante de aviões, e um ano mais novo do que eu. Uma ótima pessoa. Falava pouco, mas era sincero e carinhoso. Depois de ter aulas por cerca de seis meses, de repente me pediu em casamento. Assim, sem mais nem menos, quando estávamos tomando chá certo dia, depois da aula. Dá para acreditar? Até aquele dia nunca saíramos só nós e nunca estivéramos de mãos dadas. Foi uma surpresa para mim. Eu lhe disse que não poderia me casar com ele. Expliquei que o achava uma ótima pessoa e muito simpático, mas várias circunstâncias impediam que eu me casasse. Como ele queria saber a razão, confessei-lhe tudo com sinceridade. Confessei-lhe que havia sido hospitalizada duas vezes por problemas mentais. Conteí até os mínimos detalhes. Falei sobre a causa, sobre meu estado naquele momento, e também sobre a possibilidade de algo semelhante tornar a acontecer no futuro. Ele disse que precisava de um tempo para pensar e eu o aconselhei a refletir com bastante calma. Falei que não deveria se precipitar. Quando ele voltou na semana seguinte, afirmou que estava realmente disposto a se casar comigo. Propus-lhe então que esperássemos três meses. Durante esse tempo, tentaríamos nos conhecer melhor. Se depois disso ele ainda tivesse a intenção de se casar, voltaríamos a conversar sobre o assunto.

“Nos três meses seguintes saíamos uma vez por semana. Íamos a vários lugares e conversávamos sobre tudo. Quando me dei conta, estava apaixonada por ele. Ao seu lado tinha a impressão de que a vida finalmente havia renascido dentro de mim. Sentia-me aliviada quando estávamos juntos e era capaz de esquecer tudo de

ruim que havia acontecido comigo. Minha vida não havia acabado por eu não ter virado pianista ou por ter sido internada num hospital psiquiátrico: ela ainda tinha muitas coisas maravilhosas e desconhecidas. Fiquei grata a ele por ter me feito sentir assim. Terminado o prazo de três meses, ele confirmou seu desejo de se casar comigo. Eu lhe disse o seguinte: ‘Se quiser me levar para a cama, não me importo. Nunca fui para a cama com ninguém até hoje, mas gosto muito de você. Se quiser me abraçar, fique à vontade. Mas casar-se comigo é outra história. Casando-se comigo, você vai estar tomando para si todos os meus problemas. É uma coisa muito mais difícil do que você imagina. Mas se mesmo assim você não se importar...’

“Ele disse que não se importava, que sua intenção nunca havia sido simplesmente transar comigo, mas casar-se e repartir tudo o que eu tinha dentro de mim com ele. E ele realmente pensava assim. Era do tipo de pessoa que só dizia aquilo que realmente sentia e honrava sempre sua palavra. Concordei em me casar com ele. O que mais poderia dizer? Nós nos casamos quatro meses depois, se bem me lembro. Por causa do casamento, ele brigou com os pais e cortaram relações. Ele pertencia a uma tradicional família da área rural de Shikoku. Os pais mandaram investigar minha vida e descobriram que eu tinha um histórico de duas internações. Foram contra o nosso casamento e acabaram brigando com o filho. Sou obrigada a admitir que eles tinham razão em se opor. Por isso não tivemos cerimônia de casamento. Só fomos ao cartório, assinamos o registro e passamos duas noites em Hakone. Mas para nós tudo era motivo de felicidade. No final das contas, fui virgem até o dia do meu casamento, aos 25 anos de idade. Não parece mentira?”

Reiko suspirou e tornou a levantar a bola de basquete.

— Eu achava que tudo correria bem, desde que ele estivesse ao meu lado — disse Reiko. — Meu estado nunca mais pioraria se eu permanecesse sempre junto dele. O mais importante, no caso da nossa doença, é essa sensação de confiança. Eu podia me entregar a ele e, se eu piorasse mesmo que só de leve, ou seja, se o parafuso começasse a afrouxar, ele logo perceberia e o

consertaria com cuidado e paciência, ele o apertaria, desembaraçaria o novelo, e com essa sensação de confiança minha doença não ressurgiria. Enquanto existisse essa confiança, aquele bum! não aconteceria. Eu estava feliz. Achava a vida maravilhosa. Sentia como se alguém houvesse me resgatado de um mar revolto e gélido, me enrolado num cobertor e me deitado numa cama aquecida. Dois anos depois do casamento, tive uma filha, e a partir de então minha vida girou em função dela. Graças a ela esqueci totalmente minha doença. Acordava de manhã, executava as tarefas de casa, cuidava do bebê e, quando meu marido chegava, servia seu jantar... essa era a minha rotina diária. Mas eu era feliz. Provavelmente foi a época mais feliz da minha vida. Quantos anos durou? Continuou com certeza até meus 31 anos. E então... novamente bum!, a explosão.

Reiko acendeu um cigarro. O vento havia cessado. A fumaça erguia-se reta, indo dissipar-se dentro da escuridão noturna. Só então me dei conta das inúmeras estrelas brilhando no céu.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Bom — continuou Reiko —, aconteceu algo muitíssimo estranho. Era como se alguma armadilha estivesse armada para mim. Ainda hoje tenho calafrios quando penso nisso. — Ela coçou a têmpora com a mão que não segurava o cigarro. — Mas isso não é justo. Eu aqui falando o tempo todo sobre mim, quando na verdade foi por causa de Naoko que você veio.

— Eu quero muito ouvir o que você tem para contar — falei.
— Se não se importar, gostaria de ouvir o resto.

— Bom, minha filha entrou para o jardim-de-infância e eu, aos poucos, voltei a tocar piano — recomeçou Reiko de onde havia parado. — Comecei a tocar para mim mesma e não para os outros. No início executava peças curtas de Bach, Mozart e Scarlatti. Naturalmente, depois de tanto tempo parada, minha sensibilidade musical custou a voltar. Comparados com antigamente, os dedos já não se movimentavam como eu gostaria. Mas eu estava feliz. Sabia que ainda podia tocar. Tocando piano desse jeito, compreendia o quanto amava a música. E percebia também a falta que ela me fizera. Mas o mais maravilhoso é que eu podia interpretar música

para mim mesma. Como disse há pouco, eu tocava piano desde os 4 anos, e, pensando bem, nunca tivera a oportunidade de tocar só para mim. Sempre o fizera apenas para passar num teste, por serem as peças designadas ou para impressionar as pessoas. Não digo que isso não seja importante para dominar o instrumento. Mas, depois de uma certa idade, é preciso executar a música para si próprio. Afinal, música é isso. Tive que sair do curso de elite e completar 32 anos para poder finalmente enxergar essa verdade. Eu levava minha filha para o jardim-de-infância, concluía rapidamente as tarefas domésticas e, depois, tocava por uma ou duas horas minhas peças favoritas. Até aí não havia problemas. Concorda?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Mas certo dia recebi a visita de uma senhora da vizinhança a quem só conhecia de vista e que só fazia cumprimentar quando nos encontrávamos por acaso na rua. Ela me perguntou se eu não poderia dar aulas de piano a sua filha, que na verdade desejava muito aprender comigo. Mesmo morando na vizinhança, sua casa ficava afastada, e eu não conhecia sua filha, mas, segundo ela, a menina costumava passar na frente da minha casa e se impressionava ao me ouvir tocar. Disse também que a filha me conhecia de vista e que me venerava. A menina estava no segundo ano do secundário e já havia tido aulas de piano com vários professores, mas, por motivos diversos, não havia progredido, e naquele momento estava sem aulas.

“Eu recusei. Aleguei que havia passado muito tempo sem tocar e, como não se tratava de uma completa iniciante, mas de alguém que tivera aulas durante muitos anos, seria impossível para mim ensinar. Em primeiro lugar, eu estava ocupada demais cuidando da minha filha. Além disso — mas logicamente não cheguei a dizer isso a ela —, ninguém consegue lidar com uma menina que mudou tantas vezes de professor. Mas essa senhora insistiu para que eu me encontrasse pelo menos uma vez com sua filha. Ela era tão persistente que teria sido trabalhoso tentar recusar, e, como a menina insistia em querer me conhecer, eu lhe disse que não me importaria, com a condição de ser realmente apenas um encontro, nada mais. Três dias depois essa menina apareceu

sozinha. Era linda como um anjo. De uma beleza verdadeiramente pura, transparente. Eu nunca tinha visto até então — nem vi depois daquele dia — uma menina tão bonita. Seus longos cabelos eram tão negros quanto tinta nanquim recém-dissolvida, seus braços e pernas eram graciosos, seus olhos brilhantes, seus lábios finos e macios como recém-modelados. Imagine que, quando a vi, por alguns instantes não fui capaz de emitir uma palavra sequer, tamanha sua beleza. Quando ela se sentou no sofá da nossa sala, o cômodo parecia ter se transformado num ambiente requintado. Fiquei tão deslumbrada ao vê-la que meus olhos se ofuscaram. Ela era assim. Ainda hoje me lembro claramente dela.”

Reiko semicerrou os olhos por um momento, como se realmente recordasse o rosto da menina.

— Conversamos durante cerca de uma hora, enquanto tomávamos café. Falamos sobre diversos assuntos. Sobre música, sobre o colégio. Logo de início, notei que era uma menina inteligente. Sabia manter uma conversa, suas opiniões eram claras e precisas, e tinha um talento natural para cativar seu interlocutor. Aquilo chegava a ser assustador. Mas na época não entendi bem o que me levava a me sentir assim. Só reparei em sua inteligência brilhante e vagamente assustadora. Mas, conversando com ela, aos poucos perdi a capacidade normal de raciocínio. Em suma, pressionada por sua juventude e por sua beleza, passei a me achar um ser totalmente inferior e rude, e acabei sentindo que meus pensamentos negativos com relação a ela certamente eram resultado da minha mente perversa e suja.

Ela sacudiu a cabeça várias vezes.

— Se eu fosse tão linda e inteligente como ela, teria me tornado um ser humano mais normal. O que mais ela poderia querer além de beleza e inteligência? Com tanta gente tratando-a com importância, que necessidade ela teria de humilhar e pisotear pessoas inferiores e mais fracas do que ela? Afinal, não existe razão para agir assim, não acha?

— Ela fez alguma coisa horrível contra você?

— Antes de mais nada, essa menina era uma mentirosa compulsiva, uma mitômana. Era absolutamente patológico. Ela

inventava um monte de histórias. E, à medida que dava asas a sua imaginação, acabava ela própria convencida da veracidade de tudo que dizia. Para que sua história continuasse plausível, não parava de alterar o conteúdo. Graças a seu raciocínio terrivelmente rápido, adiantava-se às pessoas e modificava suas invenções para o interlocutor não perceber as partes que normalmente as pessoas achariam estranhas ou esquisitas. Tudo era transformado em mentiras. Ninguém pensaria que uma menina tão bonita pregaria mentiras por coisas banais. Eu fui uma dessas pessoas. Nunca suspeitei que tudo que ela me dissera durante seis meses não passava de lorotas. Mentiras de cabo a rabo. Como pude ser tão idiota?

— Que tipo de mentiras?

— De todos os tipos — disse Reiko rindo sarcasticamente.

— Como acabei de dizer, quando uma pessoa prega uma mentira, precisa inventar um monte de novas mentiras que combinem com a primeira. Mitomania é isso. Mas, na maioria dos casos, as mentiras dos mitômanos são do tipo inofensivo, que em geral as pessoas em volta logo percebem. Mas no caso dessa menina era diferente. Para se proteger, ela pregava mentiras para machucar as pessoas descaradamente, e usava tudo que pudesse conseguir. Mentia mais ou menos dependendo da pessoa. Ela não mentia para a mãe, amigas íntimas ou outras que logo perceberiam a farsa e, quando realmente precisava fazê-lo, tomava todas as precauções possíveis. As mentiras que contava eram do tipo que jamais seriam descobertas. E, no caso de a verdade vir à tona, ela arranjava uma justificativa ou se desculpava numa voz embargada, deixando escorrer lágrimas daqueles lindos olhos. Com isso a raiva das pessoas passava. Até hoje não entendo a razão de ela ter me escolhido. Não sei se me elegeu para vítima ou tábua de salvação. Realmente nunca entendi. Obviamente isso já não tem mais importância. Tudo terminou, e agora eu estou desse jeito.

Seguiu-se um curto silêncio.

— Ela repetiu tudo o que a mãe me dissera. Disse que se emocionava sempre que passava em frente à minha casa e me ouvia tocar. Vira-me algumas vezes na rua e me venerava. Usou

mesmo a palavra “veneração”. Fiquei toda vermelha. Ser venerada por uma menina linda como uma boneca! Não acreditei que fosse mentira. Claro que eu já havia passado dos 30, não era nem linda nem inteligente como ela e não tinha nenhum talento em especial. Mas alguma coisa dentro de mim provavelmente a havia atraído. Algo que ela não tinha, acho. Deve ter sido isso que despertou seu interesse por mim. Só agora percebo isso. Pode ter certeza de que não estou me vangloriando.

— Acho que sei o que você está querendo dizer — repliquei.

— Ela me perguntou se poderia executar uma partitura que trouxera consigo. Concordei, pedindo-lhe para tocar. Era uma invenção de Bach. Sua interpretação era interessante. Ou seria mais apropriado dizer estranha? De qualquer forma, era incomum. Obviamente faltava-lhe destreza. Ela não freqüentava nenhuma escola de música e até então tivera aulas particulares sem regularidade. Precisava de treinamento. Se fizesse as provas práticas de admissão para um conservatório, com uma interpretação como aquela, seria rejeitada no ato. Mas não era de todo ruim aos ouvidos. Em suma, 90 por cento eram sofríveis, mas os dez por cento restantes eram de boa qualidade. E era uma invenção de Bach! Foi isso que despertou meu interesse por ela. Na verdade, eu estava curiosa para saber quem ela era.

“É claro que o mundo está cheio de jovens capazes de interpretar Bach com virtuosismo. Muitos tocavam mil vezes melhor que ela. Mas a maioria de suas interpretações carece de conteúdo. São completamente vazias. Apesar de a técnica dessa menina ser ruim, ela possuía algo que atraía as pessoas, ou que, pelo menos, atraía a mim. Imaginei então que poderia valer a pena tê-la como aluna. Logicamente, aquela altura seria impossível fazer dela uma profissional. Mas talvez fosse possível transformá-la em uma pianista feliz, capaz de interpretar para seu próprio contentamento como eu fazia na época e ainda faço agora. No final das contas, foi um desejo em vão. Ela não era do tipo que faria algo discretamente, apenas para si. Era uma menina que calculava meticulosamente como usar todos os métodos à sua disposição para obter a admiração das pessoas. Sabia exatamente o que fazer para ser

admirada e elogiada. E sabia exatamente o tipo de interpretação que me atrairia. Tudo friamente calculado. Ela deve ter se esforçado, treinando inúmeras vezes só os trechos que desejava que eu ouvisse. Posso imaginá-la se exercitando.

“Mas mesmo agora que entendo tudo isso ainda considero suas interpretações maravilhosas, e com certeza me emocionaria poder ouvi-la tocar de novo. Mesmo ciente de toda sua astúcia, mentiras e defeitos. Fique sabendo que há muito disso no mundo.”

Depois de uma tosse curta e seca, ela interrompeu a narrativa e permaneceu algum tempo calada.

— E você, afinal, aceitou-a como aluna? — perguntei.

— É claro que sim. Uma vez por semana. No sábado de manhã. Ela não tinha aulas no colégio aos sábados. Era uma aluna ideal, nunca faltava nem chegava atrasada. Sempre treinava para as aulas e, depois, conversávamos comendo torta... — Nesse ponto, Reiko olhou o relógio de pulso como se houvesse se lembrado de alguma coisa de repente. — Você não acha melhor voltamos? Estou preocupada com Naoko. Ou vai me dizer que já se esqueceu dela?

— Claro que não me esqueci — falei rindo. — Só que estava completamente absorto na sua história.

— Se quiser ouvir o resto, eu continuo amanhã. É uma história muito longa e difícil de contar toda de uma vez só.

— Você está parecendo Sherazade.

— Desse jeito você nunca vai voltar para Tóquio — afirmou Reiko rindo também.

Voltamos pelo mesmo caminho cortando o bosque. Tanto a vela quanto a luz na sala de estar estavam apagadas. A porta do quarto estava aberta, e a fraca luminosidade do abajur aceso derramava-se para a sala. Naoko estava sentada sozinha no sofá em meio a essa semi-escuridão. Vestia algo parecido com uma camisola, cuja gola estava abotoada até o pescoço. Estava sentada com os pés erguidos sobre o sofá e os joelhos dobrados. Reiko foi até ela e pôs a mão em sua cabeça.

— Está melhor?

— Sim, estou bem. Desculpe — disse Naoko numa voz miúda. Depois, virando-se para mim, repetiu o pedido de desculpas. — Você ficou assustado?

— Um pouco — respondi sorrindo.

— Venha aqui — pediu ela. Quando me sentei a seu lado, Naoko, mantendo os joelhos dobrados, aproximou o rosto da minha orelha como se quisesse me contar um segredo e me deu um leve beijo. — Desculpe — tornou a dizer ela em voz baixa ao pé do meu ouvido. Em seguida, afastou-se de mim. — Às vezes nem eu entendo o que acontece comigo — confessou ela.

— Sabe que isso acontece muito comigo também?

Naoko olhou meu rosto e sorriu. Eu lhe disse que gostaria de ouvir mais sobre ela, caso não se importasse. Sobre sua vida no pensionato. O que fazia todo dia. Que tipo de pessoas morava lá.

Naoko me falou sobre sua vida diária em frases curtas, mas muito claras. Ela acordava às seis, tomava café-da-manhã no próprio apartamento e, depois de limpar o viveiro de pássaros, em geral ia trabalhar na horta. Cuidava das verduras. Antes ou depois do almoço, por uma hora, tinha uma entrevista individual com seu médico ou participava de discussões em grupo. À tarde a programação era livre, e ela podia escolher entre cursos de que gostasse, tarefas ao ar livre ou esportes. Estava tendo aulas de francês, tricô, piano e História da Antiguidade.

— Reiko está me ensinando piano — disse Naoko. — Além disso, ela também ensina violão. Todos nós somos alunos e professores alternadamente. Quem é fluente em francês ensina francês, quem era professor de ciências sociais ensina história, quem sabe tricotar bem dá aulas de tricô, e isso é suficiente para termos uma escola respeitável. Infelizmente não há nada que eu possa ensinar aos outros.

— Nem eu.

— De qualquer forma, estou me dedicando muito mais aos estudos aqui do que quando estava na universidade. Estou estudando bastante e me divertindo muito com isso.

— O que costuma fazer depois do jantar?

— Converso com Reiko, leio livros, ouço discos, vou ao quarto de outras pessoas para jogar e coisas assim — respondeu Naoko.

— Toco violão e escrevo minha autobiografia — disse Reiko.

— Autobiografia?

— É brincadeira — disse Reiko rindo. — Nós vamos para a cama por volta das dez. Não acha que levamos uma vida saudável? Dormimos como pedras.

Olhei para o relógio. Era pouco antes das nove.

— Então vocês daqui a pouco vão ficar com sono.

— Hoje não tem problema ficarmos acordadas até mais tarde — disse Naoko. — Faz tanto tempo que não nos vemos que quero conversar mais. Vamos, conte alguma coisa.

— Agora há pouco, quando estava sozinho, de repente comecei a pensar nos velhos tempos — falei. — Você se lembra de quando Kizuki e eu fomos visitar você no hospital? Aquele que ficava à beira-mar? Quando foi mesmo? No verão do segundo ano do secundário?

— Quando me operaram e abriram meu peito — disse Naoko sorrindo. — Eu me lembro muito bem. Você e Kizuki vieram de motocicleta. Trouxeram chocolates, todos derretidos e deformados. Foi um custo para comê-los, sabia? Mas tudo isso me parece tão distante no tempo.

— Tem razão. Na época, se bem me lembro, você escrevia longos poemas.

— Qualquer menina daquela idade escreve poemas — disse Naoko com um risinho nervoso. — Por que você se lembrou disso logo agora?

— Não sei. Só me veio à memória. De repente me lembrei do cheiro da brisa do mar e das espirradeiras — falei. — Kizuki foi visitar você muitas vezes no hospital?

— Praticamente não apareceu. Chegamos a brigar depois por causa disso. Ele foi uma vez sozinho, acompanhou você daquela outra vez e nunca mais. Não acha horrível? Quando ele apareceu pela primeira vez, não parava quieto e foi embora uns dez minutos depois. Levou laranjas, reclamou de um monte de coisas

que eu não entendi bem, depois descascou uma laranja para mim, continuou a se queixar sobre sei lá o quê, e logo em seguida partiu. Disse que não tinha estômago para ficar em hospitais. — Naoko riu. — Ele ainda era uma criança para esse tipo de coisas. Você não acha? Ninguém gosta de hospitais. É por isso mesmo que as pessoas vão visitar os doentes nos hospitais. Para lhes dar ânimo. Ele não entendia isso.

— Mas quando fomos os dois visitar você as coisas não foram tão ruins. Ele agiu normalmente.

— Porque você estava junto — revidou Naoko. — Na sua frente, ele era sempre assim. Ele se esforçava para dissimular suas fraquezas. Kizuki sem dúvida gostava de você. Fazia questão de só mostrar seu lado bom. Mas quando estava sozinho comigo era bem diferente. Ele relaxava um pouco. Na verdade, seu humor era bem instável. Por exemplo, num minuto dominava sozinho a conversa, e no minuto seguinte estava deprimido. Acontecia o tempo todo. Era assim desde criança. Mas ele estava sempre tentando mudar e melhorar...

Naoko ajeitou as pernas sobre o sofá.

— Tentava mudar e melhorar, mas, como não conseguia, se irritava e ficava triste. Ele tinha tantas coisas maravilhosas e lindas, mas até o fim não teve confiança em si mesmo e só pensava em fazer ou mudar certas coisas. Pobre Kizuki!

— Mas se ele realmente se esforçava em só me mostrar seu lado bom, parece ter conseguido. Afinal, eu só enxergava suas qualidades.

Naoko sorriu.

— Ele ficaria felicíssimo se ouvisse isso. Sabe que você era seu único amigo?

— Kizuki também era meu único amigo — falei. — Antes e depois dele não houve ninguém a quem eu pudesse chamar de amigo.

— Por isso eu adorava estar com você e Kizuki. Quando isso acontecia, eu também só conseguia ver o lado bom dele. E sentia então um enorme alívio dentro de mim. Podia ficar despreocupada.

Por isso adorava quando estávamos os três. Não sei se você também sentia a mesma coisa.

— Eu ficava preocupado com o que você estaria pensando — confessei, com um leve meneio de cabeça.

— O problema é que aquilo não poderia durar para sempre. Um pequeno círculo como o nosso não se manteria eternamente. Kizuki tinha consciência disso, eu sabia e você também, não é?

Assenti com a cabeça.

— Mas, sinceramente, eu adorava as fraquezas dele. Adorava-as tanto quanto suas qualidades. Ele não tinha malícia nem maldade. Era só fraco. Mas, mesmo quando eu lhe dizia isso, ele não acreditava. Sempre me respondia o seguinte: “Naoko, você diz isso porque me conhece muito, estamos juntos desde os 3 anos de idade, e com isso meus defeitos e qualidades se misturaram a ponto de você não conseguir distingui-los.” Ele sempre me dizia isso. Mas o que quer que ele dissesse eu o amava do mesmo jeito, e praticamente não tinha interesse em ninguém além dele.

Naoko olhou para mim e sorriu com tristeza.

— Nosso relacionamento era completamente diferente da relação usual entre um homem e uma mulher. Era como se algo em alguma parte de nós nos ligasse fisicamente. Era como se, mesmo que nos distanciássemos em algum momento, uma força voltasse a nos trazer ao mesmo lugar e nos ligar um ao outro. Por isso, foi totalmente natural começarmos a namorar. Não houve espaço para reflexão ou escolha. Aos 12 anos nos beijamos, aos 13 já trocávamos carícias. Eu ia ao quarto dele ou ele vinha ao meu, e eu o masturbava com a mão. Mas não nos considerávamos precoces. Para nós era o curso natural das coisas. Eu não me incomodava de forma nenhuma quando ele tinha vontade de acariciar meus seios ou minha vagina, assim como não me constrangia em ajudá-lo quando ele sentia vontade de gozar. Se alguém nos criticasse por isso, eu certamente ficaria surpresa ou zangada. Afinal, não estávamos cometendo nenhum crime. Estávamos só fazendo o que deveríamos fazer. Sempre mostramos um ao outro cada centímetro de nossos corpos, como se fossem nossa propriedade comum, e era assim que sentíamos. Mas havíamos decidido que por ora não

passaríamos disso. Tínhamos medo de que eu ficasse grávida, e naquela época eu não conhecia bem os métodos anticoncepcionais... De qualquer forma, foi assim que crescemos, unidos, de mãos dadas. Praticamente não tivemos experiência da opressão do sexo e do aumento do ego normal nas crianças que chegam à puberdade. Como eu disse antes, éramos totalmente abertos em relação ao sexo e, como absorvíamos e compartilhávamos nossos egos, não tínhamos uma consciência muito forte deles. Está me entendendo?

— Acho que sim — respondi.

— Éramos inseparáveis. Por isso, se Kizuki ainda estivesse vivo, provavelmente estaríamos juntos, nos amando e nos tornando gradualmente infelizes.

— Por que infelizes?

Naoko passou as mãos várias vezes pelos cabelos. Como ela havia tirado o prendedor, quando abaixava a cabeça, eles lhe cobriam o rosto.

— Talvez porque tivéssemos que pagar nossa dívida aqui neste mundo — disse Naoko erguendo a cabeça. — Algo como a dor do crescimento. Nós não pagamos o preço no momento devido e agora estamos recebendo a conta. Por isso Kizuki acabou daquele jeito, e eu estou deste jeito, neste lugar. Fomos como crianças criadas nuas numa ilha deserta. Se a fome apertasse, comíamos uma banana, se nos sentíssemos solitários, íamos dormir abraçados um ao outro. Mas uma situação assim não dura para sempre. Logo crescemos e chega a hora de entrar na sociedade. Por isso você, Toru, era tão importante para nós. Você representava nossa ligação com o mundo exterior. Através de você, nos esforçávamos à nossa maneira para nos adaptar bem à vida externa. Infelizmente não tivemos sucesso.

Assenti com a cabeça.

— Mas não pense que usamos você. Kizuki realmente gostava de você, que por acaso foi a primeira pessoa com quem tivemos um relacionamento. E continua assim até hoje. Apesar de Kizuki não estar mais entre nós por ter morrido, saiba que mesmo agora você é a única ligação que me une ao mundo exterior. E eu

também o amo da mesma forma que Kizuki o amava. Não foi nossa intenção, mas no final das contas talvez o tenhamos machucado. Nem sequer percebemos que algo assim poderia acontecer.

Naoko voltou a baixar a cabeça, calada.

— Que tal bebermos um chocolate quente? — sugeriu Reiko.

— Ah, eu adoraria — respondeu Naoko.

— Eu gostaria de beber o conhaque que trouxe, se não tiver problema — falei.

— Fique à vontade — disse Reiko. — Posso tomar um trago?

— Claro — respondi rindo.

Reiko trouxe dois copos, com os quais ela e eu brindamos. Depois voltou à cozinha para preparar o chocolate.

— Que tal uma conversa mais leve? — propôs Naoko.

Mas eu não tinha nenhum tema leve sobre o qual conversar. Mais tarde lamentei a ausência do Nazista. Se ele ainda estivesse por lá, certamente surgiriam muitos episódios e bastaria falar sobre eles para divertir todo mundo. Sem alternativas, falei longamente sobre a vida imunda que levávamos no alojamento. Era tão repulsiva que só de falar sobre isso fiquei enojado, mas como para elas tudo era novidade, acabaram rolando de rir. Depois, Reiko começou a imitar alguns dos pacientes. Isso foi também muito engraçado. Como às 11 horas os olhos de Naoko pareciam pesados de sono, Reiko desdobrou o sofá, transformando-o em cama, e me entregou um conjunto de lençol, cobertor e travesseiro.

— Se quiser violentar alguém de madrugada, cuidado para não pegar a pessoa errada — disse Reiko. — O corpo sem rugas do lado esquerdo da cama é o de Naoko.

— Mentira. Eu durmo do lado direito! — exclamou Naoko.

— Ah, dei um jeito para sermos dispensadas de várias atividades da programação de amanhã à tarde. Que tal fazermos um piquenique? Há um lugar maravilhoso perto daqui — Reiko convidou.

— Ótimo — exclamei.

Elas escovaram os dentes alternadamente no banheiro antes de se retirarem para o quarto. Bebi um pouco do conhaque,

esparramei-me no sofá-cama e comecei a me lembrar de todos os acontecimentos do dia. Sentia como se tivesse tido um dia extremamente longo. O cômodo continuava iluminado pela luz pálida do luar. O quarto onde Naoko e Reiko dormiam estava silencioso, e mal se escutava um som vindo de lá. Ouvia-se apenas, algumas vezes, o leve rangido da cama. Fechando os olhos, eu via minúsculas formas geométricas flutuando luminosas na escuridão e em meus ouvidos escutava os resquícios dos acordes do violão de Reiko, mas tudo isso não durou muito. O sono chegou e me conduziu para dentro de um cálido lamaçal. Sonhei com salgueiros. As árvores se enfileiravam ao longo de um caminho nas montanhas. O número de salgueiros era inacreditável. Um vento bastante forte soprava, mas os galhos não balançavam. Eu me perguntava por que quando notei pequenos pássaros pendurados em cada um deles. Seu peso impedia o movimento dos galhos. Experimentei bater num galho próximo com uma vara. Pretendia espantar os pássaros para que os galhos se movessem. Mas eles não voaram. Em vez disso, transformaram-se em pássaros metálicos que caíram no chão com estrondo.

Ao acordar, senti exatamente como se visse a continuação de meu sonho. Todo o cômodo estava vaga e palidamente iluminado pela luz do luar. Instintivamente procurei pelo chão os pássaros metálicos, mas é claro que não havia nada parecido em lugar nenhum. Só vi Naoko sentada ao pé da cama, olhando fixamente para fora da janela. Ela havia dobrado os joelhos e, como um órfão faminto, tinha o queixo pousado sobre eles. Procurei pelo relógio na cabeceira para ver as horas, mas não o encontrei no lugar onde o havia deixado. Pela posição da luz da lua, presumi que seriam duas ou três da manhã. Senti uma sede violenta, mas decidi permanecer imóvel observando Naoko. Ela vestia uma espécie de camisola azul como antes e seus cabelos estavam presos de lado pelo conhecido prendedor com formato de borboleta. Por causa disso, sua linda testa se destacava nitidamente, iluminada pela luz do luar. Achei estranho. Antes de dormir, ela havia retirado o prendedor.

Naoko permanecia imóvel na mesma posição. Aos meus olhos, ela parecia um animalzinho noturno atraído pela luz da lua. A

silhueta de seus lábios se amplificava, possivelmente em função do ângulo dos raios do luar. Essa silhueta vulnerável pulsava suavemente ao ritmo das batidas de seu coração ou do movimento de seu espírito. Era como se murmurasse palavras inaudíveis dirigidas à escuridão noturna.

Engoli em seco tentando aliviar a secura da minha garganta e, na tranquilidade da noite, esse som ecoou extremamente alto. Como se ele fosse um sinal, Naoko se levantou e veio se ajoelhar no chão na cabeceira da cama, com o tecido da camisola emitindo um leve ruído, e os olhos fixos nos meus. Também olhei para ela, mas seus olhos estavam ausentes. Suas pupilas eram de uma limpidez quase artificial e através delas quase se poderia perceber um outro mundo, embora por mais que eu as fitasse não fosse capaz de descobrir nada no fundo delas. Meu rosto e o dela estavam afastados por não mais de 30 centímetros, mas eu a sentia a muitos anos-luz de distância de mim.

Ao estender o braço para tocá-la, Naoko recuou. Seus lábios estremeeceram de leve. Em seguida, ela levantou os braços e devagar começou a desabotoar os botões da camisola. Ao todo eram sete botões. Eu contemplava seus dedos finos e graciosos desabotoando-os ordenadamente, como se visse a continuação de um sonho. Ao terminar de desabotoar todos os sete pequenos botões brancos, ela deixou a camisola deslizar até os quadris, como um inseto quando se livra de sua casca, e ficou nua. Não vestia nada debaixo da camisola. Sobre seu corpo havia apenas o prendedor em forma de borboleta. Nua, ela me olhava ajoelhada no chão. O corpo de Naoko, iluminado pela suave luz do luar, possuía o brilho comovente da carne de um recém-nascido. Ao se mover um pouco, quase imperceptivelmente, as partes de seu corpo iluminadas pela luz do luar moveram-se curiosamente e o formato da silhueta de seu corpo se modificou. Seus seios arredondados, os pequenos mamilos, a cavidade do umbigo, o osso ilíaco e os pêlos púbicos, tudo formava uma sombra áspera e granulosa cujo formato variava exatamente como os círculos concêntricos refletidos na superfície calma das águas de um lago.

Que perfeição!, pensei. Desde quando o corpo de Naoko havia se tornado tão perfeito? E onde fora parar, afinal, o corpo que eu havia abraçado naquela noite de primavera?

Naquela noite, quando eu a despi suave e lentamente enquanto ela chorava, tive a impressão de que seu corpo era imperfeito. Senti seus seios duros, os mamilos salientes pareciam fora de posição e os quadris se mostravam curiosamente enrijecidos. Sem sombra de dúvida, Naoko era dona de um corpo sedutor. Seu corpo me excitou naquela noite, impelindo-me com uma força gigantesca. Porém, ao abraçar seu corpo nu, acariciá-lo e nele pousar meus lábios, fui tomado de estranha emoção pelo desequilíbrio e pela estranheza do corpo humano. Enquanto a abraçava, gostaria de ter podido lhe dizer: “Neste momento estou tendo uma relação sexual com você. Estou dentro de você. Mas na verdade isso não é nada especial. Não é importante. Não passa do encontro de dois corpos. Estamos apenas nos dizendo coisas que só poderiam ser ditas por meio do contato mútuo de nossos corpos imperfeitos. Partilhamos assim nossas imperfeições.” Mas é claro que eu jamais poderia ter exprimido isso em palavras. Calado, simplesmente continuei a abraçar o corpo de Naoko. Enquanto o abraçava, podia sentir dentro dele a aspereza de um corpo estranho que parecia existir dentro dele e do qual eu era incapaz de chegar perto. Essa sensação ao mesmo tempo fez com que eu sentisse um grande amor por Naoko e deu à minha ereção uma terrível intensidade.

Mas o corpo agora diante dos meus olhos era completamente diferente do que tivera em meus braços naquela noite. Imaginei que, após várias mudanças, a carne de Naoko havia tomado sua forma final, renascendo sob a luz do luar. Antes de mais nada, qualquer sinal de exuberância juvenil havia desaparecido desde a morte de Kizuki, dando lugar a uma carne madura. O corpo de Naoko havia adquirido uma beleza tão completa que eu já não sentia por ele nenhuma excitação sexual. Apenas admirava a curva de seus quadris, os seios arredondados, o ventre delgado movendo-se calmamente ao ritmo da respiração e, abaixo dele, a sombra do púbis negro e macio.

Acho que ela me expôs sua nudez por mais ou menos cinco ou seis minutos. Por fim, vestiu de novo a camisola, começando a abotoá-la a partir de cima. Ao terminar, levantou-se devagar, abriu silenciosamente a porta do quarto e desapareceu dentro dele.

Durante um bom tempo permaneci imóvel na cama, até que me levantei, peguei o relógio caído no chão e o virei em direção à luz do luar. Eram 3h40. Fui à cozinha beber alguns copos de água, voltando em seguida a me estender sobre a cama, mas continuei acordado até amanhecer e os raios de sol penetrarem por todos os cantos do cômodo, dissolvendo por completo as manchas pálidas do luar. Eu estava no estado de torpor que antecede o sono quando Reiko apareceu e, dando tapinhas no meu rosto, berrou: “Vamos, acorde, já é de manhã.”

Enquanto Reiko fechava o sofá-cama, Naoko preparou o café-da-manhã na cozinha. Virou-se na minha direção me dando bom-dia com um sorriso. Retornei o bom-dia. Fiquei ao seu lado observando-a por alguns instantes enquanto ela fervia a água e cortava o pão sempre cantarolando, mas não notei nela nada que sugerisse que na noite anterior ela houvesse ficado nua na minha frente.

— Seus olhos estão vermelhos. O que houve? — perguntou-me Naoko enquanto servia o café nas xícaras.

— Acordei no meio da madrugada e depois não consegui mais pegar no sono.

— Será que nós estávamos roncando? — perguntou Reiko.

— Não — respondi.

— Ainda bem — disse Naoko.

— Ele só está sendo educado — disse Reiko bocejando.

De início, pensei que Naoko estivesse fingindo que não havia acontecido nada por causa da presença de Reiko, ou que estivesse envergonhada, mas mesmo quando Reiko voltou ao quarto por alguns instantes nada em sua atitude mudou, e seus olhos continuavam límpidos como de costume.

— Você dormiu bem? — perguntei a Naoko.

— Sim, como uma pedra — respondeu ela como se nada tivesse acontecido. Prendera os cabelos com um prendedor simples, sem nenhum enfeite.

Eu não sabia como agir, e essa sensação perdurou durante o café-da-manhã. Enquanto passava manteiga no pão ou quebrava a casca do meu ovo cozido, continuei a olhar de relance para o rosto de Naoko, sentada na minha frente, à procura de algum sinal.

— Toru, por que você não pára de olhar para mim? — perguntou Naoko perplexa.

— Ele deve estar apaixonado — interveio Reiko.

— Está apaixonado? — perguntou Naoko.

Respondi rindo que talvez estivesse. E, observando as duas trocarem zombarias sobre mim, desisti de refletir sobre o que havia acontecido na noite anterior e me concentrei em comer pão e tomar café.

Ao terminar o café-da-manhã, as duas me disseram que iriam alimentar os pássaros do viveiro e decidi acompanhá-las. Elas trocaram de roupa, vestindo *jeans*, camisas de botão e calçando botas brancas. O viveiro ficava no meio de um pequeno parque situado atrás da quadra de tênis e nele havia várias espécies de aves, desde galinhas e pombos até pavões e papagaios. Ao redor havia canteiros, arbustos e bancos. Dois homens com jeito de pacientes juntavam com vassouras as folhas caídas pelo caminho. Ambos aparentavam ter entre 40 e 50 anos. Elas foram até eles para dar bom-dia, e Reiko disse algo que os fez rir. Nos canteiros, os beijos-de-moça estavam floridos e os arbustos cortados cuidadosamente na mesma altura. Quando perceberam Reiko, os pássaros começaram a voar em círculos dentro do viveiro, emitindo sons estridentes.

Elas entraram num pequeno depósito ao lado do viveiro e saíram trazendo sacos de ração e uma mangueira de borracha. Naoko atarraxou a ponta da mangueira na torneira e abriu o registro. Em seguida, tomando cuidado para que as aves não escapulissem, as duas entraram no viveiro. Enquanto Naoko esguichava água para tirar a sujeira, Reiko esfregava energicamente o chão com um escovão. A água brilhava sob os raios do sol. Os pavões corriam

esbaforidos dentro do viveiro evitando se molhar. Um peru levantou a cabeça e me fitou com olhos de velho rabugento, enquanto um papagaio mal-humorado batia ruidosamente as asas empoleirado num galho. Quando Reiko se virou para o papagaio e imitou o miado de um gato, a ave afastou-se para um canto encolhendo os ombros, mas logo depois gritou: “Obrigado, doidão, puto.”

— Quem será que ensinou isso a ele? — perguntou Naoko com um suspiro.

— Não fui eu. Nunca ensinaria esses impropérios — respondeu Reiko. Em seguida, recomeçou a miar. O papagaio emudeceu.

— Uma vez nosso amiguinho passou por uma experiência infeliz com um gato, e isso o deixou traumatizado — explicou Reiko sorridente.

Terminada a limpeza, as duas deixaram de lado os apetrechos e encheram as vasilhas de ração. O peru se aproximou chafurdando nas poças e espalhando água para todos os lados, para logo enfiar a cabeça no comedouro. Estava comendo tão sofregamente sua ração que nem se importou quando Naoko lhe deu tapinhas na cauda.

— Vocês fazem isso toda manhã? — perguntei a Naoko.

— Toda manhã. Em geral é trabalho das residentes recém-chegadas. É tão fácil. Quer ver os coelhos?

Respondi que sim. Atrás do viveiro havia gaiolas com cerca de uma dezena de coelhos dormindo aconchegados na palha. Naoko varreu suas fezes, encheu de ração o comedouro e depois abraçou um filhote encostando-o ao rosto.

— Não é uma gracinha? — perguntou-me ela contente. Deixou-me segurá-lo. A bolinha de pêlos morna se encolheu nos meus braços, mantendo-se nessa posição com as orelhas trêmulas.

— Calma. Não tenha medo, ele não vai machucá-lo — disse Naoko para o coelho, acariciando sua cabeça com um dedo e sorrindo ao olhar para mim. Seu rosto estava tão radiante e sem sombra de preocupação que sem sentir acabei rindo também. Perguntei-me o que, afinal, teria acontecido com ela na noite

anterior. Não havia sido um sonho: a verdadeira Naoko com certeza havia tirado a roupa e me mostrado seu corpo nu.

Enquanto assobiava uma bonita versão de “Proud Mary”, Reiko coletava o lixo e o punha em sacos de plásticos que fechava quando cheios. Ajudei-a a levar de volta para o depósito o material de limpeza e os sacos de ração.

— A manhã é minha parte preferida do dia — disse Naoko. — Tudo parece começar de novo. Fico triste ao cair da tarde. E é a noite que mais detesto. Todos os dias me sinto assim.

— E enquanto se sentem assim vocês jovens vão envelhecendo como eu. Achando que um dia vem sempre depois do outro — disse Reiko com um sorriso. — Envelhecem e nem percebem.

— Mas você parece gostar de envelhecer — disse Naoko.

— Não gosto particularmente de envelhecer, mas também não desejo voltar a ser jovem a esta altura da vida — retrucou Reiko.

— Por quê? — perguntei.

— Porque dá muito trabalho. Não é óbvio? — respondeu Reiko. E, continuando a assobiar “Proud Mary”, jogou a vassoura para dentro do depósito e fechou a porta.

De volta ao apartamento, elas trocaram as botas de borracha por tênis comuns e avisaram que iriam até a horta. Reiko explicou que não era um trabalho interessante de se ver e, como elas trabalhariam junto com outros residentes, sugeriu que eu ficasse no apartamento lendo meu livro.

— Ah, no banheiro tem um balde cheio de calcinhas sujas. Você poderia lavá-las para nós? — perguntou Reiko.

— Está de gozação com a minha cara, não é?

— Claro que estou — disse Reiko sorridente. — Claro que é brincadeira. Sabe que você é uma gracinha? Você não acha, Naoko?

— Tem razão — concordou Naoko rindo.

— Vou estudar alemão — disse entre suspiros.

— Voltaremos antes do meio-dia. Seja um bom menino e estude direitinho — disse Reiko. Em seguida as duas saíram rindo baixinho. Ouviam-se os passos e as conversas de várias pessoas passando sob a janela.

Entrei no banheiro, tornei a lavar o rosto e aparei as unhas da mão com um cortador que peguei emprestado. O banheiro era extremamente sóbrio, levando em conta que ali moravam duas mulheres. Praticamente não havia produtos de maquiagem, só creme de limpeza, hidratante labial e protetor solar. Depois de aparar as unhas, preparei café, que bebi sentado à mesa com o livro de alemão aberto na minha frente. Estava na cozinha banhada pelos raios de sol, de camiseta, memorizando uma tabela gramatical do alemão, quando de repente fui assaltado por uma sensação estranha. Parecia que os verbos irregulares do alemão e a mesa daquela cozinha estavam separados por uma distância inimaginável.

Às onze e meia, elas voltaram da horta, revezaram-se no chuveiro e trocaram de roupa por algo mais leve. Saímos então os três para almoçar no refeitório e depois caminhamos até o portão de entrada. Dessa vez havia um guarda de prontidão na guarita, saboreando o almoço que parecia ter sido trazido para ele do refeitório. O rádio transistor sobre uma prateleira tocava canções populares. Quando nos aproximamos, o guarda acenou dizendo olá, e retribuímos com um boa-tarde.

Reiko avisou-o que iríamos passear e voltaríamos dali a cerca de três horas.

— Claro, vão sim. O tempo está excelente. O caminho do vale está perigoso por causa do recente deslizamento de terra causado pelas chuvas, mas, fora isso, está tudo bem, não deve haver problemas — disse o guarda.

Num formulário que aparentava ser o registro de entradas e saídas, Reiko anotou seu nome e o de Naoko, juntamente com o dia e horário de saída.

— Tomem cuidado e bom passeio — disse o guarda.

— Ele parece legal — comentei.

— Ele é meio esquisito — disse Reiko tocando a cabeça com um dedo.

De todo modo, o tempo estava realmente ótimo, como dissera o guarda. O céu era de um azul puro e as esparsas e delgadas nuvens grudavam-se docemente ao firmamento como uma primeira mão de tinta à guisa de teste. Caminhamos por algum tempo ao longo do muro baixo de pedras do Pensionato Ami, depois nos afastamos dele subindo em fila indiana por uma estreita e íngreme ladeira. Reiko ia na frente, Naoko no meio e eu por último. Reiko subiu a ladeira a passos firmes, como se quisesse nos mostrar que conhecia as montanhas das redondezas como a palma de sua mão. Seguíamos quase sem conversar. De *jeans* e blusa branca, Naoko havia tirado o casaco e o segurava. Eu avançava contemplando seus cabelos lisos e compridos balançando de um lado para outro sobre seus ombros. Às vezes ela virava o rosto para trás, sorrindo ao me ver. Estonteante, a ladeira parecia não terminar nunca, mas Reiko nem por um instante afrouxou o ritmo e Naoko a seguia também sem se atrasar, enxugando o suor de vez em quando. Eu estava sem ar, talvez por não subir montanhas havia algum tempo.

— Vocês sobem a montanha com frequência? — perguntei a Naoko.

— Uma vez por semana, talvez — respondeu ela. — Está achando difícil?

— Um pouco — respondi.

— Já chegamos a dois terços do caminho, falta pouco agora. Afinal, você é homem ou não é? Não seja molenga — disse Reiko.

— Estou fora de forma.

— É porque você só quer saber de se divertir com garotas — resmungou Naoko como se falasse consigo mesma.

Pensei em retrucar, mas estava sem fôlego e as palavras não saíram direito. De vez em quando, pássaros vermelhos com penachos na cabeça passavam na nossa frente. Sua silhueta em vôo destacava-se brilhante contra o céu azul. No prado em volta desabrochavam incontáveis flores brancas, azuis e amarelas, e por toda parte ouvia-se o zumbido das abelhas. Eu contemplava essa

paisagem ao meu redor, apenas avançando passo a passo sem pensar em nada.

Mais dez minutos e chegamos ao fim da ladeira, numa espécie de planície. Descansamos ali, enxugando o suor, recuperando o fôlego, e bebemos água de nossos cantis. Reiko tocava um apito feito com uma folha que ela havia encontrado.

O caminho descia suavemente com altas espigas de eulália margeando os dois lados. Continuamos por 15 minutos e atravessamos um vilarejo com 12 ou 13 casas abandonadas, sem vestígios de pessoas. Em volta das casas as ervas cresciam à altura dos quadris e os buracos abertos nos muros estavam repletos das fezes brancas e secas dos pombos. Algumas das casas haviam sido destruídas, restando apenas as colunas, mas havia também algumas habitáveis, bastando para tanto abrir as janelas. Atravessamos o caminho cercado por essas casas silenciosas e mortas.

— Sabiam que até uns sete ou oito anos algumas pessoas moravam aqui? — falou Reiko. — Em volta só havia plantações. Mas foram todos embora. Morar aqui é realmente muito duro. No inverno, a neve se acumula, limitando o movimento das pessoas, e, além disso, a terra não é fértil. Ganha-se melhor indo trabalhar na cidade.

— Que desperdício. Algumas casas ainda podem ser bem aproveitadas — comentei.

— Alguns *hippies* moraram aqui por um tempo, mas foram embora com estardalhaço quando o inverno chegou.

Depois de atravessarmos o vilarejo, avançamos mais um pouco e nos deparamos com um amplo pasto cercado de cercas vivas, onde, mais adiante, alguns cavalos pastavam. Enquanto seguíamos a cerca viva, um grande cachorro veio correndo em nossa direção abanando o rabo. Ele se jogou em cima de Reiko para cheirar seu rosto. Em seguida, pulou brincalhão em cima de Naoko. Quando assobieei, ele veio até mim e lambeu minha mão com sua língua comprida.

— É o cachorro do pasto — disse Naoko acariciando a cabeça do animal. — Deve ter quase 20 anos e, como seus dentes

enfraqueceram, praticamente não consegue comer nada muito duro. Passa o dia dormindo na frente da loja e, quando escuta barulho de passos, vem pulando para ganhar um afago.

Naoko tirou da mochila um pedaço de queijo e o cão, farejando o cheiro, apressou-se em sua direção mordendo-o prazerosamente.

— Daqui a pouco não o veremos mais — disse Reiko dando tapinhas na cabeça do cão. — Em meados de outubro, eles põem os cavalos e os bois num caminhão e levam todos para o estábulo lá embaixo. No verão, eles os soltam para pastar e abrem um pequeno café para os turistas. Na verdade, os turistas não passam de umas vinte pessoas por dia. Vamos tomar alguma coisa?

— Boa idéia — concordei.

O cachorro saiu na frente, guiando-nos até o café. Era uma casa pequena pintada de branco com uma varanda na frente e uma placa desbotada no formato de uma xícara de café pendurada no telhado. O cachorro subiu na varanda, esparramou-se e fechou os olhos. Quando nos sentamos a uma mesa, saiu de dentro da casa uma moça de moletom e *jeans* brancos, com os cabelos presos num rabo-de-cavalo. Ela cumprimentou Reiko e Naoko como se fossem velhas amigas.

— Este é um amigo de Naoko — apresentou-me Reiko.

— Bom-dia! — disse a moça.

— Bom-dia! — respondi.

Enquanto as três mulheres conversavam amenidades, eu acariciava sob a mesa o pescoço duro e cheio de nervos do cachorro. Quando eu coçava as partes rijas da nuca, ele fechava os olhos e grunhia feliz.

— Qual é o nome dele? — perguntei à moça.

— Pepe — respondeu ela.

— Pepe — chamei, mas o cachorro não esboçou a mínima reação.

— Ele é surdo. Só ouve se a gente gritar — disse a moça no dialeto de Kyoto.

— Pepe! — gritei a plenos pulmões. O cachorro abriu os olhos, se mexeu e latiu.

— Vamos, vamos, durma sossegado e tenha uma vida longa — disse a moça. Pepe veio deitar-se novamente a meus pés.

Naoko e Reiko pediram leite gelado e eu, uma cerveja. A pedido de Reiko, a moça ligou o rádio numa estação FM. Ouviu-se Blood, Sweat and Tears cantando “Spinning Wheel”.

— Para falar a verdade, venho aqui porque morro de vontade de escutar uma rádio FM — explicou Reiko com ar satisfeito. — Onde moramos não há rádio, e se de vez em quando eu não aparecer aqui fico sem saber que músicas estão nas paradas de sucesso atualmente.

— Você dorme aqui? — perguntei à moça.

— De jeito nenhum — respondeu ela rindo. — Se passar a noite num lugar como este, estou correndo o risco de morrer de solidão. À noite, o pessoal daqui me leva de carro até a cidade. E volto pela manhã. — Ela apontou para uma picape estacionada em frente ao escritório da fazenda, que ficava um pouco mais afastado.

— Mais um pouco e isso aqui vai ficar às moscas, não é? — perguntou Reiko.

— É, logo a temporada termina — disse a moça. Reiko ofereceu-lhe um cigarro e as duas fumaram.

— Ficaremos tristes sem você por aqui — disse Reiko.

— Em março do ano que vem eu volto — replicou a moça sorrindo.

O rádio tocou “White Room”, do Cream e, depois dos comerciais, “Scarborough Fair”, de Simon e Garfunkel. Quando a canção terminou, Reiko disse que gostava muito dela.

— Eu vi esse filme — exclamei.

— Quem trabalha nele?

— Dustin Hoffman.

— Não conheço — disse Reiko meneando a cabeça com tristeza. — O mundo está mudando muito depressa sem eu saber.

Reiko perguntou à moça se ela não poderia lhe emprestar seu violão. A moça assentiu, desligou o rádio e trouxe dos fundos o velho instrumento. O cão ergueu a cabeça, farejando-o.

— Não é para comer! — disse Reiko, repreendendo o animal de brincadeira. Um vento atravessou a varanda trazendo o aroma

da grama. O contorno das montanhas se delineava nitidamente diante de nossos olhos.

— Parece uma cena de *A noviça rebelde* — falei para Reiko, que nesse momento afinava o violão.

— Que diabo é isso? — perguntou ela.

Ela dedilhou os primeiros acordes de “Scarborough Fair”. Aparentemente, era a primeira vez que tocava sem partitura e, de início, hesitou à procura do acorde certo. Porém, depois de várias tentativas, conseguiu tocar a canção inteira com certa fluência. Na terceira vez, inseriu até alguns floreios, tocando sem hesitação.

— Bom ouvido — disse Reiko piscando para mim e apontando para a própria cabeça. — Ouvindo três vezes, sou capaz de tocar qualquer coisa sem partitura.

Cantarolando em voz baixa a melodia, ela interpretou “Scarborough Fair” corretamente até o final. Nós três aplaudimos, e Reiko inclinou a cabeça em agradecimento.

— Quando eu tocava Mozart em concertos antigamente era muito mais ovacionada — disse ela.

A moça prometeu que o leite seria por sua conta se ela tocasse “Here Comes the Sun”, dos Beatles. Reiko levantou o polegar fazendo que concordava. Cantou acompanhada ao violão. Talvez por fumar demais, sua voz não era muito potente, mas era agradável e tinha presença. Admirando as montanhas enquanto bebia cerveja e a ouvia cantar, tive a impressão de que o sol ia nascer de novo. Foi uma sensação agradável, cálida.

Ao terminar de cantar “Here Comes the Sun”, Reiko devolveu o violão à moça e pediu para ligar novamente a rádio FM. Sugeriu então que Naoko e eu fôssemos dar uma volta ali por perto.

— Vou ficar aqui ouvindo rádio e batendo papo. Se voltarem até as três estará perfeito.

— Não tem problema ficarmos tanto tempo sozinhos? — perguntei.

— Na verdade é contra as normas, mas vou fazer vista grossa. Não sou babá de vocês e quero um tempo para mim. Além disso, você veio de longe e certamente vocês devem ter muito que conversar — respondeu Reiko acendendo outro cigarro.

— Vamos — disse Naoko levantando-se.

Também me levantei, acompanhando-a. O cachorro acordou e durante algum tempo nos seguiu, mas logo desistiu e voltou para onde estava antes. Caminhamos devagar pela trilha plana que margeava a cerca do pasto. Às vezes Naoko segurava minha mão ou me dava o braço.

— Andar assim não faz lembrar os velhos tempos?

— Não tão velhos assim. Foi na última primavera! — exclamei rindo. — Até a primavera caminhávamos como agora. Se você considera isso velhos tempos, o que aconteceu há uma década já pertence à antiguidade.

— Parece mesmo história antiga — disse Naoko. — Mas desculpe-me por ontem. Eu estava muito nervosa. Não foi justo com você que veio de tão longe me visitar.

— Por mim tudo bem. Sem dúvida nós dois precisamos extravasar muito mais nossas emoções. Se você precisar de alguém para quem direcionar as suas, pode contar comigo. Assim poderemos nos entender melhor.

— O que você pretende fazer quando isso acontecer?

— Pelo visto você não me entendeu — falei. — Não é uma questão do que eu pretenda fazer. Neste mundo há gente que gosta de consultar os horários dos trens e passa o dia lendo as tabelas de horários. E há também aqueles que constroem navios de um metro usando palitos de fósforo. O que há de estranho em existir uma pessoa no mundo que tente entender você?

— Como uma espécie de passatempo? — disse Naoko parecendo se divertir.

— Suponho que possa chamar assim. Em geral, as pessoas normais costumam chamar isso de simpatia ou amor, mas se quiser batizá-lo de passatempo sintá-se à vontade.

— Diga-me, Toru — pediu Naoko. — Você gostava de Kizuki, não é?

— Claro — respondi.

— E de Reiko?

— Também gosto muito dela. É uma ótima pessoa.

— Por que você só gosta desse tipo de pessoa? — perguntou Naoko. — Todas pessoas esquisitas, desvirtuadas, que afundam aos poucos por não saberem nadar bem. Eu, Kizuki, Reiko. Somos todos assim. Por que não consegue gostar de pessoas mais normais?

— Provavelmente porque eu não os vejo assim — respondi depois de refletir por um instante. — Não acho de jeito algum que você, Kizuki e Reiko sejam esquisitos. Aqueles que eu considero esquisitos estão todos andando lá fora numa boa.

— Mas eu sou esquisita. Tenho consciência disso — afirmou Naoko.

Caminhamos por algum tempo calados. O caminho afastou-se da cerca, indo dar num prado redondo cercado de árvores, semelhante a um pequeno lago.

— Às vezes acordo de madrugada tomada por um medo desesperador — disse Naoko aproximando o corpo do meu braço. — Mas se continuar sempre assim esquisita, sem voltar ao que era antes, acho que vou envelhecer e apodrecer aqui. Quando penso nisso, parece que congelo por dentro. É horrível, gelado.

Passei o braço sobre seus ombros.

— Sinto como se Kizuki estendesse a mão de dentro da escuridão me procurando. “Ei, Naoko, fique sabendo que não podemos nos separar.” Quando o ouço dizer isso, fico sem ação.

— E o que você faz nesse caso?

— Bem, Toru, você promete não achar esquisito?

— Prometo — falei.

— Peço a Reiko para me abraçar — explicou Naoko. — Eu a acordo, vou me deitar junto dela e lhe peço para me abraçar. E choro. Ela acaricia meu corpo. Até eu me sentir aquecida. Acha isso estranho?

— Não é estranho. Só preferiria que fosse eu a abraçá-la em vez de Reiko.

— Abrace-me aqui, agora — pediu Naoko.

Nós nos sentamos sobre a relva seca do prado e nos abraçamos. Ao sentarmos, nossos corpos ficaram escondidos pela relva e só víamos o céu e as nuvens. Eu a abracei, deitando-a

gentilmente sobre a relva. Seu corpo estava macio e morno, e suas mãos buscavam meu corpo. Beijamo-nos com ternura.

— Toru — sussurrou ela no meu ouvido.

— O quê?

— Você quer transar comigo?

— Claro — respondi.

— Mas consegue esperar?

— Claro.

— Antes disso quero colocar minha cabeça um pouco mais em ordem. Quero me curar e me tornar o tipo de pessoa capaz de agradá-lo. Você pode esperar até lá?

— Claro.

— Está duro agora?

— A sola do pé?

— Não, bobinho — disse Naoko rindo baixinho.

— Se quiser saber se estou tendo uma ereção, estou, claro.

— Você não poderia parar de repetir a torto e a direito esse “claro”?

— Tudo bem, eu paro.

— É difícil para você?

— O quê?

— Ficar duro assim.

— Difícil? — repliquei.

— Quero dizer... dói?

— Depende da forma de ver as coisas.

— Quer que eu o ajude?

— Com a mão?

— Isso — afirmou Naoko. — Para dizer a verdade, desde há pouco ele está me incomodando.

Mudei um pouco de posição.

— Está melhor assim?

— Obrigada.

— Sabe, Naoko... — falei.

— Diga.

— Quero que você faça isso.

— Está bem — disse Naoko sorridente. Ela abriu meu zíper e segurou meu pênis duro.

— Está quente — falou.

Naoko fez menção de movimentar a mão, mas eu a impedi. Desabotoei sua blusa, escorreguei a mão para suas costas e abri o fecho do seu sutiã. Em seguida comecei a beijar delicadamente seus seios macios e cor-de-rosa. Naoko fechou os olhos e começou a movimentar os dedos devagar.

— Você leva jeito — falei.

— Seja um bom menino e fique quieto — disse Naoko.

Depois de gozar, eu a abracei delicadamente e tornei a beijá-la. Naoko recolocou o sutiã e a blusa enquanto eu subia meu zíper.

— Ficou mais fácil andar agora? — perguntou Naoko.

— Graças a você — respondi.

— Que tal caminharmos mais um pouco?

— Boa idéia — afirmei.

Atravessamos o prado, um bosque, outro prado. Enquanto caminhávamos, Naoko falou sobre sua irmã mais velha que havia morrido. Confessou-me que praticamente nunca havia falado com ninguém sobre o assunto até então, mas que achava melhor me contar.

— Ela era seis anos mais velha e nossas personalidades eram bem diferentes, mas nos dávamos bem — disse Naoko. — Nunca brigamos. Estou falando sério. A diferença de idade entre nós impedia que brigássemos.

Naoko me contou que sua irmã era do tipo de pessoa que sempre se destaca em tudo a que se dedica. Era a primeira nos estudos e nos esportes, todos gostavam dela, tinha capacidade de liderança, era gentil e franca, fazia sucesso entre os rapazes, os professores a mimavam, e suas paredes eram cheias de certificados de honra ao mérito. Há sempre uma moça como ela em todas as escolas públicas. Disse que não o dizia pelo fato de ser sua irmã, mas nada disso havia feito dela uma moça mimada, afetada ou

metida, pois ela não gostava de se distinguir, só era naturalmente superior em tudo a que se dedicava.

— Por isso decidi desde pequena ser uma menina gentil — disse Naoko girando uma espiga de eulália. — Afinal, você entende, cresci ouvindo as pessoas dizerem como minha irmã era inteligente, boa em esportes e popular. Eu seria incapaz de competir com ela mesmo que tentasse. Então, como eu tinha um rosto um pouco mais bonito do que o dela, meus pais com certeza pensaram em me criar como uma menina bonita. De modo que desde o começo me colocaram num colégio de prestígio. Vestidos de veludo, blusas de babados, sapatos de verniz, aulas de piano e balé. Felizmente minha irmã mimava bastante esta sua graciosa irmãzinha. Ela me dava pequenos presentes, me levava para passear em vários lugares diferentes, me ajudava nos estudos. Chegava até a me levar junto quando marcava encontro com o namorado. Era um amor de irmã.

“Ninguém soube as razões que a levaram a cometer suicídio. Do mesmo jeito que Kizuki. Exatamente igual, sabia? Ela também tinha 17 anos e nunca deu sinais de que se suicidaria, não deixou mensagem... Não é parecido?”

— É mesmo — exclamei.

— Todos diziam que foi por ser muito inteligente, porque ela lia livros demais, coisas assim. Sem dúvida ela lia bastante. Tinha muitos livros e, depois de sua morte, li aos poucos uma porção deles, mas isso me deprimia. Havia anotações neles, flores secas entre as páginas, cartas do namorado. Eu chorava muito por causa disso.

Naoko permaneceu calada por algum tempo, girando a espiga da eulália.

— Ela era do tipo de pessoa que na maioria dos casos se virava sozinha. Nunca pedia conselhos ou ajuda. Não era uma questão de orgulho. Ela agia assim por acreditar que essa fosse a atitude normal. Nossos pais estavam acostumados e achavam que não havia problemas em deixá-la bem livre. Muitas vezes eu lhe pedia conselhos, e ela sempre me ensinava de bom grado muitas coisas, mas ela própria nunca pedia conselhos a ninguém. Resolvia

tudo sozinha. Nunca se zangava nem ficava mal-humorada. Estou falando sério. Não é exagero da minha parte. Por exemplo, você sabe que quando as mulheres ficam menstruadas, tornam-se insuportáveis e descontam nos outros. Nem isso acontecia com ela. No seu caso, em vez de mal-humorada, ela se tornava melancólica. Uma vez a cada dois ou três meses, ela se enfurnava no quarto e dormia por dois dias seguidos. Faltava ao colégio e praticamente não se alimentava. Apagava as luzes do quarto e ficava imóvel, sem fazer nada. Mas não ficava de mau humor. Quando eu voltava do colégio, ela me chamava até seu quarto, me fazia sentar ao seu lado e me perguntava detalhes sobre o meu dia. Não era uma conversa séria. Do que brinquei com minhas amigas, o que a professora disse, as notas do teste, esse tipo de coisa. Ela me escutava com muita atenção, dava sua opinião e me aconselhava. Mas, quando eu não estava, por exemplo, quando ia brincar com minhas amigas ou saía para a aula de balé, ela voltava à sua solidão. Passados dois dias, curava-se naturalmente e ia toda alegre para o colégio. Acho que isso durou cerca de quatro anos. No início, nossos pais ficaram preocupados e aparentemente consultaram um médico, mas como em dois dias tudo voltava ao normal acabaram achando melhor deixá-la em paz, supondo que logo as coisas entrariam nos eixos. Afinal, ela era uma garota inteligente e decidida.

“Mas depois que minha irmã morreu ouvi meus pais conversando sobre um irmão mais novo do meu pai que havia morrido tempos atrás. Ele também era muito inteligente, mas dos 17 aos 21 anos havia ficado trancado em casa até o dia em que afinal saiu para se jogar debaixo de um trem. Meu pai disse então: ‘Deve ser hereditário na minha família.’”

Enquanto falava, Naoko despedaçava inconscientemente a espiga da eulália, e os pedaços se espalhavam ao vento. Quando terminou de despedaçá-la, ela enrolou o caule como um barbante em volta do dedo.

— Fui eu que descobri o corpo da minha irmã — continuou Naoko. — Foi no outono do ano em que eu estava na quinta série. Em novembro. Era um dia chuvoso, lânguido e sombrio. Minha irmã

estava no último ano do colégio. Voltei às seis e meia da aula de piano e minha mãe estava preparando o jantar. Pedi-me para ir chamar minha irmã para comer. Subi ao andar de cima e bati na porta de seu quarto gritando “O jantar está servido”. Mas não tive resposta; seu quarto estava em absoluto silêncio. Achei um pouco esquisito, bati outra vez e tentei abrir a porta. Será que ela está dormindo?, pensei. Mas ela não estava deitada. Estava em pé junto à janela, com o pescoço um pouco inclinado, olhando fixamente para fora. Parecia estar entretida pensando em alguma coisa. Não dava para ver direito no quarto às escuras, com a luz apagada. “O que você está fazendo? Está na hora do jantar”, falei. Só então percebi que ela estava mais alta que o normal. Fiquei curiosa em saber a razão. Estaria usando sapatos de salto ou teria subido em algum banquinho? Aproximei-me, e foi quando fiz menção de falar algo que percebi. Havia uma corda amarrada ao redor de seu pescoço. A corda descia direto da viga do teto e chegava a ser espantoso como de fato se esticava na vertical, como uma linha traçada no espaço com uma régua. Minha irmã vestia uma blusa branca comum, como esta que estou usando agora, uma saia cinza, e tinha as pontas dos pés estendidas como se dançasse balé, mas havia um espaço vazio de uns 20 centímetros separando o chão da ponta de seus dedos. Vi tudo isso em detalhes. Inclusive seu rosto. Sim, vi até mesmo seu semblante. Não tinha como não vê-lo. Pensei que precisava descer imediatamente ao andar de baixo para avisar minha mãe, que precisava gritar. Mas meu corpo não me obedecia. Ele se movimentava por si próprio, independentemente da minha consciência. Apesar de minha mente saber que precisava descer com urgência, meu corpo efetuava um movimento independente e tentava liberar o corpo da minha irmã da corda. Mas é claro que isso não era algo que uma criança fosse capaz de fazer, e durante cinco ou seis minutos fiquei ali inerte, estupefata, sem entender absolutamente nada. Parecia que dentro de mim alguma coisa havia morrido. Fiquei junto dela até minha mãe vir me perguntar: “O que vocês estão fazendo?” Naquele lugar sombrio e gélido...

Naoko meneou a cabeça.

— E passei três dias sem conseguir falar. Ficava imóvel na cama como uma morta, só com os olhos abertos. Não entendia absolutamente nada do que acontecia. — Naoko encostou no meu braço. — Escrevi isso na carta, lembra? Sou uma pessoa muito mais imperfeita do que você imagina. Minha doença é muito pior do que você faz idéia, e sempre teve raízes profundas. Por isso eu gostaria que você seguisse sozinho, se puder. Não espere por mim. Se tiver vontade de ir para a cama com outras, vá. Não fique constrangido por minha causa, faça tudo aquilo que quiser. De outra forma posso terminar levando você comigo, mas, haja o que houver, não quero que isso aconteça. Não quero ser um fardo na sua vida. Não quero ser um fardo na vida de ninguém. Como disse há pouco, só desejo que você venha me visitar de vez em quando, e nunca se esqueça de mim.

— Mas não é só isso que eu desejo — disse-lhe eu.

— Você está jogando sua vida fora se relacionando comigo.

— Não estou jogando nada fora.

— Pense bem. É possível que eu nunca fique boa. Mesmo assim você pretende me esperar? Será capaz de esperar por mim dez ou vinte anos?

— Você está se deixando levar por um monte de coisas — falei. — Escuridão, pesadelos, o poder das pessoas mortas. O que você tem de fazer é esquecer tudo isso. Basta isso para ficar boa.

— Se eu pudesse simplesmente esquecer — disse Naoko balançando a cabeça.

— Quando sair daqui, que tal morarmos juntos? — propus.

— Assim eu vou poder protegê-la da escuridão e dos pesadelos e abraçá-la quando as coisas ficarem difíceis e Reiko não estiver mais por perto.

Naoko encostou o corpo com ainda mais força no meu braço.

— Seria maravilhoso — disse ela.

Voltamos ao café pouco antes das três. Reiko lia um livro enquanto escutava na rádio FM o segundo concerto para piano de Brahms. Era realmente maravilhoso ouvir a música de Brahms olhando para

um prado deserto a perder de vista. Ela assobiava a melodia do violoncelo no início do terceiro movimento.

— Backhaus e Böhm — disse ela. — Certa vez escutei tanto esse disco que o gastei. Ele ficou cheio de riscos de agulha. Eu o ouvia sem parar. Como se quisesse tirar a música de dentro dele.

Naoko e eu pedimos um café.

— Conversaram bastante? — perguntou Reiko, dirigindo-se a Naoko.

— Muito, você nem imagina quanto — respondeu Naoko.

— Depois me conte em detalhes como estava aquilo dele...

— Não fizemos nada disso — disse Naoko, corando.

— Nada mesmo? — perguntou-me Reiko.

— Verdade. Nada.

— Que chatice — exclamou Reiko com ar decepcionado.

— Tem razão — respondi, tomando um gole de café.

A cena do jantar assemelhou-se à da véspera. O ambiente, as vozes e os rostos eram os mesmos, apenas o cardápio havia mudado. O homem de jaleco branco que na noite anterior conversava sobre a secreção gástrica em estado não-gravitacional veio se juntar a nós em nossa mesa, discursando sem parar sobre a correlação entre o tamanho do cérebro e o nível de inteligência. Enquanto comíamos hambúrguer de soja, nós o ouvíamos dissertar sobre o volume dos cérebros de Bismarck e de Napoleão. Ele empurrou seu prato para um lado e, numa folha de um bloco, desenhou um cérebro a caneta. Em seguida corrigiu repetidas vezes o desenho, dizendo “não, não está certo”. Quando terminou, pôs com cuidado o bloco no bolso do jaleco branco e enfiou a caneta esferográfica no bolso da camisa. Nele já havia três canetas, alguns lápis e uma régua. Terminado o jantar, ele repetiu, antes de sair, o que dissera na véspera: “O inverno aqui é ótimo. Na próxima vez, não deixe de vir durante o inverno.”

— Ele é médico ou paciente? — perguntei a Reiko.

— O que você acha?

— Não faço a menor idéia. De qualquer forma, não me parece muito normal.

— Pois fique sabendo que ele é médico. É o Dr. Miyata — disse Naoko.

— Mas de nós todos é quem tem a cabeça mais louca. Quer apostar? — perguntou Reiko.

— O guarda da portaria, Sr. Omura, também não fica atrás — emendou Naoko.

— Tem razão. Ele é mesmo pirado — disse Reiko, espetando o garfo num brócoli. — Toda manhã faz uma ginástica esquisita, gritando coisas ininteligíveis. Ah, e antes de Naoko ser admitida havia uma moça da contabilidade chamada Kinoshita, neurótica, que tentou o suicídio, e também um enfermeiro, Tokushima era o seu nome, que foi despedido no ano passado porque seu alcoolismo piorava sensivelmente.

— Está parecendo que pacientes e funcionários trocam de posição — falei admirado.

— Você está coberto de razão — respondeu Reiko, agitando seu garfo. — Pelo visto, está pouco a pouco aprendendo como as coisas funcionam no mundo.

— Acho que sim — confirmei.

— O que faz de nós pessoas normais — prosseguiu Reiko — é que sabemos que não somos normais.

De volta ao apartamento, Naoko e eu jogamos cartas enquanto Reiko retornou aos exercícios de Bach ao violão.

— A que horas você vai embora amanhã? — perguntou-me Reiko, interrompendo o exercício e acendendo um cigarro.

— Logo depois do café-da-manhã. O ônibus virá depois das nove e dará tempo de ir trabalhar à noite.

— Que pena. Poderia ficar mais tempo conosco.

— Se eu fizer isso, corro o risco de não sair mais daqui — falei rindo.

— Com certeza — concordou Reiko e, virando-se para Naoko, disse: — Ah, preciso ir até o apartamento de Oka pegar as

uvas. Estava me esquecendo completamente.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Naoko.

— Em vez disso, posso tomar o Toru emprestado para me acompanhar?

— Fique à vontade.

— Então, vamos os dois novamente dar nosso passeio noturno? — propôs Reiko, tomando-me pela mão. — Ontem quase chegamos lá, mas esta noite vamos até o final.

— Tudo bem. Façam como acharem melhor — respondeu Naoko, rindo baixinho.

Por causa do vento frio, Reiko vestiu o cardigã azul por cima da blusa e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Caminhava olhando para o céu, farejando o aroma da noite como um cão.

— Sinto cheiro de chuva — disse ela.

Procurei aspirar também o ar, mas não senti nada. É verdade que o céu estava coberto de nuvens, atrás das quais a lua se escondia.

— Quem mora aqui por muito tempo acaba aprendendo a prever o tempo pelo cheiro do ar — disse Reiko.

Ao entrar no bosque onde ficavam as residências dos funcionários, Reiko me pediu para esperar e foi sozinha até a porta de uma casa, tocando a campainha. Uma senhora, aparentemente a dona da casa, saiu, e as duas ficaram em pé conversando e rindo baixinho. Em seguida a senhora entrou, e logo voltou carregando um grande saco plástico. Reiko agradeceu, deu-lhe boa-noite e voltou até onde eu estava.

— Olhe as uvas que ganhei — disse Reiko me mostrando o interior do saco plástico. Lá dentro havia inúmeros cachos. — Você gosta de uvas?

— Gosto — respondi.

Ela pegou um cacho e me deu.

— Pode comer sem susto, foram lavadas.

Comi as uvas enquanto caminhava, cuspiando a casca e as sementes no chão. Estavam frescas e saborosas. Reiko também comeu as dela.

— De vez em quando dou aulas de piano ao filho deles. Em retribuição, eles me dão um monte de coisas. O vinho que bebemos também foi presente deles. Também lhes peço para fazer algumas comprinhas para mim na cidade.

— Eu gostaria de ouvir a continuação da história de ontem — falei.

— Tudo bem — respondeu Reiko. — Mas se voltarmos muito tarde toda noite não acha que Naoko vai começar a desconfiar de algo entre nós?

— Mesmo que ela desconfie, quero ouvir o resto.

— O.k. Então vamos conversar em algum local coberto. Está um pouco frio hoje.

Ela dobrou à esquerda em frente à quadra de tênis, desceu uma escada estreita que levava a um lugar onde havia vários pequenos depósitos enfileirados como um grupo de casas toscas. Abriu a porta do primeiro deles, entrou e acendeu a luz.

— Entre, vamos. É um lugar completamente vazio.

Dentro do depósito, fileiras de pares de esquis, varetas e botas estavam cuidadosamente dispostos, e no chão acumulavam-se pilhas de instrumentos e sacos de sal grosso para remoção de neve.

— Antigamente eu vinha muito aqui praticar violão. Quando queria ficar sozinha. Não é um lugar agradável?

Reiko sentou-se sobre os sacos de sal e me disse para sentar a seu lado. Fiz como ela mandava.

— Sei que vai enfumaçar um pouco o ambiente, mas se importa se eu fumar?

— Claro que não, fique à vontade — falei.

— Não consigo largar o vício — disse Reiko franzindo o cenho, mas fumou seu cigarro com prazer. São poucas as pessoas que sentem tanto prazer fumando um cigarro. Eu comia minhas uvas, uma por uma, cuspidando com cuidado as cascas e sementes dentro de uma lata vazia que servia de lixeira.

— Vejamos, até onde conversamos ontem? — perguntou Reiko.

— Até o ponto em que você escalava um rochedo perigosíssimo durante uma noite de vendaval para apanhar um ninho de andorinha — falei.

— É incrível como você é capaz de brincar mantendo o rosto tão sério — disse Reiko pasma. — Acho que parei no ponto em que todas as manhãs de sábado dava aulas de piano à tal menina.

— Isso mesmo.

— Se as pessoas neste mundo pudessem ser divididas entre as que possuem o dom de ensinar e aquelas que não o possuem, eu provavelmente me incluiria no primeiro grupo — disse Reiko. — Quando jovem, não pensava assim. Na verdade, talvez no fundo não quisesse pensar assim, e só percebi isso ao atingir certa idade. Acho que tenho talento para ensinar outras pessoas. Realmente levo jeito para isso.

— Não duvido — concordei.

— Tenho muito mais paciência com os outros do que comigo mesma, e mais facilidade em descobrir o seu lado bom do que o meu próprio. Sou desse tipo de pessoa. Minha existência pode ser comparada à lixa na lateral da caixa de fósforos. Mas não faz mal, eu não me importo. Não ligo mesmo. Prefiro ser uma caixa de fósforos de primeira qualidade a um palito de segunda. Desde que comecei a ensinar a essa menina, passei a ter isso muito claro. Até aquela época, quando era mais nova, havia ensinado a algumas pessoas para ganhar uns trocados, mas nunca havia pensado sobre isso seriamente. Foi ensinando a ela que me dei conta disso pela primeira vez. “Nossa, eu sou boa para ensinar coisas às pessoas!”, pensava comigo. E as aulas iam muito bem.

“Como eu lhe disse ontem, a técnica pianística dessa menina não era nada excepcional, e já que não era sua intenção se tornar profissional, pude ensinar-lhe sem pressões. Além disso, a própria mãe me dissera que eu poderia ‘ir com bastante calma nas lições’, pois o colégio de moças que a menina freqüentava lhe permitiria entrar quase automaticamente para uma universidade desde que ela mantivesse notas regulares, não havendo portanto tanta necessidade de se matar de estudar. Por isso mesmo, eu não exigia muito dela. Mesmo porque, desde nosso primeiro encontro, notei

que ela era do tipo que odiava ser pressionada. Era do tipo de menina que da boca para fora dizia sim a tudo afavelmente, mas só fazia *absolutamente* aquilo que lhe agradasse. Portanto, desde o início eu a deixei tocar o que queria. Totalmente à sua maneira. Em seguida, eu tocava a mesma peça de várias maneiras diferentes. Depois disso, discutíamos o melhor tipo de execução, aquele que mais lhe agradava. Então eu pedia a ela para tocar mais uma vez. Sua interpretação melhorava consideravelmente. Ela conseguia distinguir seus próprios pontos positivos e enfatizá-los em sua execução.”

Reiko interrompeu a conversa, inspirou, observou a ponta acesa do cigarro. Eu continuava calado comendo as uvas.

— Acho que tenho um senso musical apurado, mas o dessa menina era ainda mais aguçado. Eu achava aquilo um enorme desperdício. Se desde pequena ela tivesse recebido o treinamento correto de um bom professor, teria alcançado um nível excelente. Existem pessoas assim neste mundo. São incapazes de se esforçar para sistematizar o maravilhoso talento de que são dotadas, que acaba disperso e fragmentado. Conheci muitas pessoas assim. De início, a impressão que se tem é que são fantásticas. Há aquelas que conseguem interpretar peças dificílimas olhando a partitura uma única vez. E muitíssimo bem! Quem vê fica maravilhado. Eu não seria capaz de algo assim de jeito algum. Mas é só isso. A partir daí, elas não avançam. Sabe por quê? Porque não se esforçam. Não estão treinadas para se esforçar. São mimadas. Dotadas de talento natural, mesmo sem se esforçar, desde pequenas conseguem obter excelente desempenho e ser elogiadas, e a seus olhos o esforço parece algo estúpido. As peças que outras crianças demoram três semanas para concluir elas dominam em metade do tempo. Vendo que a criança tem capacidade, o professor a faz então avançar para a peça seguinte. Ignorantes das reais dificuldades envolvidas no processo, elas perdem determinado elemento necessário à formação de seu caráter. É realmente trágico. Não posso falar muito, pois também passei por uma situação parecida, mas felizmente meu professor era extremamente severo e os danos ficaram restritos ao que se vê agora.

“Mas eu sentia prazer em dar aulas a essa menina. Era como dirigir um carro esporte de alta potência numa auto-estrada. Basta um leve movimento dos dedos e a reação é imediata. Há casos em que a resposta é exageradamente rápida. A tática para ensinar crianças como ela é não as elogiar demais. Desde pequenas elas estão acostumadas a receber elogios, e mesmo os maiores não lhes dizem absolutamente nada. O melhor é tecer apenas um elogio uma vez ou outra, com habilidade. Outro ponto é não pressioná-las. Deixá-las escolherem por si mesmas. Em vez de incentivá-las a avançar cada vez mais, o melhor é fazê-las dar uma parada para refletir. Só isso. Agindo assim, tudo transcorre às mil maravilhas.”

Reiko jogou o cigarro no chão e o apagou com o pé. Depois inspirou profundamente como se tentasse acalmar o coração.

— Quando as aulas terminavam, conversávamos tomando chá. Às vezes eu lhe mostrava alguns estilos de *jazz*. Bud Powell, Thelonious Monk. Mas na maioria das vezes ela falava. Que talento tinha com a palavra, e como eram interessantes suas conversas! Apesar de, como eu lhe disse ontem, eu acreditar que grande parte fosse invenção, mesmo assim eram interessantes. Ela possuía um aguçado senso de observação, exprimia-se com precisão, tinha sarcasmo e humor, provocava as emoções das pessoas. De qualquer forma, ela era realmente dotada de real maestria quando se tratava de movimentar e estimular sentimentos. Ela própria estava consciente dessa capacidade e a usava, na medida do possível, de maneira hábil e eficaz. Podia, da forma que melhor lhe aprouvesse, incitar as emoções nos outros: ódio, tristeza, compaixão, desapontamento, alegria. Manipulava sem razão o sentimento das pessoas só para testar sua própria capacidade. Logicamente naquele momento eu não conseguia entender o que estava acontecendo comigo, e só perceberia mais tarde.

Depois de menear a cabeça, Reiko comeu algumas uvas.

— Era uma doença — afirmou Reiko. — Ela estava doente. Do tipo de doença que vai destruindo tudo em volta que nem maçã estragada. Ninguém seria capaz de curá-la. Ela carregaria esse mal até o fim de seus dias. Pensando assim, aquela menina dava pena.

Eu mesma sentiria pena dela, caso não tivesse me tornado sua vítima. *Ela* também era uma vítima.

E Reiko continuou comendo uvas. Parecia estar refletindo sobre a melhor forma de tratar o assunto.

— Bem, foi tudo muito divertido durante seis meses. Às vezes houve coisas que me surpreenderam ou que julguei meio estranhas. Conversando com ela, fiquei apavorada ao constatar a violenta aversão que ela era capaz de dirigir a qualquer pessoa, e que era irracional e desprovida de sentido. Eu me perguntava o que uma menina tão inteligente poderia estar pensando de verdade. Mas todos nós temos os nossos defeitos, não é? Além disso, eu não passava de uma mera professora de piano e sua personalidade e caráter estavam fora da minha alçada. Contanto que ela estivesse praticando com afinco, eu não tinha mais nada onde meter o bedelho. E, para ser franca, eu também gostava muito dela. De verdade.

“Mas decidi tomar o cuidado de não lhe revelar muitos fatos relativos à minha vida particular. Instintivamente, achava melhor não tocar nesses assuntos. Por isso, mesmo quando ela me crivava de perguntas sobre mim — ela era muito curiosa —, eu tentava me limitar a dar-lhe informações totalmente inofensivas. Restringia-me a falar sobre minha formação, sobre os colégios que frequentei e coisas assim. Ela dizia desejar saber mais sobre mim. Eu respondia que não havia nada para contar: eu tinha uma vida tediosa, com um marido comum, uma filha comum e um monte de tarefas domésticas. Ela então dizia ‘Eu gosto de você, professora’ grudando seu olhar no meu rosto. Eu ficava constrangida quando ela me olhava assim. Não que fosse desagradável. Mesmo assim, eu media bem as palavras quando conversava com ela.

“Quando foi que aconteceu mesmo? Acho que foi por volta do mês de maio. No meio da aula, ela de repente me disse estar passando mal. Seu rosto realmente havia empalidecido e ela transpirava bastante. Perguntei-lhe se queria voltar para casa, e ela me pediu para deixá-la deitar por alguns instantes para se recuperar. Eu lhe disse que não haveria problema e sugeri que se deitasse na minha cama, levando-a quase no colo até meu quarto.

Não havia outra solução senão fazê-la deitar na cama, já que o sofá lá de casa era muito pequeno. Ela pedia desculpas pelo transtorno e eu lhe dizia para não se preocupar. Perguntei-lhe se queria uma água ou outra coisa. Ela disse que não precisava de nada, mas que gostaria que eu ficasse com ela, e eu me comprometi a ficar o tempo que fosse necessário.

“Pouco depois ela me pediu, com a voz sofrida: ‘Poderia me massagear um pouco as costas?’ Como ela ainda estava suando muito, comecei a massagear suas costas. Então ela pediu: ‘Se não for muito incômodo, poderia desabotoar meu sutiã? Está me apertando.’ Sem muita opção, fiz o que ela me pedia. Como ela usava uma blusa muito justa, eu a desabotoei primeiro e depois o gancho do sutiã em suas costas. Seus seios eram relativamente fartos para uma menina de 13 anos, o dobro dos meus. O sutiã não era do tipo usado por adolescentes, mas do modelo para adultos, e de boa qualidade. Mas, no final das contas, eu não estava prestando muita atenção nisso na hora. Continuava a massagear suas costas como uma imbecil. Ela não parava de se desculpar numa voz que denotava sinceridade e eu lhe dizia para não se preocupar, que estava tudo bem.”

Reiko bateu a cinza do cigarro, deixando-a cair a seus pés. A essa altura eu já não estava mais comendo uvas, concentrado em escutar sua história.

— Logo ela começou a soluçar. Perguntei: “O que houve?” “Nada”, respondeu ela. “Como nada? Fale francamente”, insisti. “Às vezes eu fico assim. Não sei o que fazer. Sinto-me sozinha, triste, sem ninguém a quem recorrer, nem ninguém que se preocupe comigo. E é tão difícil que acabo ficando deste jeito. Não durmo direito à noite, tenho falta de apetite, e minha única distração é vir à sua casa, professora”, confessou ela. Eu lhe disse: “Por que isso acontece? Abra-se comigo.”

“Ela me confidenciou que as coisas não iam bem em casa. Que ela era incapaz de amar os pais e estes tampouco a amavam. O pai tinha uma amante e nunca parava em casa, e a mãe, semi-enlouquecida devido a essa situação, descontava nela, que levava surras freqüentes. Ela me confessou que voltar para casa era um

suplício. Em seguida, recomeçou a chorar. Seus lindos olhos se encheram de lágrimas. Ao ver isso, até Deus se apiedaria, não acha? Então eu lhe disse que quando fosse tão difícil voltar para casa ela poderia vir me visitar a qualquer momento que quisesse, não só nos dias de aula. Ao ouvir isso, ela se agarrou em mim dizendo: ‘Me perdoe. O que seria de mim sem você? Por favor, professora, não me abandone. Se me abandonar, não vou ter para onde ir.’

“Não tive outra escolha a não ser tomar sua cabeça nos braços, afagar seus cabelos e dizer-lhe: ‘Calma, calma.’ Nesse momento, ela passou a mão nas minhas costas e as acariciou. Aos poucos, fui sendo assaltada por uma estranha sensação. Meu corpo parecia arder por dentro. Imagine, eu deitada na cama, abraçada a uma menina linda que mais parecia saída de uma revista, e tendo as costas acariciadas de uma maneira extremamente sensual. Nem meu marido lhe chegava aos pés. A cada carícia, eu sentia meu corpo sair aos poucos do eixo. Para você ver como foi fantástico. Quando percebi, ela havia tirado minha blusa e meu sutiã, e estava acariciando meus seios. Foi então que finalmente entendi que ela era uma lésbica experiente. Isso já havia acontecido comigo uma vez. No secundário, com uma das moças ricas. Então eu lhe disse que aquilo não estava certo e lhe pedi para parar.

“‘Por favor. Só um pouco. Estou me sentindo realmente sozinha. Não é mentira. Estou realmente sozinha. Não tenho mais ninguém a não ser você, professora. Não me abandone.’ Então ela segurou minha mão e a levou até seu seio. O formato era maravilhoso e, ao tocá-lo, mesmo sendo mulher, senti algo como um aperto no peito. Aturdida, só continuava repetindo como uma idiota que aquilo não era certo. Eu não sabia por quê, mas meu corpo estava paralisado. Nos tempos do colégio, eu havia me esquivado facilmente da tal moça, mas naquele momento foi totalmente impossível. Meu corpo não me obedecia. Ela segurou minha mão com sua mão esquerda, pressionando-a contra seu seio. Com os lábios, mordiscava e lambia delicadamente meus mamilos, enquanto sua mão direita afagava minhas costas, meu flanco e minhas nádegas. Quando penso nisso, nem acredito que fui

praticamente despida por uma menina de 13 anos num quarto de cortinas fechadas — quando me dei conta ela já havia me despido peça por peça —, e me contorcia sob suas carícias. Que grande idiotice a minha! Mas, naquele momento, era como se eu estivesse enfeitiçada. Ela chupava meus seios repetindo: ‘Estou tão sozinha. Só tenho você, professora. Não me abandone. Estou realmente sozinha’, enquanto eu repetia: ‘Não podemos fazer isso, não é certo.’”

Reiko interrompeu a conversa para tirar uma baforada do cigarro.

— Sabe que é a primeira vez que conto isso para um homem? — confessou Reiko olhando meu rosto. — Senti que deveria lhe contar tudo e é isso que estou fazendo, mas estou muito envergonhada.

— Desculpe — disse-lhe. Não sabia o que mais poderia dizer.

— Isso continuou por algum tempo, e depois a mão direita dela foi escorregando lentamente para baixo. Ela me tocou por cima da calcinha. A essa altura eu já estava encharcada. Tenho vergonha de dizer isso, mas nunca fiquei tão molhada nem antes nem depois daquele dia. Até então, eu sempre achara que era indiferente em relação ao sexo. Por isso fiquei um pouco espantada ao me ver daquele jeito. Então aqueles seus dedos finos e macios entraram na minha calcinha e... bom, você pode mais ou menos imaginar. Não consigo dizer isso com todas as palavras. Foi completamente diferente de quando um homem toca você lá com seus dedos desajeitados. Foi incrível. De verdade. Como cócegas com uma pluma. O fusível da minha cabeça estava a ponto de estourar. Mas, mesmo semi-inconsciente, algo me alertava de que eu não deveria estar fazendo aquilo. Se fizesse, uma vez que fosse, continuaria a fazê-lo, e carregar comigo um segredo assim sem dúvida causaria uma nova confusão na minha cabeça. Também pensei na minha filha. O que ela faria se nos pegasse em flagrante? Minha filha ficava na casa dos meus pais todos os sábados até as três da tarde, mas o que aconteceria se, por qualquer motivo, ela voltasse mais

cedo? Foi isso que pensei. Reuni todas as minhas forças e me levantei gritando “Pare com isso, por favor!”.

“Mas ela não parava. Em vez disso, arrancou minha calcinha e começou a usar a língua. Eu ficava tão envergonhada que raramente deixava sequer meu marido fazer isso, mas essa menina de 13 anos estava ali, me lambendo avidamente. Eu estava completamente desatinada. Queria chorar. Ao mesmo tempo, era extraordinário, eu tinha a impressão de estar ascendendo ao paraíso.

“Gritei novamente: ‘Pare!’, dando-lhe uma bofetada. Com força. Ela finalmente parou. Logo se recompôs e me encarou. Estávamos as duas completamente nuas na cama, e nos olhávamos fixamente. Ela tinha 13 anos e eu 31... mas olhar seu corpo exercia sobre mim uma forma de dominação. Mesmo hoje eu me lembro dele nitidamente. Era inconcebível que aquele fosse o corpo de uma menina de 13 anos, e mesmo hoje custo a acreditar. Comparado ao dela, meu corpo era de chorar. Mesmo.”

Continuei calado, sem saber o que dizer.

— Ela me perguntou por que eu queria parar. “Você também gosta *disso*, não gosta? Eu sabia desde o início. Você gosta, não é? Posso sentir. É bem melhor do que fazer com homens, não é? Olhe para você: está toda molhada! Eu posso lhe dar ainda mais prazer. Estou falando sério. Posso fazer você sentir seu corpo derreter de prazer. Que tal?” O pior é que tudo o que ela dizia era verdade. Sem dúvida. Na cama, ela era melhor do que o meu marido, e eu queria transar mais com ela! Mas era impossível. “Vamos fazer isso uma vez por semana. Só uma vez. Ninguém vai ficar sabendo. Vai ser um segredo entre nós duas”, propôs ela.

“Mas eu me levantei, vesti meu robe e a mandei ir embora e nunca mais aparecer na minha casa. Ela só me encarava. Você precisava ver os olhos dela: ao contrário do normal, estavam completamente sem expressão. Pareciam olhos pintados sobre uma cartolina. Sem profundidade. Depois de me encarar por alguns instantes, ela juntou suas roupas em silêncio, vestiu lentamente peça por peça, como querendo se exhibir para mim. Voltou então para a sala onde estava o piano e pegou na bolsa uma escova,

penteou os cabelos, enxugou com um lenço o sangue dos lábios, calçou os sapatos e saiu. Antes de sair, disse: ‘Você é lésbica. Tenho certeza. E vai ser até morrer, por mais que tente esconder.’”

— É verdade? — perguntei.

Reiko refletiu por alguns instantes, curvando os lábios.

— Bom, sim e não. De fato, senti muito mais prazer em fazer sexo com essa menina do que com meu marido. Não posso negar. Por isso, durante algum tempo fiquei seriamente transtornada imaginando se não seria realmente lésbica. Achava que só não havia percebido. Mas hoje não penso mais assim. Eu não me atreveria a dizer que em meu íntimo não existe essa tendência. Provavelmente existe. Mas eu não sou lésbica no sentido preciso do termo. Porque nunca sinto desejo quando vejo uma mulher. Entende?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Mas alguns tipos de mulheres simpatizam comigo, e é uma questão apenas de eu poder sentir a simpatia que elas transmitem. Eu só sou lésbica nesses casos específicos. Por isso, por exemplo, mesmo abraçando Naoko, não sinto nada em particular. Quando está calor andamos praticamente nuas pelo apartamento, tomamos banho juntas e, às vezes, dormimos juntas na mesma cama... Mas não existe nada. Eu não sinto nada. Ela tem um corpo lindo, mas é só isso. Uma vez, fizemos de conta que éramos lésbicas. Naoko e eu. Mas certamente você não deve querer ouvir sobre isso.

— Conte, por favor.

— Quando revelei a Naoko essa minha história — você já sabe que não temos segredos — ela acariciou meu corpo de várias formas como teste. Ficamos ambas nuas. E não deu em nada. Eu só sentia cócegas e mais cócegas, a ponto de morrer de rir. Só de lembrar me dá comichão. Naoko é realmente muito desajeitada para esse tipo de coisa. Ficou aliviado?

— Para ser sincero, fiquei — respondi.

— Foi mais ou menos isso que aconteceu — disse Reiko, coçando a sobrancelha com a ponta do dedo mínimo. — Depois que a menina foi embora, fiquei prostrada numa cadeira, contemplando

por algum tempo o vazio. Não sabia o que fazer. Ouvia meu coração batendo num som surdo, meus braços e pernas estavam estranhamente enrijecidos, minha boca seca como se eu tivesse comido uma mariposa. Decidi tomar um banho, já que minha filha logo estaria de volta. E também porque queria lavar todas as partes do meu corpo que haviam sido acariciadas e lambidas por aquela menina. Mas por mais que eu lavasse e esfregasse com sabonete, era impossível me livrar daquela coisa viscosa que sentia em mim. Talvez fosse só minha imaginação, mas aquela gosma não desaparecia. Nessa noite, pedi a meu marido para fazermos amor. Para tentar me livrar dessa sujeira. É claro que não falei nada sobre o que havia acontecido. Não teria sido capaz de lhe contar. Só lhe pedi para fazer amor comigo. Disse-lhe para ir mais devagar, dedicando mais tempo do que de costume. Ele o fez com muita delicadeza. Demorou bastante. Tive um orgasmo maravilhoso. Nunca havia gozado assim desde que me casara. Sabe por quê? Porque a sensação dos dedos dela permaneciam em meu corpo. Só por causa disso. Foi surpreendente. Tenho vergonha de falar sobre isso. Estou suando. Não acredito que estou dizendo coisas como “Pedi para fazer amor”, “tive um orgasmo”...

Reiko sorriu curvando novamente os lábios.

— Mas, de qualquer forma, de nada adiantou. Dois ou três dias depois, a sensação dela ainda continuava em mim. E suas últimas palavras antes de ir embora soavam em minha mente como um eco.

“No sábado seguinte, ela não apareceu. Eu a esperei em casa, ansiosa, sem saber bem o que faria caso ela viesse. Era incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser esperar. Mas ela não veio. Era normal que não viesse. Era uma menina orgulhosa e depois de tudo o que havia acontecido... Também não veio na semana seguinte, nem na outra, e assim um mês se passou. Imaginei que o tempo me faria esquecer, mas quem disse que consegui? Sozinha em casa, pressentia subitamente sua presença à minha volta, e isso me tirava o sossego. Não conseguia tocar piano, não conseguia pensar. Não era capaz de me concentrar em nada. Depois de um mês assim, certo dia percebi algo estranho quando

caminhava fora de casa. As pessoas da vizinhança prestavam uma estranha atenção em mim. Elas me olhavam de maneira esquisita, parecendo me evitar. Naturalmente me cumprimentavam, mas o tom da voz e seu comportamento comigo estavam diferentes. Até uma vizinha que ia com frequência à minha casa parecia estar me evitando. Na medida do possível, eu tentava não me importar com o que estava acontecendo. Afinal, começar a se preocupar é o sinal que antecede a doença.

“Certo dia, uma vizinha com quem eu tinha mais afinidade foi até a minha casa. Éramos íntimas, pois tínhamos a mesma idade, ela era a filha de uma conhecida da minha mãe e nossos filhos freqüentavam o mesmo jardim-de-infância. Ela apareceu de repente e logo me perguntou se eu estava sabendo do terrível boato que corria a meu respeito. Respondi-lhe que não sabia de nada.

“‘Que boato?’, perguntei.

“‘É tão horrível que não tenho coragem de falar.’

“‘Se chegou até esse ponto, conte-me tudo, por pior que seja.’

“Ela hesitou bastante, mas acabei conseguindo arrancar tudo dela. No final das contas, ela fora à minha casa para isso e iria mesmo contar tudo. Segundo ela, corria o boato de que eu era uma lésbica assumida com várias passagens por hospitais psiquiátricos e que havia tentado tirar a roupa e abusar de uma das minhas alunas de piano que, tendo resistido, teria recebido de mim uma bofetada tão forte a ponto de fazer inchar seu rosto. A reconstituição da história era terrível, mas também me espantou o fato de eles terem descoberto sobre minhas internações.

“Minha amiga me disse ter explicado a todos que me conhecia de longa data e que eu não era esse tipo de pessoa. Os pais, porém, acreditaram na menina, e espalharam a história pela vizinhança. Como a filha havia afirmado que eu abusara dela, eles pesquisaram e descobriram que eu tinha um histórico de internações num hospital psiquiátrico.

“Conforme essa amiga ouvira dizer, certo dia — ou seja, no dia em que tudo aconteceu — a menina voltou da aula de piano aos prantos e a mãe lhe perguntou o que havia acontecido. Seu rosto

estava inchado, o lábio sangrava, ela havia perdido botões da blusa e sua roupa de baixo estava um pouco rasgada. Inacreditável, não acha? É óbvio que ela preparou tudo isso intencionalmente para dar credibilidade à sua história. Teve o cuidado de manchar a blusa de sangue, arrancar os botões, rasgar a renda do sutiã, chorar até os olhos ficarem vermelhos, desgrenhar os cabelos e, voltando para casa, desfiou para a mãe um rosário de mentiras. Posso visualizar nitidamente a cena.

“Não posso culpar as pessoas que acreditaram na versão dela. Até eu acreditaria se estivesse no lugar delas. É natural que todos acreditem piamente se uma menina linda como uma boneca e de língua demoniacamente afiada revela toda a história chorando e dizendo: ‘Não, eu me recuso a falar. Tenho vergonha.’ Além disso, para complicar mais as coisas, não era verdade que eu tinha um histórico de internações em hospitais psiquiátricos? E não era verdade que eu havia esbofeteado com toda a força o rosto da menina? Nesse caso, quem acreditaria em mim? Só meu marido, talvez.

“Depois de hesitar muito por vários dias, resolvi contar a ele, e ele obviamente acreditou em mim. Revelei-lhe tudo o que havia acontecido naquele dia. Disse-lhe que a havia esbofeteado porque ela tentara fazer comigo coisas do tipo que uma lésbica faria. Claro que não cheguei ao ponto de lhe confessar o que eu havia sentido. Seria um pouco demais. Ele se enfureceu e disse: ‘Isso é muito sério. Irei à casa deles e colocarei isso em pratos limpos. Afinal, você é uma mulher casada e mãe. Por que tem de se sujeitar a ser chamada de lésbica? Que piada!’

“Mas eu o impedi. Pedi-lhe para não ir. Disse que isso só serviria para piorar as coisas. Na realidade, eu já havia entendido tudo. Sabia que a menina era doente. Entendia isso bem, pois tinha visto muitas pessoas doentes como ela. Aquela menina estava corrompida até a alma. Debaixo daquela linda pele, tudo estava totalmente podre. Sei que é uma coisa horrível de se dizer, mas essa era a verdade. Mas as pessoas jamais entenderiam, e tentar mudar sua opinião seria uma luta inglória. Ela era hábil em manipular as emoções dos adultos e não tínhamos nenhum

elemento positivo a nosso favor. Quem acreditaria que uma menina de 13 anos teria se insinuado para uma mulher de mais de 30? Não importa o que disséssemos, as pessoas só acreditariam naquilo que desejassem acreditar. Por mais que batalhássemos, nossa posição só faria piorar.

“Sugeri a meu marido que nos mudássemos. Era a única solução. Se eu continuasse mais tempo naquele lugar, a tensão seria forte demais e o parafuso em minha cabeça poderia se soltar de novo. A essa altura eu já estava bastante atordoada. De qualquer forma, propus nos mudarmos para algum lugar distante onde ninguém me conhecesse. Mas meu marido não demonstrava querer sair de lá. Ele não havia percebido ainda a gravidade do problema. Na época, ele estava apaixonado por seu trabalho na empresa, havíamos acabado de comprar uma pequena casa pré-fabricada, e nossa filha já havia se acostumado à vida no jardim-de-infância. Ele sugeriu que esperássemos um pouco, pois não poderíamos simplesmente nos mudar tão rápido. Argumentou que não seria nada fácil encontrar outro trabalho, teríamos de vender a casa e encontrar outro jardim-de-infância para nossa filha; por mais que nos apressássemos, isso tudo levaria, no mínimo, uns dois meses.

“Eu o fiz ver que, se não agíssemos logo, os danos que a situação causaria em mim poderiam ser irreversíveis. Disse-lhe que não se tratava de intimidação, mas da pura verdade. Eu podia sentir isso dentro de mim. Na época, já começava a sofrer gradualmente de chiado nos ouvidos, alucinações e insônia. ‘Vá então você primeiro para algum lugar, e assim que eu tiver organizado tudo iremos encontrá-la’, propôs ele.

“Eu recusei. ‘Não quero ir para lugar nenhum sozinha. Se eu me afastar agora de você, eu me despedaço. Preciso de você. Por favor, não me deixe sozinha’, falei.

“Ele me abraçou. E me pediu para ter um pouco mais de paciência. Só mais um mês. ‘Nesse meio-tempo, tomarei todas as providências. Vou pedir demissão, vender a casa, arranjar um jardim-de-infância, encontrar um novo trabalho. Com sorte, talvez até consiga uma posição na Austrália. Por isso espere só mais um mês. Garanto que tudo vai se ajustar’, pediu ele. Ouvindo isso, não

pude dizer mais nada. Quanto mais eu tentasse argumentar, mais me sentiria isolada.”

Reiko suspirou olhando para a luminária do teto.

— Mas um mês foi demais para mim. Certo dia, o parafuso dentro da minha cabeça se soltou, bum! E dessa vez foi muito grave: tomei soníferos, abri o gás. Quando percebi, estava prostrada num leito de hospital, pois havia sido incapaz de morrer. Foi o fim de tudo. Quando depois de vários meses me acalmei o suficiente para poder voltar a raciocinar, pedi o divórcio. “Será melhor para você e para nossa filha”, falei. “Não pretendo me divorciar”, retrucou ele. “Podemos recomeçar do zero. Vamos recomeçar uma vida nova fora daqui, nós três”, propôs ele. “É tarde demais”, falei. “Tudo veio abaixo no momento em que você me pediu para esperar um mês. Você não deveria ter feito isso se pretendia realmente recomeçar. Não importa para onde formos ou que nos mudemos para longe, tudo voltará a acontecer. Eu vou fazer você sofrer outra vez, pedindo novamente as mesmas coisas, e não quero mais isso.”

“Então nos divorciamos. Ou melhor, eu o obriguei a se divorciar de mim. Ele se casou de novo há dois anos, e até hoje não me arrependo da atitude que tomei. De verdade. Na época, eu estava consciente de que esse meu estado continuaria até o fim dos meus dias e não queria ver ninguém envolvido em meu problema. Não desejava forçar ninguém a viver em constante pavor de que eu pudesse enlouquecer de uma hora para outra.

“Ele era um marido exemplar. Sincero, enérgico e paciente, alguém em quem eu podia confiar, o marido ideal para mim. Ele se empenhou com todas as forças para me curar e eu me esforcei para ficar curada. Tanto por causa dele como de nossa filha. Eu própria acreditava que estava recuperada. Foram seis anos de casamento feliz. Ele me levou com perfeição 99 por cento do caminho. Mas o um por cento restante enlouqueceu. E bum! Tudo o que havíamos construído juntos desmoronou numa fração de segundo, voltando à estaca zero. Tudo por causa daquela menina.”

Reiko juntou as pontas de cigarro pisadas que jaziam a seus pés e jogou-as dentro da lata.

— É uma história terrível, não concorda? Todo aquele trabalho para construirmos pouco a pouco tantas coisas em nossa vida. Quando tudo veio abaixo, foi realmente muito rápido. Desmoronou num piscar de olhos, não sobrou nada.

Reiko se levantou, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Vamos voltar. Já é tarde.

O céu estava mais escuro do que antes e coberto de nuvens, e a lua havia desaparecido por completo. Agora eu também podia sentir o cheiro da chuva no ar. O cheiro se misturava ao aroma das uvas frescas dentro do saco que eu carregava.

— Por isso tudo é difícil para eu me afastar daqui — concluiu Reiko. — Fico apavorada quando penso em sair deste lugar e me relacionar com o mundo exterior. Tenho medo de encontrar novas pessoas e experimentar novas sensações.

— Entendo perfeitamente o que você sente — falei. — Mas não duvido de que você seja capaz. Tenho certeza de que pode sair daqui e se dar bem lá fora.

Reiko sorriu, mas continuou em silêncio.

Naoko estava lendo sentada no sofá. De pernas cruzadas, lia um livro apertando a têmpora com o dedo como se procurasse tocar as palavras que lhe penetravam na cabeça para confirmá-las. Pingos de chuva começaram a cair espaçados e a luz da luminária, semelhante a uma poeira fina, dançava brilhante ao redor de seu corpo. Depois de conversar tanto tempo com Reiko, a juventude de Naoko surgia diante de mim com um frescor renovado.

— Desculpe por termos voltado tão tarde — disse Reiko acariciando a cabeça de Naoko.

— Divertiram-se bastante? — perguntou Naoko erguendo o rosto.

— Claro — respondeu Reiko.

— O que vocês dois andaram fazendo? — perguntou-me Naoko.

— Coisas indizíveis — respondi.

Naoko riu baixinho, pondo o livro de lado. Em seguida, nós três comemos uvas ouvindo o barulho da chuva.

— Quando chove desse jeito tenho a impressão de que nós três somos as únicas pessoas no mundo — disse Naoko. — Se chovesse eternamente, poderíamos continuar sempre juntos como agora.

— E enquanto vocês dois estivessem transando, eu os abanaria como uma escrava imbecil sacudindo um leque de cabo comprido ou tocaria alguma música de fundo em meu violão, não é? Pois podem desistir da idéia — disse Reiko.

— Pode deixar que eu o empresto de vez em quando para você — disse Naoko rindo.

— Sendo assim, a coisa muda de figura — respondeu Reiko. — Que chova então!

A chuva não parava. Às vezes ouvia-se o barulho de trovões. Ao terminar de comer as uvas, Reiko acendeu como de costume um cigarro, pegou o violão debaixo da cama e começou a tocar. Tocou “Desafinado” e “Garota de Ipanema”, e em seguida canções de Bacharach e algumas de Lennon e McCartney. Reiko e eu bebemos vinho e, quando não havia mais, dividi com ela o conhaque que ainda havia no meu cantil. Envolvidos por uma sensação de intimidade, conversamos os três sobre vários assuntos. Eu também sentia que a chuva poderia continuar a cair eternamente.

— Você virá nos visitar de novo? — perguntou Naoko fitando meu rosto.

— Claro que virei — respondi.

— E também vai escrever?

— Toda semana, prometo.

— Também vai escrever de vez em quando para mim? — perguntou Reiko.

— Claro. Escreverei com prazer — falei.

Às 11 horas, Reiko desdobrou o sofá transformando-o em cama, como havia feito na noite anterior. Nós dissemos boa-noite, apagamos as luzes e fomos nos deitar. Como eu estava sem sono,

tirei da mochila uma lanterna e *A montanha mágica* e comecei a ler. Pouco antes da meia-noite, a porta do quarto se abriu devagar e Naoko apareceu, vindo se deitar ao meu lado. Ao contrário da noite anterior, era realmente a Naoko de sempre. Seus olhos estavam vívidos e seus gestos eram ágeis. Aproximou a boca da minha orelha e disse num sussurro: “Não consigo pegar no sono.” Falei que o mesmo acontecia comigo. Pus o livro de lado, desliguei a lanterna, abracei-a e dei-lhe um beijo. A penumbra e o ruído da chuva nos envolviam delicadamente.

— E Reiko?

— Não se preocupe, está dormindo profundamente. Quando ela dorme, é difícil de acordar — disse Naoko. — Você jura que virá mais vezes?

— Juro.

— Mesmo que eu não possa fazer nada por você?

Concordei na penumbra. Sentia nitidamente a forma de seus seios contra meu peito. Deslizei as palmas das mãos por seu corpo sobre a camisola. Movi minhas mãos várias vezes, lentamente, dos ombros às costas, depois em direção a seus quadris, imprimindo na memória as linhas e a maciez de seu corpo. Depois de me abraçar assim com delicadeza por alguns instantes, Naoko beijou minha testa suavemente, saindo em seguida da cama. Vi sua camisola azul-clara tremular como um peixe dentro da escuridão.

— Adeus — sussurrou Naoko.

Adormeci tranqüilamente, ouvindo o som da chuva.

Na manhã seguinte, a chuva continuava. Ao contrário da noite anterior, era uma chuva outonal, fina a ponto de ser praticamente imperceptível aos olhos. Não fosse pelas ondulações nas poças d’água e pelo gotejar das calhas, não se perceberia que estava chovendo. Quando acordei, o mundo fora da janela estava envolto por uma neblina leitosa, que, conforme o sol subia, era varrida pelo vento, com os bosques e o contorno das montanhas surgindo gradualmente.

Como na manhã do dia anterior, tomamos o café-da-manhã a três e em seguida fomos cuidar do viveiro de pássaros. Naoko e Reiko vestiam capas de chuva amarelas de plástico com capuz. Vesti por cima do meu suéter um casaco impermeável. O ar estava frio e úmido. As aves se agrupavam em um canto do viveiro para fugir da chuva.

— Faz frio quando chove — disse eu a Reiko.

— A cada nova chuva a temperatura cai mais e mais e num certo momento se transforma em neve — explicou ela. — As nuvens vindas do mar do Japão despejam grande quantidade de neve ao atravessar esta região.

— O que acontece com os pássaros durante o inverno?

— Nós os transferimos para dentro, claro. Ou acha que, com a chegada da primavera, nós desenterramos os pássaros congelados da neve e, depois de ressuscitá-los por descongelamento, dizemos: “Vamos, pessoal, está na hora da comida”?

Quando toquei a rede metálica, o papagaio agitou as asas gritando: “Puto! Obrigado! Doidão!”

— Bem que eu gostaria de congelar esse aí — disse Naoko com ar melancólico. — Ouvi-lo repetir isso todas as manhãs é de deixar qualquer um realmente louco.

Terminada a limpeza do viveiro, voltamos ao apartamento e arrumei minha bagagem. Elas se prepararam para ir à horta. Saímos juntos e nos separamos um pouco antes da quadra de tênis. Elas dobrariam à direita e eu seguiria em frente. Nós nos despedimos. Eu lhes disse que voltaria para visitá-las. Naoko sorriu antes de dobrar a esquina e desaparecer.

Até chegar ao portão, cruzei com diversas pessoas, todas vestindo capas de chuva amarelas idênticas às que Naoko e Reiko usavam, e com a cabeça firmemente coberta pelo capuz. Por causa da chuva, era possível ver com nitidez a cor de todas as coisas. O chão estava enegrecido, os galhos dos pinheiros eram de um verde brilhante, e as pessoas envoltas na capa de chuva amarela pareciam espíritos especiais, aos quais só era permitido vagar pela

terra nas manhãs chuvosas. Moviam-se silenciosamente, carregando ferramentas agrícolas, cestas e alguns tipos de sacos.

O guarda se lembrava do meu nome e, ao sair, marcou-o na lista de visitantes.

— Você veio de Tóquio, não é? — perguntou o velho ao notar meu endereço. — Só fui a Tóquio uma vez, e a carne de porco lá é deliciosa.

— É mesmo? — retruquei sem entender bem.

— Nem tudo que comi em Tóquio foi bom, mas a carne de porco foi excelente. Eles devem ter métodos especiais de engorda.

Expliquei-lhe que não sabia nada sobre o assunto. Era a primeira vez que ouvia alguém dizer que a carne de porco em Tóquio era boa.

— Quando foi isso? Quando o senhor foi a Tóquio? — perguntei.

— Deixe-me ver — o velho inclinou a cabeça. — Por ocasião do casamento do príncipe herdeiro. Meu filho morava em Tóquio e queria que eu o visitasse pelo menos uma vez. Foi nessa época.

— Bem, nessa época a carne de porco em Tóquio devia ser deliciosa — falei.

— Como é agora?

Respondi-lhe que não tinha certeza, mas não costumava ouvir nenhum comentário especial a respeito. Ele pareceu um pouco decepcionado. O velho queria conversar mais, mas eu o interrompi dizendo que estava na hora do ônibus e comecei a caminhar em direção à estrada. Em alguns trechos do caminho que margeava o rio ainda restava alguma neblina que, carregada pelo vento, flutuava ao lado da montanha. Parei várias vezes durante a caminhada, olhei para trás e suspirei sem razão. Era como se tivesse chegado a um planeta onde a gravidade era um pouco diferente. Sim, claro, pensei comigo mesmo, este é o mundo exterior. E isso me entristeceu.

Cheguei de volta ao alojamento às quatro e meia, deixei minha bagagem no quarto, troquei rapidamente de roupa e saí para a loja de discos de Shinjuku para trabalhar. Das seis às dez tomei conta

da loja, vendendo alguns discos. Enquanto isso, observava distraidamente diversos tipos de pessoas passando numerosas em frente à loja. Eram famílias, casais, bêbados, mafiosos, meninas animadas de minissaia, homens de barba com jeito de *hippies*, atendentes de bares e outros tipos indefinidos. Quando eu punha *rock* pesado para tocar, vários *hippies* e jovens desocupados se reuniam na frente da loja para dançar, cheirar cola ou então simplesmente ficar sentados imóveis. Se eu punha um disco de Tony Bennett, eles logo desapareciam.

Ao lado da loja havia uma *sex shop* onde um senhor de meia-idade de olhos sonolentos vendia estranhos brinquedos para adultos. Eu não imaginava quem poderia desejar aquele tipo de objetos e para que finalidade, mas, mesmo assim, a loja parecia ter boa freguesia. Numa ruela em frente, diagonal à loja, um estudante que havia bebido demais vomitava. Na casa de jogos eletrônicos do outro lado da rua, cozinheiros de um restaurante vizinho passavam o horário de descanso jogando bingo a dinheiro. Um vagabundo de rosto imundo estava agachado, imóvel, sob a marquise de uma loja fechada. Uma menina de batom rosa pálido e com ares de secundarista entrou na loja e me perguntou se eu não poderia tocar “Jumping Jack Flash”, dos Rolling Stones. Peguei o disco, pus na vitrola, e ela acompanhou o ritmo estalando os dedos e requebrando os quadris. Depois perguntou se eu não teria um cigarro para lhe arranjar. Dei-lhe um dos Lark que o gerente da loja havia deixado. A garota fumou com evidente prazer e, quando a música terminou, foi embora sem sequer me agradecer. A cada 15 minutos, ouvia-se a sirene de uma ambulância ou carro da polícia. Três homens de terno e gravata igualmente bêbados riam, gritando obscenidades repetidas vezes para uma linda moça de cabelos compridos que fazia uma ligação de um telefone público.

Observando essa cena, fui ficando pouco a pouco confuso, sem entender seu sentido. Refleti sobre o que seria tudo aquilo. Sobre o que aquela cena poderia significar.

O gerente voltou depois do jantar.

— Sabe, Watanabe, anteontem eu dei umazinha com a mulher daquela loja — disse ele. Havia muito tempo que ele estava

de olho numa moça que trabalhava numa loja dos arredores, e algumas vezes levava um disco de presente para ela. Dei-lhe meus parabéns e ele me contou todos os detalhes, do começo ao fim. — Se você quiser ganhar uma mulher, precisa lhe fazer uns agrados com presentes — disse ele em tom professoral. — E depois encha a cara dela, deixe-a bêbada. E aí então basta mandar ver. Simples, não?

Tomei o trem para voltar ao alojamento ainda com a cabeça confusa. Fechei as cortinas do quarto, apaguei a luz e estiquei-me na cama, imaginando Naoko vindo se deitar ao meu lado. Fechando os olhos, senti a protuberância macia de seus seios sobre meu peito, ouvi sua voz sussurrante e pude sentir com as mãos os contornos de seu corpo. Na escuridão, retornei àquele pequeno mundo de Naoko. Sentia o aroma da pradaria, ouvia o som da chuva noturna. Lembrei-me do corpo nu de Naoko visto sob aquela luz do luar, e também de seu corpo meigo e lindo envolto na capa de chuva amarela fazendo a limpeza do viveiro ou cuidando das verduras. Segurei meu pênis já duro e pensei em Naoko até gozar. A confusão dentro da minha cabeça pareceu se acalmar um pouco, mas mesmo assim eu não sentia vontade de dormir. Apesar de exausto e sonolento, não consegui pegar no sono.

Levantei-me, fui até a janela, de onde observei por algum tempo, distraidamente, a base para o hasteamento da bandeira nacional bem no meio do pátio. O mastro branco sem bandeira surgiu diante dos meus olhos, um gigantesco osso branco dentro da escuridão noturna. Pensei no que Naoko estaria fazendo naquele momento. Obviamente estaria dormindo. Com certeza dormiria profundamente envolvida pela penumbra daquele pequeno e maravilhoso mundo. Rezei para que ela não tivesse nenhum pesadelo.

Na manhã do dia seguinte, uma quinta-feira, na aula de educação física, dei várias braçadas na piscina de 50 metros. Esse exercício físico puxado clareou um pouco minha mente e me fez recuperar o apetite. Depois de me entupir na hora do almoço, caminhei até a biblioteca da faculdade de letras para fazer uma pesquisa, esbarrando no caminho com Midori Kobayashi. Ela estava acompanhada de uma moça baixinha e de óculos, mas, assim que me viu, veio na minha direção.

— Para onde você está indo? — perguntou-me ela.

— Para a biblioteca — respondi.

— Que tal esquecer isso e almoçar comigo?

— Acabei de almoçar.

— Não tem importância. Almoce de novo.

Por fim, eu e Midori entramos num café próximo onde ela comeu *curry* e eu tomei um café. Sobre a blusa branca de manga comprida, ela vestia um colete de lã amarela com o desenho de um peixe, usava um fino cordão de ouro e um relógio da Disney. Comeu seu *curry* parecendo achá-lo realmente gostoso e bebeu três copos d'água.

— Onde esteve nesses últimos tempos? Liguei muitas vezes para você no alojamento — disse Midori.

— Precisava de alguma coisa?

— Nada em particular. Só telefonei.

— Hum — falei.

— O que quer dizer com esse hum?

— Nada em particular. Só hum — revidei. — Muitos incêndios nos últimos tempos?

— Bem, aquele que vimos foi bem divertido, não foi? Não houve muitos danos, mas foi muito real, toda aquela fumaça, foi interessante — disse Midori bebendo vários goles d'água. Ela respirou fundo e fitou meu rosto com ar compenetrado. — Ei, Toru, o

que está acontecendo? Você está com cara de quem vive no mundo da lua. Seus olhos não sossegam.

— Voltei um pouco cansado da viagem. Não há nada de errado.

— Até parece que viu um fantasma.

— Hum — falei.

— Você tem aula hoje à tarde?

— Tenho, de alemão e teologia.

— Dá para matar?

— Alemão é impossível. Tenho um teste.

— A que horas termina?

— Às duas.

— Então, depois da aula, que tal irmos à cidade beber?

— Beber às duas da tarde? — perguntei.

— Para quebrar a rotina, por que não? Você parece tão para baixo. Venha beber comigo para se animar. Eu também quero me animar bebendo com você. Que tal?

— Está bem. Vamos beber — falei suspirando. — Encontro você às duas no pátio da faculdade de letras.

Terminada a aula de alemão, pegamos um ônibus para Shinjuku e fomos a um bar chamado DUG no subsolo de um prédio na rua atrás da livraria Kinokuniya, onde bebemos cada um dois copos de vodca e tônica.

— Venho aqui de vez em quando. Não tenho vergonha de tomar bebidas alcoólicas durante o dia — disse ela.

— Você bebe muito à tarde?

— Às vezes — respondeu Midori agitando ruidosamente as pedras de gelo dentro do copo. — Quando a vida fica amarga, venho até aqui para beber vodca e tônica.

— A vida é amarga?

— Sim, às vezes — disse Midori. — Tenho meus próprios problemas. Vários.

— Quais, por exemplo?

— Família, namorados, menstruação irregular. Vários.

— Que tal mais uma dose?

— Claro.

Levantei o braço chamando o garçom e pedi-lhe duas doses de vodca e tônica.

— Sabe aquele domingo que você foi à minha casa e me beijou? — perguntou Midori. — Eu pensei bem e cheguei à conclusão de que o seu beijo foi excelente.

— Melhor assim.

— “Melhor assim” — arremedou Midori. — Seu modo de falar é mesmo esquisito, sabia?

— Será mesmo? — duvidei.

— De qualquer forma, pensei naquela hora em como seria maravilhoso se aquele fosse o primeiro beijo que eu tivesse dado num homem em toda minha vida. Se tivesse o poder de reverter a ordem dos acontecimentos, eu faria dele o meu primeiro beijo. Sem sombra de dúvida. E viveria todo o resto dos meus dias pensando alguma coisa assim: o que Toru, o homem que me beijou pela primeira vez na vida, estaria fazendo agora? Isso mesmo aos 58 anos de idade. Não seria fantástico?

— Deve ser — falei removendo a casca de um pistache.

— Conte para mim por que está tão evasivo. Esta é a segunda vez que pergunto.

— Provavelmente ainda não me adaptei totalmente ao mundo — disse eu depois de pensar por alguns instantes. — Tenho a impressão de que este não é o mundo real. As pessoas e a paisagem não me parecem verdadeiras.

Midori pousou os cotovelos sobre o balcão e fitou meu rosto.

— Há uma música de Jim Morrison com uma letra parecida.

— *People are strange when you're a stranger.*

— *Peace* — disse Midori.

— *Peace* — retribuí.

— Seria bom se você pudesse ir comigo ao Uruguai — disse Midori sem retirar os cotovelos do balcão. — Jogue tudo para o alto: namoradas, família, universidade.

— Não é má idéia — falei sorrindo.

— Não acha que seria maravilhoso largar tudo e ir para um lugar onde ninguém conhece você? Algumas vezes sinto vontade de fazer algo assim. Muita vontade. Digamos que você me levasse para um lugar distante. Por você, eu poria no mundo muitos bebês robustos como touros. E viveríamos todos felizes, rolando pelo chão.

Eu ri, acabando de tomar minha terceira dose de vodca e tônica.

— Acho que você não quer tanto assim um monte de bebês robustos como touros — disse Midori.

— Tenho muita curiosidade. Gostaria de ver como eles seriam — afirmei.

— Se não quiser, não é nada de tão grave — disse Midori comendo um pistache. — Foi só uma besteira que disse me embriagando em plena tarde. Tenho vontade de abandonar tudo e me mandar para o Uruguai. Mas, mesmo que vá, de qualquer forma só vou encontrar bosta de jumento.

— Talvez seja assim mesmo.

— Por toda parte só existe bosta de jumento. Tanto ficando aqui como indo para lá. O mundo é feito de bosta de jumento, você não concorda? Tome este duro para você. — Midori me entregou um pistache de casca dura. Com custo, consegui quebrá-la. — Mas, naquele domingo, respirei muito aliviada. Subimos, eu e você, para a varanda, contemplamos o incêndio, bebemos e cantamos. Fazia tempo que eu não relaxava de verdade como naquele dia. Isso porque todo mundo vive me coagindo a fazer várias coisas. Basta me ver e começam a me dizer como devo agir. Pelo menos com você é diferente.

— Eu ainda não a conheço bem para fazer cobranças.

— Isso significa que quando me conhecer melhor também vai me pressionar de várias formas? Como as outras pessoas?

— Existe essa possibilidade — falei. — Porque no mundo real todas as pessoas vivem se cobrando um monte de coisas.

— Mas eu duvido que você fizesse isso. Meu instinto me diz. Sou especialista no que diz respeito a coagir e ser coagida. Você não é desse tipo de pessoa, e por isso fico tranqüila quando estou

ao seu lado. Sabia? Muitas pessoas neste mundo adoram coagir e ser coagidas com relação a várias coisas. Depois saem por aí espalhando aos quatro ventos que coagiram ou foram coagidas. Elas adoram. Mas eu, ao contrário, não gosto. Se faço isso, é só porque não há outro jeito.

— Que tipo de cobranças você faz ou fazem a você?

Midori pôs uma pedra de gelo na boca e chupou-a por um tempo.

— Você quer me conhecer melhor?

— Hum, por que não?

— Ei, eu perguntei “Você quer me conhecer melhor?”. Não acha essa sua resposta monstruosa?

— O.k., eu quero conhecer você melhor! — falei.

— Quer mesmo?

— Quero.

— Mesmo que seja obrigado a desviar o olhar do que vê?

— É tão terrível assim?

— Em certo sentido — disse Midori franzindo o rosto. — Quero mais um trago.

Chamei o garçom e pedi a quarta dose. Enquanto os drinques não chegavam, Midori continuou com os cotovelos apoiados no balcão. Fiquei em silêncio ouvindo Thelonious Monk interpretar “Honeysuckle Rose”. No bar havia mais cinco ou seis fregueses, mas só nós estávamos bebendo. O aroma intenso do café imprimia ao interior sombrio do bar uma atmosfera de intimidade.

— Está livre domingo que vem? — perguntou-me Midori.

— Se não me engano, eu já disse a você que estou sempre livre aos domingos. Menos depois das seis da tarde, por causa do meu trabalho.

— Então que tal marcarmos um encontro para o próximo domingo?

— Ótimo.

— Eu passo para pegar você no domingo de manhã. Só não sei o horário. Tudo bem?

— Por mim tudo bem — respondi.

— Ei, Toru, sabe o que eu gostaria de fazer agora?

— Nem imagino.

— Primeiro, me refestelar numa cama grande e fofa — disse Midori. — De bem com a vida, bêbada, nenhuma bosta de jumento ao redor, e você estirado ao meu lado. Aos poucos, você tira minha roupa. Muito delicadamente. Devagar, do jeito que uma mãe tira a roupa de uma criança.

— Hum — falei.

— Até certo ponto eu me sinto bem e meu pensamento vagueia. Mas de repente eu me dou conta do que está acontecendo e grito: “Não faça isso, Toru!” E digo: “Eu gosto de você, mas há outra pessoa agora na minha vida. É impossível. Você bem sabe como eu sou convencional para essas coisas. Por isso, pare, por favor.” Mas nada de você parar.

— É claro que eu pararia.

— Eu sei. Não ligue, é só uma fantasia — explicou Midori. — E então você me mostra *aquilo*. Totalmente duro. Eu cubro imediatamente os olhos, mas mesmo assim o vejo por uma fração de segundo. “Não, por favor, essa coisa dura e grande nunca vai entrar em mim”, digo.

— Não é assim tão grande. É de tamanho normal, se quer saber.

— Não estrague minha fantasia. Então, seu semblante se entristece por completo. Você parece tão infeliz que eu tento consolá-lo. “Tadinho, não fique assim.”

— Está me dizendo que é isso que você quer fazer agora?

— Isso mesmo.

— Ó Deus — suspirei.

Ao todo, bebemos cinco vodcas com tônica antes de deixarmos o bar. Quando fiz menção de pagar, Midori deu um tapa na minha mão e pagou a conta com uma nota novíssima de 10 mil ienes que tirou da carteira.

— Não se preocupe, recebi meu salário e, além disso, fui eu quem convidou — disse Midori. — A menos, é lógico, que você seja

um fascista de marca maior e não permita que uma mulher lhe pague um drinque.

— Longe de mim.

— Além disso, eu não deixei você me penetrar.

— Porque eu sou duro e grande — falei.

— Isso — concordou Midori. — Porque é duro e grande.

Um pouco bêbada, Midori tropeçou em um degrau e por pouco não rolamos escada abaixo. Ao sairmos do bar, as nuvens que encobriam de leve o céu haviam se dissipado e o sol de final de tarde banhava as ruas com sua sôfrega luminosidade. Midori e eu caminhamos por algum tempo pela cidade. Midori disse que queria subir numa árvore, mas em Shinjuku não havia árvores e o parque imperial de Shinjuku já estava fechado.

— Que pena. Adoro trepar em árvores — lamentou Midori.

Enquanto caminhávamos admirando as vitrines das lojas, não sentíamos mais a paisagem urbana tão artificial como antes.

— Estou feliz de estar com você. Acho que estou um pouco mais adaptado ao mundo agora — falei.

Midori interrompeu a caminhada, me encarando fixamente.

— É verdade. Até seu olhar está menos vago. Viu, estar comigo não é tão ruim afinal.

— Tem razão — concordei.

Às cinco e meia, Midori avisou que precisava voltar para casa para preparar o jantar. Eu lhe disse que pegaria o ônibus de volta ao alojamento. Acompanhei-a até a estação Shinjuku, onde nos despedimos.

— Sabe o que eu gostaria que acontecesse agora? — perguntou-me Midori na hora de nos separarmos.

— Não faço a mínima idéia do que se passa na sua cabeça — respondi.

— Quero que você e eu sejamos capturados por piratas. Eles nos despiriam e nos poriam de frente um para o outro, nus, amararrados com cordas.

— Por que fariam isso?

— Porque são um bando de pervertidos.

— Você me parece mais pervertida do que eles — falei.

— Eles nos abandonariam no porão do navio, dizendo para nos divertimos amarrados daquele jeito, pois voltariam uma hora depois para nos jogar no mar.

— E então?

— Então nós nos divertiríamos por uma hora. Rolando pelo chão, nos contorcendo um em cima do outro.

— É isso o que você mais quer fazer neste momento?

— Isso.

— Ó Deus — falei sacudindo a cabeça.

Às nove e meia da manhã de domingo Midori veio me buscar. Eu havia acabado de acordar e ainda não lavara o rosto. Alguém bateu à porta do meu quarto berrando: “Ei, Watanabe, tem uma mulher aqui para você!”

Ao descer ao saguão, encontrei Midori sentada numa cadeira do corredor com uma saia *jeans* incrivelmente curta, de pernas cruzadas, bocejando. Ao passar diante dela, todos os colegas do alojamento a caminho do café-da-manhã espiavam de esguelha suas longas pernas. Que eram, diga-se de passagem, muito bonitas.

— Será que cheguei muito cedo? — perguntou Midori. — Nossa, Toru, até parece que você acabou de acordar.

— Vou lavar o rosto e me barbear. Pode me esperar uns 15 minutos? — perguntei.

— Não me importo de esperar, mas é bom saber que os rapazes estão todos olhando para as minhas pernas.

— É claro que estão olhando. Quem mandou vir a um alojamento masculino com uma saia tão curta? É mais do que normal que olhem.

— Não me incomodo. Hoje estou usando uma calcinha muito graciosa. Rosa, com aplique de renda. Uma gracinha.

— Isso só piora as coisas — falei suspirando. Voltei ao quarto e tentei lavar o rosto e me barbear o mais depressa possível. Vesti um casaco de lã sobre a camisa azul de colarinho esporte,

desci ao saguão e acompanhei Midori até o portão de entrada do alojamento. Estava suando frio.

— Todo esse pessoal que mora aqui costuma se masturbar?

— perguntou Midori erguendo os olhos em direção ao prédio do alojamento.

— Provavelmente.

— Os homens pensam em garotas quando estão fazendo isso?

— Acho que sim — respondi. — Bem, acho difícil ter alguém que se masturbe pensando no mercado de ações, nas conjugações verbais ou no canal de Suez. Em geral, é em garotas que eles pensam.

— Canal de Suez?

— É só um exemplo.

— Quer dizer, eles se concentram numa determinada garota e mandam bala, é isso?

— Que tal perguntar esse tipo de coisa para o seu namorado? — falei. — Por que diabos eu tenho de lhe explicar essas coisas numa manhã de domingo?

— Estou só curiosa — explicou Midori. — E meu namorado ficaria realmente bravo se eu perguntasse. Certamente diria que uma moça não deve perguntar essas coisas.

— E teria toda a razão.

— Mas eu quero saber. Por pura curiosidade. Responda, quando você se masturba, pensa em alguma garota em particular?

— Penso. Pelo menos no meu caso é assim. Não sei como acontece com os outros — respondi desolado.

— Já fez isso alguma vez pensando em mim? Seja franco, prometo não me zangar.

— Para ser sincero, nunca — respondi honestamente.

— Por quê? Não me acha atraente?

— Não é isso. Você é charmosa, graciosa, e essas roupas provocantes lhe caem muito bem.

— Então por que não pensa em mim?

— Em primeiro lugar, eu a considero minha amiga e não quero envolvê-la em algo desse tipo. Quero dizer, nessas fantasias

sexuais. Em segundo lugar...

— Porque tem outra garota em quem você pensa.

— É, isso mesmo — afirmei.

— Até nisso você é educado, não é? — disse Midori. — Eu adoro isso em você. Não poderia me deixar encenar um pequeno papel em suas fantasias sexuais ou pensamentos libidinosos? Quero aparecer em um deles. É como amiga que lhe peço isso. Não é uma coisa que possa pedir a qualquer pessoa. “Quando se masturbar hoje à noite, pense em mim”, não é o tipo de coisa que se possa dizer a alguém. É justamente por considerá-lo meu amigo que estou pedindo. Depois me conte como foi. E também o que fez.

Soltei um suspiro.

— Mas nada de penetração. Afinal, somos apenas amigos. Não é? Pode fazer ou pensar o que bem entender desde que não concretize o ato.

— Não sei não. Para falar a verdade, nunca fiz isso com restrições assim — falei.

— Pode pensar no caso?

— Está bem, vou pensar com carinho.

— Sabe, Toru, eu não quero que você me ache depravada, insatisfeita ou provocante. É só que tenho muito interesse e quero saber mais sobre esse assunto. Cresci cercada apenas por meninas no colégio de moças. Desejo muito saber o que os homens pensam e como funciona seu corpo. E não nos suplementos das revistas femininas, mas num estudo de caso.

— Estudo de caso? — murmurei desesperado.

— Mas se eu sinto vontade de saber ou fazer coisas, meu namorado se irrita. Me chama de depravada. Diz que sou doida varrida. Nunca me deixou fazer sexo oral com ele. Por isso quero muito pesquisar sobre isso.

— Hum — falei.

— Você não gosta de ser chupado?

— Bom, não desgosto.

— Então é sinal de que gosta.

— É, acho que se pode dizer que gosto — respondi. — Mas que tal deixarmos essa conversa para outra ocasião? Eu não

gostaria de estragar esta agradável manhã de domingo falando sobre punheta e sexo oral. Vamos mudar de assunto. Seu namorado também estuda na nossa universidade?

— Não, em outra universidade, claro. Nós nos conhecemos num dos clubes de estudantes no secundário. Eu estudava no colégio de moças e ele no colégio de rapazes. É comum os colégios organizarem concertos de música e outros eventos em conjunto. Mas foi só depois de formados que começamos a namorar. Olhe, Toru...

— O quê?

— Só precisa ser uma vez. Pense em mim quando fizer.

— Da próxima vez vou tentar — respondi sem jeito.

Pegamos um trem na estação e fomos até Ochanomizu. Eu não havia comido nada de manhã e, na hora de trocar de trem em Shinjuku, comprei num barzinho da estação um sanduíche finíssimo e um café com gosto de tinta de jornal fervida. Naquela manhã de domingo, o trem estava cheio de famílias e casais saindo a passeio. Um grupo de rapazes vestindo uniformes idênticos e carregando bastões de beisebol corria alvoroçado dentro do vagão. No trem, várias moças usavam minissaia, mas nenhuma tão curta quanto a de Midori. Algumas vezes Midori ajeitava a saia, puxando-a para baixo. Eu estava impaciente, pois alguns homens olhavam sem cerimônia suas coxas, mas ela própria não parecia se incomodar muito com isso.

— Sabe o que eu mais gostaria de fazer agora? — perguntou Midori em voz baixa quando passávamos por Ichigaya.

— Nem imagino — respondi. — Mas, por favor, não me venha com uma daquelas suas conversas dentro do trem. Eu ficaria envergonhado se as pessoas ouvissem.

— Que pena. Desta vez tinha em mente uma coisa ainda mais fantástica — replicou Midori, aparentando estar desolada.

— Falando nisso, o que estamos indo fazer em Ochanomizu?

— Espere e verá.

Naquele domingo, Ochanomizu estava cheio de secundaristas indo para simulados ou aulas. Midori atravessou com agilidade essa multidão de estudantes, segurando com a mão esquerda a alça da bolsa e com a outra a minha mão.

— Diga, Toru, você saberia explicar corretamente a diferença entre o presente e o pretérito do subjuntivo em inglês? — perguntou-me ela à queima-roupa.

— Acho que sim — respondi.

— Posso lhe perguntar qual a utilidade que isso tem na vida cotidiana?

— Utilidade não tem praticamente nenhuma — respondi. — Porém, mais do que uma utilidade concreta, acho que esse tipo de coisa serve como treinamento para se raciocinar de forma sistemática.

Midori refletiu sobre isso durante algum tempo com o semblante sério.

— Você é demais! — exclamou ela. — Até hoje nunca tinha considerado sob esse ponto de vista. Subjuntivo, cálculo diferencial, símbolos químicos: para mim não passam de inutilidades. Por isso mesmo sempre ignorei essas coisas complicadas. Será que minha maneira de viver estava errada?

— Você disse ignorou?

— Sim, eu vivi até hoje agindo como se elas não existissem. Não conheço bulhufas sobre senos e co-senos, sabia?

— Apesar disso, conseguiu se formar e entrar numa universidade — falei espantado.

— Não seja bobo! — disse Midori. — Você não sabia? Quem tem boa intuição consegue passar nas provas mesmo não conhecendo nada. E a minha, por sinal, é excelente. Descubro num piscar de olhos qual a resposta certa entre as cinco opções das questões de múltipla escolha.

— Eu não tenho uma intuição tão boa quanto a sua, e preciso aprender a pensar de maneira sistemática. Da mesma forma que um corvo junta pedaços de vidro num buraco de árvore.

— E isso serve para alguma coisa?

— Depende — falei. — Certas coisas provavelmente ficam mais fáceis.

— Me dê exemplos.

— Raciocínio metafísico, ou dominar vários idiomas estrangeiros, por exemplo.

— E isso serve para quê?

— Depende da pessoa. Para alguns é útil, para outros não. Mas, como é mais um treinamento, a questão da utilidade é secundária. Como eu disse antes.

— Hum — exclamou Midori parecendo interessada e, puxando-me pela mão, continuamos descendo a ladeira. — Toru, você tem mesmo talento para explicar as coisas.

— Será mesmo?

— Sem dúvida. Sabe, até hoje perguntei a um monte de gente sobre a utilidade prática do subjuntivo no inglês, mas ninguém foi capaz de me dar uma explicação convincente como a sua. Nem mesmo professores de inglês! É só eu fazer a pergunta para todos ficarem confusos, irritados ou me desprezarem. Nunca ninguém me explicou claramente. Se alguém tivesse me explicado assim como você fez, provavelmente eu teria me interessado pelo subjuntivo.

— Hum — falei.

— Você já leu *O capital*? — perguntou-me Midori.

— Claro. Logicamente não li tudo. Assim como a maioria das pessoas.

— Você entendeu?

— Alguns trechos sim, outros não. É preciso adquirir um sistema de raciocínio intelectual específico para ler corretamente um livro como *O capital*. Acho que consigo entender o marxismo até certo ponto, em seus princípios gerais.

— Você acha que um estudante que acabou de entrar na universidade e praticamente nunca leu livros como *O capital* seria capaz de entendê-lo numa primeira leitura?

— A meu ver é quase impossível — respondi.

— Quando entrei na universidade, eu me inscrevi num clube de música folclórica. Tinha vontade de cantar. Era um lugar cheio de tipos esquisitos e hoje só de pensar me dá arrepios. Quando entrei

para esse clube, em primeiro lugar fui obrigada a ler Marx. Eles nos mandavam preparar algumas páginas para a reunião seguinte. Faziam discursos sobre a necessidade da música folclórica estar associada à sociedade e ao radicalismo. Sem ter como escapar, eu lia Marx avidamente ao voltar para casa. Mas era pior do que o subjuntivo: não entendia nada. Desistia na terceira página. Então, na reunião da semana seguinte, eu dizia que havia lido mas não havia entendido nada. Depois desse dia, eles me trataram como uma idiota. Parecia que eu era uma alienada, que me faltava senso cívico. O que eles estavam pensando? Eu só disse que não havia entendido o texto. Não acha isso o fim da picada?

— Hum-hum — assenti.

— E as discussões eram horríveis! Todos fingindo entender e usando palavras difíceis. Eu sempre perguntava quando não entendia alguma coisa: O que significa essa “exploração imperialista”? Tem alguma relação com a Companhia das Índias Orientais? Ou “destruir a comunidade industrial e acadêmica” significava que quando nos formássemos não devíamos nos empregar numa empresa? Mas ninguém me explicava. Em vez disso, ficavam muito irritados. Acredita?

— Acredito.

— Um deles gritou para mim: “O que você vai fazer sem saber essas coisas? O que tem na cabeça afinal de contas?” Foi a última gota. Não suportei mais. Concordo que não sou inteligente. Pertencço à classe operária. Mas quem suporta a humanidade é a classe operária. E não é justamente ela a explorada? Que revolução é essa que mostra ao povo palavras de significado desconhecido? Que transformação social é essa? Sem dúvida, eu quero melhorar a sociedade. Se alguém está sendo realmente explorado, é preciso tomar providências. E é por isso mesmo que faço perguntas. Não estou certa?

— Claro que está.

— Naquele momento, descobri o bando de pilantras que eles eram. Aqueles caras usavam essas palavras com ar de superioridade para conquistar as estudantes novatas, só pensando em enfiar a mão por baixo de suas saias. E no último ano da

faculdade cortavam o cabelo bem curto e iam se empregar rapidinho na Mitsubishi, na IBM ou no Banco Fuji, casar-se com alguma beldade que nunca havia lido Marx na vida e ironicamente batizar os filhos com nomes da moda. É a isso que chamavam “destruição da comunidade industrial e acadêmica”? Tenho vontade de chorar de tão engraçado. E os outros calouros também eram horríveis. Apesar de nenhum deles entender bulhufas, eles riam e faziam cara de quem entendia tudo. E depois me diziam: “Não seja idiota. Mesmo não entendendo, é só concordar.” Ah, e teve uma coisa que me deixou ainda mais furiosa. Quer ouvir?

— Claro.

— Certa vez, eles decidiram que participaríamos de um encontro político à noite. Disseram que todas as moças deveriam preparar vinte bolinhos de arroz cada uma e levar para o jantar. Estavam nos fazendo de besta. Não acha uma completa discriminação sexual? Como eu não estava a fim de causar atritos, preparei os vinte bolinhos e levei sem reclamar. Bolinhos embrulhados por uma tira de alga e recheados com ameixa seca. Pois bem, adivinhe o que eles disseram depois. Queixaram-se de que dentro dos meus bolinhos só tinha ameixa seca e que eu não havia levado mais nada como acompanhamento. Os bolinhos das outras moças tinham salmão, ova de bacalhau e até tiras de ovo frito. Foi tão imbecil que perdi a fala. Por que os caras que discutiam sobre revolução precisavam fazer tanto alarde sobre os bolinhos do jantar?

Eu ri.

— Mas e então, o que aconteceu com o seu clube?

— Saí dele em junho. Fiquei tão irada — disse Midori. — A maioria desses universitários é uma farsa completa. Eles morrem de medo de que alguém descubra que eles não sabem alguma coisa. Todos lêem os mesmos livros e todos usam as mesmas palavras, e se masturbam escutando John Coltrane e assistindo a filmes do Pasolini. Você chama isso de “revolução”?

— Não me pergunte, eu nunca vivi uma revolução, não posso dar palpite.

— Se revolução é isso, não contem comigo. Eu certamente enfrentaria o pelotão de fuzilamento por só ter recheado os bolinhos de arroz com ameixa seca e nada mais. Sem dúvida você também seria fuzilado. Simplesmente por entender corretamente o uso do subjuntivo.

— É provável — falei.

— Sabe, eu entendo. É porque eu sou do povo. Haja ou não revolução, ao povo só resta continuar vivendo sua vidinha de merda. Revolução, pois sim! É só uma mudança no nome das autoridades. Mas aqueles caras não entendiam isso. Eles e sua verborragia. Você já viu um fiscal da receita?

— Ainda não.

— Eu já vi vários. Eles vão entrando sem cerimônia casa adentro com o nariz empinado. “Que livro contábil é este? Que anotações malfeitas dos negócios! Tem certeza de que isso aqui é despesa? Mostre-me os recibos”, dizem. Ficávamos acuados num canto e, na hora do almoço, tínhamos que pedir entrega ao restaurante dos *sushis* mais caros. E olhe que meu pai nunca sonegou imposto. Estou falando sério. Ele é desse tipo de pessoa à moda antiga. Apesar disso, os fiscais não paravam de reclamar: “Não acha que as receitas estão muito baixas?” Como pode, não é? Se as receitas são baixas é porque não temos negócios! Ao ouvir essas coisas, eu ficava a ponto de morrer. Dava vontade de berrar: “Vão procurar quem tenha realmente dinheiro!” Será que a atitude dos fiscais da receita mudaria se fosse deflagrada uma revolução?

— Seria extremamente duvidoso.

— Então não acredito em revoluções. Só acredito no amor.

— *Peace* — falei.

— *Peace* — repetiu Midori.

— Afinal para onde estamos indo? — perguntei.

— Para o hospital. Meu pai está internado e hoje preciso fazer-lhe companhia durante todo o dia. É a minha vez.

— Seu pai? — perguntei surpreso. — Ele não foi para o Uruguai?

— Era mentira minha — disse Midori com o semblante imperturbável. — Ele vivia dizendo que iria para o Uruguai, mas

nunca deu em nada. Para dizer a verdade, ele mal consegue sair de Tóquio.

— Como ele está?

— Sinceramente, é uma questão de tempo.

Demos vários passos sem trocar uma palavra.

— Sei disso porque ele tem a mesma doença da minha mãe. Tumor cerebral. Acredita nisso? Minha mãe morreu faz apenas dois anos. E agora é ele.

Também pelo fato de ser domingo, o Hospital Universitário estava apinhado de visitantes e doentes com sintomas leves. E o cheiro inconfundível de hospital pairava no ar. Um cheiro de desinfetante, de buquês de flores trazidos pelos visitantes, de urina e de colchões se misturava envolvendo todo o hospital, dentro do qual as enfermeiras circulavam a passos surdos.

O pai de Midori estava deitado na cama mais próxima à porta, num quarto particular de dois ocupantes. Sua posição na cama me fez lembrar um pequeno animal ferido gravemente. Estava deitado de lado, imóvel, com a agulha de soro intravenoso espetada no braço direito frouxamente estendido. O homem baixo e magro passava a impressão de que emagreceria e encolheria ainda mais. Uma atadura branca envolvia-lhe a cabeça e seus braços pálidos estavam salpicados de marcas de injeções e das picadas das agulhas de soro. Semicerrados, seus olhos vermelhos concentravam-se em algum ponto no espaço vazio, mas moveram-se ligeiramente em nossa direção quando entramos no quarto. Depois de nos observar por uma dezena de segundos, ele retornou o olhar debilitado para o mesmo local de antes.

Em seus olhos era possível ver que aquele homem não tardaria a morrer. Praticamente não se podia distinguir sinais de vida em seu corpo. Só restavam nele as ruínas frágeis e minúsculas de uma existência. Seu corpo parecia uma velha casa que, removidos todos os móveis e acessórios, aguarda apenas a demolição. Ao redor dos lábios ressecados, pêlos de barba despontavam como

erva daninha. Refleti sobre o fato de a barba continuar a crescer mesmo em um homem cuja vida estava chegando ao fim.

Midori disse boa-tarde para o homem gordo e de meia-idade deitado na cama ao lado da janela. O homem deveria estar impossibilitado de falar, pois apenas sorriu fazendo um sinal com a cabeça. Depois de tossir duas ou três vezes, bebeu da água colocada sobre a mesa-de-cabeceira, virando em seguida o corpo para o lado devagar para observar o exterior pela janela. Do lado de fora viam-se postes e fios elétricos. Nada mais. Nem mesmo nuvens pairavam no céu.

— Está se sentindo melhor, pai? — perguntou Midori com a boca junto a sua orelha, parecendo testar um microfone. — Como está hoje?

O pai moveu lentamente os lábios.

— Mal — respondeu. Não era propriamente fala, mas a transformação em palavras do ar seco no fundo da garganta. — Cabeça — prosseguiu ele.

— Está com dor de cabeça? — perguntou Midori.

— Sim — foi a resposta do pai. Ele parecia incapaz de pronunciar palavras com mais de quatro sílabas.

— É inevitável. Depois da operação é normal sentir dores. Sei que é difícil, mas tente ter um pouco mais de paciência — disse Midori. — Este é meu amigo Watanabe.

Eu lhe disse que era um prazer conhecê-lo. O pai entreabriu os lábios e logo os fechou.

— Sente-se ali — disse Midori, apontando para uma banqueta redonda de plástico ao pé da cama. Sentei-me como ela sugeria.

Midori deu de beber ao pai da água da garrafa e perguntou se ele queria comer uma fruta ou gelatina.

— Não — respondeu o pai. Quando Midori insistiu que ele precisava se alimentar, mesmo que em pequena quantidade, o homem respondeu: “Já comi.”

Havia junto à cama uma mesinha-de-cabeceira com vários objetos, entre os quais um jarro d’água, um copo, um prato e um pequeno relógio. Midori tirou de um grande saco de papel colocado

embaixo da mesa um jogo de pijamas, roupa de baixo e algumas miudezas, e arrumou-os no armário junto à porta. No fundo do saco havia alimentos para o paciente: duas toranjas, gelatina de frutas e três pepinos.

— Pepinos? — exclamou Midori com a voz perplexa e zangada. — O que isso está fazendo aqui? O que minha irmã está pensando? Eu listei por telefone tudo que ela deveria comprar. Tenho certeza de que não pedi para comprar pepinos.

— Ela provavelmente deve ter confundido — falei.

Midori estalou os dedos.

— Deve ser isso. Mas é o tipo de coisa que bastaria pensar um pouco para logo perceber. Como pode uma pessoa doente mastigar pepino cru? Pai, você quer comer pepino?

— Não — respondeu o pai.

Midori sentou-se à cabeceira da cama e começou a contar as novidades de casa. Ela havia chamado alguém para consertar a televisão com problemas de recepção de imagem, a tia Takaido havia prometido ir fazer-lhe uma visita daqui a alguns dias, o senhor Miyawaki da farmácia havia levado um tombo de moto, e coisas assim. O pai apenas acompanhava, emitindo gemidos curtos.

— Pai, não quer mesmo comer nada?

— Não — respondeu ele.

— Toru, quer uma toranja?

Fiz que não com a cabeça.

Pouco depois Midori me convidou a ir à sala de televisão e, sentada no sofá, fumou um cigarro. Na sala, três pacientes de pijama fumavam enquanto assistiam a um tipo de debate político na TV.

— Está vendo aquele senhor de muletas logo ali? Desde que chegamos ele não pára de olhar para minhas pernas como quem não quer nada. Aquele de pijama azul e óculos — disse Midori parecendo contente.

— Quem manda usar uma saia como essa.

— Qual o problema? Esse pessoal daqui vive entediado e é bom para eles admirar de vez em quando as pernas de uma moça. A excitação deve ajudar na recuperação deles.

— Tomara que não surta o efeito contrário! — falei.

Por instantes, Midori contemplou a fumaça do cigarro erguendo-se reta.

— O meu pai não é má pessoa — disse. — Às vezes ele diz coisas horríveis que me aborrecem, mas pelo menos é uma pessoa de princípios e amava sinceramente minha mãe. Além disso, durante toda a vida lutou à sua maneira, intensamente. É uma pessoa um pouco fraca e sem tino para negócios, e nunca foi muito popular, mas, comparado com os caras enganadores e mentirosos à sua volta, é um homem sério. Como eu também sou do tipo que não dá o braço a torcer, vivíamos discutindo. Mas garanto que ele não é má pessoa.

Midori segurou minha mão como quem pega um objeto caído na rua, colocando-a sobre o joelho. Metade da minha mão estava sobre o tecido da saia, a outra metade sobre sua coxa. Durante algum tempo, ela me encarou.

— Sei que este não é um lugar muito agradável, mas poderia me fazer companhia por mais algum tempo?

— Posso ficar quanto tempo você quiser, mas só até as cinco — respondi. — Não só porque gosto de ficar com você, mas porque não tenho mais nada para fazer.

— Como você costuma passar os domingos?

— Lavando roupa — respondi. — E passando também.

— Pelo visto você não quer falar muito sobre sua namorada comigo.

— Tem razão. Não quero conversar sobre ela. É complicado e eu não seria capaz de explicar.

— Tudo bem. Não precisa explicar — disse Midori. — Mas posso dizer o que eu imagino que esteja acontecendo?

— Claro, eu adoraria ouvir. Tudo o que passa pela sua cabeça é divertido.

— Acho que essa mulher com quem você se relaciona é casada.

— Acha mesmo?

— Uma linda milionária de 32 ou 33 anos, que usa casaco de peles, sapatos Charles Jourdan e calcinhas de seda e, ainda por

cima, é ninfomaníaca. Do tipo que adora se entregar a todo tipo de jogos indecentes. Durante a semana, vocês se encontram diariamente no fim da tarde para consumir seus corpos de prazer. Mas aos domingos o marido está em casa, o que inviabiliza os encontros. Estou certa?

— Não deixa de ser uma idéia interessante.

— Ela manda você amarrá-la e vendar seus olhos, e deixa você lambar prazerosamente cada centímetro de seu corpo. Depois, em posições de contorcionista, deixa que você enfie nela objetos estranhos e use uma câmera polaróide para fotografá-la.

— Parece bem divertido.

— A fome da mulher é tanta que ela experimenta tudo o que lhe passa pela imaginação. Planeja isso a cada dia. Afinal, não tem mais nada mesmo que fazer. “Da próxima vez que Watanabe vier, vou fazer isso e também aquilo”, ela deve planejar. E na cama se transforma num animal selvagem, experimentando várias posições e tendo três orgasmos a cada encontro. Então ela diz a você: “Não acha meu corpo fantástico? Depois de me provar, nunca mais vai se satisfazer com essas menininhas que andam por aí. Diga, essas moças fazem o que eu faço? Então? Está sentindo? Não, não goze ainda!”

— Você deve andar assistindo a filmes pornô demais — falei rindo.

— Será? — perguntou Midori. — Mas eu adoro mesmo filmes pornô! Vamos assistir juntos da próxima vez?

— Tudo bem. Quando você tiver tempo.

— Está falando sério? É muito divertido! Vamos ver um desses de sadomasoquismo. Com muitas chicotadas e os homens fazendo as moças urinarem na sua frente. São os meus favoritos.

— Combinado.

— Sabe o que mais me atrai nos cinemas onde passam filmes pornô?

— Nem desconfio.

— É quando, nas horas das cenas de sexo, ouve-se o barulho de todos os espectadores em volta engolindo em seco — disse Midori. — Adoro aquele som. É divino!

Ao retornarmos ao quarto, Midori voltou a conversar com o pai, que ora dava sinais de aprovação com grunhidos breves, ora permanecia calado. Por volta das 11 horas, a esposa do senhor na cama ao lado chegou, trocou a roupa do marido e descascou uma fruta para ele. A senhora de rosto redondo e simpático conversou com Midori sobre trivialidades. A enfermeira apareceu, substituiu o frasco de soro por um novo, partindo não sem antes trocar algumas palavras com Midori e a outra senhora. Enquanto isso, sem nada para fazer, eu vagava o olhar pelo interior do quarto e para os fios elétricos do exterior. Vez por outra, pardais vinham pousar sobre um fio. Midori conversava com o pai, enxugava seu suor, ajudava-o a se livrar do catarro, conversava com a senhora ao lado, com as enfermeiras e comigo, além de avaliar a condição do soro.

Às 11h30, o médico passou para visitar o doente, e Midori e eu fomos aguardar no corredor. Quando o médico saiu, Midori perguntou pelo estado do pai.

— Ele acaba de ser operado e está sendo medicado com analgésicos. Isso o deixa relativamente debilitado — explicou o médico. — Precisamos de mais dois ou três dias para analisar os resultados da operação. Se tudo estiver bem, ótimo, caso contrário, definiremos então como proceder.

— Não me diga que precisarão abrir de novo a cabeça dele.

— No momento é difícil afirmar qualquer coisa — disse o médico. — Nossa, que saia curta você está usando hoje!

— Uma graça, não acha?

— Mas como faz quando precisa subir escadas? — perguntou o médico.

— Absolutamente nada. Deixo tudo à mostra — disse Midori. Atrás de nós, uma enfermeira ria baixinho.

— É melhor você vir um dia desses para abrirmos sua cabeça e ver o que está acontecendo — disse o médico, pasmo. — E por favor, enquanto estiver no hospital, tente só usar os elevadores. Não quero que o número de pacientes aumente. Já basta o trabalho que tenho no momento.

Pouco depois da partida do médico, chegou a hora do almoço. A enfermeira passava de quarto em quarto com um carrinho

distribuindo a comida. A refeição do pai de Midori era sopa, frutas, peixe cozido macio e sem espinhas, e algo que aparentava ser vegetais amassados em forma de gelatina. Midori ajudou o pai a se deitar de costas, girou a manivela ao pé da cama para fazê-la levantar, dando-lhe sopa com a colher. Depois de cinco ou seis colheradas, o pai virou o rosto dizendo “não”.

— Você não pode comer só isso — disse Midori.

O pai disse “depois”.

— Que homem impossível. Se não comer, nunca vai melhorar — ralhou Midori. — Quer xixi?

— Não — respondeu o pai.

— Ei, Toru, que tal irmos almoçar no refeitório do subsolo? — sugeriu ela.

Assenti, mas sinceramente não estava com muita fome. O refeitório estava apinhado de médicos, enfermeiras e visitantes. Cadeiras e mesas se enfileiravam no amplo saguão sem janelas do subsolo onde todos conversavam enquanto comiam — certamente sobre doenças —, e o som ecoava como dentro de uma passagem subterrânea. Às vezes a chamada pelos alto-falantes de algum médico ou enfermeira sobrepunha-se ao burburinho de vozes. Enquanto eu reservava uma mesa, Midori trouxe nossas refeições numa bandeja de alumínio. Era croquete com creme, salada de batata, repolho cortado em tiras finíssimas, legumes cozidos, arroz e sopa de missô, tudo enfileirado na bandeja, servido nos mesmos recipientes de plástico branco usados para a comida dos doentes. Comi metade, deixando o resto. Midori comeu tudo com prazer.

— Você não está com fome? — perguntou ela, sorvendo o chá quente.

— Não muita — respondi.

— Culpa do hospital — disse Midori olhando em volta. — É o que acontece com quem não está acostumado. O cheiro, os sons, o ar pesado, o semblante dos pacientes, o estresse, a irritação, o desespero, o sofrimento e o cansaço: são eles a causa. Tudo isso provoca contração do estômago e perda do apetite. Depois que você se acostuma, não há mais problema. Além disso, não é possível cuidar de um doente se você não se alimenta bem. É

verdade. Sei disso porque tomei conta de quatro doentes: meu avô, minha avó, mamãe e agora meu pai. De repente pode acontecer algum imprevisto que o impeça de se alimentar. Por isso é importante comer quando se pode.

— Entendo o que quer dizer — concordei.

— Quando meus parentes vêm visitar meu pai, comemos juntos aqui, e assim como você eles também deixam metade no prato. E quando me vêem comendo com apetite dizem: “Que bom ver você se alimentando tão bem, Midori. A emoção não me deixa comer.” Mas, afinal, sou eu quem cuida do doente. O que eles estão pensando? Aparecem de vez em quando só para mostrar compaixão. Mas quem limpa a merda, o catarro e dá banho no doente sou eu. Se compaixão fosse suficiente para limpar a merda, eu teria mil vezes mais compaixão do que todos eles juntos. Em vez disso, eles me lançam olhares de desaprovação ao me verem comer tudo. “Que bom ver você se alimentando tão bem, Midori.” Será que eles me tomam por uma mula puxadora de carroça? Por que será que apesar da idade eles não entendem como as coisas funcionam neste mundo? É fácil falar da boca para fora. O ponto fundamental é se vão limpar ou não a merda. Há momentos em que fico ressentida. Há momentos em que me sinto exausta. Há momentos em que me dá vontade de chorar. É insuportável ver os médicos cortando e abrindo a cabeça dele, mesmo sabendo que não há esperança de melhora, e mexendo lá dentro, repetindo isso inúmeras vezes, e a cada vez a situação piorando e a cabeça ficando mais estranha. Sem contar que nossas economias estão indo pelo ralo, nos deixando ainda mais pobres, eu sem saber se conseguirei cursar os três anos e meio que faltam da universidade e minha irmã sem poder sequer pensar numa cerimônia de casamento.

— Quantas vezes por semana você vem ao hospital? — perguntei.

— Quatro vezes — respondeu Midori. — A princípio, eles deveriam dar assistência total aos doentes, mas na prática as enfermeiras não dão conta do recado. Elas dão o melhor de si, mas o número é insuficiente e há realmente muito o que fazer. A

presença da família se torna imprescindível. Com minha irmã tendo que cuidar da loja, acabo vindo entre uma aula e outra da universidade. Mesmo assim, minha irmã vem três dias por semana e eu quatro. E quando nos sobra algum tempo nós aproveitamos para sair e nos encontrar com alguém. É uma programação bastante severa.

— Por que você se encontra com tanta frequência comigo apesar de não ter tempo?

— Porque gosto de estar com você — disse Midori, mexendo em sua xícara de chá de plástico vazia.

— Aproveite então para dar um passeio sozinha por umas duas horas — falei. — Eu cuido do seu pai enquanto isso.

— Por quê?

— Vai lhe fazer bem relaxar um pouco, sozinha, longe do hospital. Não conversar com ninguém, esvaziar tudo o que tem na cabeça.

Midori refletiu por alguns instantes antes de concordar.

— Talvez você tenha razão. Mas você sabe o que deve fazer? Sabe como cuidar de um doente?

— Não devo ter problemas, observei quando você cuidava dele. Verificar o soro, dar-lhe água, enxugar o suor, limpar o catarro. O penico fica embaixo da cama e, se ele tiver fome, basta lhe dar o resto do almoço. Se acontecer alguma coisa e eu não souber o que fazer, pergunto à enfermeira.

— É mais do que suficiente — disse Midori sorrindo. — Mas a cabeça dele agora está começando a ficar esquisita e às vezes ele diz coisas sem nexos. Coisas incoerentes. Por isso, não se preocupe se ele disser algo assim.

— Tudo vai correr bem — falei.

Ao voltar para o quarto, Midori explicou ao pai que precisava sair para resolver um assunto, e que na sua ausência eu cuidaria dele. O pai não demonstrou nenhuma opinião particular com relação a isso. Ou talvez não tenha entendido nada do que Midori disse. Ficava o tempo todo encarando o teto, estirado na cama. Não fosse

pelo eventual piscar de olhos, eu diria que ele estava morto. Seus olhos estavam vermelhos como os de um bêbado, e quando ele respirava fundo suas narinas se dilatavam devagar. Ele não movia um músculo sequer e não se esforçava em responder a Midori. Eu não poderia imaginar o que ele estaria pensando no fundo de sua consciência conturbada.

Depois de Midori sair, pensei em dirigir-lhe algumas palavras, mas não sabia bem o que dizer e acabei me calando. Pouco depois, ele fechou os olhos e adormeceu. Sentei-me na cadeira à cabeceira da cama, observando o movimento regular de seu nariz, e rezando para ele não morrer até Midori voltar. Seria estranho se ele desse seu último suspiro justo enquanto eu estivesse cuidando dele, pensei. Afinal, eu só o conhecera há pouco e Midori era o único elo entre nós, e a relação entre mim e Midori era só de colegas na aula de História da Arte Dramática II.

Mas ele não estava prestes a morrer. Só estava dormindo profundamente. Aproximei meu ouvido de seu rosto e escutei sua fraca respiração. Aliviado, puxei conversa com a senhora ao lado. Tomando-me pelo namorado de Midori, ela não parava de elogiá-la.

— É uma moça de ouro — disse. — Cuida muito bem do pai, é gentil e carinhosa, atenciosa, corajosa e, além de tudo, bonita. Trate-a bem. Não a deixe escapar. Moças assim são uma raridade.

— Pode deixar comigo — respondi sem refletir muito.

— Eu tenho uma filha de 21 anos e um filho de 17 que nem pensam em vir ao hospital. Quando estão de folga, vão surfar, namorar ou se divertir em algum lugar. É terrível, não acha? Depois de extorquirem de nós o máximo de mesada possível, simplesmente nos descartam.

À uma e meia, a senhora saiu do quarto avisando que iria fazer algumas compras. Os dois doentes dormiam profundamente. Os suaves raios de sol da tarde invadiam o quarto em sua plenitude e, sem perceber, eu também quase cochilei sentado na banquetta redonda. Sobre a mesinha encostada na janela, o arranjo de crisântemos brancos e amarelos num jarro indicava a todos que estávamos no outono. O cheiro doce do peixe cozido deixado intacto durante o almoço flutuava no ar do quarto. As enfermeiras

circulavam pelos corredores com o habitual som de passos, conversando entre si em voz alta e nítida. Às vezes entravam no quarto e, ao ver os dois pacientes dormindo profundamente, me dirigiam um sorriso antes de desaparecerem. Eu adoraria ter algo para ler, mas não havia livros, revistas ou jornais no quarto. Apenas um calendário pregado à parede.

Pensei em Naoko. Imaginei seu corpo nu, só com o prendedor de cabelos. Lembrei-me das curvas de seus quadris e da sombra formada por seus pêlos púbicos. Por que motivo ela havia tirado a roupa na minha frente? Teria tido um ataque de sonambulismo? Ou seria somente uma alucinação minha? Com o passar do tempo, à medida que eu me distanciava daquele pequeno mundo, aos poucos duvidava que os acontecimentos daquela noite tivessem sido reais. Percebi que eles se tornariam reais ou permaneceriam uma ilusão, dependendo do que eu pensasse deles. Se por um lado eram demasiado detalhados e nítidos para serem uma ilusão, por outro eram lindos demais para serem reais. Tanto o corpo de Naoko quanto a luz do luar.

O pai de Midori acordou de repente tossindo e interrompendo meus devaneios. Recolhi o catarro com um lenço de papel e enxuguei com uma toalha o suor de sua testa.

— Quer beber água? — indaguei, e ele assentiu com um movimento quase imperceptível da cabeça.

Enquanto ele bebia devagar e em pequenos goles da pequena garrafa de vidro, seus lábios ressecados tremeram e sua garganta se movimentou em leves contrações. Ele bebeu toda a água aparentemente tépida da garrafa.

— Quer mais? — perguntei. Como ele parecia querer dizer alguma coisa, aproximei o ouvido. “Chega”, respondeu ele com a voz ínfima e surda. Sua voz estava ainda mais seca e diminuta do que antes. — Não quer comer alguma coisa? O senhor deve estar com fome — perguntei. Ele voltou a assentir levemente.

Girei a manivela para levantar a cama, como Midori havia feito, e lhe dei com a colher a gelatina de legumes e o peixe cozido, alternadamente. Gastei um tempo enorme para fazê-lo comer quase metade, até que ele sacudiu devagar a cabeça horizontalmente

como querendo mostrar que já chegava. Aparentemente ele sentia dores ao executar movimentos mais amplos com a cabeça, e por isso só a movia de leve. Quando perguntei se gostaria de uma fruta, fez que não. Limpei sua boca com uma toalha, devolvi a cama à posição horizontal e pus os pratos no corredor.

— Estava gostoso? — perguntei.

— Ruim — respondeu ele.

— Eu sei. A comida não estava com boa cara — falei rindo.

Ele permaneceu calado fitando-me com olhos indecisos sobre se deveriam ficar abertos ou fechados. Questionei-me subitamente se esse homem saberia quem eu era. Tinha a leve impressão de ele estar mais descontraído sozinho comigo do que quando estava com Midori. Estaria ele me confundindo com outra pessoa? Eu preferia pensar que era esse o caso.

— Está um dia maravilhoso lá fora — falei sentando-me na banqueta redonda e cruzando as pernas. — Outono, domingo, tempo bom, gente por toda parte aonde quer que se vá. Em dias assim, o melhor mesmo é ficar tranqüilo num quarto assim. Dá para relaxar bastante. Ir a lugares cheios de gente só serve para cansar, e, além disso, o ar é ruim. Em geral eu lavo roupa aos domingos. Lavo pela manhã, ponho para secar no terraço do alojamento e antes de escurecer levo-a para dentro para passar. Não me desagrada passar roupa. É muito bom alisar roupas amassadas. Sou bom nisso. No início, é lógico, eu não era muito bom. Ficavam todas cheias de vincos. Mas depois de um mês me acostumei. Por isso, domingo é dia de lavar e passar roupa. Hoje não pude. Uma pena, o tempo estava ótimo para secar roupa.

“Mas não tem problema. Amanhã acordo cedo e cuido disso. Não se preocupe. Não tenho mais nada para fazer aos domingos.

“Amanhã de manhã, depois de lavar e pôr a roupa para secar, tenho aula às dez. Midori também está assistindo a essa aula. É História da Arte Dramática II e agora estamos estudando Eurípides. O senhor conhece? Era um grego da Antiguidade e, junto com Ésquilo e Sófocles, é considerado um dos três grandes dramaturgos gregos. Dizem que ele morreu mordido por um cachorro na Macedônia, embora haja outras versões. Esse é

Eurípides. Por mim, prefiro Sófocles, mas é só uma questão de gosto pessoal. Eu não poderia afirmar qual o melhor.

“A característica das tragédias de Eurípides é misturar um monte de elementos de forma confusa, a ponto de impedir o movimento das pessoas. Entende? São muitos personagens, cada qual enfrentando diferentes situações, com suas razões e motivos, e cada qual buscando justiça e felicidade à sua maneira. E por isso todos enfrentam dilemas. Parece óbvio, não? Isso porque é fundamentalmente impossível para todos obter justiça e alcançar a felicidade. O que prevalece, portanto, é o caos. E o que o senhor acha que acontece então? Uma coisa muito simples, na verdade: por fim, um deus aparece. E começa a conduzir o tráfego. Você vai por aquele caminho, você vem para cá, você junta-se àqueles, você fica quietinho por um tempo, coisas assim. Alguém para pôr tudo nos eixos. Assim tudo se resolve a contento. Isso se chama ‘*deus ex machina*’. Nas tragédias de Eurípides, esse *deus ex machina* aparece com freqüência e é sobre esse ponto que a crítica se divide.

“Mas tudo seria mais simples se esse *deus ex machina* existisse no mundo real, o senhor não concorda? Em situações difíceis, diante de impasses, um deus desceria calmamente e cuidaria de tudo. Nada mais fácil. Bom, de qualquer forma, esse é o conteúdo de História da Arte Dramática II. É mais ou menos isso que estamos aprendendo na universidade.”

Enquanto eu falava, o pai de Midori continuava calado, fitando-me com olhos inexpressivos. Era impossível perceber, pelo seu olhar, se ele havia entendido tudo o que eu dissera.

— *Peace* — falei.

Depois de falar tanto, eu estava morrendo de fome. Além de não ter comido quase nada no café-da-manhã, deixara no prato metade do almoço. Arrependi-me amargamente de não ter almoçado direito, mas já era tarde demais para lamentar. Procurei alguma coisa de comer dentro do armário, mas só encontrei uma lata de algas, *drops* Vicks e molho de soja. No saco de papel havia os pepinos e as toranjas.

— Importa-se se eu comer alguns pepinos? Estou morrendo de fome — perguntei.

O pai de Midori nada respondeu. Lavei os três pepinos na pia do banheiro. Em seguida, derramei um pouco de molho de soja num prato, enrolei o pepino na alga, mergulhei-o no molho e o devorei ruidosamente.

— Está uma delícia — falei. — Simples, fresco, com cheiro de vida. Ótimos pepinos.

Dei fim ao primeiro pepino, partindo para o segundo. O som interessante do pepino sendo trincado ecoava pelo interior do quarto. Retomei o fôlego depois de comer o segundo. Esquentei água no aquecedor a gás do corredor e preparei um chá.

— Quer beber alguma coisa? Água, suco? — perguntei ao pai de Midori.

— Pepino — respondeu ele.

Sorri.

— O.k. Com alga?

Ele fez um leve sinal de assentimento. Tornei a erguer a cama, cortei o pepino com uma faca própria para descascar frutas, num tamanho ideal para ele comer com facilidade, enrolei-o em alga, molhei-o no molho de soja e, espetando-o num palito, levei-o até sua boca. Sem praticamente alterar a expressão do rosto, ele mastigou inúmeras vezes antes de engolir.

— Que tal? Uma delícia, não acha? — perguntei.

— Bom — disse ele.

— É ótimo comer uma coisa saborosa. Prova que estamos vivos.

No final das contas, ele comeu um pepino inteiro. Depois pareceu estar com sede e eu novamente dei-lhe água da garrafa. Ele avisou que queria fazer xixi, então peguei o penico debaixo da cama, colocando-o na direção da ponta de seu pênis. Esvaziei o penico no vaso sanitário do banheiro e o lavei. Voltei ao quarto e tomei o resto do meu chá.

— Como está se sentindo? — perguntei.

— Minha... cabeça — disse ele.

— Sua cabeça dói um pouco?

Ele franziu o rosto de leve, como querendo dizer que sim.

— Bom, deve ser normal, já que o senhor acabou de ser operado. De minha parte não sei o que é isso, pois nunca fiz nenhuma operação.

— Passagem — disse ele.

— Passagem? Que passagem?

— Midori — disse ele. — Passagem.

Permaneci calado, sem entender nada. Ele também ficou calado por algum tempo. Então disse: “Por favor.” Pelo menos foi isso que eu imaginei ter ouvido. Ele arregalou os olhos olhando diretamente meu rosto. Parecia querer me comunicar alguma coisa, mas eu não conseguia captar o que poderia ser.

— Ueno — disse ele. — Midori.

— Quer dizer estação de trem de Ueno?

Ele assentiu de leve.

— Passagem, Midori, por favor, estação Ueno — eu recapitulava, mas não conseguia entender o significado. Imaginei que fosse devido a sua mente confusa, mas seus olhos estavam mais firmes do que antes. Ele ergueu o braço não ligado ao soro, estendendo-o na minha direção. Aparentemente precisou de uma força sobre-humana para erguê-lo, pois sua mão tremia. Levantei-me e segurei sua mão enrugada. Ele retribuiu segurando fracamente a minha e repetindo:

— Por favor.

Eu lhe disse para não se preocupar, pois me encarregaria da passagem e de Midori. Ele abaixou o braço, fechou os olhos, exausto, e adormeceu profundamente. Depois de me certificar de que ele não estava morto, saí e aqueci novamente a água para mais um chá. Foi então que percebi que sentia uma espécie de simpatia por aquele homem frágil, à beira da morte.

A mulher do paciente ao lado voltou pouco depois, logo me perguntando se tudo estava bem. Respondi-lhe que sim. Seu marido também parecia dormir tranqüilamente.

Midori voltou depois das três.

— Andei pelo parque — disse ela. — Como você sugeriu: sozinha, calada, esvaziando a cabeça.

— Como foi?

— Consegui relaxar um pouco. Obrigada. Ainda me sinto meio pesada, mas meu corpo está bem mais leve do que antes. Aparentemente eu estava mais cansada do que eu própria havia imaginado.

Seu pai dormia profundamente e, sem nada especial para fazer, compramos café na máquina automática e o bebemos na sala de televisão. relatei em detalhes a Midori tudo o que havia acontecido em sua ausência. O pai havia dormido profundamente, acordado, comido a metade restante do almoço e, vendo-me devorar os pepinos, disse que queria um também. Comeu um, fez xixi e dormiu.

— Você é realmente extraordinário, Toru — disse Midori admirada. — Todo mundo fazendo das tripas coração para ele se alimentar e você consegue fazê-lo comer um pepino inteiro! É inacreditável.

— Não sei, mas provavelmente foi porque ele me viu comendo com prazer os pepinos — falei.

— Ou será que você tem o poder de relaxar as pessoas?

— Que idéia — falei sorrindo. — Tem muita gente por aí que me diz justamente o contrário.

— O que você acha do meu pai?

— Gosto dele. Não conversamos nada em especial, mas tive a impressão de que ele é uma ótima pessoa.

— Estava calmo?

— Bastante.

— Na semana passada, foi realmente terrível — disse Midori balançando a cabeça. — Ele perdeu a noção das coisas e se tornou violento. Jogou um copo em mim dizendo: “Desgraçada, quero que você morra.” Isso acontece às vezes com quem tem essa doença. Não sei por quê, mas a certa altura as pessoas se tornam perversas. Aconteceu a mesma coisa com a minha mãe. Sabe o que ela me disse? Que eu não era sua filha e que me odiava. Ao ouvir isso, tudo escureceu diante dos meus olhos por alguns

instantes. Essa é uma característica dessa doença. Produz uma pressão sobre alguma parte do cérebro que irrita as pessoas e as faz dizer coisas terríveis. Eu entendo. Mas mesmo assim machuca. Ter de ouvir essas coisas quando estou me dedicando ao máximo a elas. Eu me sinto miserável por dentro.

— Posso entender — falei. Lembrei-me então das coisas sem nexos ditas pelo pai de Midori.

— Passagem? Estação Ueno? — repetiu ela. — Não faço a menor idéia do que isso possa querer dizer.

— E depois ele disse “por favor” e “Midori”.

— Talvez estivesse lhe pedindo para tomar conta de mim, não acha?

— Ou desejava que você fosse até a estação Ueno comprar passagens — retruquei. — De qualquer forma, como a ordem dessas quatro palavras estava confusa, não pude entender o que significavam. A estação Ueno não lhe diz nada em especial?

— Estação Ueno... — repetiu Midori pensativa. — A única coisa que me faz lembrar foram minhas duas fugas de casa. Foi na segunda e na quarta série, e nos dois casos tomei um trem nessa estação para ir até Fukushima. Roubei o dinheiro da caixa registradora e comprei as passagens. Estava aborrecida por algum motivo e fugi por pura vingança. Uma tia de quem gostava morava em Fukushima e por isso fui. Meu pai me trouxe de volta. Ele foi até lá. Comemos no trem de volta à estação Ueno. Meu pai conversou comigo sobre um monte de coisas, intercalando a conversa com longos silêncios. Ele me falou sobre o grande terremoto de 1923, sobre a guerra e sobre o meu nascimento. O tipo de coisa que em geral não costumava conversar comigo. Pensando bem, foram as únicas vezes que pude conversar calmamente a sós com ele. Você acredita? Na época de um dos maiores terremotos da história meu pai estava bem no meio de Tóquio, e não sentiu o tremor.

— Não pode ser verdade — falei atônito.

— Mas é, pode acreditar. Ele estava andando por Koishikawa numa bicicleta com reboque e disse que não percebeu absolutamente nada. Quando chegou em casa, encontrou as telhas todas caídas e os membros da família agarrados a pilastras e

tremendo de pavor. Sem entender nada, ele perguntou: “O que estão fazendo afinal?” Essa é a lembrança que meu pai guarda do grande terremoto de Kanto — disse Midori rindo. — Todas as histórias que ele conta sobre seu passado são desse tipo. Nada dramático. Fogem todas do padrão normal. Ao ouvi-las, tem-se a impressão de que nada realmente importante aconteceu no Japão nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Até o golpe de Estado de 1936, conhecido como “incidente de 26 de fevereiro”, ou a Guerra do Pacífico parecem acontecimentos insignificantes a ponto de as pessoas nem se darem conta de que aconteceram de verdade. Não é estranho?

“Ele me contou essas histórias intercaladas de longos silêncios quando voltávamos de Fukushima para Ueno. Sempre terminava dizendo o seguinte: ‘Veja bem, Midori, tudo é igual aonde quer que você vá.’ Ao ouvir isso, meu coração de criança acabava acreditando.”

— Essa é sua recordação da estação Ueno?

— É — disse Midori. — E você, já fugiu de casa alguma vez?

— Nunca.

— Por quê?

— Nunca me passou pela cabeça fugir de casa.

— Você é realmente esquisito — disse Midori virando a cabeça, admirada.

— Será? — duvidei.

— Bem, de qualquer forma, provavelmente meu pai queria lhe pedir para cuidar de mim.

— Sério?

— Sério. Eu entendo esse tipo de coisas intuitivamente. E o que você respondeu?

— Como não entendi direito, disse-lhe para não se preocupar, que tudo estava bem e que eu cuidaria de você e da passagem.

— Quer dizer que prometeu isso a ele? Que iria cuidar de mim? — perguntou Midori olhando meu rosto com ar sério.

— Não é bem isso — tentei corrigir rapidamente. — Naquele momento eu não entendi o que ele estava dizendo...

— Não se preocupe, estou brincando. Queria ver sua reação — disse Midori rindo. — Sabe que eu adoro esse seu jeito?

Depois do café, voltamos para o quarto. Seu pai continuava dormindo como uma pedra. Aproximei o ouvido e escutei sua respiração. Conforme a tarde avançava, a luz exterior ganhava a coloração doce e calma bem própria do outono. Um bando de aves veio pousar sobre os fios da rede elétrica, levantando vôo logo depois. Midori e eu nos sentamos lado a lado num canto do quarto e conversamos sobre várias coisas em voz baixa. Ela leu minha mão prevendo que eu viveria 150 anos, me casaria três vezes e morreria num acidente de carro. Eu disse que achava aquela vida ótima.

Logo depois das quatro da tarde seu pai acordou, e Midori foi se sentar à cabeceira da cama para lhe enxugar o suor, dar-lhe água e perguntar se estava sentindo dores de cabeça. A enfermeira apareceu, tomou-lhe a temperatura, verificou o número de vezes que ele havia urinado e checkou o soro. Sentado no sofá da sala de televisão, eu assistia à transmissão de um jogo de futebol.

— Preciso ir andando — disse a Midori quando deu cinco horas. Virando-me para seu pai, expliquei: — Preciso ir trabalhar agora. Das seis às dez e meia vendo discos em Shinjuku.

Ele olhou na minha direção, assentindo de leve.

— Toru, não sei bem como lhe dizer isso, mas estou muito agradecida pelo que você fez hoje. Obrigada mesmo — disse Midori ao me acompanhar até a porta do saguão.

— Não foi nada tão especial — falei. — Mas se eu puder ajudar posso vir na semana que vem também. Gostaria de rever seu pai.

— Está falando sério?

— De qualquer forma, se eu ficar no alojamento não tenho nada para fazer e pelo menos vindo aqui posso comer pepinos.

De braços cruzados, Midori batia com o salto do sapato no revestimento de linóleo do chão.

— Gostaria de sair para beber com você de novo — confidenciou ela, inclinando de leve a cabeça.

— E o filme pornô?

— Podemos beber depois de ver o filme — disse ela. — E depois, como de costume, poderíamos falar um monte de coisas indecentes.

— Não sou eu quem fala indecências. É você — protestei.

— Não importa qual dos dois fala. De qualquer modo, vamos beber falando indecências, ficar bêbados, nos abraçar e ir para a cama.

— E é possível imaginar o próximo capítulo — falei suspirando. — Quando eu tentar alguma coisa, você não vai deixar, não é?

Ela riu bem alto.

— Bem, de qualquer forma, vá me buscar de novo no alojamento no domingo que vem, como fez hoje de manhã. Viremos juntos ao hospital.

— Com uma saia mais comprida?

— Isso — falei.

No entanto, no domingo seguinte acabei não indo ao hospital. O pai de Midori morreu na sexta-feira de manhã.

Às seis e meia da manhã, Midori me telefonou dando a notícia. Um sinal soou indicando haver uma ligação para mim e vesti um cardigã por cima do pijama antes de descer ao saguão para atendê-la. Uma chuva fria caía silenciosamente. Midori me disse em voz baixa e calma que seu pai havia acabado de morrer. Eu me coloquei à disposição para ajudá-la no que fosse necessário.

— Obrigada. Está tudo sob controle — respondeu ela. — Estamos acostumadas com funerais. Eu só queria lhe contar.

Ela exalou uma espécie de suspiro.

— Não venha ao enterro. Detesto essas coisas. Não quero ver você num lugar daqueles.

— Entendo — falei.

— Vai mesmo me levar para assistir a um filme pornô?

— Claro.

— Tem que ser daqueles bem nojentos.

— Pode deixar que vou escolher um bom.

— Bom. Prometo dar notícias — disse Midori. E desligou.

No entanto, uma semana se passou e ela não deu sinal de vida. Não nos víamos nas aulas da universidade e ela não me telefonava. Toda vez que voltava ao alojamento, eu não deixava de verificar se havia alguma mensagem para mim no quadro de avisos, mas nunca havia nenhuma. Certa noite, para honrar a promessa feita a Midori, tentei me masturbar pensando nela, mas foi um fracasso. Durante o ato tentei substituí-la por Naoko, mas nem mesmo sua imagem foi de muita ajuda dessa vez. Acabei parando pela metade, julgando tudo aquilo uma estupidez. Tomei um gole de uísque, escovei os dentes e fui dormir.

Na manhã de domingo, escrevi uma carta a Naoko. Na carta, falei sobre o pai de Midori. Escrevi que fora ao hospital visitar o pai de uma colega de turma e comera uns pepinos que estavam sobrando. Ao me ver, seu pai havia ficado com vontade e acabara comendo também. Mas ele acabara morrendo cinco dias depois. Mesmo naquele momento, eu me lembrava vividamente do leve ruído que ele havia feito ao mastigar o pepino. A morte de uma pessoa é algo que deixa atrás de si estranhas pequenas lembranças. A carta continuava:

Quando acordo pela manhã, ainda na cama, lembro-me de você, de Reiko e do viveiro de pássaros. Lembro-me do pavão, dos pombos, do papagaio, dos perus e também dos coelhos. Lembro-me da capa de chuva amarela com capuz que vocês vestiam na manhã chuvosa. É bom pensar em você debaixo das cobertas. É como se você estivesse do meu lado, encolhida, profundamente adormecida. Então penso em como seria maravilhoso se tudo isso fosse verdade.

Apesar de às vezes ser invadido por uma terrível sensação de tristeza, em geral tenho levado uma vida

boa. Assim como todas as manhãs você cuida dos pássaros e trabalha na horta, eu tento dar corda em mim mesmo todas as manhãs. Levanto da cama, escovo os dentes, faço a barba, tomo o café-da-manhã, mudo de roupa, saio do alojamento e, até chegar à universidade, já dei corda em mim mesmo cerca de 36 vezes. Eu me predisponho a viver cada dia como um bom dia. Nunca havia percebido isso, mas dizem que ultimamente tenho falado sozinho. Devo estar monologando comigo mesmo enquanto me dou corda.

É difícil para mim não poder vê-la, mas acho que minha vida em Tóquio seria muito pior se você não existisse. É por poder pensar em você a cada manhã quando estou na cama que digo para mim mesmo: “Vamos, dê corda em si mesmo, viva plenamente a vida.” Assim como você está dando o melhor de si aí, eu também tenho de dar o melhor de mim aqui.

Mas hoje é domingo, e no domingo eu não me dou corda. Acabei de lavar minha roupa e agora estou no quarto escrevendo esta carta. Quando terminar de escrevê-la, vou selar e pôr na caixa dos correios, e depois disso não terei mais nada para fazer até a noite. Eu não estudo aos domingos. Durante a semana, nos intervalos entre as aulas, estudo com afinco na biblioteca, e nos domingos não tenho nada para fazer. As tardes de domingo são silenciosas, pacíficas e solitárias. Eu as passo sozinho lendo livros e ouvindo música. Às vezes penso em cada uma das ruas por onde passamos em nossas caminhadas de domingo por Tóquio. Lembro-me com bastante nitidez das roupas que você usava. Nas tardes de domingo, eu me lembro realmente de muitas coisas.

Dê lembranças a Reiko por mim. À noite, o violão dela me faz falta.

Ao terminar de escrever a carta, coloquei-a numa caixa dos correios a dois quarteirões do alojamento, comprei uma Coca-Cola e um sanduíche de ovo numa padaria das proximidades e, sentado num banco do parque, almocei. Para matar o tempo, observei um grupo de meninos jogando beisebol. Com o avanço do outono, o céu estava cada vez mais azul e alto e, ao erguer os olhos de repente, pude ver cruzando o céu na horizontal em direção ao oeste duas linhas brancas deixadas por aviões, paralelas como trilhos ferroviários. Quando devolvi uma bola fora que viera rolando para perto de mim, as crianças tiraram o boné num gesto de agradecimento. Como acontece com a maioria dos times de beisebol juvenis, foi um jogo cheio de bolas fora e corridas para a base antes do tempo.

À tarde, voltei ao quarto para ler um livro, mas não consegui me concentrar. Comecei a contemplar o teto e pensar em Midori. Pensei se seu pai realmente queria me pedir para tomar conta dela depois que ele morresse. Obviamente jamais saberei o que ele de fato queria me dizer. Talvez ele tivesse me confundido com outra pessoa. De qualquer forma, ele havia morrido numa manhã chuvosa e fria de sexta-feira e agora era impossível confirmar a verdade. Imaginei que ao morrer ele havia encolhido ainda mais. E que havia sido cremado num forno de alta temperatura até que restassem somente suas cinzas. Deixara neste mundo apenas uma livraria insignificante num bairro comercial inexpressivo e duas filhas — pelo menos uma delas meio desvairada. Que tipo de vida era essa? Como ele teria me visto, deitado numa cama de hospital e com a cabeça aberta e confusa?

À medida que pensava assim sobre o pai de Midori, senti-me tão desconsolado que fui até o terraço buscar minha roupa antes do previsto, pois decidira matar o tempo perambulando pelas ruas de Shinjuku. As ruas de domingo apinhadas de gente me trouxeram algum alívio. Na livraria Kinokuniya, lotada como um trem na hora do *rush* matinal, comprei *Luz de agosto*, de Faulkner, entrei em seguida num bar de *jazz* onde o som era o mais alto possível e bebi um intragável café quente e forte ouvindo discos de Ornette Coleman e Bud Powell, lendo o livro que acabara de comprar. Às

cinco e meia, interrompi a leitura e saí para fazer um lanche. Perguntei-me subitamente quantas dezenas ou centenas de domingos iguais àquele ainda se repetiriam na minha vida. “Domingos silenciosos, pacíficos e solitários”, disse em voz alta para mim mesmo. Aos domingos, eu não dava corda em mim mesmo.

No meio daquela semana consegui dar um corte profundo na palma da mão com um caco de vidro. Não reparei que a divisória de vidro de uma estante de discos estava quebrada. Eu mesmo me espantei com a quantidade de sangue pingando em gotas grossas e tingindo de vermelho o chão a meus pés. O gerente da loja trouxe várias toalhas e, usando-as como atadura, enrolou minha mão bem apertado. Telefonou em seguida à procura de um pronto-socorro aberto durante a noite. Esse gerente era um homem imprestável, mas tratou do caso com uma presteza singular. Por sorte, o hospital ficava nas proximidades, mas até chegar lá a toalha havia se tingido completamente de vermelho e o sangue não absorvido pingava sobre o asfalto. As pessoas se afastavam instantaneamente me abrindo passagem. Pareciam pensar que o ferimento havia sido provocado por alguma briga. Eu não sentia nada parecido com dor. Mas o corte não parava de sangrar.

Impassível, o médico removeu as toalhas ensangüentadas, apertou com força meu pulso para estancar a hemorragia, deu pontos no corte depois de desinfetá-lo e me pediu para voltar no dia seguinte. Quando retornei à loja o gerente me liberou, prometendo não descontar o dia do meu salário. Peguei o ônibus de volta ao alojamento. Fui até o quarto de Nagasawa não só porque o ferimento havia me deixado nervoso e eu queria conversar com alguém, mas também por fazer bastante tempo que não o via.

Ele estava no quarto tomando uma cerveja enquanto assistia a uma aula de espanhol pela televisão.

— O que houve com sua mão? — perguntou assim que viu o curativo.

Expliquei como havia me machucado, e que não era nada grave. Ele me ofereceu uma cerveja, mas recusei.

— Espere um pouco que já está acabando — disse Nagasawa, continuando os exercícios de pronúncia do espanhol. Fervei água e preparei um chá para mim. Uma espanhola lia uma

frase. “É a primeira vez que chove tão forte. Em Barcelona, várias pontes foram arrastadas pelas águas.” Nagasawa leu a frase em espanhol em voz alta. — Que frases imbecis — queixou-se. — Nos cursos de línguas pela televisão, as frases são todas desse tipo.

Quando a aula de espanhol terminou, Nagasawa desligou a televisão, tirou outra cerveja da geladeira e começou a beber.

— Não estou atrapalhando? — perguntei.

— A mim? Claro que não. Estava chateado, sem nada para fazer. Não quer mesmo uma cerveja?

Eu lhe disse que não estava a fim.

— Ah, saiu o resultado das provas que fiz outro dia. Passei! — exclamou Nagasawa.

— Nas provas para o Ministério das Relações Exteriores?

— Sim. O nome oficial é Prova de Seleção de Funcionários Públicos de Classe 1 para o Serviço de Relações Exteriores. Não acha um nome muito babaca?

— Parabéns — cumprimentei apertando sua mão.

— Obrigado.

— Não foi surpresa para mim.

— Nem para mim — riu Nagasawa. — Mas, de qualquer forma, fico feliz por ter sido definido oficialmente.

— Você vai para o exterior assim que entrar no Ministério?

— Não, no primeiro ano vou fazer treinamento aqui mesmo. Só depois eles deverão me mandar para o exterior por um tempo.

Eu tomava meu chá e ele bebia sua cerveja com prazer evidente.

— Se quiser, deixo essa geladeira pra você quando for embora — disse Nagasawa. — Gostaria de ficar com ela? Dá para beber uma cerveja gelada.

— Eu adoraria, mas você não vai precisar dela? Com certeza vai morar em algum apartamento.

— Não diga besteira. Quando sair daqui, vou comprar uma geladeira bem maior e viver no luxo. Agüentei quatro anos neste buraco. Não quero mais olhar para as coisas que usei enquanto morei aqui. Pode levar o que quiser: aparelho de televisão, garrafa térmica, rádio...

— Eu aceito tudo o que você quiser me dar — falei. Peguei o livro-texto de cima da mesa e passei os olhos por ele. — Começou a estudar espanhol?

— Comecei. Tenho jeito para línguas, e quanto mais souber, melhor. Apreendi francês sozinho e falo quase perfeitamente. É como um jogo. Você aprende as regras de uma língua, e depois todas as outras são iguais. Como as garotas.

— Que maneira introspectiva de viver — falei com sarcasmo.

— A propósito, que tal irmos jantar qualquer noite dessas? — propôs Nagasawa.

— Para pegar garotas?

— Não, dessa vez só para jantar. Eu, você e Hatsumi, num bom restaurante. Para comemorar o meu emprego. Se possível, num lugar chique. Afinal é tudo por conta do meu pai.

— Nesse caso, por que você não vai sozinho com Hatsumi?

— Seria mais divertido tanto para mim como para ela se você viesse junto — afirmou Nagasawa.

A história se repetia. Exatamente como quando éramos eu, Kizuki e Naoko.

— Depois do jantar, vou passar a noite na casa de Hatsumi. Podemos jantar os três sem problemas.

— Se vocês quiserem mesmo, eu vou — falei. — Mas, o que você vai fazer com relação a Hatsumi? Depois do treinamento, você vai ficar anos no exterior. O que vai acontecer com ela?

— Problema dela, não meu.

— Não entendo bem o que você quer dizer com isso.

Com os pés em cima da mesa, Nagasawa bocejou e continuou bebendo a cerveja.

— Olhe, eu não pretendo me casar com ninguém e disse isso a ela claramente. Portanto, ela está livre para se casar com outra pessoa se quiser. Não vou impedi-la. Se ela achar melhor continuar me esperando, que espere. Foi isso que eu quis dizer.

— Nossa! — exclamei perplexo.

— Você deve me achar um merda, não é?

— Acho sim.

— O mundo é basicamente injusto. Não é culpa minha. Sempre foi assim. Eu nunca enganei Hatsumi. Ela sabe perfeitamente que eu sou um merda e que ela pode se separar de mim quando quiser se não estiver satisfeita. Eu lhe disse isso com todas as letras.

Ao terminar a cerveja, Nagasawa acendeu um cigarro.

— Você não tem medo de nada na vida? — perguntei.

— Não sou tão idiota assim — revidou Nagasawa. — É claro que a vida me mete medo às vezes. É natural. Mas eu não costumo tomar isso como premissa para todo o resto. Dou o máximo de mim e vou até onde o limite das minhas forças me permite. Pego o que quero, descarto o que não quero. Essa é a minha filosofia de vida. Quando alguma coisa não dá certo, eu paro e repenso a partir desse ponto. Se você pensar bem, uma sociedade injusta, ao contrário, é uma sociedade que torna possível a exploração das suas próprias capacidades até o limite.

— Aos meus ouvidos isso soa como uma forma egoísta de viver — falei.

— Não pense que eu fico só olhando para o alto, esperando a fruta cair da árvore. À minha maneira, eu me esforço bastante. No mínimo dez vezes mais que você.

— Com certeza — concordei.

— Por isso, às vezes eu olho o mundo à minha volta e fico realmente deprimido. Em vez de reclamarem o tempo todo que o mundo é injusto, por que as pessoas não tentam se esforçar?

Aturdido, eu observava o rosto de Nagasawa.

— No meu entender, as pessoas parecem estar se matando de trabalhar, mas talvez eu esteja enganado.

— Isso não é esforço, é só trabalho braçal — retrucou Nagasawa enfático. — Não tem nada a ver com o que eu chamo de esforço. Para mim, esforço é uma coisa mais subjetiva e teleológica.

— Por exemplo, começar a estudar espanhol quando todos os outros estão de papo para o ar depois de terem trabalhado bastante?

— Exatamente. Até a primavera, terei dominado completamente o espanhol. Já falo inglês, alemão e francês, e

arranho o italiano. Você acha que eu conseguiria isso sem esforço?

Ele fumava e eu pensava no pai de Midori. Imaginei que ele nunca havia pensado em começar a aprender espanhol pela televisão. Provavelmente nunca havia refletido sobre a diferença entre esforço e trabalho. Devia estar ocupado demais para se preocupar com essa questão. Não apenas o trabalho lhe tomava tempo, mas ele ainda precisava ir até Fukushima buscar a filha fugida de casa.

— Quanto ao jantar, que tal marcarmos para o próximo sábado?

— Perfeito — respondi.

Nagasawa escolheu um restaurante francês em Azabu, calmo e refinado, numa rua afastada da via principal. Ele deu seu nome na recepção e fomos conduzidos a uma sala particular no fundo do restaurante. Era um cômodo pequeno com cerca de 15 litografias penduradas pelas paredes. Até Hatsumi chegar, Nagasawa e eu ficamos conversando sobre os romances de Joseph Conrad, bebendo um vinho delicioso. Ele usava um terno cinza visivelmente caro, e eu vestia um *blazer* azul-marinho dos mais comuns.

Quinze minutos depois, Hatsumi apareceu. Estava maquiada com esmero, usava brincos de ouro, um elegante vestido de um azul profundo e sapatos vermelhos impecáveis. Quando elogiei a cor de seu vestido, Hatsumi me disse que ela se chamava *midnight blue*, azul da meia-noite.

— Que lugar elegante! — exclamou Hatsumi.

— Meu pai costuma comer aqui quando vem a Tóquio. Já viemos juntos uma vez. Eu não gosto muito desses restaurantes esnobes — disse Nagasawa.

— Mas uma vez ou outra até que é bom, não é? — perguntou Hatsumi virando-se para mim.

— Sem dúvida. Desde que não seja eu quem pague a conta — retruquei.

— Meu velho em geral vem acompanhado — disse Nagasawa. — Ele tem uma amante em Tóquio.

— Não brinque! — exclamou Hatsumi.

Eu bebia meu vinho fingindo não prestar atenção ao que eles diziam.

Finalmente o garçom apareceu e fizemos o pedido. Escolhemos uma entrada e sopa, e como prato principal Nagasawa pediu pato, eu e Hatsumi robalo. Os pratos eram servidos muito lentamente e conversamos sobre vários assuntos enquanto tomávamos vinho. Antes de mais nada, Nagasawa nos contou sobre o concurso para o Ministério das Relações Exteriores. Disse-nos que a maioria dos candidatos era puro lixo que poderia muito bem ser jogado num abismo sem fundo, mas no meio desses havia alguns sérios que se salvavam. Perguntei-lhe se a proporção era mais baixa ou mais alta do que a média geral da sociedade.

— É a mesma — respondeu Nagasawa com uma expressão que indicava que isso era o mais lógico. — Aonde quer que se vá é sempre a mesma. É uma lei imutável.

Quando o vinho terminou, Nagasawa pediu outra garrafa e um uísque duplo.

Hatsumi começou então a falar sobre uma moça que gostaria de me apresentar. Esse era um eterno tema de conversa entre mim e Hatsumi. Ela queria me apresentar a “uma caloura charmosa, mais jovem do que ela, do seu clube de estudantes”, e eu, como de hábito, tentava cair fora.

— Mas ela é realmente uma ótima moça. E muito linda. Da próxima vez, vou convidá-la para vocês conversarem. Tenho certeza de que você vai gostar dela.

— Nem pensar — recusei. — Eu sou pobre demais para sair com as garotas da sua universidade. Além de não ter dinheiro, também não sou bom de papo.

— Não diga isso. Ela é uma boa moça e de cabeça bem aberta. E nem um pouco afetada.

— Vamos, Watanabe, não custa nada conhecê-la — disse Nagasawa. — Você não é obrigado a levá-la para a cama.

— Claro que não. Seria uma loucura se isso acontecesse. Ela é virgem — disse Hatsumi.

— Como você, tempos atrás.

— Isso, como eu tempos atrás — disse Hatsumi rindo. — Mas, Toru, esse negócio de ser pobre ou coisa parecida é pura bobagem. Na minha turma há algumas moças muito pretensiosas, mas em geral somos pessoas comuns. No almoço, fazemos refeições de 250 ienes no refeitório...

— Sabe, Hatsumi — falei, interrompendo-a —, na minha universidade temos três tipos de pratos no horário do almoço: A, de 120 ienes, B de 100 ienes e C, que custa 80 ienes. Algumas vezes eu escolho o prato A, e todos me olham torto. Os que não têm grana para o prato C tomam sopa de macarrão por 60 ienes. É esse tipo de universidade que eu frequento. Você ainda acha que eu e ela poderíamos conversar?

Hatsumi gargalhou.

— É tão barato que acho que vou almoçar no refeitório da sua universidade. Mas, Toru, para um cara legal como você certamente papo é o que não vai faltar. Talvez ela até goste de uma refeição de 120 ienes.

— Acho difícil — falei rindo. — Duvido que alguém goste daquela gororoba. Todo mundo come por falta de opção.

— Só peço que você não nos julgue pelas aparências, Toru. Mesmo sendo uma universidade de moças de alto nível, muitas delas pensam seriamente sobre a vida. Nem todas querem ter só namorados que dirigem carros esporte.

— Tenho certeza disso — afirmei.

— Watanabe já é apaixonado por uma garota — disse Nagasawa. — Mas ele não se abre comigo sobre ela. É difícil tentar arrancar qualquer coisa dele. É um completo mistério.

— É mesmo? — perguntou Hatsumi.

— É verdade. Mas não há mistério. A situação só é muito complicada e é difícil falar sobre isso.

— Um amor proibido? Eu posso lhe dar conselhos!

Tomei um gole de vinho tentando disfarçar.

— Viu como ele esconde o jogo? — insistiu Nagasawa tomando a terceira dose de uísque. — Quando esse cara resolve não falar, não há nada que o faça mudar de idéia.

— Que pena — disse Hatsumi levando à boca um pequeno pedaço de terrina espetado no garfo. — Se as coisas dessem certo entre você e essa moça, poderíamos sair os quatro.

— Poderíamos ficar bêbados e fazer um suingue — disse Nagasawa.

— Não fale besteira — disse Hatsumi.

— Não é besteira, Watanabe tem uma queda por você.

— Isso não tem nada a ver com o que estou dizendo agora — declarou Hatsumi impassível. — Toru não é esse tipo de pessoa. Ele dá muito valor àquilo que tem. Eu sinto isso. E é por isso que eu quero apresentar alguém a ele.

— Mas nós já fizemos troca-troca uma vez, sabia? Não foi, Watanabe? — declarou Nagasawa como se aquilo não fosse nada de especial, esvaziando seu copo e pedindo mais uma dose.

Hatsumi baixou o garfo e a faca, limpando de leve a boca com o guardanapo. Encarou meu rosto.

— Toru, você fez isso de verdade?

Fiquei calado, sem saber o que responder.

— Desembuche. Qual o problema? — interveio Nagasawa. Senti que as coisas estavam tomando um rumo estranho. Quando bebia, Nagasawa costumava ficar cruel. E sua crueldade naquela noite estava dirigida a Hatsumi, não a mim. Saber isso tornava a situação ainda mais desagradável para mim.

— Conte-me mais. Parece muito interessante — falou Hatsumi.

— Eu estava bêbado — argumentei.

— Não se preocupe. Não estou aqui para julgar ninguém. Só queria que me contasse como foi.

— Estávamos bebendo, Nagasawa e eu, num bar em Shibuya, onde fizemos amizade com duas garotas. Eram universitárias e também já estavam de porre e... bom... acabamos indo parar num hotel dos arredores. Ficamos em quartos vizinhos. De madrugada, Nagasawa bateu na porta do meu quarto e propôs trocarmos de parceiras, então fui para o quarto dele e ele para o meu.

— E as garotas não ficaram bravas?

— Elas estavam bêbadas e, além disso, para elas pouco importava qual seria o parceiro.

— Tive uma boa razão para fazer isso — argumentou Nagasawa.

— Que razão?

— Essas duas garotas eram completamente o oposto uma da outra. Uma era linda, a outra, um verdadeiro canhão. Achei injusto. Quer dizer, como eu tinha ficado com a beldade, não achei justo Watanabe agüentar a feiosa. Por isso, trocamos. Não foi, Watanabe?

— É, foi isso — concordei. — Mas na verdade a moça feia havia me agradado. Era divertido conversar com ela e ela era simpática. Nagasawa veio me propor a troca no exato momento em que, depois do sexo, estávamos conversando animadamente na cama. Perguntei se ela não se importaria e ela respondeu que tudo bem, se era isso o que queríamos. Ela deve ter achado que eu estava interessado em transar com sua linda amiga.

— Foi divertido? — perguntou-me Hatsumi.

— A troca?

— Tudo.

— Bom, nem tanto — confessei. — Foi só sexo. Dormir com garotas desse jeito não é particularmente divertido.

— Então por que faz isso?

— Porque eu o convido, só por isso — intrometeu-se Nagasawa.

— Estou perguntando a Toru — disse Hatsumi ríspida. — Por que você faz isso?

— Às vezes bate essa vontade doida de transar com uma garota — respondi.

— Se você gosta de alguém, não seria o caso de tentar com essa pessoa? — perguntou Hatsumi depois de pensar um pouco.

— As circunstâncias são complicadas.

Hatsumi suspirou.

Nesse momento, a porta se abriu e os pratos principais foram trazidos. O pato foi colocado diante de Nagasawa e os robalos diante de mim e Hatsumi. Os garçons serviram legumes

quentes como acompanhamento, derramando molho sobre eles. Depois saíram, deixando-nos novamente sozinhos. Nagasawa cortou a carne de pato, comendo com apetite e bebendo seu uísque. Eu experimentei o espinafre. Hatsumi não tocou na comida.

— Sabe, Toru, não sei que circunstâncias são essas a que você se refere, mas esse tipo de coisa não é do seu feitio. Você não é desse tipo de pessoa, concorda? — disse Hatsumi. Ela me encarava, com as mãos pousadas sobre a mesa.

— Bom, talvez você tenha razão — afirmei. — Também penso assim às vezes.

— Então por que não pára com isso?

— Às vezes eu fico carente — falei honestamente. — Quando tenho necessidade desse tipo de calor humano, me sinto tão sozinho que não consigo suportar.

— Resumindo, acho que se trata do seguinte — interveio Nagasawa. — Watanabe gosta dessa garota, mas determinadas circunstâncias impedem que eles transem. Por isso, ele se vira de outra maneira, só para o sexo. Qual o problema nisso? Não é nada grave, na minha opinião. Não é uma opção melhor do que ficar trancado no quarto batendo punheta?

— Mas se você gosta mesmo dessa moça, não seria o caso de agüentar, Toru?

— Sim, talvez — falei levando à boca a carne de robalo envolta em molho branco.

— Você não entende como funciona o desejo sexual masculino — disse Nagasawa a Hatsumi. — Por exemplo, nós namoramos há três anos e durante todo esse tempo transei com inúmeras garotas. Mas eu não me lembro de nada que diga respeito a nenhuma delas. Não sei seus nomes e não me lembro de seus rostos. Só fui para a cama uma única vez com cada uma delas. A gente se conhece, trepa, e tchau. Só isso. Existe algo errado nisso?

— Essa sua arrogância é insuportável, sabia? — disse Hatsumi calmamente. — O problema aqui não é trepar ou não com outras mulheres. Da minha parte, até hoje eu nunca fiquei seriamente zangada por você ir para a cama com outras garotas, fiquei?

— Não sei se seria adequado chamar isso de ir para a cama com outras garotas. É só um jogo. Ninguém se machuca — concluiu Nagasawa.

— Eu me machuco — disse Hatsumi. — Por que eu não sou suficiente para você?

Nagasawa ficou em silêncio por algum tempo, agitando seu copo de uísque.

— Não é questão de ser suficiente ou não. É um nível completamente diferente de discussão. É como se dentro de mim existisse uma espécie de sede que exigisse isso de mim para ser aplacada. Desculpe se eu a machuquei. Não tem nada a ver com você ser suficiente para mim ou não. Eu sou o tipo de homem que vive pressionado por essa sede e não há como tirá-la de mim. O que posso fazer?

Hatsumi finalmente segurou os dois talheres e começou a comer seu peixe.

— Mas pelo menos você não deveria envolver Toru nisso.

— Eu e Watanabe temos muitos pontos em comum — afirmou Nagasawa. — Tanto ele quanto eu estamos fundamentalmente interessados apenas em nós mesmos. Só a arrogância nos diferencia. Mas ambos nos interessamos só por aquilo que pensamos, pelo que sentimos, pela maneira como agimos. Portanto, podemos refletir sobre as coisas de forma diferente dos outros. É isso que eu aprecio nele. Mas ele ainda não está plenamente consciente disso e acaba hesitando e se machucando.

— Mostre-me uma pessoa que nunca hesita nem se machuca — disse Hatsumi. — Ou você vai querer nos enganar e dizer que nunca sentiu esse tipo de coisa?

— É claro que já senti. Mas com disciplina é possível minimizar essas coisas. Até os ratos, quando são submetidos a choques elétricos, escolhem o caminho que produz menos sofrimento.

— Mas os ratos não se apaixonam.

— É, os ratos não se apaixonam. — Nagasawa olhou na minha direção ao repetir a frase. — Que lindo. Só falta agora uma

música de fundo. Uma orquestra com duas harpas...

— Não goze com a minha cara. Estou falando sério — disse ela.

— Nós estamos jantando — disse Nagasawa. — Além disso, Watanabe está aqui conosco. Portanto, seria mais educado deixarmos as conversas sérias para outra ocasião.

— Querem que eu vá embora? — perguntei.

— Fique, por favor. É melhor com você aqui — disse Hatsumi.

— Já que veio, espere primeiro a sobremesa — insistiu Nagasawa.

— Não me importo em ir embora.

Durante algum tempo, continuamos a refeição calados. Comi todo o peixe, e Hatsumi deixou metade no prato. Nagasawa foi o primeiro a acabar e continuava a tomar uísque.

— O robalo estava delicioso — falei, mas ninguém respondeu. Foi como jogar um pedregulho num poço fundo.

Os garçons retiraram os pratos e trouxeram sorvete de limão e café expresso. Nagasawa mal tocou em ambos, acendendo logo um cigarro. Hatsumi nem chegou a provar o sorvete. Extenuado, dei cabo do sorvete e bebi meu café. Hatsumi observava as próprias mãos uma ao lado da outra sobre a mesa. A exemplo de tudo o mais que ela vestia, suas mãos pareciam chiques, refinadas e preciosas. Pensei em Naoko e Reiko. O que elas estariam fazendo naquele momento? Naoko estaria deitada no sofá lendo um livro e Reiko tocando “Norwegian Wood” ao violão, imaginei. Senti um desejo intenso de voltar àquele pequeno quarto das duas. Afinal, o que eu estava fazendo ali?

— O que nos torna tão parecidos, Watanabe e eu, é que pouco nos importamos se os outros nos entendem ou não — disse Nagasawa. — Isso nos diferencia das outras pessoas. Todos os outros caras se matam para serem compreendidos pelas pessoas que os cercam. Isso não acontece nem comigo nem com Watanabe. Não é importante para nós fazer com que nos entendam. Eu sou eu, os outros são os outros.

— É verdade? — perguntou Hatsumi.

— De jeito nenhum — exclamei. — Não sou tão forte assim. Eu me importo se os outros não me entendem. Existem pessoas que eu quero que me entendam e que quero entender. Mas, com exceção dessas, acho que não posso fazer nada. Já desisti. Por isso, não concordo quando Nagasawa diz que não me importo em ser compreendido pelas pessoas.

— O que estou dizendo é praticamente a mesma coisa — continuou Nagasawa segurando a colher do café. — É a mesma coisa. É a mesma ligeira diferença entre tomar café-da-manhã tarde e almoçar cedo. A comida é a mesma, o horário é o mesmo, só o nome muda.

— Quer dizer que você também não se importa se eu entendo você ou não? — perguntou Hatsumi a Nagasawa.

— Parece que você não está entendendo. Uma pessoa compreende a outra porque o momento certo chegou, e não porque a primeira deseja ser compreendida.

— Isso significa que você considera um erro eu desejar que alguém me entenda? Você, por exemplo?

— Não, não é nenhum erro — respondeu Nagasawa. — A maioria das pessoas chama isso de amor, se você acha que quer me entender. Meu sistema de vida é bem diferente do das outras pessoas.

— Então você não me ama, é isso?

— Bom, o meu sistema e o seu...

— Dane-se o seu sistema! — berrou Hatsumi. Foi a primeira e última vez que a ouvi berrar.

Nagasawa apertou a campainha ao lado da mesa, e o garçom entrou trazendo a conta. Nagasawa entregou-lhe um cartão de crédito.

— Desculpe por isto, Watanabe — disse ele. — Vou acompanhar Hatsumi até em casa. Fique à vontade para fazer o que quiser.

— Sem problema. O jantar estava delicioso — falei, mas ninguém respondeu.

O garçom trouxe de volta o cartão de crédito e Nagasawa assinou o recibo com a caneta, depois de conferir o valor. Nós nos

levantamos e saímos do restaurante. Nagasawa fez sinal para um táxi, mas Hatsumi o interrompeu.

— Obrigada, mas hoje não quero mais ver você. Não precisa me levar em casa. Obrigada pelo jantar.

— Como quiser — disse Nagasawa sem insistir.

— Quero que Toru me leve em casa — disse Hatsumi.

— Como quiser — repetiu Nagasawa. — Mas Watanabe não é muito diferente de mim. É gentil e atencioso, mas não é capaz de amar ninguém do fundo do coração. Alguma coisa dentro dele está sempre acordada e simplesmente tem sede. Vejo isso nitidamente.

Parei um táxi, deixei Hatsumi entrar antes de mim e disse a Nagasawa que me encarregaria de levá-la em casa.

— Desculpe o trabalho — disse ele, mas pude ver que ele já estava pensando em outra coisa.

— Aonde vamos? Voltar para Ebisu? — perguntei a Hatsumi. Seu apartamento ficava nesse bairro.

Hatsumi fez que não com a cabeça.

— Então, quer beber alguma coisa em algum lugar?

— Quero — ela aquiesceu.

— Vamos para Shibuya — instruí o motorista.

Hatsumi cruzou os braços, fechou os olhos e afundou no seu canto do banco traseiro do táxi. Seus pequenos brincos de ouro reluziam ao ritmo do balanço do carro. O vestido *midnight blue* parecia ter sido encomendado para combinar com a penumbra do táxi. Seus lindos lábios pálidos às vezes se moviam discretamente, como se ela quisesse dizer alguma coisa, para no instante seguinte desistir. Ao observá-la, percebi a razão de Nagasawa tê-la escolhido como sua parceira especial. Havia muitas moças mais bonitas do que Hatsumi e Nagasawa poderia ter conquistado qualquer uma delas. Mas Hatsumi tinha um não-sei-quê que abalava o coração das pessoas. Seu poder era sutil, mas ressoava profundamente dentro de mim. Não parei de observá-la até o táxi chegar a Shibuya, perguntando-me, sem obter resposta, o que seria afinal aquela reverberação emocional que eu estava sentindo.

Só 12 ou 13 anos mais tarde é que fui finalmente entender. Eu havia ido a Santa Fé, no estado do Novo México, entrevistar um pintor. Ao cair da noite, entrei numa pizzaria das redondezas e, bebendo cerveja e comendo uma pizza, admirei o pôr do sol, lindo como um milagre. O mundo todo estava tingido de vermelho. Minhas mãos, os pratos, as mesas, tudo diante dos meus olhos se revestia dessa cor, como se um suco de fruta especial houvesse sido derramado sobre todas as coisas. No meio desse espantoso pôr do sol, lembrei subitamente de Hatsumi. Naquele momento consegui entender o significado daquela agitação que ela provocara em meu coração. Era algo como uma aspiração infantil que nunca havia sido saciada, e que jamais o seria. Inocente e inalcançável, eu a havia esquecido em algum lugar muito tempo atrás, e sequer me lembrava que ela existira em meu íntimo em algum momento do passado. O que Hatsumi pusera em movimento havia sido uma parte do meu eu que durante muito tempo permanecera adormecida. Quando percebi isso, experimentei uma tristeza que me levou à beira das lágrimas. Ela era realmente uma mulher especial. Alguém deveria ter feito alguma coisa, qualquer coisa, para salvá-la.

Mas nem Nagasawa nem eu conseguimos fazer isso. Assim como tantos conhecidos meus, Hatsumi chegou a determinada etapa da vida e decidiu, quase num impulso, pôr-lhe fim. Dois anos depois de Nagasawa ir embora para a Alemanha, ela se casou com outro homem e, dois anos depois disso, cortou os pulsos com uma gilete.

É claro que foi Nagasawa quem me contou sobre sua morte. Ele me escreveu uma carta de Bonn. “Alguma coisa se extinguiu com a morte de Hatsumi. É insuportavelmente triste e doloroso, até para mim.” Rasguei a carta em pedacinhos e a joguei fora. Nunca mais escrevi para ele.

Hatsumi e eu entramos num pequeno bar, e bebemos vários drinques cada um. Nenhum dos dois praticamente abria a boca para falar. Como um velho casal entediado, ficamos sentados um de frente para o outro, calados, bebendo e mordiscando amendoins.

Aos poucos o lugar foi-se enchendo de gente e decidimos sair para passear um pouco. Hatsumi propôs pagar a conta, mas eu insisti em pagá-la, pois afinal os drinques haviam sido idéia minha.

Quando saímos do bar a noite estava assustadoramente fria. Hatsumi vestiu seu cardigã cinza-claro e seguiu a meu lado, em silêncio. Não tínhamos rumo certo, mas caminhávamos devagar pelas ruas escuras, eu com as mãos enfiadas nos bolsos das calças. Subitamente me ocorreu que nossa caminhada era parecida com as que eu costumava dar com Naoko.

— Você conhece algum lugar das redondezas onde se possa jogar bilhar? — perguntou Hatsumi inesperadamente.

— Bilhar? — perguntei espantado. — Você sabe jogar?

— Sei, e muito bem por sinal. E você?

— Jogo um pouco com quatro bolas. Mas não sou muito bom.

— Então, vamos?

Entramos num salão de bilhar que encontramos ali perto. Era um lugar pequeno, no final de um beco. Chamávamos bastante atenção no salão. Hatsumi com seu vestido chique, eu com um *blazer* azul-marinho e a gravata de listras enviesadas. Mas ela, parecendo não se importar com isso, escolheu um taco e esfregou energicamente um giz na ponta. Depois tirou da bolsa um prendedor de cabelos e ajeitou-o ao lado da testa, para os cabelos não atrapalharem quando desse uma tacada.

Jogamos duas partidas com quatro bolas. Hatsumi era boa mesmo, enquanto eu sequer consegui jogar direito por causa da mão envolta pela grossa atadura. Não fui páreo para ela.

— Você leva jeito mesmo para isso — falei admirado.

— Viu como as aparências enganam? — disse Hatsumi sorrindo enquanto media cuidadosamente a posição das bolas.

— Onde aprendeu a jogar?

— Meu avô por parte de pai adorava jogar e instalou uma mesa de bilhar em casa. Desde pequenos, eu e meu irmão costumávamos brincar com os tacos e as bolas sempre que íamos visitá-lo. Quando crescemos um pouco mais, meu avô nos ensinou a jogar direito. Ele era um homem maravilhoso, elegante e bonito.

Já morreu. Vivia se vangloriando de no passado ter encontrado a atriz e cantora canadense Deanna Durbin em Nova York.

Ela encaçapou três bolas numa só jogada, mas errou a quarta. Depois de conseguir a custo encaçar uma, perdi outra bola fácil.

— É por causa do curativo — consolou-me Hatsumi.

— Não, é porque faz tempo que não jogo. Dois anos e cinco meses.

— Como pode se lembrar com tanta precisão da última vez?

— Porque joguei com um amigo que morreu nessa mesma noite. Por isso me lembro bem.

— Foi por causa disso que você não jogou mais?

— Não, não foi por isso — respondi depois de pensar um pouco. — Só não surgiu nenhuma oportunidade depois daquela noite. Só isso.

— Como seu amigo morreu?

— Acidente de carro — respondi.

Ela deu boas tacadas. Olhava compenetradamente a trajetória das bolas e usava a força apropriada. Vendo seus lindos cabelos jogados para trás, os brincos de ouro reluzentes, os sapatos bem plantados no chão, os dedos lindos, finos e longos apoiados sobre o feltro da mesa ao dar a tacada, eu tinha a sensação de que o ponto do sujo salão de bilhar que ela ocupava se transformava numa parte de algum evento social elegante. Nunca havíamos ficado a sós antes, e isso para mim era uma experiência maravilhosa. A seu lado, eu tinha a sensação de que a minha vida era alçada a um plano superior. No final da terceira partida — na qual, é claro, levei outra surra —, como meu ferimento começava a latejar, interrompemos o jogo.

— Desculpe. Eu não deveria ter convidado você para jogar bilhar — desculpou-se Hatsumi bastante consternada.

— Não se preocupe. Não é nada sério e foi muito divertido — falei.

Na saída, uma senhora magra de meia-idade, aparentando ser a gerente do salão, elogiou Hatsumi: “Você é boa de taco, irmã.” Hatsumi agradeceu com um sorriso enquanto pagava a conta.

— Está doendo? — perguntou ela já do lado de fora.

— Não muito — respondi.

— Será que a ferida abriu?

— Não deve ser nada.

— Venha comigo até em casa. Eu dou uma olhada e troco o curativo — propôs ela. — Tenho gaze e desinfetante, e meu apartamento fica bem perto daqui.

Argumentei que não era nada para se preocupar e que eu ficaria bem, mas ela insistiu em verificar se a ferida não abrisse.

— Ou será que a minha companhia não lhe agrada? Você quer voltar o mais rápido possível para o seu quarto no alojamento? — perguntou Hatsumi em tom de brincadeira.

— É claro que não — respondi.

— Então, deixe de cerimônia e venha comigo. É perto.

O apartamento de Hatsumi ficava a 15 minutos a pé de Shibuya em direção a Ebisu. Não era um prédio luxuoso, mas era decente, com um pequeno saguão e um elevador. Ela me disse para me sentar à mesa da cozinha do quarto-e-sala, enquanto trocava de roupa no quarto ao lado. Voltou vestindo um moletom com capuz da Universidade de Princeton, calças de algodão, e sem os brincos de ouro. Trouxe de algum lugar o estojo de primeiros socorros e, sobre a mesa, desfez meu curativo. Verificou se a ferida estava aberta, desinfetou o corte e envolveu minha mão com uma atadura nova. Tudo com grande destreza.

— Como você consegue ter talento para tantas coisas? — perguntei.

— Há algum tempo trabalhei como voluntária num hospital e fazia esse tipo de serviço. Foi assim que aprendi como as enfermeiras trabalham — disse Hatsumi.

Ao terminar de prender a atadura, ela pegou duas cervejas na geladeira. Bebeu metade de uma lata e eu tomei uma lata e meia. Depois me mostrou fotos das calouras de seu clube. Algumas delas eram mesmo bonitas.

— Quando estiver precisando de namorada, venha me procurar. Na mesma hora lhe apresento uma.

— Combinado.

— Mas, Toru, você deve me achar igual a uma dessas senhoras que vivem intermediando encontros, não é? Confesse.

— Até certo ponto — respondi sinceramente com um sorriso. Hatsumi também sorriu. Ficava linda quando sorria.

— O que acha de mim e Nagasawa?

— Em que sentido?

— O que devo fazer daqui para a frente?

— Não importa o que eu penso — respondi bebendo a cerveja gelada.

— Mesmo assim eu gostaria de saber sua opinião, seja ela qual for.

— Se eu fosse você, me separaria dele. Depois procuraria alguém com idéias um pouco mais normais com quem pudesse viver feliz. Por mais que você analise as coisas de forma positiva, jamais seria feliz num relacionamento com ele. Ele não é do tipo de pessoa que almeje a própria felicidade ou que deseje fazer os outros felizes. Viver com ele só faria deixar seus nervos em frangalhos. Acho um milagre você estar namorando com ele há três anos. É óbvio que gosto dele, à minha maneira. Eu o considero uma pessoa interessante e com inúmeras qualidades. Sem contar seu talento e vigor, que nem se comparam aos meus. Mas sua forma de pensar e viver não são normais. Quando converso com ele, às vezes tenho a sensação de estar andando em círculos. O mesmo processo que o faz avançar mais e mais me faz dar mais e mais voltas. Isso me deprime bastante. Em suma, nossos sistemas são diferentes. Está entendendo o que quero dizer?

— Perfeitamente — disse Hatsumi, pegando mais uma cerveja na geladeira para mim.

— Além disso, ele entrou para o Ministério das Relações Exteriores e depois de um ano de treinamento vai para o exterior. O que você pretende fazer então? Continuar esperando por ele? Você sabe que ele não tem intenção nenhuma de se casar.

— Sei disso também.

— Então não tenho mais nada a dizer.

— Tem razão — concordou Hatsumi.

Entornei lentamente a cerveja no copo e bebi.

— Agora há pouco, quando estávamos jogando bilhar, me ocorreu uma coisa — falei. — Eu sou filho único e fui criado sozinho, mas nunca me senti solitário ou desejei ter irmãos. Estava satisfeito assim. Mas quando estávamos jogando imaginei de repente como seria bom ter uma irmã mais velha como você. Uma irmã elegante e chique, com um vestido *midnight blue* e brincos de ouro, e que soubesse jogar bilhar como ninguém.

Hatsumi sorriu feliz, fitando meu rosto.

— Essa foi a coisa mais legal que eu ouvi neste último ano. De verdade.

— Torço muito pela sua felicidade — falei, corando de leve. — Mas é estranho. Por que alguém como você, aparentemente capaz de ser feliz com qualquer pessoa, foi se juntar com um sujeito como Nagasawa?

— Essas coisas simplesmente acontecem. Não há muito que se possa fazer. Isso sem dúvida vale para mim também. Nagasawa, é claro, diria que a responsabilidade é minha, não dele.

— Tenho certeza de que ele diria isso — concordei.

— Mas, Toru, eu não sou tão inteligente quanto você imagina. A bem dizer, sou mais para burra, e sou antiquada também. Pouco me importam os sistemas e as responsabilidades. Eu quero me casar, poder ser abraçada todas as noites pelo homem que amo e ter filhos. Isso basta. É só isso que eu quero da vida.

— Mas Nagasawa quer algo totalmente diferente.

— As pessoas mudam. Você não acha? — perguntou Hatsumi.

— Você quer dizer que elas convivem em sociedade, quebram a cara e amadurecem, esse tipo de coisa?

— Exatamente. E talvez o sentimento dele por mim mude depois de ficarmos afastados por algum tempo.

— Isso no caso de uma pessoa normal — retruquei. — É muito provável que isso aconteça com seres humanos comuns. Mas com ele é diferente. Sua determinação ultrapassa nossa imaginação e, além disso, se fortalece com o passar dos dias. Ele é do tipo que decide se fortalecer ainda mais quando enfrenta dificuldades. É

capaz até de comer lesmas só para não dar o braço a torcer. O que você espera de alguém assim?

— O problema é que no momento não posso fazer nada a não ser esperar, Toru — concluiu Hatsumi com os cotovelos sobre a mesa e o queixo apoiado entre as mãos.

— Você o ama a esse ponto?

— Amo — respondeu ela imediatamente.

— Nossa — exclamei com um suspiro, e tomei o último gole de cerveja. — Deve ser maravilhoso poder amar alguém com tanta convicção.

— Eu sou uma garota burra e antiquada — disse Hatsumi. — Quer mais cerveja?

— Não, chega. Preciso ir. Obrigado pelo curativo e pelas cervejas.

Eu estava em pé no *hall* de entrada calçando os sapatos quando o telefone começou a tocar. Ela olhou para mim, em seguida para o telefone, e novamente para mim.

— Boa-noite — falei, saindo pela porta. Enquanto a fechava, vi Hatsumi de relance segurando o gancho do telefone. Foi a última vez que a vi.

Cheguei ao alojamento às 23h30. Fui direto ao quarto de Nagasawa e bati na porta. Depois de bater algumas dez vezes, lembrei-me que era sábado à noite. Nas noites de sábado, Nagasawa sempre pedia autorização para, supostamente, dormir na casa de parentes.

Fui para o meu quarto, tirei a gravata, pendurei o paletó e a calça no cabide, vesti o pijama e escovei os dentes. Só então me dei conta, decepcionado, de que o dia seguinte ainda seria domingo. Era como se o domingo surgisse no ritmo de uma vez a cada quatro dias. Mais dois domingos e completaria 20 anos. Estirei-me na cama e fiquei olhando para o calendário na parede, dominado por pensamentos sombrios.

Na manhã de domingo, sentei-me à escrivaninha para escrever minha carta semanal para Naoko. Escrevi tomando café numa xícara grande e ouvindo um disco antigo de Miles Davis. Via uma chuva fina cair pela janela e dentro do quarto estava frio como num aquário. Pelas minhas narinas entrava o cheiro de naftalina do suéter grosso que eu havia acabado de tirar de uma caixa. Uma mosca gorda estava parada no alto do vidro da janela, completamente imóvel. Por falta de vento, a bandeira nacional não tremulava, e se enroscava flácida no mastro como a toga de um velho senador romano. Um cachorro marrom, magro e de ar medroso havia entrado no pátio vindo não se sabe de onde, e farejava uma por uma as flores do canteiro. Eu não conseguia imaginar por que um cachorro sairia para farejar flores num dia de chuva.

Minha carta foi comprida e, quando o ferimento na mão direita que segurava a caneta começava a doer, eu descansava contemplando a paisagem do pátio sob a chuva, sem pensar em nada.

Escrevi que havia cortado feio a palma da mão trabalhando na loja de discos e que na noite de sábado havíamos jantado eu, Nagasawa e Hatsumi para comemorar a aprovação de Nagasawa na prova do Ministério das Relações Exteriores. Descrevi o restaurante e a comida. Disse que o jantar estava delicioso, mas que o clima havia ficado um pouco complicado.

Hesitei um pouco em mencionar minha ida ao salão de bilhar com Hatsumi, e, por associação, o jogo de bilhar com Kizuki, mas por fim decidi pôr tudo no papel. Senti que deveria fazê-lo.

Ainda me lembro claramente da última tacada de Kizuki naquele dia, ou seja, no dia em que ele morreu. Foi uma bola extremamente difícil, que exigiu o uso da cruzeta, e duvidei que ele conseguisse encaçapá-la. Mas, talvez por pura coincidência, a tacada foi absolutamente perfeita e as bolas branca e vermelha se chocaram deslizando praticamente silenciosas sobre o feltro verde, dando-lhe o ponto decisivo da partida. Foi uma tacada de

mestre, impressionante, da qual até hoje me lembro com nitidez. Depois disso, não toquei num taco durante quase dois anos e meio.

Mas, na noite em que joguei com Hatsumi, até o final da primeira partida não pensei em Kizuki, e isso foi um choque para mim. O que estou tentando dizer é que eu imaginava que depois da sua morte eu me lembraria dele sempre que jogasse. Mas foi só depois de terminada a primeira partida, quando fui comprar uma Pepsi na máquina automática do salão, que pensei nele. Lembrei-me dele por causa da máquina de Pepsi: havia uma dessas máquinas no salão que eu e Kizuki costumávamos freqüentar e não era raro apostarmos alguns refrigerantes.

Fiquei culpado por não ter pensado nele desde o começo. Naquele momento, tive a sensação de tê-lo abandonado. Porém, ao voltar para o meu quarto no alojamento naquela noite, pensei o seguinte. Dois anos e meio se passaram. Kizuki ainda tem 17 anos. Isso não significa que as lembranças dele tenham se desvanecido na minha mente. Tudo o que sua morte acarretou continua muito claro dentro de mim, algumas sensações ainda mais nítidas do que na época. O que quero dizer é o seguinte: logo vou fazer 20 anos e parte do que eu e Kizuki compartilhamos, eu aos 16 anos e ele aos 17, já desapareceu, e por mais que eu lamente nada vai trazer isso de volta. Eu não saberia explicar nada mais além disso, mas acho que você vai entender o que estou sentindo e o que estou tentando dizer. E sinto também que você é a única pessoa neste mundo capaz de entender.

Penso em você mais do que nunca. Hoje está chovendo. Domingos chuvosos são difíceis para mim. Com chuva não posso lavar roupa e, conseqüentemente, não posso passá-la. Tampouco posso passear ou ficar estirado no terraço. Não tenho mais nada para fazer

senão ficar sentado à escrivaninha observando distraidamente a paisagem do pátio sob a chuva, e ouvindo *Kind of Blue* tocar na vitrola sem parar, em repetição automática. Como escrevi antes, aos domingos não dou corda em mim mesmo. Por isso esta carta está ficando quilométrica. Paro por aqui. Vou almoçar no refeitório.

Até logo.

No dia seguinte, segunda-feira, Midori faltou novamente à aula. Eu me perguntei o que poderia ter acontecido. Dez dias haviam se passado desde a última vez que nos faláramos ao telefone. Pensei em ligar para a casa dela, mas desisti. Lembrei-me que ela dissera que *e/la* telefonaria.

Na quinta-feira dessa semana, dei de cara com Nagasawa no refeitório. Ele veio se sentar ao meu lado carregando sua comida numa bandeja e logo se desculpou pelo ocorrido na noite do jantar.

— Não se preocupe. Ao contrário, devo lhe agradecer pelo delicioso jantar — falei. — Mas sou obrigado a admitir que foi uma maneira estranha de festejar sua aprovação.

— Sem dúvida — concordou ele.

Durante algum tempo, continuamos a comer em silêncio.

— Hatsumi e eu fizemos as pazes — disse ele.

— Bem que eu imaginava — admiti.

— Tenho a lembrança de ter sido grosseiro com você também.

— O que houve? Está com a consciência pesada? Está doente?

— Talvez — disse ele balançando a cabeça afirmativamente duas ou três vezes. — Hatsumi me contou que você a aconselhou a se separar de mim.

— Faz sentido, não?

— Tem razão.

— Ela é uma boa moça — falei enquanto tomava minha sopa de missô.

— Eu sei — disse Nagasawa com um suspiro. — Boa demais para mim.

Quando o sinal tocou avisando que havia um telefonema para mim, eu dormia tão profundamente que me tomariam por morto. Estava

chegando à parte central do sono. Por isso não entendi nada do que acontecia. Era como se minha cabeça houvesse submergido na água, inundando meu cérebro enquanto dormia. Meu relógio marcava 18h15, mas eu não conseguia concatenar se da manhã ou da tarde. Não me vinha à mente a data ou o dia da semana. Olhei pela janela, mas não vi a bandeira no mastro do pátio. Concluí que eram 18h15. Afinal, o hasteamento da bandeira havia servido para alguma coisa.

— Oi, Toru, você está livre agora? — perguntou Midori.

— Que dia é hoje?

— Sexta-feira.

— De manhã ou de noite?

— De noite, claro. Que cara estranho você é. São... deixe-me ver... 18h18.

De fato, era de noite, pensei. Lembrei-me de que havia deitado na cama para ler um livro e acabara caindo no sono. Sexta-feira... Pensei rapidamente. Nas noites de sexta, eu não trabalhava.

— Estou livre. Onde você está agora?

— Na estação Ueno. A caminho de Shinjuku. Que tal nos encontrarmos lá?

Antes de desligar o telefone, combinamos o lugar e o horário do encontro.

Quando cheguei ao DUG, Midori já estava tomando um drinque sentada no canto do balcão. Usava um fino suéter amarelo sob o casaco branco de pregas masculino e calça *jeans*. Tinha dois braceletes nos pulsos.

— O que você está bebendo? — perguntei.

— Tom Collins — respondeu Midori.

Pedi um uísque com tônica e só então notei uma enorme mala de couro a seus pés.

— Estava viajando. Acabei de chegar — disse ela.

— Para onde você foi?

— Nara e Aomori.

— Na mesma viagem? — perguntei surpreso.

— Claro que não. Posso ser louca, mas não iria de uma única vez a Nara e Aomori. Foram viagens separadas. Fui a Nara com meu namorado e sozinha a Aomori.

Tomei um gole do uísque com tônica e acendi com um fósforo o Marlboro que Midori levava aos lábios.

— Foi muito difícil para você? O funeral e tudo o mais?

— Funerais nós tiramos de letra. Estamos acostumadas. É só vestir preto e sentar com ar contrito que todos à sua volta se encarregam de que a cerimônia progrida de forma adequada. Os parentes e vizinhos cuidam de tudo. Compram saquê, encomendam *sushi*, nos consolam, choram, se agitam, distribuem lembranças do defunto, tudo muito fácil. Parece um piquenique. Comparado com o trabalho de cuidar do doente dia após dia, é mesmo um piquenique. Eu e minha irmã estávamos tão exaustas que não conseguimos nem chorar. Estou falando sério. Só que, quando não se chora, as pessoas à sua volta começam a comentar que você tem o coração de pedra. Por isso mesmo não choramos, só de pirraça. Verter lágrimas de crocodilo é fácil, mas não faríamos isso de jeito nenhum. Que filhos-da-puta! Quanto mais esperavam que chorássemos, menos vontade tínhamos de fazê-lo. Nesse ponto eu e minha irmã somos muito parecidas. Apesar de nossos temperamentos serem bem diferentes.

Os braceletes tilintaram nos pulsos de Midori quando ela chamou o garçom para pedir outro Tom Collins e um prato de pistache.

— Depois do funeral, quando todo mundo foi embora, nós duas bebemos uns 2 litros de saquê até o raiar do dia. E falamos mal de todo mundo. Repetíamos o tempo todo: “São uns idiotas, uns merdas, uns cães sarnentos, uns porcos, uns hipócritas, uns salafrários.” E isso nos aliviou a alma.

— Posso imaginar.

— Depois de bêbadas, deitamos e capotamos. Dormimos maravilhosamente bem. Tão bem que ignoramos por completo qualquer telefonema desses conhecidos. Ao acordar, encomendamos *sushi* e decidimos de comum acordo o que fazer dali em diante. Vamos fechar a livraria por algum tempo e cada uma

fará o que quiser. Há meses estamos nos matando e achamos justo termos um descanso. Minha irmã pretendia passar algum tempo tranqüilamente com o namorado e eu decidi viajar com o meu para treparmos até dizer chega. — Midori fechou a boca, coçando a orelha. — Desculpe o palavreado vulgar.

— Não se preocupe. E vocês foram a Nara?

— Fomos. Sempre adorei Nara.

— E treparam até dizer chega?

— Nem uma vez — disse suspirando. — Chegando ao hotel, no instante em que soltamos as malas, fiquei menstruada. Uma verdadeira inundação.

Fui incapaz de conter o riso.

— Pois fique sabendo que não foi nada engraçado. Veio uma semana mais cedo do que o previsto. Deu vontade de chorar, sem brincadeira. Acho que foi por causa do estresse. Meu namorado subiu pelas paredes. Ele é do tipo que se irrita com facilidade. Mas que culpa tinha eu, se não era uma coisa que eu pudesse controlar? Além disso, minha menstruação é de matar. Nos dois primeiros dias não consigo fazer nada. Eu o aconselho a ficar longe de mim nesses dias.

— Mesmo que eu quisesse, como poderia saber? — perguntei.

— Bom, dois ou três dias antes da minha menstruação vou usar uma boina vermelha. Esse será o aviso — disse Midori rindo. — Se eu estiver usando uma boina dessa cor, mesmo se cruzar comigo na rua, não me dirija a palavra e fuja o mais rápido que puder.

— Seria bom se todas as garotas agissem assim — falei. — E o que vocês fizeram em Nara então?

— Como não havia nada mais a fazer, brincamos com os cervos e passeamos pelos arredores antes de retornarmos. Foi terrível! Briguei com ele e depois disso não nos vimos mais. Voltei para Tóquio, descansei por dois ou três dias e acabei decidindo viajar sozinha e despreocupada para Aomori. Passei dois dias na casa de amigos em Hirosaki e depois dei umas voltas por Shimokita

e Tappi. Lugares maravilhosos. Certa vez escrevi explicações de mapas daquela região. Você já foi lá?

Fiz que não com a cabeça.

— Bem — continuou Midori sorvendo seu Tom Collins e descascando um pistache —, enquanto viajava sozinha, não parei de pensar em você. Como é ótimo estar assim a seu lado.

— Por quê?

— Por quê? — disse Midori, fitando-me com um olhar ausente. — Como assim “por quê”?

— Quero saber por que você pensou em mim.

— É óbvio que é porque eu gosto de você. Que outra razão poderia ter? Ou você acha que eu adoraria estar junto de algum desconhecido de quem não gostasse?

— É que você não precisa pensar em mim tendo namorado — respondi bebendo lentamente meu uísque com tônica.

— É proibido pensar em você se eu tiver namorado?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Pois escute bem, Toru — disse Midori, apontando o dedo em riste na minha direção. — Estou lhe avisando que já há um mês venho sentindo essa angústia acumulada dentro de mim pronta para explodir. É terrível. Por isso, pare de me dizer essas coisas cruéis. Caso contrário abro o berreiro aqui mesmo e olhe que quando começo a chorar varo a noite. Está preparado? Choro como um animal, sem me importar com quem está à minha volta. Estou falando sério.

Aquiesci e tratei de calar a boca. Pedi o segundo uísque com tônica e comi um pistache. Sarah Vaughan cantava uma antiga canção romântica, misturada ao som de um liquidificador, copos se chocando e o ressoar da máquina de fazer gelo.

— Depois do incidente do tampão, nosso namoro se deteriorou um pouco.

— Incidente do tampão?

— É. Estávamos eu, ele e os amigos dele bebendo, cinco ou seis pessoas, e eu contei a história de uma mulher do meu bairro que expeliu um tampão quando espirrou. Não é engraçado?

— É — concordei rindo.

— Meu relato fez sucesso entre o pessoal. Mas ele se zangou. Pediu-me para não contar histórias tão vulgares. Foi um banho de água fria.

— Hum — falei.

— Ele é um cara legal, mas intolerante em relação a esses assuntos — continuou Midori. — Por exemplo, ele fica irritado quando uso roupa de baixo que não seja branca. Isso não é ser intolerante demais?

— Bem, parece mais uma questão de gosto pessoal — falei. Eu estava espantado com o fato de um rapaz desse tipo se apaixonar por Midori, mas decidi não dizer isso a ela.

— E você, o que anda fazendo? — ela perguntou.

— Nada de especial. Está tudo na mesma. — Ao dizer isso, lembrei-me de ter me masturbado pensando em Midori, como havia prometido. Conte-i-lhe isso em voz baixa, para que ninguém à nossa volta escutasse.

Midori estalou os dedos, seu rosto se iluminou.

— Como foi? Foi bom?

— Parei no meio, envergonhado.

— Como pode uma coisa dessas! — disse Midori, lançando-me um olhar oblíquo. — Você não pode ficar envergonhado. Tem que pensar um monte de besteira. “Ah... isso, aí mesmo... hum, que tesão... não, oh, eu vou gozar... ah, não, não faça isso...” Coisas assim. Da próxima vez vou dizer essas coisas pelo telefone enquanto você se masturba.

— O telefone do alojamento fica num canto do saguão e todos que entram e saem passam bem na frente dele — expliquei. — Se o diretor do alojamento me pega batendo punheta num lugar desses, sem dúvida serei trucidado.

— É verdade, seria constrangedor.

— Põe constrangedor nisso. Qualquer dia tento de novo sozinho.

— Não vá me desapontar.

— Deixe comigo.

— Talvez eu não seja muito sexy fisicamente...

— Não, o problema não é esse — falei. — Como eu poderia explicar? É uma questão de atitude.

— Sabe, minhas costas são muito sensíveis. Quando sou acariciada de leve com os dedos...

— Vou me lembrar disso.

— Que tal irmos ver um filme pornô agora? Um de sadomasoquismo bem pesado — convidou Midori.

Midori e eu comemos enguia num restaurante especializado, e em seguida entramos em um dos muitos cinemas quase desertos de Shinjuku e assistimos a três filmes pornôs um atrás do outro. Segundo o jornal que compramos, esse cinema era o único que exibia filmes de sadomasoquismo. Lá dentro reinava um cheiro indefinível. Chegamos numa boa hora, pois o filme estava começando. Era a história de uma jovem secretária e sua irmã colegial que eram seqüestradas por um grupo de homens e submetidas a práticas sádicas. Ameaçando violentar a irmã menor, os homens obrigavam a jovem a fazer todo tipo de coisas abjetas, logo transformando-a numa perfeita masoquista. Ao ver isso, a irmã menor enlouquece. O clima do filme era sombrio e as situações repetitivas a ponto de me deixar um pouco entediado depois de algum tempo.

— No lugar da irmã menor, eu não enlouqueceria tão facilmente. Espiaria mais — disse Midori.

— Tenho certeza disso — falei.

— Não acha que os mamilos da menina são escuros demais para uma colegial virgem?

— Sem dúvida.

Midori mantinha os olhos grudados na tela, como se quisesse devorar o filme. Fiquei admirado e julguei que o preço das entradas estava bem pago, já que ela assistia aos filmes com tamanha avidez. Ela tecia comentários: “Olhe que incrível. Como eles conseguem fazer aquilo?” “Que horror. Três homens de uma vez vão arrombar a coitada.” “Toru, estou doida para fazer isso com alguém.” E outras coisas do gênero. Era muito mais interessante observar Midori do que ver o filme.

Quando as luzes da sala se acenderam no intervalo, olhei em volta, mas além de Midori não havia nenhuma outra mulher no recinto. Depois de olhar para Midori, um rapaz sentado perto de nós, com ar de estudante, foi se sentar num local bem mais afastado.

— Toru, você tem ereção quando vê essas cenas? — perguntou Midori.

— Bem, às vezes — respondi. — Esses filmes são feitos para isso mesmo.

— Será que o pau de todos os espectadores fica duro quando surge uma cena picante? Já imaginou trinta ou quarenta paus duros ao mesmo tempo? Pensando bem, você não acha isso esquisito?

Respondi que, olhando as coisas sob esse ângulo, ela bem que estava certa.

O segundo filme era mais normal, e por isso mesmo ainda mais chato do que o primeiro. Tinha várias cenas de sexo oral, e a cada felação, cunilíngua ou sessenta-e-nove, o som onomatopéico das lambidas e chupadas reverberava por todo o cinema. Ao escutar isso, senti uma estranha emoção por estar vivendo neste planeta tão esquisito.

— Quem é capaz de inventar sons assim? — perguntei a Midori.

— Eu os acho ótimos — disse Midori.

Havia também o som do pênis entrando e saindo da vagina. Até então, eu nunca havia percebido a existência desse som. O homem arfava, a mulher ofegava gemendo coisas como “que gostoso” e “mais fundo”. Ouvia-se também o ranger da cama. Essas cenas pareciam intermináveis. De início, Midori assistia com curiosidade, mas, aos poucos, pareceu enjoar e acabou pedindo para irmos embora. Nós nos levantamos e, já do lado de fora, respiramos profundamente. Pela primeira vez senti o ar de Shinjuku me revigorar.

— Foi divertido — disse Midori. — Vamos voltar qualquer dia.

— No final das contas as cenas são sempre as mesmas — falei.

— E o que você esperava? A gente também faz sempre a mesma coisa.

Pensando bem, ela não deixava de ter razão.

Fomos beber em outro bar. Pedi uma dose de uísque e Midori bebeu três ou quatro coquetéis que eu desconhecia. Ao sair, disse estar com vontade de subir numa árvore.

— Por aqui não há árvores. E do jeito que você está grogue, duvido muito que consiga subir em uma — falei.

— Que grande desmancha-prazeres você é. Fiquei bêbada porque eu quis. Você tem alguma coisa contra? Fique sabendo que mesmo bêbada posso muito bem subir numa árvore. Que merda. Vou subir bem alto numa árvore e fazer xixi nas pessoas lá de cima!

— Você está com vontade de ir ao banheiro?

— Acertou na mosca.

Acompanhei Midori até um toailete pago da estação Shinjuku, enfiei uma moedinha para abrir a cabine e a fiz entrar. Comprei a edição noturna de um jornal e comecei a ler, esperando-a sair. Quem disse que ela saía? Depois de 15 minutos comecei a me preocupar, e, quando já pensava em ir verificar o que estava acontecendo, ela finalmente surgiu. Seu rosto estava pálido.

— Desculpe. Acabei cochilando sentada no vaso — explicou Midori.

— Como está se sentindo? — perguntei, enquanto a ajudava a vestir o casaco.

— Não muito bem.

— Vou levá-la para casa — falei. — Quando chegar é melhor você tomar um bom banho e ir logo para a cama. Você está cansada.

— Eu não quero voltar para casa. Não tem ninguém lá agora e não quero dormir sozinha num lugar daqueles.

— Que ótimo! — exclamei. — O que vamos fazer então?

— Vamos para um desses hotéis exclusivos para sexo. Quero dormir abraçada com você. Até o amanhecer, profundamente. E amanhã de manhã, depois de tomar café em algum lugar, vamos juntos para a faculdade.

— Era isso que você tinha em mente desde o início, quando me telefonou?

— Claro.

— Você deveria chamar seu namorado, não eu. Não seria a atitude normal? É para isso que existem os namorados, não é?

— Mas é com você que eu quero ficar.

— Impossível — disse eu friamente. — Em primeiro lugar, tenho que voltar para o alojamento até a meia-noite. Se perder a hora vou ser punido por dormir fora sem autorização. Aconteceu uma vez antes e me deu um trabalho do cão! Em segundo lugar, quando eu me deito ao lado de uma mulher naturalmente sinto vontade de transar. Não quero ficar me segurando. Talvez acabe forçando você a transar.

— Vai me bater, me amarrar e me violentar por trás?

— Olhe que estou falando sério.

— Mas estou me sentindo triste e muito solitária. Bem sei que sou um transtorno para você. Vivo pedindo um monte de coisas. Falo o tempo todo o que me vem à cabeça, chamo você para sair, arrasto-o para tudo quanto é lugar. Mas isso é porque à minha volta só posso agir assim com você. Nunca, nos 20 anos da minha vida, ninguém deu atenção aos meus caprichos. Meu pai e minha mãe nunca ligaram para mim, e meu namorado não é desse tipo. Ele faz pouco-caso dos meus caprichos. Acabamos brigando. Por isso só posso dizer essas coisas para você. Estou muito cansada agora e queria dormir ouvindo alguém me dizer que sou charmosa e bonita. Só isso. Quando acordar terei recuperado as energias e nunca mais vou lhe pedir nada tão egoísta. Prometo de pés juntos. Vou me comportar como uma boa menina.

— Não me ponha nessa posição difícil — pedi.

— Por favor. Senão, vou passar a noite inteira sentada aqui mesmo e chorar até secar toda a água do meu corpo. E vou dormir com o primeiro homem que me dirigir a palavra.

Sem conseguir dissuadi-la, liguei para o alojamento e pedi para chamarem Nagasawa. Pedi que ele desse um jeito para parecer que eu havia voltado para lá naquela noite. Expliquei que estava com uma garota.

— Nesse caso, terei o maior prazer em ajudar — disse ele.
— Vou virar a placa com seu nome para indicar que você já está no alojamento. Fique frio e aproveite bem. Amanhã de manhã, é só entrar pela janela do meu quarto — acrescentou ele.

— Obrigado. Fico lhe devendo essa — agradeceu antes de desligar.

— Deu tudo certo? — perguntou Midori.

— Acho que sim — falei, suspirando profundamente.

— Bom, ainda está cedo. Que tal irmos a uma discoteca?

— Pensei que você estivesse cansada.

— Para isso nem um pouco.

— Nossa mãe! — exclamei.

Não restava dúvidas de que, à medida que dançava na discoteca, Midori ia gradualmente recobrando a energia. Ela tomou duas doses de uísque com Coca-Cola e dançou na pista até suar.

— Que divertido! — disse Midori, enquanto descansava por alguns momentos à mesa. — Fazia tempo que eu não dançava assim. Quando o corpo se movimenta, o espírito parece se liberar.

— Seu espírito parece estar sempre liberado.

— Aí é que você se engana — disse ela, rindo e inclinando a cabeça. — De qualquer modo, agora que estou me sentindo melhor, bateu uma fome. Que tal irmos comer uma pizza?

Levei-a até uma pizzeria que eu costumava freqüentar e pedi uma pizza de anchovas e um chope. Não estava com muita fome e só comi quatro dos 12 pedaços. Midori devorou todo o resto.

— Que recuperação rápida! Até ainda há pouco você estava pálida e grogue — falei admirado.

— É porque você cedeu aos meus caprichos — respondeu Midori. — Isso curou o meu cansaço. Nossa, mas esta pizza está deliciosa!

— Diga a verdade. Não tem ninguém na sua casa agora?

— Não, ninguém. Minha irmã foi para a casa de uma amiga. Ela é muito medrosa e não consegue dormir quando não estou lá.

— Então vamos desistir do hotel — propus. — Esse tipo de lugar é deprimente. Em vez disso, vamos para a sua casa. Lá deve ter uma cama para mim, não?

Midori refletiu um pouco antes de concordar.

— Tudo bem. Vamos passar a noite lá em casa — disse ela.

Pegamos o trem da linha Yamanote até Otsuka, e logo estávamos levantando a porta metálica da Livraria Kobayashi. Um cartaz pregado à porta anunciava que a loja estava temporariamente fechada. Lá dentro, o cheiro de papel velho enchia o ar, como se a livraria não fosse aberta há tempos. O interior parecia mais vazio e frio do que da primeira vez que eu o vira. Era como a carcaça de um navio abandonada numa praia.

— Vocês não vão mais abrir a livraria? — perguntei.

— Decidimos vendê-la — disse Midori. — Eu e minha irmã vamos dividir o dinheiro da venda. A partir de agora, vamos viver nossas vidas independentemente, sem a proteção de ninguém. Minha irmã vai se casar no ano que vem e daqui a três anos eu me formo. O dinheiro deverá bastar. Vou arranjar algum trabalho de meio expediente também. Depois de vender a loja, nós duas vamos alugar um apartamento para morarmos juntas, por um tempo.

— Você acha que vai ser fácil vender?

— Talvez. Um conhecido nosso quer abrir um armarinho e recentemente nos sondou sobre a possibilidade de uma compra — explicou Midori. — Coitado do meu pai. Ele lutou tanto para comprar essa livraria, pagar o empréstimo e, no final das contas, não sobrou praticamente nada. Tudo desapareceu como bolhas de sabão.

— Sobrou você — falei.

— Eu? — exclamou Midori em meio a uma gargalhada. Depois, inspirou fundo e expirou. — Vamos subir? Está frio aqui.

Fomos para o andar de cima, ela me mandou sentar à mesa enquanto esquentava a água na banheira. Enquanto isso, ferveu água na chaleira para o chá. Até a água da banheira esquentar, eu e Midori bebemos chá sentados à mesa, um de frente para o outro. Mantendo o queixo apoiado nas mãos, Midori olhou para o meu rosto fixamente durante algum tempo. Só se ouvia o tique-taque do relógio e o termostato da geladeira ligando e desligando

automaticamente o motor. Os ponteiros do relógio aproximavam-se da meia-noite.

— Olhando bem, seu rosto até que é interessante — disse Midori.

— Você acha? — perguntei meio ofendido.

— Tenho uma queda por rostos bonitos, e quanto mais olho para o seu mais me dou conta de que é aceitável.

— Eu também de vez em quando penso isso sobre mim mesmo. Que sou um cara aceitável.

— Olhe, não estou falando por mal. Não consigo traduzir bem meus sentimentos em palavras. Isso sempre causa mal-entendidos. O que eu quero dizer é que gosto de você. Será que eu já disse isso antes?

— Já.

— Ou seja, estou aprendendo aos poucos sobre os homens.

Midori foi buscar um maço de Marlboro e acendeu um cigarro.

— Quando se parte do zero, há muito o que aprender.

— Sem dúvida — falei.

— Ah, já ia me esquecendo. Você não gostaria de acender um incenso para meu pai? — perguntou Midori. Acompanhei-a até o quarto onde ficava o altar budista, acendi um incenso na frente da foto do pai dela e juntei as mãos em oração.

— Um dia desses, fiquei pelada na frente dessa foto do meu pai. Tirei a roupa toda e deixei que ele desse uma boa olhada em mim. Numa posição como se fosse de ioga. Olhe, papai, estes são os meus peitos e esta é a minha boceta — disse Midori.

— Por que diabos você fez isso? — perguntei embasbacado.

— Só queria mostrar para ele, sem motivo. Afinal, metade de mim veio do esperma do meu pai, não é? Qual o problema de me mostrar para ele? Para ele saber como sua filha é. Bom, eu estava meio bêbada na hora e deve ter sido por isso.

— Entendo.

— Minha irmã me viu e quase teve um troço. Pudera, eu estava na frente da foto do meu pai completamente nua e com as pernas escancaradas. Estranho seria se ela não se espantasse.

— Verdade.

— Expliquei a ela minha intenção. Propus que ela viesse se juntar a mim e deixasse papai vê-la nua também. Ela se recusou. Foi embora chocada. Ela é muito conservadora para esse tipo de coisa.

— Ela me parece bem normal — falei.

— Diga, Toru, o que você achou do meu pai?

— Fico meio sem jeito quando encontro alguém pela primeira vez, mas me senti à vontade com ele, mesmo quando estávamos a sós. Foi bem agradável. Nós conversamos sobre vários assuntos.

— Sobre o que, por exemplo?

— Eurípides.

Midori não conteve uma gargalhada.

— Você é mesmo um cara esquisito. Duvido que alguém converse de cara sobre Eurípides com um doente que acabou de conhecer e que está definhando em seu leito de morte.

— Também duvido que exista alguma filha que fique nua e abra as pernas diante da foto do pai falecido — revidei.

Midori riu baixinho e tocou o pequeno sino do oratório.

— Boa-noite, papai. Não se preocupe, durma bem, que nós agora vamos nos divertir um pouco. Você não está mais sofrendo, não é? Agora que está morto? Se ainda estiver sofrendo, queixe-se ao Buda. Diga a ele: “Não acha que já sofri demais?” Espero que você encontre mamãe no paraíso e que vocês dois transem muito. Quando eu o ajudei a fazer xixi, reparei que seu pênis é impressionante. Por isso, vá fundo. Durma bem.

Entramos alternadamente na banheira e vestimos pijamas. Peguei emprestado um que seu pai praticamente nunca havia usado. Era um pouco pequeno para mim, mas era melhor do que dormir pelado. Midori arrumou a cama de hóspedes no quarto onde ficava o oratório.

— Você tem medo de dormir na frente do oratório? — perguntou Midori.

— Nem um pouco. Afinal, não fiz nada de errado — respondi rindo.

— Mas até eu dormir vai ficar ao meu lado e me abraçar?

— Claro.

Deitado no canto da pequena cama de Midori e quase caindo várias vezes no chão, eu a abracei. Midori mantinha o nariz encostado no meu peito e as mãos nos meus quadris. Passei a mão direita pelas suas costas, segurando com a esquerda a armação da cama para não cair. Estava longe de ser um clima propício para a excitação sexual. A cabeça de Midori encostava na ponta do meu nariz e, de vez em quando, seus cabelos curtos me davam coceira.

— Vamos, vamos, diga alguma coisa — pediu Midori, com o rosto colado ao meu peito.

— O quê, por exemplo?

— Qualquer coisa. Alguma coisa que me faça me sentir bem.

— Você é muito bonita.

— Midori — disse ela. — Diga o meu nome.

— Você é muito bonita, Midori.

— Muito quanto?

— Bonita a ponto de fazer uma montanha desabar ou o mar secar.

Midori ergueu a cabeça, olhando meu rosto.

— Você fala de uma forma tão especial.

— Meu coração se derrete quando você diz isso — falei rindo.

— Diga alguma coisa ainda mais bonita.

— Gosto muito de você, Midori. De verdade.

— Muito quanto?

— Tanto quanto de um urso na primavera.

— Um urso na primavera? — Midori ergueu novamente a cabeça. — O que significa gostar tanto quanto de um urso na primavera?

— Imagine que na primavera você está caminhando sozinha por uma pradaria e de repente vem em sua direção um lindo filhotinho de urso de olhos bem redondos e pêlo aveludado. Ele se vira para você e pergunta: “Moça, quer brincar de rolar na relva

comigo hoje?” Então você e o ursinho se abraçam e brincam o dia inteiro rolando sobre a encosta coberta de trevos da colina. Não acha legal?

— Demais.

— Pois é o quanto eu gosto de você.

Midori abraçou meu peito com força.

— Nunca ouvi nada tão maravilhoso — disse ela. — Se você gosta tanto assim de mim, com certeza vai atender a todos os meus pedidos. Não vai ficar bravo, vai?

— Claro que não.

— E sempre vai tomar conta de mim?

— Claro que vou — respondi. Ao dizer isso, acariciei seus cabelos curtos e macios como os de um menino. — Não se preocupe com nada. Tudo vai dar certo.

— Mas eu estou com muito medo — disse Midori.

Continuei a abraçá-la delicadamente, mas aos poucos seus ombros começaram a subir e descer em ritmo regular em uma respiração de quem dormia, e eu me afastei de sua cama sem fazer barulho e fui até a cozinha abrir uma cerveja. Estava sem sono nenhum e pensei em ler alguma coisa, mas, olhando em volta, não encontrei nada que se parecesse com um livro. Fui até o quarto de Midori com a intenção de pegar algum livro emprestado na estante, mas desisti, com medo de que o barulho pudesse acordá-la.

Fiquei distraído bebendo cerveja durante algum tempo, até que me lembrei que estava numa livraria. Desci até o térreo, acendi a luz da loja e procurei a estante de livros de bolso. Havia poucos títulos que eu desejasse ler e a maioria eu já lera. Mas eu precisava ler alguma coisa. Escolhi *Debaixo das rodas*, de Hermann Hesse, cuja capa desbotada indicava que havia muito tempo estava na loja sem ser vendido, e deixei ao lado da caixa registradora o dinheiro que custava. Pelo menos eu estava contribuindo para que o estoque da Livraria Kobayashi diminuísse um pouco.

Sentei à mesa da cozinha bebendo cerveja e lendo *Debaixo das rodas*. Eu o lera pela primeira vez no primeiro ano do segundo grau. Oito anos depois, estava lendo o mesmo livro, no meio da noite, na cozinha da casa de uma moça, vestindo o pijama, pequeno

para mim, de seu falecido pai. Refleti sobre como as coisas são estranhas. Não fosse por essas circunstâncias, eu provavelmente não estaria relendo o livro.

Porém, apesar de um pouco ultrapassado, não era um romance ruim. Eu me diverti bastante lendo-o devagar, linha por linha, naquela cozinha silenciosa, em plena madrugada. Na estante havia uma garrafa de conhaque coberta de poeira. Servi uma pequena quantidade numa xícara de café e bebi. O conhaque serviu para aquecer meu corpo, mas não ajudou em nada a me dar sono.

Antes das três, fui ver como estava Midori, mas ela parecia realmente cansada e profundamente adormecida. As luzes da rua atravessavam a janela, reluzindo palidamente dentro do quarto como um raio de luar, e Midori dormia de costas para ela. Era como se seu corpo estivesse congelado e inerte. Inclinando-me, pude escutar sua respiração. Ela dormia igual ao pai.

Sua mala de viagem ainda estava ao lado da cama, e seu casaco branco no espaldar da cadeira. Os objetos em cima da mesa estavam bem arrumados e na parede em frente havia um calendário do Snoopy pendurado. Suspendi ligeiramente a cortina da janela e olhei a rua comercial deserta lá embaixo. Todas as lojas tinham suas portas de enrolar abaixadas e só as máquinas automáticas esperavam silenciosamente o romper do dia enfileiradas em frente à loja de bebidas. Vez por outra, o ranger dos pneus de um caminhão de transporte de longa distância fazia vibrar o ar com força. Voltei à cozinha, servi outra dose de conhaque e continuei a ler *Debaixo das rodas*.

O céu estava começando a clarear quando terminei o livro. Esquentei água, tomei um café instantâneo e escrevi um bilhete no papel do bloco de anotações que estava em cima da mesa. Disse que havia bebido conhaque, comprado *Debaixo das rodas* e, quando o dia amanheceria, voltado para o alojamento. Encerrava o bilhete me despedindo. Depois de alguma hesitação, acrescentei: “Você é uma graça quando está dormindo.” Lavei a xícara de café, apaguei a luz da cozinha e, descendo as escadas, levantei calmamente a porta de enrolar, saindo para a rua. Estava preocupado se as pessoas da vizinhança não achariam suspeito me

ver saindo àquela hora, mas às seis da manhã ainda não havia ninguém caminhando pela rua. Só os corvos, parados em cima dos telhados, vigiavam os arredores como de costume. Depois de olhar rapidamente as janelas com cortinas rosa-claras do quarto de Midori, caminhei até a estação e peguei o trem. Desci no ponto final, seguindo a pé para o alojamento. Como um restaurante estava aberto para o café-da-manhã, comi arroz com sopa de missô, vegetais em conserva e ovos fritos. Dei a volta até a entrada dos fundos do alojamento e bati baixinho na janela do quarto de Nagasawa, no térreo. Ele logo abriu e entrei em seu quarto.

— Quer um café? — perguntou ele, mas eu recusei. Agradei e fui para o meu quarto, onde, depois de escovar os dentes e tirar as calças, caí na cama de olhos bem fechados. Finalmente um sono sem sonhos se fechou sobre mim como uma pesada porta de chumbo.

Eu escrevia para Naoko toda semana e recebia dela algumas cartas, não muito compridas. Numa delas, ela disse que desde o início de novembro a temperatura havia gradualmente caído pela manhã e à noite.

Você voltou para Tóquio justamente quando o outono estava ficando mais intenso, e durante algum tempo eu não soube se o vazio que sentia dentro de mim era devido à sua ausência ou à mudança de estação. Converso muito com Reiko sobre você. Ela me pede para mandar lembranças. Ela está sendo muito gentil comigo, como sempre. Sem ela ao meu lado, não sei se eu seria capaz de agüentar a vida daqui. Quando fico triste, choro. Segundo Reiko, chorar faz bem. Mas a tristeza é realmente difícil de suportar. Quando fico deprimida, muitas pessoas aparecem de dentro da penumbra da noite para me consolar. Elas conversam comigo assim como o vento noturno geme entre as árvores à noite. Costumo conversar com Kizuki e com

minha irmã. Eles também devem se sentir tristes, e procuram alguém com quem possam falar.

Nessas noites de solidão e tristeza, às vezes releio suas cartas. A maioria das coisas vindas do mundo exterior confunde minha cabeça, mas a sua descrição dos acontecimentos no seu mundo me enchem de uma grande paz interior. É estranho, não acha? Por que será? Por isso releio suas cartas inúmeras vezes e Reiko também costuma lê-las de vez em quando. Depois nós duas conversamos sobre seu conteúdo. Gostei muito daquela parte sobre o pai da garota chamada Midori. Sua carta semanal é uma de nossas poucas diversões — não duvide: num lugar destes uma carta é uma forma de distração —, e nós a esperamos ansiosamente.

Procurro na medida do possível encontrar um tempo para escrever, mas quando tenho o papel de carta na minha frente acabo sempre ficando deprimida. Precisei usar toda minha energia para escrever esta carta. Isso porque Reiko insistiu para eu responder. Não me entenda mal. Existem muitas coisas que quero lhe contar e transmitir. Mas não sou capaz de colocá-las bem no papel. Por isso, é difícil para mim escrever cartas.

Falando em Midori, ela me pareceu ser uma moça muito divertida. Lendo sua carta, tive a impressão de que ela está apaixonada por você e, quando comentei isso com Reiko, ela achou muito natural, pois ela também adora você. Temos ido colher cogumelos e castanhas todos os dias. E ultimamente preparamos bastante arroz com castanhas ou cogumelos, que não nos cansamos de comer de tão gostosos. Mas Reiko, como sempre, come como um passarinho, e continua a fumar um cigarro atrás do outro. As aves e os coelhos estão bem.

Até breve.

Três dias depois do meu aniversário de 20 anos, recebi um pequeno pacote enviado por Naoko. Dentro havia um suéter vinho de gola rolê e uma carta.

Feliz aniversário! Desejo que seu aniversário de 20 anos seja pleno de felicidade. O ano dos meus 20 anos periga acabar comigo me sentindo tão infeliz quanto quando começou, mas me alegrarei muito se a sua felicidade for grande o suficiente para incluir a minha também. Falo de coração. Reiko e eu tricotamos cada uma metade desse suéter. Se eu o tivesse feito sozinha, demoraria até o Dia dos Namorados do ano que vem. A parte bem tricotada é de Reiko, a ruim é minha. Reiko é boa em tudo que faz e, ao vê-la, às vezes sinto uma enorme raiva de mim mesma. Afinal, não tenho nenhuma capacidade de que possa me orgulhar.

Até breve. Cuide-se bem.

Havia também uma curta mensagem de Reiko.

Como vai? Para você Naoko pode ser o auge da felicidade, mas para mim não passa de uma moça sem nenhum talento para trabalhos manuais. De qualquer maneira, fizemos o possível para aprontar o suéter a tempo para o seu aniversário. Que tal? Está lindo, não está? Escolhemos juntas a cor e o modelo. Parabéns pelo aniversário!

Quando penso no ano de 1969, tudo que me vem à cabeça é um pântano: um lamaçal profundo e pegajoso, onde meus sapatos pareciam colar a cada passo. Eu caminhava com esforço sobre-humano nessa lama. Não enxergava nada à minha frente nem atrás de mim. Só o pântano de cor sombria se estendia a perder de vista.

O tempo se arrastava vacilante, ajustando-se a meus passos. Enquanto as pessoas à minha volta já haviam avançado bastante, apenas eu e meu tempo nos arrastávamos vagorosamente pelo pântano. Ao meu redor, o mundo estava prestes a se transformar radicalmente. Nessa época, muitas pessoas morreram, inclusive John Coltrane. As pessoas bradavam por grandes mudanças, que sempre pareciam estar muito próximas. Mas as mudanças não passavam de um pano de fundo destituído de substância e significado. Eu vivia cada um dos meus dias sem quase nunca erguer o rosto. Apenas o pântano estendendo-se a perder de vista se refletia nos meus olhos. Eu avançava abaixando o pé direito, levantando o esquerdo, tornando a erguer em seguida o direito. Não sabia onde estava. Não tinha certeza se avançava na direção correta. Apenas sabia que devia ir a algum lugar e por isso apenas avançava passo a passo.

Fiz 20 anos, o outono deu lugar ao inverno, mas na minha vida não ocorreu nenhuma mudança significativa. Ia sem prazer à universidade, trabalhava três vezes por semana, algumas vezes lia *O grande Gatsby*, quando chegava o domingo lavava roupa e escrevia uma longa carta para Naoko. Às vezes eu me encontrava com Midori para comermos juntos, visitar o jardim zoológico ou pegar uma sessão de cinema. O plano de venda da Livraria Kobayashi correu sem maiores problemas, e Midori e a irmã foram morar juntas num apartamento de dois quartos alugado, perto da estação de metrô Myogadani. Midori dizia que assim que a irmã se casasse ela alugaria um apartamento em outro lugar e se mudaria de lá. Almocei uma vez no apartamento novo a convite delas, e vi

que era um lugar bom, bonito e ensolarado. Midori parecia muitíssimo mais feliz vivendo ali do que quando morava na Livraria Kobayashi.

Nagasawa me convidou várias vezes para sairmos e nos divertirmos, mas eu sempre recusava alegando algum compromisso. No fundo, havia me cansado de tudo aquilo. Logicamente isso não significava que não quisesse ir para a cama com garotas. Mas eu ficava um pouco desanimado quando pensava em todo o processo necessário para chegar até lá: sair para beber na cidade, procurar uma garota adequada, conversar com ela, irmos para um hotel. Eu tinha de admirar Nagasawa ainda mais por ele ser capaz de continuar por tanto tempo esse mesmo ritual sem desanimar ou se cansar. Talvez por causa do que Hatsumi me dissera, eu me sentia muito mais feliz ao pensar em Naoko do que indo para a cama com desconhecidas sem nenhum atrativo. A sensação dos dedos de Naoko me fazendo gozar no meio da pradaria permanecia vívida dentro de mim mais do que qualquer outra coisa.

No início de dezembro, escrevi uma carta para Naoko perguntando se não haveria problema em ir visitá-la durante as férias de inverno. Reiko me mandou a resposta. Em sua carta, dizia que minha ida lhes daria enorme prazer e que estariam aguardando ansiosamente. Explicava que escrevia no lugar de Naoko, que não conseguia fazê-lo. Acrescentava que eu não deveria me preocupar, já que isso não significava que Naoko não estivesse passando bem. Era apenas mais uma das fases difíceis que vinham como ondas.

Quando as férias na universidade começaram, enchi a mochila com minhas coisas, calcei os sapatos próprios para a neve e parti para Kyoto. Como aquele estranho médico dissera, a paisagem das montanhas cobertas de neve era incrivelmente linda. Como na vez anterior, passei duas noites no apartamento de Naoko e Reiko, e da mesma forma passei três dias com elas fazendo as mesmas coisas da outra vez. À noitinha, nós três conversávamos ao som do violão de Reiko. Em vez do piquenique ao meio-dia, fomos esquiar no bosque. Depois de uma hora caminhando pela montanha com os esquis nos pés, ficamos sem fôlego e encharcados de suor.

Também ajudamos o pessoal a limpar a neve quando tivemos tempo. O Dr. Miyata, aquele estranho médico, veio até nossa mesa na hora do jantar e nos explicou o porquê de o dedo médio da mão ser maior do que o indicador, enquanto no pé ocorre o contrário. O Sr. Ohmura, o guarda da portaria, falou sobre a carne de porco em Tóquio. Reiko ficou muito contente com os discos que levei de presente, tirou a cifra de algumas das músicas e as tocou ao violão.

Naoko estava muito mais taciturna do que quando eu a visitara no outono. Quando estávamos só nós três, ela ficava sentada no sofá e apenas sorria calada. Reiko conversava pelas duas.

— Não fique preocupado — disse Naoko. — É uma fase que estou atravessando neste momento. É muito mais divertido ouvir suas histórias do que falar.

Arranjando um pretexto, Reiko saiu do apartamento, e Naoko e eu fomos para a cama. Beije delicadamente seu pescoço, ombros e seios, enquanto Naoko, como da vez anterior, usou os dedos para me fazer gozar. Depois, abracei Naoko e lhe disse como nos últimos dois meses não havia parado de relembrar a sensação de seus dedos em mim. Confessei-lhe também que havia me masturbado pensando nela.

— Não foi para a cama com ninguém? — perguntou Naoko.

— Nem uma vez — respondi.

— Então vou lhe dar outra coisa para lembrar — disse ela e, curvando o corpo, escostou os lábios no meu pênis, tomando-o em seguida na boca e passando a língua em toda sua extensão. Seus cabelos lisos caíam sobre meu baixo-ventre e balançavam ao ritmo do movimento de seus lábios. Gozei pela segunda vez.

— Acha que vai conseguir se lembrar disso? — perguntou Naoko.

— É claro que vou me lembrar para sempre — respondi.

Abracei-a apertado, deslizei meus dedos para dentro de sua calcinha, mas sua vagina estava seca. Naoko meneou a cabeça e afastou minha mão. Por algum tempo continuamos abraçados em silêncio.

— Quando este ano letivo terminar pretendo procurar um apartamento em algum lugar e me mudar — falei. — Estou cansado dessa vida no alojamento e acho que o que ganho no trabalho é suficiente para cobrir minhas despesas. O que acha de morarmos juntos, como sugeri antes?

— Obrigada, Toru! Fico tão feliz em ouvir você dizer isso — agradeceu Naoko.

— Não acho que aqui seja um lugar ruim. É tranquilo, o ambiente é perfeito, e Reiko é uma ótima pessoa. Mas não é um lugar para se viver por muito tempo. É especializado demais para uma longa estadia. E acho que, quanto mais tempo ficar aqui, mais difícil será sair.

Naoko contemplava o lado de fora pela janela em silêncio. Só se via neve. Nuvens carregadas de neve, baixas e pesadas, só deixavam um espaço mínimo entre a terra coberta de neve e o céu.

— Pense com calma — propus. — De qualquer forma, vou me mudar até março e, se você quiser morar comigo, basta apenas vir quando quiser.

Naoko aquiesceu. Abracei cuidadosamente seu corpo como se segurasse um frágil objeto de vidro. Ela passou o braço em volta do meu pescoço. Eu estava nu, e ela vestia apenas uma calcinha branca. Eu não me cansava de admirar seu lindo corpo.

— Por que será que eu não fico molhada? — murmurou Naoko. — Isso só aconteceu comigo uma vez. Foi no dia do meu aniversário de 20 anos, em abril. Naquela noite em que você me abraçou. Por que será que não dá mais certo?

— É só psicológico, tenho certeza. As coisas se ajeitam com o tempo. Não há motivo para pressa.

— Meus problemas são todos psicológicos — disse Naoko. — Você vai me amar para sempre mesmo que eu não consiga ficar molhada nem fazer sexo pelo resto da vida? Vai conseguir se contentar para sempre só com minhas mãos e minha boca? Ou vai resolver a questão do sexo transando com outras mulheres?

— A princípio sou uma pessoa otimista — afirmei.

Naoko sentou-se na cama, vestiu sua camiseta, uma camisa de flanela e as calças *jeans*. Eu também me vesti.

— Deixe-me pensar com calma — pediu Naoko. — E tente pensar com calma você também.

— Vou pensar — disse eu. — E falando em boca, o que você fez com a sua agora há pouco foi fantástico.

Naoko enrubesceu de leve, sorrindo.

— Kizuki sempre dizia isso.

— Nós sempre tivemos opiniões e gostos parecidos — falei sorrindo.

Fomos nos sentar um de frente para o outro à mesa da cozinha, bebendo café e conversando sobre o passado. Aos poucos ela começou a falar sobre Kizuki. Falava pausadamente, escolhendo as palavras. A neve caía e parava, e durante três dias o sol não deu o ar de sua graça uma vez sequer. Ao me despedir, eu disse que provavelmente poderia visitá-las de novo em março. Depois de vestir meu grosso casaco, eu a abracei e dei-lhe um beijo na boca.

— Até logo — disse Naoko.

Mil novecentos e setenta, um ano que prometia ser inteiramente diferente, chegou, pondo um fim definitivo à minha adolescência. Dei um passo em direção a um novo pântano. Passei com relativa facilidade nas provas finais do ano letivo. Como ia praticamente todos os dias à universidade, na falta de algo melhor para fazer, foi fácil passar nas provas sem precisar estudar demais.

No alojamento, ocorreram alguns problemas. Alguns estudantes ativos em uma das facções políticas esconderam capacetes e barras de ferro dentro do alojamento, provocando uma briga com os estudantes do clube esportivo, apadrinhados pelo diretor. Dois deles saíram feridos e seis outros acabaram sendo expulsos do alojamento. As seqüelas desse incidente perduraram por muito tempo, causando pequenas discussões praticamente diárias. No alojamento reinava uma atmosfera sufocante, e todos viviam com os nervos à flor da pele. Quase apanhei dos estudantes do clube esportivo, mas Nagasawa interveio e conseguiu acalmar os ânimos. De qualquer forma, era chegada a hora de cair fora dali.

Com a maioria das provas feitas, comecei a procurar seriamente um local para morar. Levei uma semana para finalmente encontrar um lugar adequado no subúrbio de Kichijoji. A localização era um pouco ruim no que dizia respeito a transportes, mas, para minha felicidade, era uma casa. Foi o que se pode chamar de um achado. A casa, antes uma casa de caseiro ou algum outro tipo de chalé, ficava em um canto de um espaçoso terreno, e entre ela e a casa principal estendia-se um jardim muitíssimo maltratado. Como os proprietários utilizavam a entrada da frente e eu a de trás, era possível mantermos nossa privacidade. A casa tinha um quarto, uma pequena cozinha, banheiro e, além disso, um enorme armário embutido totalmente fora dos padrões normais. Havia até uma varanda que dava de frente para o jardim. A condição para alugar a casa era a de eu me mudar caso os netos dos proprietários viessem morar em Tóquio no ano seguinte, e talvez fosse essa a razão de o aluguel ser muito mais em conta do que o seu valor de mercado. Os proprietários, um casal de idosos muito simpáticos, me deixaram à vontade, dizendo que eu poderia viver como quisesse, pois não fariam nenhuma exigência.

Nagasawa me ajudou na mudança. Alugou uma caminhonete para transportar meus pertences e, como prometido, me presenteou com sua geladeira, sua televisão e sua enorme garrafa térmica. Para mim eram presentes maravilhosos. Dois dias depois, ele também se mudaria do alojamento para um apartamento em Mita.

— Acho que não vamos nos ver durante algum tempo, então boa sorte — disse ele na hora de nos separarmos. — Mas, como eu disse antes, tenho a impressão de que daqui a muitos anos nossos caminhos vão se cruzar em algum lugar estranho.

— Já estou ansioso — falei.

— Falando nisso, naquela noite em que trocamos as garotas, a feia era sem dúvida melhor.

— Concordo com você — afirmei rindo. — Mas, Nagasawa, aconselho você a cuidar bem de Hatsumi. É difícil achar uma moça legal como ela e, além disso, ela é muito mais sensível do que aparenta.

— É, eu sei — disse ele, aquiescendo. — Por isso, seria perfeito se você pudesse tomar conta dela depois de mim. Acho que vocês fariam um par perfeito.

— Deixe de brincadeira! — exclamei atônito.

— Estou só de gozação — disse Nagasawa. — Bem, seja feliz. Talvez muita coisa aconteça na sua vida, mas tenho certeza de que você sempre vai conseguir o que quer, pois é bem cabeça-dura. Será que você aceitaria um conselho meu?

— Claro.

— Nunca sinta pena de si mesmo — disse ele. — Isso é coisa para babacas.

— Vou me lembrar disso — falei. Nós nos despedimos com um aperto de mão. Ele partiu em direção a um novo mundo, e eu voltei para o meu pântano.

Três dias depois da mudança, escrevi uma carta para Naoko. Descrevi minha nova casa e disse como me sentia feliz e aliviado por ter me livrado da bagunça do alojamento e não precisar mais me envolver com os idiotas que moravam lá e suas idéias igualmente idiotas. Queria começar uma nova vida, com uma motivação renovada.

A janela dá para um amplo jardim que serve de ponto de encontro para os gatos da vizinhança. Quando estou sem fazer nada, deito na varanda para observá-los. Não sei quantos são, mas, em todo caso, são muitos. Todos se estiram para pegar sol. Parecem não ter gostado de eu ter vindo morar aqui, mas quando pus um queijo velho do lado de fora alguns se aproximaram temerosos e o comeram. Quem sabe em breve nos tornemos amigos? Entre eles há um macho listrado com metade de uma orelha cortada, assustadoramente parecido com o diretor do alojamento onde eu morava. Eu não me assustaria se ele logo começasse a hastear a bandeira nacional no jardim.

Estou um pouco mais longe da universidade, mas não acho que seja nada problemático, pois quando começarem as matérias profissionalizantes o número de aulas na parte da manhã vai diminuir. Ao contrário, deverá ser até melhor, já que vou poder ler meus livros no trem com calma. Agora só me falta procurar um trabalho não muito pesado três ou quatro vezes por semana perto de Kichijoji. Assim poderei voltar a me dar corda todos os dias.

Não quero precipitar as coisas, mas a primavera é a estação perfeita para se iniciar coisas novas e acho que seria ótimo se pudéssemos morar juntos a partir de abril. Se tudo der certo, você poderia voltar a estudar na faculdade. Se houver problemas em morarmos juntos de verdade, posso procurar um apartamento para você aqui por perto. O mais importante é poder estarmos sempre próximos um do outro. É claro que não precisa ser necessariamente na primavera. Se você achar melhor no verão, para mim está ótimo. Sem problemas. Poderia me mandar uma resposta dizendo o que acha disso?

Estou pensando em trabalhar mais a partir de agora. Para cobrir os custos da mudança. Quando se começa a morar sozinho gasta-se uma boa grana com coisas de casa: panelas, louças e coisas assim. Mas em março terei mais tempo e quero ir visitá-la a qualquer custo. Diga qual a melhor data para eu planejar minha viagem a Kyoto. Espero ansiosamente sua resposta e o dia do nosso encontro.

Passei os dois ou três dias seguintes comprando as coisas de que precisava em Kichijoji e comecei a preparar em casa refeições simples. Numa loja dos arredores, comprei madeira que mandei cortar para fazer uma mesa de estudos. Decidi usá-la provisoriamente também para as refeições. Instalei também prateleiras e comprei condimentos. Uma gata branca, que devia ter

uns seis meses, se afeioou a mim e começou a comer dentro de casa. Dei-lhe o nome de Gaivota.

Depois de ter arrumado a casa até certo ponto, fui à cidade e arrumei um emprego temporário como pintor, trabalhando duas semanas seguidas como aprendiz. O salário era bom, embora fosse um trabalho duro e o solvente me deixasse meio tonto. Quando o trabalho terminava, eu ia a uma lanchonete jantar e tomar cervejas e, ao voltar para casa, brincava com a gata e por fim caía morto na cama. Duas semanas se passaram e a resposta de Naoko não chegava.

Enquanto eu pintava, lembrei-me repentinamente de Midori. Dei-me conta de que não falava com ela havia umas três semanas. Nem mesmo a havia informado da mudança. Dissera-lhe apenas que estava pensando em me mudar e ela não demonstrou maior interesse.

Entrei numa cabine telefônica e liguei para o seu apartamento. Alguém, provavelmente sua irmã, atendeu e, quando eu lhe disse o meu nome, pediu-me para esperar um pouco. Porém, por mais que eu esperasse, Midori não aparecia.

— Olhe, Midori está muito zangada e mandou dizer que não está a fim de conversar com você — disse a pessoa que talvez fosse sua irmã. — Você simplesmente se mudou e não avisou, não foi? Não deixou o novo endereço e simplesmente sumiu do mapa. Por isso ela está tão chateada. E quando ela fica zangada é um custo fazê-la voltar ao normal. Vira um verdadeiro bicho.

— Peça a ela para atender, eu posso explicar.

— Ela disse que dispensa suas explicações.

— Então será que eu poderia explicar para você? Detesto fazer isso, mas você poderia escutar e dizer a ela?

— Não quero me meter nisso — disse a provável irmã de Midori secamente. — Entenda-se você mesmo com ela. Afinal, você é homem ou não é? Portanto, assuma a responsabilidade.

Sem outra solução, agradei educadamente e desliguei. Vi-me forçado a admitir que Midori tinha razão em estar zangada. Eu estava de tal forma ocupado com a mudança, com a arrumação da nova casa e com o trabalho para conseguir mais dinheiro que havia

acabado me esquecendo totalmente dela. Sempre fui assim. Quando estou concentrado em alguma coisa, não tenho olhos para nada mais à minha volta.

Imaginei como eu me sentiria se, ao contrário, fosse Midori quem houvesse se mudado sem deixar o endereço novo e sem se comunicar comigo durante três semanas. Eu certamente ficaria magoado. E sem dúvida a mágoa seria profunda. Não éramos amantes, mas havia entre nós uma intimidade ainda mais profunda do que entre amantes. Fiquei desolado ao pensar nisso. Odiei a mim mesmo por ter ferido sem querer o coração de alguém, principalmente o coração de uma pessoa tão importante para mim.

Ao voltar para casa depois do trabalho, sentei-me à mesa nova para escrever uma carta para Midori. Escrevi francamente tudo o que estava sentindo. Pedi-lhe desculpas, sem pretextos ou justificativas, por minha falta de atenção e insensibilidade. “Quero muito me encontrar com você. Gostaria que viesse conhecer minha casa nova. Por favor, responda”, escrevi. Colei um selo de envio expresso e pus a carta na caixa dos correios.

Porém, por mais que esperasse, não chegava nenhuma resposta.

Foi um início de primavera estranho. Passei minhas férias de primavera à espera das respostas às minhas cartas. Não viajei, não visitei minha família, nem trabalhei. Tudo porque não sabia quando a carta de Naoko chegaria informando a data exata em que eu poderia visitá-la. Durante o dia, eu assistia a uma sessão dupla num cinema de Kichijoji ou passava a metade do dia lendo um livro em algum café que tocava *jazz*. Não me encontrava nem conversava com praticamente ninguém. Uma vez por semana, escrevia para Naoko. Em minhas cartas, não sugeria que respondesse. A idéia de pressioná-la me desagradava. Escrevi sobre o trabalho de pintor, sobre Gaivota, sobre as flores do pessegueiro do jardim da casa, sobre a simpática vendedora de *tofu* e a quitandeira mal-humorada, e também sobre os pratos que preparava todos os dias para minhas refeições. Mesmo assim, não recebi resposta.

Quando me cansei de ler livros e ouvir discos, comecei pouco a pouco a cuidar do jardim. Peguei emprestado com o

proprietário uma vassoura, um ancinho, uma pá e uma tesoura de podar e me entreguei ao trabalho de eliminar as ervas daninhas e aparar os viçosos arbustos no tamanho adequado. Bastou um pouco de trato para o jardim se tornar maravilhoso. Ao me ver cuidando do jardim, o proprietário me convidou para beber chá. Fomos nos sentar na varanda da casa principal e bebemos chá acompanhado de biscoitos de arroz enquanto conversávamos amenidades. Ele me contou que, depois da aposentadoria, havia trabalhado como diretor numa companhia de seguros, mas demitira-se havia dois anos e agora aproveitava a vida de aposentado. As casas e o terreno eram seus de longa data, e com os filhos crescidos e vivendo suas próprias vidas ele não tinha mais nada a fazer a não ser viver tranqüilamente sua velhice. Por isso, ele e a esposa viviam viajando.

— Que maravilha! — exclamei.

— Nem um pouco — disse ele. — Nossas viagens não têm graça nenhuma. Eu preferiria estar trabalhando.

Ele me explicou que o jardim ficara descuidado porque ele não conseguia encontrar um jardineiro competente nas redondezas, e que na verdade ele próprio poderia ter cuidado disso não fosse pela alergia cada vez mais forte que o impedia de mexer com plantas. “É mesmo?”, limitei-me a dizer.

Depois do chá ele me levou até o depósito de ferramentas e, desculpando-se por não poder me recompensar pelo trabalho, autorizou-me a usar qualquer objeto que lá houvesse já que para ele eram todos desnecessários.

De fato, o depósito estava cheio de coisas: um ofurô, uma piscina infantil, tacos de beisebol. Achei uma bicicleta velha e uma mesa de jantar não muito grande com duas cadeiras, um espelho e um violão, e perguntei ao proprietário se ele não se importaria que eu os usasse. Ele me autorizou a utilizá-los à vontade.

Gastei um dia inteiro tirando a ferrugem da bicicleta, pondo óleo, enchendo os pneus e ajustando as marchas, e levando-a então à loja de consertos para substituir a correia. Com isso, a bicicleta ficou com jeito de nova. Passei verniz na mesa depois de tirar por completo a camada de poeira. Também troquei todas as

cordas do violão e coleí as partes de madeira da caixa que ameaçavam se soltar. Removi com cuidado a ferrugem com uma escova de cerdas de metal e ajustei as cravelhas. Não era um instrumento de boa qualidade, mas a princípio produzia sons afinados. A bem da verdade, desde os tempos do secundário eu não punha as mãos num violão. Sentei-me à varanda e toquei lentamente “Up on the Roof”, dos Drifters, recordando os exercícios de outrora. Curiosamente, ainda me lembrava da maioria dos acordes.

Em seguida, usei o que restara da madeira para fazer uma caixa de correspondência, pinteí-a de vermelho e escreví meu nome nela, fincando-a em frente à porta. Porém, até o dia 3 de abril, apenas uma correspondência redirecionada para o novo endereço entrou na caixa, um aviso de reunião da turma do colégio da qual eu não desejava de modo algum participar. Era nessa turma que eu e Kizuki havíamos estudado juntos. Joguei o aviso na lixeira.

Na tarde de 4 de abril, encontrei uma carta na caixa de correspondência. No verso estava escrito o nome Reiko Ishida. Cortei cuidadosamente a borda do envelope com a tesoura e, sentado à varanda, comecei a ler a carta. Pressenti que não deveriam ser boas notícias, o que confirmei à medida que fui lendo.

No início, Reiko se desculpava pela demora na resposta à minha carta. Comentou que Naoko lutava consigo mesma para redigir uma resposta e, como não conseguia de jeito nenhum ir até o fim, Reiko havia se oferecido várias vezes para fazê-lo, alegando que não era justo me deixar esperando. Naoko insistia que aquilo era um assunto estritamente pessoal e que ela própria deveria escrever, e esse era o motivo da longa demora. Reiko pedia ainda que eu as desculpasse pela preocupação que tivessem me causado.

Deve ter sido um sofrimento para você esperar um mês inteiro pela resposta, mas pode-se dizer que também foi um mês difícil para Naoko. Por favor, entenda. Para ser sincera, o estado dela no momento não é dos melhores.

Ela tentou se recuperar por si própria, mas até agora não houve nenhum resultado positivo.

Olhando em retrospecto, o primeiro sintoma foi sua incapacidade de escrever cartas. Isso começou no final de novembro ou início de dezembro. Depois disso, começaram aos poucos as alucinações. Sempre que ela tentava escrever alguma coisa, várias pessoas começavam a falar com ela e atrapalhavam sua concentração. Eles a atrapalhavam quando ela tentava escolher as palavras certas. Mas até a sua segunda visita esses sintomas se manifestavam de forma branda e, para ser honesta, eu própria não lhes dei maior importância. Até certo ponto, existe uma periodicidade nesses nossos sintomas. Porém, depois que você foi embora, os sintomas se agravaram substancialmente. Agora ela tem enorme dificuldade até mesmo para manter uma conversa simples. É incapaz de escolher as palavras. Por isso ela no momento está muito confusa. Confusa e assustada. As alucinações têm piorado gradualmente.

Temos sessões diárias com médicos especialistas. Naoko, eu e o médico conversamos os três sobre diversos assuntos. Tentamos descobrir exatamente que parte está quebrada dentro dela. Propus, na medida do possível, realizar uma sessão incluindo você, e apesar de o médico estar de acordo Naoko se opôs. Transmito exatamente a razão que ela deu: “Quando eu o encontrar, quero fazê-lo de corpo limpo”, foram as suas palavras. Tentei de todo modo convencê-la de que o problema não era esse, e que ela deveria se recuperar o quanto antes, mas foi em vão.

Como lhe expliquei antes, este não é um hospital especializado. É claro que dispomos de especialistas e tratamentos eficazes, mas seria complicado conduzir uma terapia intensiva aqui. O objetivo desta instituição é criar um ambiente eficaz que permita aos pacientes se

tratarem por conta própria, e isso, para ser exata, não inclui tratamentos médicos. Portanto, se o estado de Naoko piorar, será preciso transferi-la para outro hospital ou instituição médica. Pessoalmente sofro muito com isso, mas talvez seja a única solução. É claro que essa transferência, caso seja necessária, seria um tipo de “licença” temporária, e ela poderia voltar para cá depois de completado o tratamento. Ou, na melhor das hipóteses, ela pode se recuperar completamente e talvez ter alta. Em todo caso, estamos nos empenhando ao máximo e Naoko também. Por favor, não deixe de rezar você também para que ela se recupere. E continue a escrever para ela como tem feito até agora.

A carta era do dia 31 de março. Depois de lê-la, continuei sentado na varanda observando o jardim primaveril. A velha cerejeira estava quase no auge da floração. O vento era suave e a luz irradiava uma estranha e turva coloração. Gaivota logo apareceu e, depois de afiar as garras nas tábuas do assoalho da varanda durante algum tempo, estendeu-se prazerosamente ao meu lado e acabou dormindo.

Eu sabia que precisava refletir, mas não tinha idéia exatamente sobre o quê, ou como. Além disso, para ser sincero, não queria pensar em nada. Logo chegaria uma hora em que eu não teria escolha, e imaginei que poderia deixar para pensar então com calma. Naquele momento, não tinha intenção de refletir sobre nada.

Passei o dia inteiro na varanda encostado em uma pilastra, contemplando o jardim e acariciando Gaivota. Tinha a sensação de estar completamente esgotado. A tarde estava no fim, o crepúsculo chegou, e logo todo o jardim foi envolvido pelas sombras levemente azuladas da noite. Gaivota desapareceu, mas eu continuei a admirar as flores da cerejeira. Na penumbra primaveril, as flores pareciam uma carne viva irrompendo de uma ferida infeccionada. O jardim se enchia do aroma putrefato, doce e pesado daquela carne podre. Foi então que pensei no corpo de Naoko. Seu lindo corpo estendido na

escuridão, e surgindo de sua pele inúmeros brotos de plantas, pequenos e verdes, oscilando ligeiramente ao sabor da brisa. Por que um corpo tão magnífico tinha de adoecer? Por que eles não deixavam Naoko em paz?

Entrei no quarto e fechei as cortinas, mas o aroma da primavera já havia impregnado todo o ambiente. O aroma invadia tudo sobre a terra. Mas a única coisa que ele me trazia à mente era um odor pútrido. Dentro do quarto, com todas as cortinas fechadas, odiei mortalmente a primavera. Odiei tudo o que a primavera me trouxera. Odiei a dor surda que ela havia provocado no mais fundo de mim. Era a primeira vez na vida que sentia alguma coisa com tamanha intensidade.

Vivi estranhamente os três dias que se seguiram, com a sensação de caminhar no fundo do mar. Era incapaz de ouvir direito o que as pessoas me diziam e, quando eu dirigia a palavra a alguém, não era compreendido. Era como se houvesse uma membrana ajustada hermeticamente ao redor do meu corpo. Por causa dela, eu era incapaz de manter contato com o mundo exterior. No entanto, ao mesmo tempo, *eles* tampouco conseguiam me tocar. Eu havia perdido as forças, mas enquanto estivesse naquele estado eles também nada poderiam fazer contra mim.

Encostado à parede, eu olhava vagamente para o teto, comia qualquer coisa ao alcance da mão quando sentia fome, bebia água e, quando a tristeza me invadia, bebia uísque até perder os sentidos. Não tomava banho nem fazia a barba. Passei três dias assim.

No dia 6 de abril chegou uma carta de Midori. Ela propunha nos encontrarmos no pátio da universidade no dia 10, dia da matrícula, e irmos almoçar juntos. “Adiei essa resposta o quanto pude, o que nos deixa quites, então vamos fazer as pazes. Confesso que estou com saudades”, escrevia. Reli a carta quatro vezes, mas não entendi muito bem o que ela queria dizer. Afinal, o que significava essa carta? Minha cabeça estava oca e eu era incapaz de concatenar frase com frase. Por que me encontrar com ela no “dia da matrícula” significava que estávamos quites? Por que ela queria “almoçar” comigo? Imaginei que eu também devia estar

começando a enlouquecer. Minha mente havia se afrouxado, como as raízes encharcadas de uma planta subterrânea. Com a cabeça vazia, pensei que precisava sair daquele estado. Não poderia continuar daquele jeito. Nesse momento, de repente, lembrei-me das palavras de Nagasawa: “Nunca sinta pena de si mesmo. Isso é coisa para babacas.”

“Ah, Nagasawa, você é fantástico”, pensei. E levantei-me com um suspiro.

Lavei roupa, o que não fazia havia algum tempo, tomei banho e fiz a barba, limpei o quarto, comprei o necessário para preparar uma refeição decente, dei comida para a faminta Gaivota, bebi apenas cerveja e fiz ginástica por trinta minutos. Foi só quando me vi no espelho ao fazer a barba que percebi o quanto meu rosto havia se tornado macilento. Meus olhos saltavam das órbitas, eu mal era capaz de me reconhecer.

No dia seguinte, fui dar um pequeno passeio de bicicleta e, depois de voltar para casa e almoçar, reli a carta de Reiko. Então comecei a pensar seriamente sobre como proceder dali em diante. A principal razão do choque que havia sofrido ao ler a carta de Reiko era o fato de ela ter destruído em frações de segundo minha visão otimista de que Naoko estava caminhando para uma cura completa. Naoko dissera que sua doença tinha raízes profundas, e Reiko avisara que não se sabia o que poderia acontecer. Apesar disso, eu havia visitado Naoko duas vezes e tivera a impressão de que estava melhorando, acreditando que recuperar a coragem de voltar a viver em sociedade seria o único problema que ela teria de enfrentar. Se ela fosse capaz de recobrar essa coragem, eu tinha certeza de que unindo nossas forças tudo correria bem.

Mas a carta de Reiko servira para fazer ruir num instante o castelo de ilusões que eu havia construído sobre uma frágil hipótese, deixando apenas uma superfície plana e apática. Eu precisava fazer alguma coisa para me restabelecer. Imaginei que demoraria bastante para Naoko se recuperar de novo. E, mesmo que ela se recuperasse, estaria mais debilitada e teria ainda menos confiança em si mesma do que antes. Eu teria de me adaptar a essa nova situação. Estava consciente de que o simples fato de me

tornar mais forte obviamente não resolveria todos os problemas, mas, de qualquer forma, a única coisa que eu podia fazer era continuar otimista. Depois disso, só me restava esperar pacientemente pela recuperação dela.

Olhe, Kizuki, pensei. Ao contrário de você, eu escolhi viver da melhor maneira que for capaz. Certamente foi difícil para você, mas é difícil para mim também. Estou falando sério. Tudo isso é culpa sua por ter se matado deixando Naoko para trás. Mas eu não vou abandoná-la de jeito nenhum, entendeu? Por que eu a amo e sou mais forte do que ela. E vou me tornar ainda mais forte do que agora. Vou amadurecer. Vou me tornar adulto. Essa é a minha obrigação. Até agora eu quis continuar vivendo sempre como se tivesse 17 ou 18 anos. Mas já não penso mais assim. Não sou mais um adolescente. Sinto-me responsável. Sabe, Kizuki, eu não sou mais o mesmo da época em que convivíamos. Acabei de fazer 20 anos. E tenho de pagar o preço para continuar vivendo.

— Nossa, Toru, o que houve? — perguntou Midori. — Você está só pele e osso!

— Está tão ruim assim?

— Trepou demais com a tal mulher casada?

Meneei a cabeça rindo.

— Desde outubro do ano passado que não sei o que é ir para a cama com uma garota.

Midori deu um assovio.

— Você não transa há mais de seis meses? Conte outra.

— É verdade.

— Então por que emagreceu tanto?

— Porque virei adulto — falei.

Midori pôs as mãos sobre os meus ombros e me olhou bem nos olhos. Franziu a testa por alguns instantes e acabou dando uma gargalhada.

— É verdade. Alguma coisa em você parece ter mudado.

— Eu já lhe disse que é porque virei adulto.

— Você é mesmo fantástico, sabia? Só mesmo você para pensar uma coisa assim — disse ela, parecendo impressionada. — Vamos almoçar. Estou morrendo de fome.

Decidimos ir comer num pequeno restaurante atrás da faculdade de letras. Pedi o prato do dia e ela me acompanhou.

— Toru, você está zangado comigo? — perguntou Midori.

— Por que estaria?

— Bem, por eu ter custado a lhe responder, só de vingança. Você acha que eu não deveria ter agido assim? Afinal de contas, você pediu desculpas educadamente.

— O errado fui eu, então mereci — respondi.

— Minha irmã me azucrinou o juízo dizendo que eu não deveria agir assim. Ela me disse que eu fui intransigente e infantil.

— Mas isso a deixou aliviada? Ter se vingado?

— Deixou.

— Então tudo bem.

— Você é realmente muito tolerante, não é? — disse Midori.

— Mas fale a verdade, Toru, você não transa mesmo há seis meses?

— Nem uma vez — falei.

— Isso significa que naquele dia em que me pôs para dormir você estava subindo pelas paredes?

— Bem, acho que sim.

— Mesmo assim não fez nada, ou fez?

— Você hoje é minha melhor amiga e não pretendo estragar isso — respondi.

— Se naquela noite você tivesse tentado alguma coisa, eu não seria capaz de negar. Estava exausta.

— Mesmo eu sendo duro e grande?

Ela sorriu tocando meu pulso de leve.

— Pouco antes disso, eu decidi acreditar em você. Cem por cento. Por isso consegui dormir em paz e profundamente naquela noite. Eu sabia que tudo ficaria bem, que eu estaria segura com você ao meu lado. Dormi pesado mesmo, não foi?

— Com certeza — respondi.

— E se fosse o contrário, se você me dissesse: “E aí, Midori, vamos transar? Tudo vai ser maravilhoso, acredite, venha”, eu provavelmente o faria. Mas não pense que estou dizendo essas coisas para tentar seduzir você ou provocá-lo. Só estou lhe dizendo sinceramente o que penso.

— Tenho certeza disso — respondi.

Enquanto comíamos, verificamos nossas inscrições e descobrimos que havíamos nos inscrito em duas disciplinas em comum. Depois ela me contou sobre sua vida. Tanto a irmã quanto ela custaram um pouco a se adaptar à vida no novo apartamento. Isso porque ela se tornara muito mais agradável do que a que tinham tido até então. Midori explicou que elas haviam se acostumado a estar sempre cuidando de algum doente ou ocupadas ajudando no trabalho da livraria.

— Mas nestes últimos tempos começamos a achar que é uma vida boa — disse Midori. — Essa é a vida que deveríamos ter vivido desde o começo. Podemos esticar as pernas como achamos melhor sem precisar fazer cerimônias por causa de ninguém. No início, isso nos deixou nervosas. Como se nossos corpos estivessem flutuando a 2 ou 3 centímetros do chão. Sentíamos que aquilo tudo era mentira, que uma vida tão tranquila não deveria existir na realidade. Estávamos tensas à espera de que tudo voltasse ao que era antes.

— Irmãs que se preocupam unidas — falei rindo.

— Até agora foi muito difícil para nós — disse Midori. — Mas eu não me importo. Daqui para a frente vamos fazer tudo a que tínhamos direito e não fizemos.

— Tenho certeza de que vocês vão conseguir — falei. — O que sua irmã tem feito todos os dias?

— Três vezes por semana, ela ajuda uma amiga que abriu recentemente uma loja de bijuterias em Omotesando. Além disso, aprende a cozinhar, sai com o noivo, vai ao cinema, fica de papo para o ar, enfim, está aproveitando a vida.

Midori perguntou sobre minha nova vida e eu lhe falei sobre a casa nova, o amplo jardim, a gata Gaivota e meu senhorio.

— Está gostando?

— Não é ruim — respondi.

— Mesmo assim, você parece desanimado — disse Midori.

— E olhe que é primavera.

— E está vestindo o lindo suéter que sua namorada tricou.

Olhei espantado para o suéter cor de vinho que estava usando.

— Como você sabe?

— Você é realmente honesto. É claro que estava só chutando — disse Midori desconcertada. — Mas você está mesmo desanimado, não está?

— Estou tentando me animar.

— Pense na vida como uma lata de biscoitos.

Depois de menear a cabeça várias vezes, olhei para o rosto de Midori.

— Talvez seja por eu não ser muito inteligente, mas às vezes não consigo entender nada do que você diz.

— Numa lata de biscoitos há vários tipos: de alguns a gente gosta e de outros não gosta muito, não é? Se comermos primeiro todos os biscoitos de que gostamos, no final só sobram os de que não gostamos muito. Sempre penso nisso quando acontece alguma coisa dolorosa na minha vida. Se faço alguma coisa que não me agrada agora, as coisas se tornam mais fáceis depois. Por isso digo que a vida é uma lata de biscoitos.

— Acho que podemos chamar isso de uma filosofia.

— Mas é verdade. Aprendi na prática — disse Midori.

Enquanto tomávamos café, duas colegas de classe de Midori entraram no restaurante e as três mostraram entre si as grades de disciplinas, antes de começarem a conversar por algum tempo sobre assuntos variados. “Como foram suas notas em alemão no ano passado?” “Vocês souberam que fulano foi ferido durante as manifestações de sua facção estudantil?” “Que sapatos maravilhosos. Onde você comprou?” Eu ouvia sem prestar muita atenção, com a sensação de que sua conversa chegava aos meus ouvidos vinda do outro lado do planeta. Observava pela janela a

paisagem do lado de fora enquanto bebia meu café. Era a paisagem primaveril comum na universidade. Céu nublado, cerejeiras em flor e estudantes com jeito de calouros andando pelas ruas com livros novos debaixo do braço. Enquanto contemplava essa paisagem, recomecei a sentir um certo vazio por dentro. Pensei em Naoko, que também neste ano não pudera voltar à universidade. Ao lado da janela fora colocado um pequeno vaso contendo anêmonas.

Depois que as duas se despediram voltando para sua mesa, Midori e eu deixamos o restaurante para passear pela cidade. Demos uma volta pelos sebos onde compramos alguns livros, paramos para um café, jogamos fliperama num salão de jogos e depois nos sentamos no banco de um parque para conversar. Na maior parte do tempo, Midori falava e eu apenas aquiescia. Quando ela disse estar com sede, fui comprar duas Coca-Colas numa confeitaria próxima. Quando voltei, ela escrevia alguma coisa a caneta numa folha de seu bloco de anotações. Perguntei do que se tratava, e ela respondeu não ser nada de importante.

Às três e meia, Midori me disse que precisava ir embora porque havia marcado com a irmã em Ginza. Andamos até a estação de metrô onde nos despedimos. Nesse momento, Midori enfiou no bolso do meu casaco a folha de papel do bloco de anotações dobrada em quatro. Disse-me para lê-la ao chegar em casa. Li-a no trem.

Escrevo esta carta enquanto você está comprando Coca-Cola. No meu caso é a primeira vez que escrevo para alguém que está sentado ao meu lado num banco de jardim. Mas se não o fizer assim provavelmente jamais serei capaz de lhe transmitir o que sinto. Afinal, por mais que eu fale, você parece não me ouvir. Estou errada?

Você sabia que hoje fez uma coisa terrível comigo? Nem reparou que mudei de penteado! Tive um trabalho enorme para deixar o cabelo crescer aos poucos até poder mudar para um penteado mais feminino no final da semana passada. Nem nisso você reparou, não é? Como ficou bem bonito, eu pretendia impressioná-lo, já que

fazia tempo que não nos víamos, mas você não concorda que foi horrível não ter reparado? Duvido até que você se lembre da roupa que eu estava usando hoje. Sou uma garota, lembra? Por mais que esteja absorto em outros pensamentos, você poderia pelo menos olhar um pouco para mim! Se tivesse comentado apenas algo como “Lindo penteado”, eu o perdoaria, não importa o que você fizesse depois ou por mais que estivesse com a cabeça em outro lugar.

Por isso, vou lhe pregar uma mentira agora. Não é verdade que marquei encontro com minha irmã em Ginza. Eu pretendia passar a noite na sua casa e tinha até trazido meu pijama. Isso mesmo! Na minha bolsa tem um pijama e uma escova de dentes. Ah, que idiota eu sou! Você sequer me convidou para ir à sua casa. Mas, tudo bem, vou deixá-lo sozinho, já que você não liga a mínima para mim e parece preferir a solidão. Entregue-se por inteiro a seus pensamentos, remoendo-os até seu coração ficar satisfeito.

Mas não me entenda mal. Eu não estou furiosa com você. Estou só triste. Porque aparentemente não há nada que eu possa fazer por você, apesar de você ter sido tão gentil comigo quando tive meus problemas. Você está sempre trancado no seu próprio mundo. Eu bato na porta, chamo seu nome, mas você só ergue os olhos e logo depois parece voltar ao estado anterior.

Você está voltando com nossos refrigerantes. Parece pensar enquanto caminha e eu torço para que leve um tombo, mas você não caiu. Agora está sentado ao meu lado bebendo avidamente sua Coca-Cola. Eu esperava ansiosa que ao voltar você dissesse: “Ei, você mudou de penteado”, mas foi em vão. Se você tivesse reparado, eu rasgaria esta carta em pedacinhos e sugeriria: “Vamos até sua casa. Eu preparo um succulento jantar. Depois disso podemos dormir juntos.” Mas você é insensível como uma chapa de aço. Até logo.

P.S. Por favor não me dirija a palavra na próxima vez que nos encontrarmos na aula.

Tentei ligar da estação Kichijoji para o apartamento de Midori, mas ninguém atendeu. Como não tinha nada especial para fazer, vaguei pelas ruas da cidade à procura de um trabalho de meio expediente compatível com os horários da universidade. Eu poderia trabalhar nos fins de semana ou depois das cinco da tarde às segundas, quartas e quintas, mas quem disse que encontrei um trabalho que se ajustasse aos meus horários? Desisti e voltei para casa. Quando saí para fazer as compras do jantar, telefonei novamente para Midori. Sua irmã atendeu e disse que Midori ainda não havia voltado e que não sabia a que horas voltaria. Agradei e desliguei o telefone.

Depois do jantar, tentei escrever uma carta para Midori, mas depois de várias tentativas infrutíferas acabei decidindo escrever para Naoko.

Escrevi que a primavera havia chegado e com ela começava um novo ano letivo. Disse-lhe o quanto sentia sua falta e que desejava vê-la e conversar com ela a qualquer custo. Acrescentei que, de qualquer forma, havia decidido ser forte e acreditava que esse era o único caminho para mim.

“Tem mais uma coisa. Sei que é uma questão que diz respeito só a mim e pode não ser importante para você, mas já não vou para a cama com mais ninguém. Isso porque não quero esquecer suas carícias. Para mim elas foram muito mais importantes do que você pode imaginar. Estou sempre relembrando aquele momento.”

Pus a carta no envelope, coleí o selo e, sentado à mesa, contemplei-a durante algum tempo. Foi uma carta muito mais curta do que as outras que lhe enviara, mas tinha a impressão de que provavelmente serviria melhor para lhe transmitir meus pensamentos. Servi-me dois dedos de uísque, bebi em dois goles e fui dormir.

No dia seguinte, encontrei, perto da estação de Kichijoji, um trabalho apenas aos sábados e domingos: garçom num pequeno restaurante italiano. Embora as condições não fossem das melhores, eles pagavam o almoço e a passagem. Foi conveniente para mim, pois combinamos que eu poderia substituir os garçons da noite às segundas, quartas e quintas, quando eles tirassem folga, o que costumavam fazer com certa freqüência. O gerente me garantiu que depois de três meses de trabalho eu teria um aumento de salário e quis que eu comesse no sábado seguinte. Comparado com o gerente imprestável da loja de discos de Shinjuku, ele me pareceu um homem correto e sério.

Quando telefonei para o apartamento de Midori, a irmã novamente atendeu e disse que Midori não havia voltado desde o dia anterior e que ela também estava querendo saber onde ela fora parar. Perguntou-me com a voz cansada se eu tinha idéia de onde ela poderia estar. Tudo o que eu sabia é que ela carregava na bolsa um pijama e uma escova de dentes.

Vi Midori na aula de quarta-feira. Ela vestia um suéter verde-escuro e estava com os óculos escuros que costumava usar durante o verão. Estava sentada na última fileira e conversava com uma moça franzina de óculos que eu vira apenas uma vez antes. Fui até lá e disse-lhe que gostaria de ter uma conversa com ela depois da aula. A moça de óculos olhou primeiro para mim e em seguida foi a vez de Midori. Seu novo penteado era sem dúvida muito mais feminino do que o anterior. Dava-lhe ares de mulher adulta.

— Tenho compromisso — disse Midori inclinando levemente a cabeça.

— Não vou tomar muito seu tempo. Só cinco minutos — falei.

Midori tirou os óculos de sol e semicerrou os olhos. Era o olhar de alguém que observa a uma distância de 100 metros uma casa desmoronando.

— Não quero conversar com você. Desculpe.

A moça de óculos me fitava com olhos que diziam: “Ela já disse que não está a fim de papo com você.”

Sentei-me no canto direito da primeira fileira para assistir à aula (Introdução ao Teatro de Tennessee Williams — Seu Lugar na Literatura Americana) e, ao terminar, contei lentamente até três antes de olhar para trás. Midori havia desaparecido.

Foi muito triste passar todo o mês de abril completamente sozinho. Aos meus olhos, aquela era uma época do ano em que todo mundo em volta parecia feliz. As pessoas tiravam o casaco, conversavam sob o sol brilhante, jogavam bola e se apaixonavam. Eu, porém, vivia em completa solidão. Naoko, Midori, Nagasawa: todos haviam se afastado de onde eu estava. Não havia ninguém a quem eu pudesse cumprimentar com um bom-dia ou boa-tarde. Eu sentia saudades até do Nazista. Passei o mês de abril nessa inconsolável solidão. Tentei algumas vezes falar com Midori, mas obtinha sempre a mesma resposta. Ela dizia, num tom de voz aparentemente sério, que não queria conversar no momento. Estava invariavelmente acompanhada da garota de óculos e, quando não, de um rapaz alto de cabelos curtos. As pernas do rapaz eram extremamente longas e ele sempre calçava tênis de basquete brancos.

Terminado abril, entramos em maio, e nesse mês as coisas pioraram em relação ao mês anterior. Conforme a primavera avançava, eu não podia deixar de sentir o tremor no meu coração. Isso em geral acontecia ao cair da noite. Quando a fragrância das magnólias se espalhava suavemente pelo ar no lusco-fusco, meu coração se apertava sem motivo, tremia, era transpassado pela dor. Nessas horas eu permanecia imóvel, fechava os olhos e apertava os dentes com força. Esperava a sensação passar. E ela acabava passando, devagar, ao seu próprio ritmo, deixando atrás de si uma dor aguda.

Nesses momentos, eu escrevia para Naoko. Nas cartas, só falava de coisas agradáveis, simpáticas ou bonitas. Escrevia sobre o cheiro da relva, a refrescante brisa primaveril, a luz do luar, um filme visto, uma canção de que gostara ou um livro que me emocionara.

Consolava-me relendo tudo o que escrevia nas cartas. E assim acreditava que o mundo em que vivia era fenomenal. Escrevi várias cartas desse tipo. Não recebi nenhuma resposta, nem de Naoko, nem de Reiko.

No restaurante em que trabalhava, conheci um rapaz chamado Ito, estudante do mesmo ano que eu, com quem conversava às vezes. Levou um bom tempo até eu conseguir estabelecer um diálogo com esse rapaz de temperamento calmo, estudante de pintura a óleo em uma universidade de belas-artes. Logo começamos a sair depois do expediente para bater papo regado a cerveja em algum bar das redondezas. Ele também gostava de ler e ouvir música, e os temas das nossas conversas giravam portanto sobre assuntos correlatos. Ele era magro, bonito, tinha cabelos curtos e uma aparência asseada, longe do arquétipo do estudante de belas-artes da época. Não era de falar muito, mas tinha gosto e idéias bem definidos. Gostava de literatura francesa, adorava ler Georges Bataille e Boris Vian, e ouvir Mozart e Maurice Ravel. Assim como eu, procurava um amigo com quem pudesse conversar sobre esses assuntos.

Certo dia ele me convidou para ir a seu apartamento. Ficava num prédio de um único andar, de construção um pouco incomum, situado atrás do parque Inokashira. Seu quarto estava repleto de material de pintura e telas. Pedi-lhe para ver seus quadros, mas ele se recusou dizendo que eram obras indignas de serem exibidas. Bebemos uísque Chivas Regal que ele trouxera escondido da casa do pai e comemos peixe frito num pequeno braseiro ao som do concerto para piano de Mozart, executado por Robert Casadesus.

Ito era de Nagasaki e havia deixado uma namorada em sua cidade natal. Toda vez que voltava para lá, ia para a cama com ela. No entanto, confessou-me que ultimamente as coisas não andavam bem entre eles.

— Você sabe como são as garotas — disse ele. — Quando chegam aos 20 ou 21 anos, começam a pensar num monte de coisas com mais seriedade. Tornam-se terrivelmente realistas. Quando isso acontece, tudo nelas que era extremamente gracioso se torna banal e tedioso. Sempre que nos vemos, depois de

fazermos sexo, vem a invariável pergunta: “O que você pretende fazer depois de formado?”

— E o que você pretende fazer? — perguntei.

Ele meneou a cabeça enquanto mordida um peixe.

— O que posso fazer? Sou estudante de artes, não tenho muita opção. Se for se preocupar com isso, ninguém estuda pintura a óleo. Em primeiro lugar, não tenho meu ganha-pão garantido depois de formado. Mas quando digo isso ela me aconselha a voltar para Nagasaki e me tornar professor de artes. Ela pretende ser professora de inglês.

— Você não está mais muito apaixonado por ela, está?

— Provavelmente não — admitiu Ito. — Além disso, não tenho intenção de me tornar professor de artes. Não quero terminar minha vida ensinando pintura a um bando de secundaristas que se comportam como macacos mal treinados.

— Independentemente disso, não seria melhor terminar de uma vez seu relacionamento? Seria melhor para os dois — falei.

— Também penso assim. O problema é que fico com pena de dizer isso a ela. Ela tem intenção de viver comigo. Como posso chegar e dizer: “Olhe, vamos nos separar porque não gosto mais de você”?

Bebemos Chivas sem gelo e, quando terminamos de comer todos os peixes, cortamos pepino e aipo em tiras bem finas, que mastigamos depois de temperá-las com missô. Enquanto trincava o pepino, lembrei-me do falecido pai de Midori. Fiquei deprimido imaginando como minha vida havia se tornado insossa depois de perder Midori. Sem perceber, sua presença crescera e se tornara importante dentro de mim.

— Você tem namorada? — perguntou Ito.

Depois de inspirar fundo, respondi que sim, mas que naquele momento certas circunstâncias nos obrigavam a viver longe um do outro.

— Mas vocês têm o mesmo sentimento um pelo outro?

— Acho que sim. Do contrário estou perdido — falei em tom de brincadeira.

Ele falou tranqüilamente sobre a grandiosidade de Mozart. Conhecia-o a fundo, como um camponês conhece na palma da mão as veredas das montanhas. Explicou-me que era a paixão de seu pai e desde os 3 anos de idade ouvia suas obras. Meus conhecimentos sobre música clássica não lhe chegavam aos pés, mas ouvindo aquele concerto de Mozart entremeado por suas explicações apropriadas e carregadas de emoção (“Ouça esse trecho.” “Que tal esse?”), pela primeira vez em séculos senti-me verdadeiramente em paz. Bebemos até a última gota do Chivas Regal, admirando a lua crescente pairando sobre o parque Inokashira. Uísque maravilhoso.

Ito propôs que eu dormisse em sua casa, mas recusei alegando um compromisso, agradei pelo uísque e fui embora antes das nove. No caminho de volta, entrei numa cabine telefônica e liguei para Midori. Surpreendi-me quando ela atendeu o telefone.

— Desculpe, mas no momento não quero conversar com você — disse ela.

— Sei disso melhor do que ninguém. Já ouvi isso inúmeras vezes. Mas não quero que nosso relacionamento termine assim. Você é realmente uma das minhas poucas amigas e é muito doloroso para mim não poder mais me encontrar com você. Quando vamos poder conversar de novo? É só isso que eu quero saber.

— Vou avisar você. No momento oportuno.

— Tudo bem com você? — perguntei.

— Tudo — respondeu ela. E desligou o telefone.

Em meados de maio, chegou uma carta de Reiko.

Obrigada por todas as cartas. Naoko adora lê-las. Eu também as leio. Você não se importa, não é mesmo?

Desculpe por demorar tanto tempo para escrever. Para ser sincera, eu andava um pouco cansada e faltavam boas novidades. O estado de Naoko não é bom. Há alguns dias a mãe dela veio de Kobe e depois de conversarmos a quatro — ela, Naoko, o médico e eu —

concordamos que Naoko deve ser transferida para um hospital especializado por algum tempo, para se submeter a um tratamento intensivo, e a volta dela para cá dependerá dos resultados alcançados. Naoko preferiria continuar aqui até se curar, e de minha parte fico triste e preocupada sabendo que ela vai se afastar daqui, mas francamente está se tornando cada vez mais complicado para nós controlá-la. Na maior parte do tempo ela não demonstra nenhum problema em particular, mas às vezes suas emoções se tornam terrivelmente instáveis e nesses momentos não podemos despregar os olhos dela. Não sabemos o que pode acontecer. Ela sofre de fortes alucinações e acaba se fechando completamente dentro de seu próprio mundo.

Por isso, também acho que será melhor para ela internar-se e receber tratamento num estabelecimento adequado por algum tempo. É triste, mas não podemos fazer mais nada. Como eu lhe disse antes, o que mais precisamos ter agora é paciência. Temos de desembaraçar os fios emaranhados um por um, sem perder as esperanças. Por mais desesperador que pareça o estado dela, acabaremos, sem dúvida, encontrando o fio principal. Se estamos no escuro, o jeito é passar algum tempo parados, até nossos olhos se acostumarem à escuridão.

Quando esta carta chegar a suas mãos, Naoko já deverá ter sido transferida para esse hospital. Peço-lhe desculpas por não ter avisado antes, mas tudo foi decidido muito rápido. O novo hospital tem ótima reputação. E ótimos médicos também. Mande suas cartas diretamente para o endereço do hospital que escrevo abaixo. Como vão me manter informada, eu lhe escreverei caso alguma coisa aconteça. Espero poder mandar boas notícias. Sei que também é difícil para você, mas não perca o ânimo. Mesmo sem Naoko por aqui, escreva para mim de vez em quando.

Até breve.

Nessa primavera escrevi inúmeras cartas. Uma vez por semana para Naoko, várias cartas para Reiko e algumas para Midori. Escrevia durante as aulas da universidade, em casa diante da escrivaninha com Gaivota no colo, durante o intervalo de descanso na mesa do restaurante italiano. Aparentemente, escrever era a forma que finalmente havia encontrado para salvar minha vida que ameaçava desmoronar.

Para Midori, escrevi: “Os meses de abril e maio foram dolorosos e tristes por não poder conversar com você. Foi a primavera mais infeliz da minha vida. Teria sido melhor três fevereiro seguidos do que uma primavera igual a essa. De nada adianta lhe dizer isso agora, mas seu novo penteado combina bem com você. É muito charmoso. Estou trabalhando agora num restaurante italiano e o cozinheiro me ensinou a receita de um espagete delicioso. Gostaria de um dia prepará-lo para você.”

Fui diariamente às aulas e trabalhei no restaurante italiano duas ou três vezes por semana, conversei com Ito sobre livros e música, li alguns livros de Boris Vian que ele me emprestou, escrevi cartas, brinquei com Gaivota, preparei espagete, cuidei do jardim, me masturbei pensando em Naoko e assisti a um monte de filmes.

Foi por volta de meados de junho que Midori me dirigiu a palavra. Havia dois meses que não nos falávamos. Quando a aula terminou, ela veio se sentar ao meu lado e durante algum tempo permaneceu calada, com o queixo apoiado entre as mãos. Pela janela, eu via a chuva caindo. Uma chuva típica da estação de chuvas, fina e sem vento, que encharcava tudo uniformemente. Mesmo depois de todos saírem, Midori continuou calada por muito tempo, na mesma posição. Tirou então um Marlboro do bolso da calça *jeans* e me entregou a caixa de fósforos. Acendi seu cigarro com um deles. Ela arredondou os lábios soltando a fumaça no meu rosto devagar.

— Gostou do meu penteado?

— Está maravilhoso.

— Maravilhoso como? — perguntou ela.

— A ponto de derrubar todas as árvores das florestas do mundo inteiro — respondi.

— Está falando sério?

— Estou.

Ela me encarou por algum tempo e por fim estendeu-me a mão direita. Eu a segurei. Ela parecia mais aliviada do que eu. Depois de deixar cair no chão as cinzas do cigarro, levantou-se devagar.

— Vamos almoçar. Estou morrendo de fome — disse ela.

— Aonde vamos?

— Ao restaurante da loja de departamentos Takashimaya em Nihonbashi.

— Por que vamos lá?

— Às vezes gosto de ir lá.

Tomamos então o metrô até Nihonbashi. Provavelmente devido à chuva que caía sem parar desde a manhã, a loja estava praticamente às moscas. O cheiro de chuva pairava em seu interior e os empregados pareciam ociosos. Fomos ao restaurante no subsolo e, depois de verificarmos minuciosamente as amostras dos pratos expostos na vitrine, decidimos os dois comer um prato tradicional de arroz, pickles, peixe grelhado, tempura e frango. Apesar de ser horário de almoço, o restaurante não estava muito cheio.

— Nossa, há tempos eu não comia no restaurante de uma loja de departamentos — falei sorvendo o chá de uma xícara branca e lisa, do tipo que só se vê nesses restaurantes.

— Gosto desses lugares — disse Midori. — Tenho a sensação de estar fazendo alguma coisa especial. Deve ser por alguma recordação da infância. Meus pais quase nunca me levavam a lojas de departamentos.

— Eu me lembro de ir sempre. Minha mãe adorava fazer compras nessas lojas.

— Que bom para você.

— Não era tão bom assim. Nunca gostei de ir a lojas.

— Não falei nesse sentido. Queria dizer que foi bom você ter crescido com o carinho dos seus pais.

— Bom, eu era filho único, sabe como é — expliquei.

— Quando eu era pequena, pensava que quando crescesse iria sozinha ao restaurante de uma loja de departamentos e comeria até me empanturrar — disse Midori. — Mas o triste da história é que não tem graça comer sozinha num lugar destes. A comida não é gostosa, e é só um lugar grande, cheio de gente, barulhento e abafado. Mesmo assim, sinto vontade de vir comer aqui de vez em quando.

— Estive triste nesses últimos dois meses — falei.

— Senti isso nas suas cartas — admitiu Midori numa voz sem inflexão. — Bom, vamos comer. No momento não consigo pensar em mais nada.

Comemos todos os pequenos pedaços fritos, grelhados e em conserva contidos nos compartimentos separados da elegante caixa laqueada em forma de meia-lua, tomamos o caldo de algas e bebemos chá. Midori fumou um cigarro. Ao terminar, pegou seu guarda-chuva e se levantou devagar sem dizer nada. Eu também peguei meu guarda-chuva e me levantei.

— Aonde vamos agora? — perguntei.

— Ao terraço, claro. É onde normalmente se costuma ir quando se almoça no restaurante desta loja, não é? — disse Midori.

Não havia viva-lma no terraço sob a chuva. Nem mesmo os vendedores na seção de artigos para animais de estimação. Tanto as barraquinhas quanto a bilheteria dos brinquedos infantis estavam fechadas. Midori e eu abrimos nossos guarda-chuvas e passeamos por entre os cavalos de madeira, as cadeiras do jardim e os estandes molhados. Espantei-me ao constatar que no meio de Tóquio podia haver um lugar tão desolado e inóspito. Midori disse que queria olhar pelo telescópio, então pus uma moeda e segurei o guarda-chuva acima de sua cabeça enquanto ela apertava os olhos para espiar.

Em um canto do terraço, alguns brinquedos infantis se enfileiravam na área coberta. Midori e eu nos sentamos lado a lado sobre uma espécie de estrado e ficamos admirando o cair da chuva.

— Diga alguma coisa — pediu Midori. — Tenho certeza de que você tem alguma coisa para me dizer.

— Não pretendo me justificar, mas naquele dia estava deprimido e não conseguia raciocinar direito. Não prestava atenção em nada que estava acontecendo — falei. — Mas percebi uma coisa durante esse tempo em que ficamos sem nos ver. Entendi que o único motivo de eu ter sobrevivido até então foi ter você ao meu lado. Sem você, a dor e a solidão me atingiram em cheio.

— Você não pode nem imaginar, Toru, como eu também sofri e fui infeliz nesses dois meses em que não nos vimos.

— Eu não sabia — falei admirado. — Pensei que você não quisesse me ver porque estava furiosa comigo.

— Como você pode ser tão idiota? É claro que eu queria me encontrar com você. Eu disse o quanto gosto de você, não disse? Não sou uma pessoa volúvel que gosta e deixa de gostar com facilidade. Será que nem isso você é capaz de entender?

— Claro, mas é que...

— Eu estava furiosa mesmo, com vontade de chutar você umas cem vezes. Afinal, depois de tanto tempo sem nos vermos, você estava distraído, pensando em outra mulher e nem se importava em olhar para mim. Era natural que eu ficasse zangada. Não só por isso, mas eu já vinha mesmo pensando se não seria melhor nos separarmos por algum tempo. Para esclarecer as coisas entre nós.

— Que tipo de coisas?

— Nosso *relacionamento*, claro. Aos poucos foi ficando mais divertido estar com você do que com meu namorado. Você não acha isso estranho? É claro que gosto dele e, apesar de ele ser um pouco caprichoso, intolerante e fascista, tem muitos lados bons, sem contar que foi a primeira pessoa por quem me apaixonei de verdade. Mas você é especial para mim. Quando estou com você, sinto que estamos em perfeita sintonia. Eu confio em você. Gosto de você. Não pretendo me afastar de você. De modo que estava me sentindo cada vez mais confusa. Fui pedir um conselho a ele. “O que devo fazer?”, perguntei. Ele me respondeu que eu deveria parar

de me encontrar com você. Se não fizesse isso, ele romperia comigo.

— E o que aconteceu então?

— Rompi de vez com ele. — Midori levou um Marlboro à boca, acendeu protegendo-o com a mão em concha e em seguida inalou a fumaça.

— Por quê?

— *Por quê?* — gritou Midori. — Você não está batendo bem da cabeça? Sabe o subjuntivo do inglês, entende trigonometria, consegue ler Marx, mas não consegue entender uma coisa simples como esta? Por que está me perguntando isso? Por que está forçando uma garota como eu a dizer isso? É óbvio que é porque eu gosto de você mais do que dele. Eu preferiria ter me apaixonado por um homem mais bonito. Mas o que posso fazer? Eu me apaixonei por você.

Tentei falar, mas era como se alguma coisa na minha garganta impedisse a passagem das palavras.

Midori atirou o cigarro numa poça d'água.

— Pare de fazer essa cara horrorosa, por favor. Vai acabar me fazendo chorar. Não se preocupe. Não tenho nenhuma esperança, pois sei que você é apaixonado por outra pessoa. Mas não poderia pelo menos me abraçar? Afinal, as coisas também foram difíceis para mim nesses dois meses.

Atrás do salão de jogos, nós nos abraçamos debaixo do guarda-chuva. Pressionamos nossos corpos um contra o outro com força, e nossos lábios se encontraram. Seus cabelos e as mangas da jaqueta *jeans* cheiravam a chuva. “Como é macio e morno o corpo de uma garota”, pensei. Senti seus seios apertados contra meu peito sob o casaco. Ocorreu-me que há muito tempo não tinha um contato físico assim.

— Conversei com ele naquela mesma noite em que nos encontramos pela última vez. E me separei dele — disse Midori.

— Eu amo você — falei. — De todo o coração. Não quero deixá-la nunca mais. Mas eu não posso fazer nada. No momento, não posso tomar nenhuma decisão.

— Por causa dela?

Assenti com a cabeça.

— Diga-me, você já foi para a cama com ela?

— Só uma vez. Há um ano.

— E nunca mais a viu desde então?

— Nós nos vimos duas vezes. Mas não aconteceu nada — expliquei.

— Por que não? Ela não ama você?

— Não saberia dizer — respondi. — A situação é complicada. Uma confusão que já dura muito tempo e, para falar a verdade, eu já não entendo mais nada. Nem eu nem ela. A única coisa de que tenho certeza é que, como ser humano, tenho uma certa responsabilidade sobre tudo isso. Não posso simplesmente fugir a esse dever. Pelo menos é assim que vejo as coisas agora. Mesmo que ela não me ame.

— Vou lhe dizer uma coisa, eu sou uma pessoa de carne e osso — disse Midori pressionando o rosto contra meu pescoço. — Você está me abraçando e eu estou confessando o meu amor. Eu faço qualquer coisa que você disser. Posso ter um lado meio maluco, mas sou sincera e tenho bom caráter, sou trabalhadora, bastante bonita, tenho seios legais, sou boa cozinheira e meu pai me deixou em uma situação financeira confortável. Você não acha que sou um excelente partido? Se você me deixar escapar, vou acabar nas mãos de outro.

— Preciso de um tempo — falei. — Tempo para pensar, para pôr meus pensamentos em ordem, para chegar a uma conclusão. Desculpe, mas no momento é tudo que posso dizer.

— Mas você me ama mesmo do fundo do seu coração e não quer me deixar nunca mais, não é?

— Eu disse isso e é verdade.

Midori afastou-se, olhando-me e sorrindo.

— Tudo bem. Vou esperar. Porque confio em você — disse ela. — Mas quando você me escolher, escolha *só a mim*. Quando me abraçar, abrace *só a mim*. Está entendendo o que eu quero dizer?

— Perfeitamente.

— Faça comigo o que bem entender, mas nunca me magoe. Já fui magoada o suficiente na minha vida até agora. Eu quero ser feliz.

Puxei-a para junto de mim num abraço e a beijei.

— Largue essa droga de guarda-chuva e me abraçe forte com as duas mãos — pediu Midori.

— Sem o guarda-chuva vamos acabar encharcados.

— Não faz mal, nem um pouco. Quero ser abraçada sem pensar em mais nada. Há dois meses esperava por isso.

Deixei cair o guarda-chuva a meus pés e abracei Midori com força debaixo da chuva. Só o som abafado dos pneus dos carros passando pela rodovia próxima nos envolvia como uma neblina. A chuva continuava a cair sem parar, sem fazer barulho, molhando nossos cabelos, rolando como lágrimas por nossos rostos e tingindo de uma cor escura seu *jeans* e meu casaco impermeável de náilon amarelo.

— Que tal irmos para um lugar coberto? — sugeri.

— Vamos para o meu apartamento. Não tem ninguém lá agora. Aqui, vamos acabar pegando um resfriado.

— Tem toda razão.

— Não parece que cruzamos um rio a nado? — disse Midori rindo. — Ah, como foi bom!

Compramos uma toalha grande na seção de artigos de cama e, alternadamente, secamos nossos cabelos no toalete. Em seguida pegamos o metrô até seu apartamento em Myogadani. Midori me deixou tomar uma ducha primeiro, entrando depois de mim. Emprestou-me um roupão até minhas roupas secarem e vestiu uma camisa pólo e uma saia. Tomamos café sentados à mesa da cozinha.

— Fale-me sobre você — pediu Midori.

— O que você quer saber?

— Bom... o que você detesta?

— Carne de frango, doenças venéreas e barbeiros que falam demais.

— E o que mais?

— Noites solitárias de abril e telefones cobertos com capas rendadas.

— E o que mais?

Sacudi a cabeça.

— Não me ocorre mais nada além disso.

— Meu namorado, ou melhor, meu ex-namorado, detestava um monte de coisas. Odiava me ver usando minissaia, odiava que eu fumasse ou ficasse bêbada logo, ou ainda que dissesse coisas indecentes ou falasse mal dos amigos dele... Por isso, diga logo se existe alguma coisa em mim de que você não gosta, e eu consertarei se puder.

— Não consigo pensar em nada — falei meneando a cabeça depois de refletir um pouco. — Não há nada.

— Está falando sério?

— Gosto das roupas que você usa e de tudo que se relaciona a você: o que faz, o que diz, seu jeito de andar e de ficar bêbada, tudo.

— Não há nada mesmo que queira mudar em mim?

— Não sei como você poderia mudar, então deve estar bem assim.

— Quanto você me ama? — perguntou Midori.

— A ponto de todos os tigres das selvas do mundo inteiro se dissolverem até virarem manteiga — respondi.

— Hum — disse Midori, aparentando estar até certo ponto satisfeita. — Pode me abraçar de novo?

Nós nos abraçamos na cama de seu quarto. Beijamo-nos debaixo das cobertas escutando o cair da chuva e conversando sobre todo tipo de coisas, desde a formação do mundo até a preferência de cada um quanto à consistência dos ovos cozidos.

— O que será que as formigas fazem em dias de chuva? — perguntou Midori.

— Não sei — falei. — Provavelmente estão ocupadas com a limpeza do formigueiro ou pondo em ordem os estoques de comida. Você sabe como as formigas são trabalhadoras.

— Se trabalham tanto, não entendo por que não evoluíram e continuam a ser formigas.

— Não sei por quê. Mas certamente sua estrutura física não se presta à evolução. Quero dizer, quando comparada à dos macacos.

— Pelo visto tem muita coisa que você não sabe, Toru — disse Midori. — E eu que imaginava que você soubesse praticamente tudo sobre tudo.

— O mundo é imenso — retruquei.

— Altas montanhas, mares profundos — disse Midori. Ela deslizou a mão por dentro do roupão de banho e segurou meu pênis duro. Então engoliu em seco. — Falando sério, Toru, você vai me desculpar, mas, sem brincadeira, isso não vai dar certo. Essa coisa tão grande e dura não vai caber dentro de mim. De jeito nenhum.

— Você está gozando da minha cara — falei com um suspiro.

— Claro que estou — disse Midori, rindo baixinho. — Tudo bem. Fique descansado. Tenho certeza de que vai caber. Posso dar uma boa olhada?

— Fique à vontade — respondi.

Midori entrou debaixo das cobertas e me apalpou de todas as maneiras possíveis. Puxou a pele do meu pênis e sentiu o peso dos testículos com a palma da mão. Depois pôs a cabeça para fora das cobertas e respirou.

— Adorei. Não é adulação. Adorei mesmo.

— Obrigado — agradei.

— Mas, Toru, você não quer transar comigo, não é? Até esclarecer toda essa situação?

— Não é que eu não queira — falei. — Estou quase enlouquecendo de tesão. Mas simplesmente não seria direito.

— Que homem mais cabeça-dura! Se estivesse no seu lugar, eu *mandava ver*. Depois pensava no assunto.

— Você faria mesmo isso?

— Não, é mentira — disse Midori numa voz débil. — Acho que eu desistiria. Na sua situação, eu também não transaria comigo. É isso que eu amo em você. Amo mesmo.

— Quanto você me ama? — perguntei, mas ela não respondeu. Em vez disso, ela se grudou em mim, pousou os lábios

sobre meu mamilo e começou a mexer devagar a mão que segurava meu pênis. A primeira coisa que me veio à mente foi a diferença entre as formas como ela e Naoko o seguravam. Ambas eram delicadas e maravilhosas, mas havia alguma coisa diferente e eu senti aquilo como uma experiência totalmente nova.

— Está pensando nela, não é?

— Não, não estou — menti.

— Verdade?

— É verdade, acredite.

— Eu odiaria se isso acontecesse.

— Não *consigo* pensar em mais ninguém — afirmei.

— Quer tocar meus peitos ou lá embaixo? — perguntou Midori.

— Adoraria, mas por enquanto talvez seja melhor não. Se fizermos tudo isso de uma só vez vai ser demais para mim.

Midori assentiu, revirou-se dentro das cobertas para despir a calcinha, enrolando-a no meu pênis.

— Pode gozar nela.

— Mas vai sujar.

— Não me faça chorar dizendo essas besteiras — disse Midori numa voz lacrimosa. — É só lavar depois, não é? Não se segure, goze à vontade. Se isso o incomodar, compre uma calcinha nova e me dê de presente. Ou vai me dizer que não consegue gozar porque não gosta da minha calcinha?

— Claro que não — respondi.

— Então vamos lá. Goze!

Quando terminei, ela examinou meu esperma.

— Boa quantidade, hein — disse ela aparentando admiração.

— Foi demais?

— Pare com isso. Não seja bobo. Goze o quanto quiser — disse Midori rindo e me beijando.

À tardinha, ela deu uma saída para fazer compras para o jantar. Nós nos sentamos à mesa da cozinha tomando cerveja e comendo tempura acompanhado de arroz com ervilhas.

— Coma bastante para seu corpo produzir bastante esperma — disse Midori. — Pode deixar que depois eu o ajudo a se livrar dele.

— Obrigado — falei.

— Conheço várias maneiras. Quando tínhamos a livraria, aprendi muito lendo as revistas femininas. Certa vez saiu um suplemento especial com várias técnicas para mulheres que não podiam fazer sexo durante a gravidez, para impedir que os maridos as traíssem. Existem muitas maneiras. Quer tentar?

— Mal posso esperar — falei.

Depois de me despedir de Midori, comprei um jornal na estação e o abri no trem a caminho de casa para só então me dar conta de que não só não estava com vontade de lê-lo como não conseguia me concentrar em seu conteúdo. Observava fixamente as incompreensíveis manchetes da primeira página, sem parar de pensar para onde afinal a vida estava me levando e como as coisas estavam se transformando à minha volta. Parecia que o mundo estava pulsando ao meu redor. Dei um profundo suspiro e fechei os olhos. Não estava de forma alguma arrependido do que havia feito naquele dia e, caso fosse possível voltar no tempo, certamente repetiria cada ação. Abraçaria Midori debaixo da chuva do terraço, ficaríamos encharcados, e, deitado em sua cama, deixaria seus dedos me fazerem gozar. Não tinha dúvidas quanto a isso. Eu amava Midori e estava feliz por ela ter voltado para mim. Acreditava que com ela poderia dar certo. E, como ela mesma dissera, ela era uma garota de carne e osso que havia entregado seu corpo morno aos meus abraços. Abraçá-la foi tudo que pude fazer para reprimir meu violento desejo de despi-la, fazê-la abrir seu corpo e mergulhar no seu calor. Fui incapaz de impedir que ela segurasse meu pênis e começasse a mexer a mão. Eu queria que ela fizesse isso, ela queria fazê-lo, e nós estávamos apaixonados. Quem poderia impedir uma coisa dessas? Era verdade: eu estava apaixonado por Midori. E provavelmente já sabia disso antes. Só havia evitado por muito tempo chegar a essa conclusão.

O problema era não poder explicar para Naoko o rumo que as coisas haviam tomado. As circunstâncias não me permitiam dizer

a ela naquele momento que eu havia me apaixonado por outra garota. Além disso, eu ainda amava Naoko. Por mais que esse sentimento tivesse tomado uma forma estranha e distorcida, eu não tinha dúvidas quanto a meu amor por ela, e havia um espaço imenso e intocado reservado para ela em meu coração.

A única coisa que eu podia fazer era escrever para Reiko uma carta sincera onde confessaria tudo. Voltei para casa, sentei-me na varanda e, contemplando o jardim à noite sob a chuva, fui pondo as frases em ordem na minha mente. Depois me sentei à mesa para escrever a carta. “É quase insuportável para mim ter de escrever uma carta assim para você”, comecei. Expliquei-lhe então meu relacionamento com Midori e o que havia acontecido entre nós naquele dia.

Continuo a amar Naoko da mesma forma que sempre a amei. Mas o que existe entre mim e Midori é algo definitivo. Sinto que é uma força irresistível que provavelmente vai continuar nos arrastando em direção ao futuro. Meu amor por Naoko é muito calmo, meigo e inocente, bem diferente do tipo de sentimento que tenho por Midori. Meu amor por Midori se levanta e anda sozinho, respira, palpita. Ele me faz vibrar todo por dentro. Estou confuso, sem saber o que fazer. Não pretendo me justificar, mas acho que vivi de forma honesta comigo mesmo até agora, sem nunca mentir para ninguém. Sempre tive o cuidado de não magoar ninguém. Mesmo assim fui atirado para dentro desse labirinto. Como é possível? Não consigo explicar. Não sei o que fazer. Você pode me dizer? Você é a única pessoa a quem posso pedir um conselho.

Colei um selo de envio expresso e na mesma noite deposei a carta numa caixa de correio.

A resposta de Reiko chegou cinco dias depois, no dia 17 de junho.

Antes de mais nada, as boas notícias. Fui informada de que Naoko está se recuperando mais depressa do que o esperado. Conversei com ela uma vez ao telefone, e sua voz estava bastante lúcida. É possível que ela volte para cá em breve.

Agora, quanto a você.

A meu ver, você não deveria levar as coisas tão a sério. Amar outra pessoa é uma coisa maravilhosa, e se esse sentimento for sincero, ninguém pode se sentir atirado num labirinto. Confie em si mesmo.

Meu conselho é muito simples. Em primeiro lugar, se você se sente mesmo tão atraído por essa moça Midori, é natural que tenha se apaixonado por ela. Pode ser que dê certo, pode ser que não. Mas as coisas do coração em geral são assim mesmo. Uma vez apaixonado, é natural se entregar à paixão. Essa é a minha maneira de ver as coisas. É uma forma de sinceridade.

Em segundo lugar, sobre fazer ou não sexo com Midori, isso é uma questão pessoal sobre a qual eu não poderia opinar. Vocês precisam conversar com calma para chegar à sua própria conclusão, a uma conclusão que faça sentido para os dois.

Em terceiro lugar, não toque no assunto com Naoko. Se a situação chegar ao ponto em que for preciso dizer alguma coisa, vamos discutir entre nós dois a melhor maneira de fazê-lo. Por enquanto, é melhor evitar abrir o jogo com ela. Deixe isso comigo.

Em quarto lugar, até agora você deu um enorme apoio a Naoko e, mesmo que não sinta mais o amor físico de um namorado, ainda há muitas coisas que pode fazer por ela. De modo que você não deve pensar muito seriamente sobre isso. Nós (e me refiro aqui a todas as pessoas, tanto as normais quanto as que não o são) somos seres imperfeitos vivendo num mundo imperfeito. Nossa vida não tem a exatidão de uma conta bancária,

nem de réguas ou esquadros que medem com precisão comprimentos e ângulos. Estou errada?

Minha impressão é que Midori parece ser uma moça excepcional. Posso entender lendo suas cartas o porquê de sua atração por ela. Também entendo por que você se sente atraído por Naoko. Convenhamos que não é nenhum crime. Isso acontece muito neste vasto mundo. É como sair de barco num lindo lago num dia lindo e pensar que tanto o céu quanto o lago são lindos. Pare de se torturar. Deixe as coisas seguirem por si mesmas na direção acertada, pois, por mais que você se esforce, quando as pessoas tiverem que se magoar elas vão se magoar. É a vida. Pode parecer presunção da minha parte, mas já está na hora de você aprender sobre essa forma de viver. Às vezes você parece exagerar quando tenta adaptar a vida ao seu modo de viver. Se não quiser ser internado num hospital psiquiátrico, tente abrir mais o coração e se deixar levar pelo fluxo dos acontecimentos. Mesmo uma mulher impotente e imperfeita como eu às vezes acha que a vida pode ser maravilhosa. Juro que é verdade. Portanto, alegre-se. Esforce-se para ser feliz.

Obviamente, eu sinto muitíssimo que as coisas entre você e Naoko não tomem o rumo de um final feliz. Mas quem pode afirmar o que teria sido melhor? Portanto, agarre essa oportunidade sem se preocupar com mais ninguém, se você acredita que ela lhe trará felicidade. Pela minha experiência pessoal, as chances de ser feliz só acontecem duas ou três vezes no curso de uma vida, e se você as deixa escapar, vai se arrepender para o resto de seus dias.

Toco violão todos os dias, embora não haja ninguém aqui para escutar. Parece idiota, não? Também não me agradam as noites sombrias e chuvosas. Espero um dia poder voltar a tocar para você e Naoko enquanto comemos uvas em nosso apartamento.

Até lá então.

Reiko Ishida

Reiko me escreveu várias vezes depois que Naoko morreu, dizendo que o que tinha acontecido não era culpa minha nem de ninguém, e, como a chuva, era uma coisa impossível de controlar. Mas eu nunca lhe respondi. O que poderia dizer? Além disso, não adiantava nada. Naoko não existia mais neste mundo, e havia se transformado num punhado de cinzas.

No final de agosto, depois do discreto funeral de Naoko em Kobe, voltei para Tóquio e fui cumprimentar meu senhorio avisando-o de que me ausentaria por algum tempo. Depois desculpei-me com meu patrão por não poder mais continuar a trabalhar. Escrevi a Midori uma carta breve explicando que não podia lhe dizer nada por enquanto e pedindo-lhe para esperar por mim mais um pouco. Nos três dias que se seguiram, fiz um périplo pelos cinemas, assistindo a filmes todos os dias, de manhã à noite. Depois de ver todos os filmes que estavam passando em Tóquio, enfiiei algumas coisas na mochila, retirei todo o dinheiro da minha conta bancária, fui à estação Shinjuku e peguei o primeiro trem expresso que vi.

Não me lembro nem dos lugares aonde fui nem de como os visitei. Lembro-me com excepcional nitidez das paisagens, cheiros e sons, mas não me ocorre de jeito nenhum o nome dos locais. Tampouco sei em que ordem os visitei. Eu ia de uma cidade a outra de trem, de ônibus ou de carona em algum caminhão que passasse, sentado ao lado do motorista, e dormia estendendo o saco de dormir em algum terreno baldio, estação, jardim público, margem de rio, praia ou qualquer outro lugar. Cheguei até a dormir num posto policial e num canto de cemitério. Não me importava o lugar, desde que não incomodasse ninguém e eu pudesse dormir tranqüilamente. Exausto de tanto andar, eu me enfiava no saco de dormir e logo adormecia depois de beber uísque barato. Em cidades hospitaleiras, as pessoas me traziam comida e emprestavam incenso para espantar mosquitos; nas cidades pouco acolhedoras, chamavam a polícia ou me expulsavam dos parques. Em todo caso, para mim

não fazia diferença. Tudo o que eu queria era dormir em cidades desconhecidas.

Quando o dinheiro rareava, eu fazia algum trabalho braçal durante três ou quatro dias, o necessário para meu sustento imediato. Sempre havia trabalho em algum lugar. Eu só me deslocava de cidade em cidade, sem rumo definido. O mundo era vasto e repleto de coisas e pessoas estranhas. Certa vez telefonei para Midori. Estava morrendo de vontade de ouvir a voz dela.

— Talvez você não tenha percebido, mas as aulas da universidade recomeçaram há séculos — disse Midori. — Os professores de algumas disciplinas já estão pedindo para entregar trabalhos. Afinal, o que você pretende fazer? Há três semanas não dá sinal de vida. Onde você está, o que está fazendo?

— Desculpe, mas no momento ainda não posso voltar para Tóquio.

— É só isso que você tem para me dizer?

— Não posso mesmo explicar nada agora. Em outubro...

Sem dizer mais nada, Midori desligou o telefone.

Continuei minha viagem. Às vezes dormia numa pousada barata para tomar banho e fazer a barba. Meu rosto refletido no espelho estava realmente horrendo. A exposição ao sol havia ressecado minha pele, os olhos estavam fundos, e havia manchas e feridas estranhas no meu rosto bronzeado. Eu parecia um homem recém-saído do fundo de uma caverna, mas, olhando bem, não havia dúvidas de que era mesmo o meu rosto.

A essa altura eu já havia descido a costa e me afastado o quanto podia de Tóquio, e talvez estivesse em Tottori ou na costa norte de Hyogo. Margear a costa era cômodo. Sempre havia algum lugar na areia onde eu pudesse dormir confortavelmente. Eu juntava pedaços de madeira para fazer uma fogueira onde pudesse esquentar o peixe seco comprado numa peixaria. Bebia uísque e, ouvindo o marulhar das ondas, pensava em Naoko. Era muito estranho pensar que ela estava morta e já não existia neste mundo. Por mais que eu quisesse, ainda não conseguia aceitar esse fato. Não conseguia acreditar. Mesmo tendo ouvido o som dos pregos

sendo cravados na tampa de seu caixão, eu não conseguia de jeito nenhum me acostumar com o fato de ela ter retornado ao nada.

As lembranças dela ainda estavam vívidas demais na minha memória. Eu ainda me lembrava do dia em que ela pusera meu pênis na boca, de seus cabelos caindo sobre a minha barriga. Ainda podia sentir seu hálito quente, e aquele instante incontrolável em que não pude fazer nada a não ser gozar. Visualizava nitidamente a cena como se ela houvesse acontecido cinco minutos atrás. Tinha a impressão de que ela estava ao meu lado e que bastaria estender o braço para tocá-la. Mas ela não estava lá. Seu corpo já não existia mais neste mundo.

Nas noites insones, vinham-me à mente várias imagens de Naoko. Não havia como detê-las. Dentro de mim estava acumulado um número grande demais de lembranças suas, e assim que uma delas encontrava uma minúscula fresta, todas tentavam sair, uma após a outra. Eu era completamente incapaz de impedir sua enxurrada. Lembrei-me da manhã chuvosa em que ela limpava o viveiro de pássaros e carregava os sacos de ração vestindo uma capa de chuva amarela. Da metade destruída do bolo de aniversário e da sensação de suas lágrimas molhando minha camisa naquela noite. Sim, naquela noite também estava chovendo. Da maneira como ela caminhava ao meu lado no inverno, vestindo seu casaco de pele de camelo. De como ela sempre usava um prendedor no cabelo e vivia mexendo nele. Da forma como me encarava com seu olhar penetrante. E ainda dela vestindo uma camisola azul, sentada no sofá com o queixo apoiado nos joelhos dobrados.

As imagens de Naoko batiam em mim como o refluxo das marés, arrastando meu corpo para um lugar novo e estranho. Lá eu vivia com os mortos. Lá Naoko estava viva, e podíamos conversar ou nos abraçar. Nesse lugar a morte não era o elemento decisivo que punha fim à vida. A morte não passava de um dos muitos elementos formadores da vida. Naoko continuava a viver uma vida com a morte dentro de si. E ela me dizia: “Não se preocupe, Toru, é só a morte. Não dê importância.”

Nesse lugar, eu não sentia tristeza. Afinal, a morte era a morte e, por sua vez, Naoko era Naoko. “Está vendo, não se

preocupe, eu estou aqui, não estou?”, dizia Naoko por trás de um sorriso tímido. Seus pequenos gestos habituais serviam para acalmar meu coração e aliviar minha dor. Se isso é a morte, eu pensava comigo mesmo, então morrer não é ruim. “É verdade”, dizia Naoko, “morrer não é nem um pouco grave. A morte é só a morte, nada mais. E estar aqui torna as coisas muito mais simples.” Naoko falava comigo no silêncio que pontuava o estrondo das ondas sombrias.

Finalmente a maré recuava e eu me via sozinho na praia. Não tinha forças para ir a lugar nenhum e a tristeza me envolvia em profunda escuridão. Então eu chorava. Na verdade não era um choro, mas sim lágrimas que brotavam de mim como suor.

A morte de Kizuki me havia ensinado uma coisa, e eu acreditava ter transformado isso em uma parte de mim mesmo na forma de uma filosofia: “A morte não é o oposto da vida, mas uma parte intrínseca da vida.”

Era verdade. À medida que vivemos, cultivamos simultaneamente a morte. Mas isso é só uma das muitas verdades que temos de aprender. Foi isso que a morte de Naoko me ensinou: que nenhuma verdade, seja ela qual for, é capaz de curar a dor causada pela perda do ser amado. Nenhuma verdade, sinceridade, força ou bondade pode curar a tristeza. Tudo que podemos fazer é superar essa tristeza e aprender alguma coisa com ela, mas isso de nada nos adianta para enfrentar a tristeza seguinte que nos atinge sem aviso. Eu refletia sobre isso dia após dia quando, sozinho à noite, ouvia o marulhar das ondas e o ruído da brisa. Com a mochila nas costas, eu caminhava pela praia naquele início de outono, sempre rumo ao oeste, com os cabelos cheios de areia, comendo pão, bebendo água do cantil e esvaziando várias garrafas de uísque.

Numa noite de vento forte, quando eu chorava enrolado em meu saco de dormir à sombra da carcaça de um navio, um jovem pescador apareceu e me ofereceu um cigarro. Aceitei e fumei pela primeira vez em mais de dez meses. Ele me perguntou a razão das

minhas lágrimas. Menti, dizendo-lhe quase por reflexo que minha mãe havia morrido. Por não suportar a tristeza, eu continuava viajando. Ele demonstrou sincera compaixão por mim. Trouxe de casa uma garrafa de saquê e dois copos.

Bebemos sentados na areia da praia fustigada pelo vento. Ele me contou que havia perdido a mãe aos 16 anos. Falou que, apesar da saúde frágil, sua mãe trabalhava sem parar da manhã até a noite, o que acabou fazendo-a definhar e morrer. Enquanto bebia o saquê, eu o ouvia sem prestar muita atenção, respondendo apenas quando necessário. A conversa parecia pertencer a um mundo totalmente distante. Eu me perguntava por que ele estava me contando tudo aquilo. Subitamente fui tomado por um ódio violento e senti vontade de estrangulá-lo. Que me importa a sua mãe? Eu perdi Naoko! Seu lindo corpo desapareceu para sempre deste mundo! Por que diabos você está me contando a história da sua mãe?

Mas meu ódio desapareceu tão depressa quanto havia surgido. Fechei os olhos e continuei ouvindo com indiferença a interminável história do pescador. Por fim, ele me perguntou se eu não estava com fome. Respondi que não havia comido nada, mas havia pão, queijo, tomate e chocolate na minha mochila. Ele me perguntou o que eu havia comido no almoço e eu respondi pão, queijo, tomate e chocolate. Ao ouvir isso, ele me disse para esperar ali mesmo e desapareceu. Fiz menção de impedi-lo, mas ele sumiu na escuridão sem sequer olhar para trás.

Não havia mais nada a fazer a não ser beber o saquê sozinho. A superfície da areia estava coberta de pedaços de papel dos fogos de artifício soltos na praia, e as ondas, parecendo enfurecidas, emitiam um barulho ensurdecedor ao estourar. Um cachorro esquelético chegou balançando o rabo à procura de comida, andando em volta da pequena fogueira que eu havia preparado, mas, sem encontrar nada, desistiu e foi embora.

Meia hora depois, o jovem pescador voltou trazendo duas caixas de *sushi* e uma nova garrafa de saquê. Incitou-me a comer. Disse-me para comer o peixe da caixa de cima, e para guardar a de baixo onde havia enroladinhos de alga e bolinhos de arroz envoltos

em *tofu* frito para comer no dia seguinte. Serviu o saquê da garrafa em nossos copos. Agradei-lhe e comi o conteúdo da caixa de cima, embora houvesse *sushi* suficiente para duas pessoas. Depois disso, nós dois bebemos mais saquê. Quando chegamos ao ponto de não conseguir beber nem mais uma gota, ele me convidou para dormir em sua casa, mas eu disse que preferia dormir sozinho ali mesmo e ele não insistiu. Na hora de nos despedirmos, retirou do bolso uma nota de 5 mil ienes dobrada em quatro e a enfiou no bolso do meu casaco, pedindo para eu comprar alguma coisa nutritiva para comer, pois eu estava com uma aparência horrível. Recusei alegando que ele já havia me ajudado bastante e que eu não poderia ainda por cima aceitar seu dinheiro, mas ele insistiu. Pedi-me para aceitar, pois aquela era a forma de ele expressar sua compaixão. Não tive outro jeito senão agradecer e aceitar o dinheiro.

Depois que o pescador foi embora, lembrei-me subitamente da minha antiga namorada com quem transei pela primeira vez quando estava no último ano do secundário. Pensei nas coisas abomináveis que havia feito com ela, e isso me deu calafrios. Na época, eu praticamente não havia pensado no que ela estaria pensando, no que estaria sentindo, ou no sofrimento que eu pudesse estar lhe causando. E até aquele momento nunca havia pensado nela. Ela era muito gentil. Mas na época eu não havia prestado a menor atenção nisso, achando sua gentileza uma coisa óbvia. O que ela estaria fazendo agora? Será que havia me perdoado?

Comecei a me sentir terrivelmente indisposto e vomitei ao lado da carcaça do navio. Minha cabeça doía por causa do excesso de álcool, e eu me sentia mal por ter mentido para o pescador e, além disso, ter aceitado seu dinheiro. Pensei que era chegada a hora de voltar para Tóquio. Eu não poderia continuar a vagar eternamente daquele jeito. Enrolei o saco de dormir, enfiei-o na mochila e, com ela nas costas, caminhei rumo à estação de trem da linha nacional. Perguntei ao funcionário da estação como fazer para voltar o quanto antes para Tóquio. Ele consultou os horários e disse que se eu pegasse o trem noturno poderia estar em Osaka pela manhã com apenas uma escala, e de lá poderia ir de trem-bala para

Tóquio. Agradei e comprei a passagem até Tóquio com os 5 mil ienes que havia recebido do pescador. Enquanto esperava pelo trem, comprei um jornal e reparei na data. Era 2 de outubro de 1970. Isso significava que eu havia viajado durante um mês. Sabia que já era hora de voltar ao mundo real.

A viagem de um mês não serviu nem para levantar meu moral nem para aliviar o golpe que a morte de Naoko havia me causado. Voltei para Tóquio praticamente no mesmo estado de um mês antes. Não fui sequer capaz de telefonar para Midori. Não sabia o que lhe dizer, por onde começar. “Tudo terminou e nós dois podemos ser felizes.” Não, estava fora de cogitação. Como quer que eu formulasse a frase, os fatos eram os mesmos: Naoko estava morta e Midori continuava ali. Naoko era uma pilha de cinzas brancas e Midori continuava bem viva.

Fui soterrado por um sentimento de repulsa por mim mesmo. Embora houvesse voltado para Tóquio, enfurnei-me sozinho no meu quarto durante vários dias. Praticamente todas as minhas lembranças não estavam ligadas a pessoas vivas, mas mortas. Os quartos que eu havia reservado para Naoko na casa estavam trancados, os móveis cobertos por panos brancos, e o peitoril das janelas acumulava poeira. Eu passava a maior parte dos meus dias nesses quartos. Pensava em Kizuki. “Finalmente você conseguiu ter Naoko para você”, pensava eu. “Bem, ela era sua desde o início. No final das contas, ela deveria mesmo parar aí. Mas no nosso mundo, neste mundo imperfeito dos vivos, eu fiz o melhor que pude por Naoko. Eu me esforcei para criar uma nova vida para nós dois. Mas, tudo bem, Kizuki. Eu abro mão dela para você. Naoko escolheu você. Ela se enforcou no meio de um bosque escuro como as profundezas do seu coração. Sabe, Kizuki, um dia você arrastou parte de mim para o mundo dos mortos. E agora Naoko puxou outra parte de mim para esse mundo. Às vezes eu me sinto transformado no zelador de um museu. Um museu sem visitantes e totalmente vazio, do qual eu cuido exclusivamente para mim.”

Quatro dias depois de eu voltar para Tóquio recebi uma carta de Reiko. No envelope estava colado um selo de envio expresso. O conteúdo da carta era extremamente simples. “Não consigo entrar em contato com você e estou preocupada. Gostaria que me telefonasse. Vou esperar neste telefone diariamente às nove da manhã e às nove da noite.”

Às nove da noite, telefonei para ela. Reiko atendeu no primeiro toque.

— Como você está? — perguntou ela.

— Vou indo — respondi.

— Será que eu poderia ir visitá-lo depois de amanhã?

— Vir me visitar? Aqui em Tóquio?

— Isso. Eu gostaria de conversar com calma com você.

— Isso significa que você vai sair do pensionato?

— É a única maneira de poder ir vê-lo — disse ela. — Já não era sem tempo. Estou aqui há oito anos. Se ficar mais do que isso, apodreço.

Fiquei calado por alguns instantes, sem saber bem o que dizer.

— Chego à estação Tóquio no trem-bala das 3h20 depois de amanhã. Você poderia ir me buscar? Ainda se lembra do meu rosto? Ou será que depois que Naoko morreu você perdeu o interesse por mim?

— De jeito nenhum — retruquei. — Vou buscá-la depois de amanhã às 3h20 na estação Tóquio.

— Não vai ser difícil me reconhecer. Não deve haver muitas senhoras de meia-idade carregando uma caixa de violão.

De fato, não tive problemas para encontrar Reiko na estação Tóquio. Ela vestia um casaco masculino de *tweed*, calças brancas e tênis vermelhos. Tinha os cabelos curtos como de hábito, com algumas pontas salientes, e segurava na mão direita uma mala de viagem de couro marrom e na esquerda uma caixa preta de violão. Ao me ver, ela abriu um sorriso que lhe acentuou as rugas. Retribuí

naturalmente o sorriso. Peguei a mala de suas mãos e caminhamos um ao lado do outro até a plataforma da linha Chuo.

— Ei, Toru, desde quando você está com essa aparência deplorável? Ou será que essa é a última moda em Tóquio?

— Viajei por uns tempos e só comi porcarias — expliquei. — Fez boa viagem?

— Péssima. No trem-bala não se pode abrir a janela. No meio do caminho, eu quis comprar alguma coisa para comer de um vendedor na plataforma e foi um custo.

— Você poderia ter comprado dos vendedores que passam com carrinhos dentro do trem.

— Aqueles sanduíches insossos e caríssimos? Nem um cavalo prestes a bater as botas se dignaria a comer aquilo. Sempre gostei da comida da estação de Gotenba.

— Desse jeito vão tratar você como uma senhora de idade.

— Não me importo. Sou mesmo uma senhora de idade — afirmou Reiko.

No trem que nos levou até Kichijoji, ela observava pela janela a paisagem de Musashino, calada e curiosa.

— A paisagem mudou muito nesses oito anos? — perguntei.

— Toru, você não pode imaginar como estou me sentindo agora.

— Não faço idéia.

— Estou morrendo de medo, a ponto de perder o juízo. Não sei o que fazer. Fui lançada neste mundo e estou sozinha. — Reiko se calou por alguns instantes. — Mas você não acha que “perder o juízo” é uma expressão maravilhosa?

Segurei sua mão rindo.

— Vai dar tudo certo. Não há por que ter medo. Você saiu de lá por sua própria força de vontade.

— Não foi pela minha força de vontade que saí — retrucou Reiko. — Eu saí do pensionato graças a Naoko. Não suportei continuar lá sem ela e senti necessidade de vir a Tóquio para conversar calmamente com você. Por isso resolvi sair. Se não fosse por isso, eu provavelmente ficaria no pensionato pelo resto dos meus dias.

Assenti com um movimento de cabeça.

— O que você pretende fazer daqui para a frente? — perguntei.

— Vou para Asahikawa. Imagine só: Asahikawa! — respondeu ela. — Uma amiga dos tempos da universidade administra uma escola de música lá e há uns dois ou três anos propôs que eu fosse ajudá-la. Na época recusei por não querer morar num lugar frio. Concorda? É difícil de acreditar que estou finalmente livre e vou morar em Asahikawa. Afinal, aquilo lá é um buraco no fim do mundo.

— Não é tão terrível assim — ri. — Estive lá uma vez e não é uma cidade ruim. Tem um jeitão divertido.

— Está falando sério?

— Claro. É certamente melhor do que viver em Tóquio.

— Bem, eu não tenho mais para onde ir e já mandei minhas coisas — disse ela. — Toru, o que acha de ir me visitar em Asahikawa?

— É claro que eu vou. Mas você pretende ir logo? Não vai ficar algum tempo em Tóquio?

— Bom, se possível eu gostaria de ficar dois ou três dias. Será que você agüenta? Prometo não incomodar.

— Não se preocupe. Vou dormir dentro do armário no meu saco de dormir.

— Tudo por minha causa.

— Não se preocupe. O armário é bem grande.

Reiko batucava compassadamente na caixa do violão que mantinha presa entre as pernas.

— Eu preciso me readaptar antes de ir para Asahikawa. Ainda não estou nem um pouco acostumada com o mundo exterior. Há tantas coisas que não entendo e também tenho andado nervosa. Você poderia me ajudar um pouco? Não tenho ninguém com quem possa contar.

— Farei o que for preciso para ajudar você — falei.

— Será que eu estou atrapalhando?

— Em que sentido estaria atrapalhando?

Reiko me olhou e contraiu o canto dos lábios num sorriso. Depois disso, não disse mais nada.

Depois de descermos na estação de Kichijoji, pegamos um ônibus até a minha casa e, durante o trajeto, quase não conversamos. Fizemos alguns comentários aleatórios sobre as mudanças em Tóquio, sobre sua vida de estudante na universidade de música e sobre minha ida a Asahikawa. Não dissemos nenhuma palavra sobre Naoko. Havia dez meses que eu não via Reiko, mas, caminhando ao seu lado, senti meu coração estranhamente aliviado e reconfortado. Lembrei-me de já ter experimentado a mesma sensação antes. Pensando bem, era exatamente o que eu experimentava quando caminhava com Naoko pelas ruas de Tóquio. E, assim como no passado Naoko e eu compartilhávamos o falecido Kizuki, eu e Reiko compartilhávamos agora a falecida Naoko. Esse pensamento me deixou subitamente mudo. Reiko continuou falando sozinha, mas, ao ver que eu estava calado, também ficou em silêncio durante o resto do trajeto até minha casa.

Era uma tarde luminosa de início de outono, exatamente igual à tarde de um ano antes em que eu fora visitar Naoko em Kyoto. Nuvens brancas, finas e estreitas como ossos, céu infinitamente alto. Ah, mais um outono, pensei. A fragrância da brisa, a coloração dos raios de sol, pequenas flores crescendo em meio à grama e o eco de sons sutis me informavam sua chegada. A cada ciclo de estações, mais eu me distanciava dos mortos. Kizuki continuava com 17 anos, Naoko com 21. Para sempre.

— Que alívio chegar a um lugar como este — disse Reiko descendo do ônibus e olhando ao redor.

— É porque não há nada por aqui — respondi.

Ela parecia admirada quando entramos no jardim pela entrada dos fundos e quando lhe mostrei a casa.

— Que lugar espetacular! — disse ela. — Foi você quem fez tudo isso? As prateleiras, a mesa?

— Eu mesmo — falei fervendo água para um chá.

— Como você é habilidoso, Toru. A casa está um brinco.

— Graças ao Nazista. Ele me transformou num amante da limpeza. Isso tem alegrado meu senhorio. Segundo ele, eu tenho cuidado com a casa.

— Ah, é verdade. Eu preciso cumprimentar seu senhorio — disse Reiko. — Ele mora do outro lado do jardim, não é?

— Cumprimentá-lo? Por que deveria fazer isso?

— É óbvio. O que ele vai pensar quando vir uma mulher de meia-idade aparecendo do nada e tocando violão ainda por cima? É melhor deixar as coisas claras desde o início. Por isso mesmo eu trouxe uma caixa de doces de presente para ele.

— Bem lembrado — falei admirado.

— Questão de idade. E você, trate de não me contradizer, pois vou explicar a ele que sou uma tia sua por parte de mãe vinda de Kyoto para uma visita. Nessas horas a diferença de idade vem a calhar. Ninguém suspeita de nada.

Ela retirou da mala a caixa de doces e eu tomei mais um chá sentado na varanda enquanto a esperava voltar da casa do senhorio. Vinte minutos depois, ela voltou. Retirou da mala uma caixa de biscoitos de arroz e me entregou dizendo que era um presente.

— Sobre o que vocês conversaram durante vinte minutos? — perguntei mordiscando um biscoito.

— Naturalmente falamos sobre você — disse ela, roçando o rosto contra a gata que segurava no colo. — Ele estava admirado com o fato de você ser um estudante tão comportado e sério.

— Tem certeza de que ele estava falando de mim?

— Claro. Sobre quem mais poderia ser? — disse Reiko sorrindo. Descobrimos meu violão, ela o pegou, afinou um pouco as cordas e tocou “Desafinado”, de Tom Jobim. Fazia muito tempo que eu não a ouvia tocar e, como havia acontecido nas vezes anteriores, aquilo reconfortou meu coração.

— Você está aprendendo a tocar violão?

— Encontrei-o jogado no depósito e peguei emprestado para tocar um pouco. Só isso.

— Depois eu lhe dou uma aula de graça — disse Reiko. Deixando o violão de lado, ela tirou o casaco de lã, encostou-se em

uma pilastra da varanda e fumou um cigarro. Debaixo do casaco vestia uma camisa xadrez de mangas curtas. — Não acha esta camisa linda? — perguntou ela.

— Acho sim — falei. Era mesmo uma bela camisa.

— Era de Naoko — disse Reiko. — Sabia? Naoko e eu tínhamos quase o mesmo número para roupas. Sobretudo quando ela entrou para o pensionato. Depois disso, ela engordou um pouco e mudou de número. Mesmo assim, era quase igual ao meu. Blusas, calças, sapatos, chapéus. Só não usávamos o mesmo tamanho de sutiã. Não tenho seios muito grandes. Por isso costumávamos trocar roupas entre nós. Na verdade, as roupas eram de nós duas.

Dei uma boa olhada no corpo de Reiko. Agora que ela havia comentado, notei que sua compleição física era bem parecida com a de Naoko. Devido ao formato do rosto e aos pulsos finos, ela dava a impressão de ser mais magra e mais baixa do que Naoko, mas analisando seu corpo com mais atenção era possível notar que ela era surpreendentemente sólida.

— Esta calça e o casaco também. Era tudo de Naoko. Você se importa de me ver vestindo as roupas dela?

— Nem um pouco. Naoko certamente ficaria satisfeita que alguém as usasse. Especialmente você.

— É estranho — disse Reiko estalando os dedos baixinho. — Naoko não deixou testamento mas, com relação às roupas, deixou um bilhete. Apenas uma linha rabiscada numa folha de bloco em cima da mesa. “Por favor, dêem todas as minhas roupas para Reiko”, dizia o bilhete. Não acha estranho? Será que alguém pensa no que fazer com as próprias roupas no momento em que decide se matar? Que relevância isso tem? Ela deveria ter muito mais coisas a dizer.

— Ou talvez não.

Reiko tirou uma baforada do cigarro e permaneceu pensativa por algum tempo.

— Suponho que você queira ouvir a história toda em detalhes.

— Por favor — pedi.

— O resultado dos testes a que ela se submeteu no hospital indicaram que o estado de Naoko estava melhorando naquele momento, mas, pensando em seu bem-estar futuro, seria aconselhável ela ficar lá por mais algum tempo para poder continuar sua terapia intensiva. Tenho certeza de que escrevi sobre isso em uma de minhas cartas. Acho que foi naquela que mandei por volta de 10 de agosto.

— Eu li essa carta.

— No dia 24 de agosto, recebi um telefonema da mãe de Naoko dizendo que a filha estava querendo me visitar e perguntando se não seria inconveniente para mim. Ela explicou que, se possível, Naoko queria passar uma noite no nosso apartamento, não só para poder arrumar ela própria sua bagagem, mas porque, já que não me veria por um bom tempo, gostaria de conversar comigo com calma. Eu lhe disse que seria um prazer. Eu também estava morrendo de vontade de vê-la e poder conversar com ela. No dia seguinte, 25, ela e a mãe chegaram de táxi. Arrumamos as três sua bagagem enquanto conversávamos amenidades. À tardinha, Naoko disse à mãe que ela poderia voltar para casa, e nós cuidaríamos do resto. A mãe chamou um táxi e foi embora. Naoko estava muito animada e nem eu nem sua mãe percebemos nada de errado nela. Na verdade, até então eu estava muito preocupada. Imaginava que ela estivesse deprimida, exausta e enfraquecida. Isso porque sei como os testes e tratamentos desses hospitais desgastam terrivelmente uma pessoa, e isso me deixava preocupada. Mas bastou vê-la para me convencer de que ela estava bem. Seu rosto estava mais saudável do que eu havia imaginado, ela sorria e dizia coisas engraçadas, e sua maneira de falar havia melhorado sensivelmente. Ela me disse que fora ao salão de beleza e estava toda prosa com o novo penteado. Achei que não precisaria me preocupar em ficarmos só nós duas, sem sua mãe por perto. Ela me dizia que pretendia se curar completamente dessa vez no hospital e eu concordei que essa era de fato a decisão mais acertada. Saímos então, conversando enquanto passeávamos. Falamos sobre o futuro e vários outros assuntos. Ela inclusive comentou como seria

maravilhoso se nós duas pudéssemos deixar o pensionato e irmos morar juntas.

— Vocês duas?

— Isso — respondeu Reiko encolhendo levemente os ombros. — Eu disse a ela que não me importaria nem um pouco, mas perguntei: “E Toru, como fica?” E ela respondeu que daria um jeito. Só isso. Depois conversamos sobre onde moraríamos, o que faríamos juntas, coisas assim. Fomos então até o viveiro brincar com as aves.

Peguei uma cerveja na geladeira, e Reiko acendeu outro cigarro. A gata dormia profundamente deitada no seu colo.

— Para você ver que ela havia planejado tudo desde o início. Talvez por isso estivesse tão animada, risonha e saudável, não é? Ela havia tomado uma decisão, e isso a deixava aliviada. Em seguida arrumamos várias coisas dentro do quarto, queimando as coisas de que ela não precisava mais no latão de lixo do jardim. Cadernos usados como diários, cartas, todas essas coisas. Suas cartas também. Achei esquisito e perguntei por que ela as estava queimando. Afinal, até então ela as havia guardado com extremo carinho e as relia sempre. Ela me explicou que “desejava dar fim a todas as coisas ligadas ao passado para iniciar uma vida nova”. Suas palavras tiveram o poder de me convencer. Achei que tinham lógica. Tudo o que eu desejava é que ela vivesse animada e feliz. Realmente ela estava esplendorosa naquele dia. Como eu gostaria que você pudesse tê-la visto!

“Depois disso, como de costume, jantamos no refeitório e tomamos banho, depois bebemos um excelente vinho que eu guardava para ocasiões especiais e toquei violão. Beatles, para não fugir à regra. Toquei ‘Norwegian Wood’ e ‘Michelle’, as preferidas de Naoko. Estávamos nos sentindo tão bem que apagamos as luzes, nos despimos e nos estendemos nas camas. O calor noturno era forte, mas mesmo abrindo a janela o vento praticamente não entrava. Do lado de fora estava escuro como breu, e era possível ouvir o zumbido alto dos insetos. O cheiro forte da grama pairava no ar do quarto. Subitamente Naoko começou a falar sobre você. Sobre a maneira como vocês fizeram sexo. Contando até os mínimos

detalhes. A maneira como você a despiu e a tocou, como ela ficou molhada, a forma como foi penetrada, e como foi maravilhoso: ela me contou tudo de forma muito clara. Então eu lhe perguntei por que ela estava comentando sobre aquilo sem mais nem menos. Afinal, ela nunca havia falado abertamente comigo sobre sexo. É claro que havíamos falado francamente sobre sexo como uma forma de terapia, mas ela sempre tinha vergonha de dar detalhes específicos. Fiquei espantada ao vê-la de repente falando sem parar sobre isso.

“‘Só me deu vontade’, disse ela. ‘Se você não estiver gostando, eu paro.’

“‘Não, está tudo bem. Se você sente necessidade de pôr isso para fora, vá em frente. Estou disposta a ouvir’, falei.

“Então ela continuou: ‘Quando o pênis dele me penetrou, a dor foi tão forte que me deixou sem ação. Era a minha primeira vez. Como eu estava molhada, entrou com facilidade, mas mesmo assim doeu. Fiquei desnorteada. Quando imaginei que ele já havia enfiado tudo, ele levantou um pouco minhas pernas e pôs ainda mais fundo. Nessa hora senti um calafrio percorrer todo o meu corpo. Era como se estivessem me jogando água gelada. Meus braços e pernas ficaram dormentes e comecei a tremer de frio. Sem entender o que estava acontecendo, pensei que fosse morrer ali mesmo e pouco me importava se isso acontecesse. Mas, quando ele percebeu que estava me machucando, parou de se mexer, me abraçou com delicadeza e beijou meus cabelos, meu pescoço e meus seios por muito tempo. Aos poucos meu corpo voltou a se aquecer. E ele recomeçou a se mexer devagar... Reiko, foi uma experiência maravilhosa. daquelas capazes de dissolver o cérebro. Tão maravilhosa que eu quis ficar daquele jeito para sempre, abraçada a ele. Realmente foi maravilhosa assim.’

“‘Se foi assim tão bom, não seria o caso de você e Toru ficarem juntos e fazer isso todos os dias?’, sugeri.

“Mas ela disse: ‘Isso seria impossível, Reiko. Eu sei. É uma coisa que veio e passou. E não vai voltar. De uma forma ou de outra é o tipo de coisa que só acontece uma vez na vida. Tanto antes

quanto depois, eu não senti nada. Nunca pensei em fazer sexo de novo, nunca mais fiquei molhada assim.'

"Tentei explicar para ela que isso era normal em mulheres jovens e que a idade praticamente se incumbiria de curá-la naturalmente. Eu a fiz ver que não precisava se preocupar, pois havia funcionado uma vez. E disse-lhe também que no início do meu casamento havia sido difícil para mim, já que muitas coisas não corriam como eu desejava.

"Mas ela disse: 'Não é isso. Eu não estou preocupada, Reiko. Só não quero ninguém entrando em mim. Só não quero ser violada assim de novo — por ninguém.'"

Terminei minha cerveja e Reiko seu segundo cigarro. A gata se espichou sobre seus joelhos, mudando de posição antes de voltar a dormir. Reiko parecia hesitante ao acender seu terceiro cigarro.

— Depois disso, Naoko começou a choramingar — continuou ela. — Sentei-me em sua cama, acariciei seus cabelos dizendo-lhe que estava tudo bem, que daria tudo certo. "Uma moça jovem e bonita como você precisa ser abraçada por um homem e ser feliz", falei. Seu rosto estava encharcado pelo suor da noite quente e pelas lágrimas, de modo que eu trouxe uma toalha para enxugar seu rosto e seu corpo. Como até a calcinha estava encharcada de suor, eu lhe disse para tirá-la. Não houve nada de esquisito nisso, entenda bem. Nós sempre entrávamos juntas na banheira na hora do banho e ela era como uma irmã para mim.

— Eu sei, eu sei — falei.

— Naoko me pediu para abraçá-la. Eu lhe disse que estava muito quente para isso, mas, como ela argumentou que seria a última vez, acabei cedendo. Eu a enrolei na toalha de banho para evitar o suor e ficamos abraçadas durante algum tempo. Quando ela se acalmou, enxuguei o suor, vesti-lhe o pijama e a pus para dormir. Ela caiu instantaneamente num sono profundo. Ou quem sabe estaria apenas fingindo? Bem, de qualquer forma, seu rosto estava lindo. Parecia o rosto de uma menina de 13 ou 14 anos que jamais havia sofrido na vida. Ao ver seu rosto, pude ir dormir descansada.

“Quando acordei às seis da manhã, Naoko não estava mais lá. Seu pijama estava jogado em um canto e suas roupas, tênis e a lanterna que sempre ficava em cima da mesinha-de-cabeceira haviam sumido. Tive um pressentimento ruim. Pense bem, o fato de ela ter levado a lanterna significava que teria saído do quarto enquanto ainda estava escuro lá fora. Por via das dúvidas, olhei em cima da mesa e vi o tal bilhete escrito: ‘Por favor, dêem todas as minhas roupas para Reiko.’ Corri para avisar todo mundo e nos separamos para procurá-la. Vasculhamos todos os cantos do pensionato e os bosques ao redor. Levamos cinco horas na busca. Ela se dera até o trabalho de trazer a própria corda.”

Reiko suspirou, acariciando a gata.

— Aceita um chá? — perguntei.

— Sim, obrigada — respondeu ela.

Aqueci a água, preparei o chá e voltei para a varanda. A noite se aproximava, os raios de sol enfraqueciam e as sombras das árvores se estendiam até nossos pés. Bebendo o chá, eu observava o jardim estranhamente aleatório, com sua mistura engraçada de pequenas flores amarelas, azáleas cor-de-rosa e arbustos altos e verdes.

— A ambulância logo chegou para levar o corpo e fui interrogada pela polícia. Não havia muitas perguntas a serem feitas. O bilhete indicava claramente tratar-se de um suicídio e, além disso, isso era considerado comum entre doentes mentais. De modo que as perguntas foram mera formalidade. Depois de os policiais irem embora, eu lhe mandei o telegrama.

— Foi um funeral triste — falei. — Terrivelmente silencioso e com poucas pessoas. A família parecia incomodada e todos me perguntavam como eu havia ficado sabendo da morte de Naoko. Certamente desejavam esconder dos conhecidos que fora um suicídio. Na verdade, eu não deveria ter ido ao funeral. Depois dele eu me senti ainda pior. Assim que cheguei, fui viajar.

— Que tal passearmos, um pouco, Toru? — sugeriu Reiko.
— Podemos fazer compras para o jantar. Estou morrendo de fome.

— Claro. O que você quer comer?

— *Sukiyaki* — respondeu ela. — Faz anos e anos que não como nada parecido. Chegava a sonhar com isso — carne, cebolinha, macarrão, *tofu* grelhado, verduras.

— Eu adoraria fazer a sua vontade, mas infelizmente não tenho nenhuma panela adequada para fazer *sukiyaki* em casa.

— Deixe comigo. Vou pegar uma emprestada com o seu senhorio.

Ela correu até a casa principal e voltou trazendo uma excelente panela, um fogareiro a gás portátil e uma longa mangueira.

— Viu? Não está perfeito?

— Mais que perfeito — respondi admirado.

Compramos nas lojinhas da vizinhança tudo de que precisávamos: carne bovina, ovos, vegetais e *tofu*. Na loja de bebidas, compramos um vinho branco que aparentava ser de relativa qualidade. Eu quis pagar, mas Reiko insistiu que eu deixasse tudo por sua conta.

— Vou virar motivo de chacota se meus parentes descobrirem que deixei meu sobrinho pagar a conta da comida! — disse Reiko. — Além disso, carrego bastante dinheiro comigo, sabia? Por isso você não precisa se preocupar. Eu não sairia do pensionato sem um tostão no bolso.

Ao voltarmos para casa, Reiko lavou e cozinhou o arroz, enquanto eu fazia os preparativos para jantarmos na varanda, instalando o fogareiro a gás. Depois de tudo preparado, Reiko tirou seu violão da caixa e, sentada na penumbra da varanda, tocou lentamente uma fuga de Bach para confirmar a afinação do instrumento. Tocava devagar os trechos mais difíceis, e outros mais depressa, ou bruscamente, ou com sentimento, escutando com prazer a variedade de sons. Quando tocava violão, Reiko parecia uma moça de 17 ou 18 anos olhando para um vestido novo. Seus olhos brilhavam, e ela contraía os lábios num esboço de sorriso. Ao terminar de tocar a música, ela se encostou na pilastra contemplando o céu pensativa.

— Você se importa se eu falar com você? — perguntei.

— Claro que não. Estava apenas lembrando que estou com fome — respondeu ela.

— Você não vai visitar seu marido e sua filha? Eles moram em Tóquio, não é?

— Em Yokohama. Mas eu não vou até lá. Já falei com você sobre isso. É melhor para eles não terem mais qualquer contato comigo. Eles têm uma nova vida. Encontrar-me com eles só nos causará sofrimento. O melhor é não ir vê-los.

Ela amassou e jogou fora o maço de Seven Stars vazio, tirou outro de dentro da mala, rompeu o selo e levou um cigarro à boca. Mas não o acendeu.

— Estou acabada como ser humano. O que você tem diante dos olhos é um resquício da memória. O que havia de mais importante dentro de mim morreu há muito tempo e eu só funciono com a memória que restou.

— Mas eu gosto da Reiko atual. Não importa se ela é um resquício da memória ou qualquer outra coisa. E talvez não faça nenhuma diferença, mas fico muito satisfeito em vê-la usando as roupas de Naoko.

Reiko abriu um sorriso enquanto acendia o cigarro com o isqueiro.

— Apesar da pouca idade, você sabe como fazer uma mulher feliz!

Enrubesci um pouco.

— Eu só digo sinceramente o que sinto.

— Eu sei — disse Reiko sorrindo.

Com o arroz pronto, pus óleo na panela para começar a preparar o prato.

— Será que estou sonhando? — perguntou Reiko aspirando o aroma no ar.

— É um legítimo *sukiyaki*, 100 por cento garantido. Empiricamente falando — disse eu.

Praticamente sem conversar, devoramos o *sukiyaki*, tomamos cerveja e por fim comemos arroz. Gaivota apareceu farejando o ar e compartilhamos pedaços de carne com ela. Quando

estávamos satisfeitos, encostamo-nos em uma pilastra da varanda contemplando a lua.

— Está satisfeita? — perguntei.

— Muito. Não tenho do que me queixar — respondeu Reiko, parecendo saciada. — Nunca comi tanto assim na vida.

— O que você quer fazer agora?

— Fumar um cigarro e depois ir ao banho público. Preciso lavar os cabelos.

— Sem problemas. Há um bem perto daqui — falei.

— A propósito, Toru, eu gostaria de saber uma coisa, se você não se importar. Você foi para a cama com aquela moça, Midori? — perguntou Reiko.

— Está perguntando se fizemos sexo? Não, não fizemos. Decidi não transar com ela até resolver as coisas.

— Mas você não acha que já está tudo resolvido?

Sacudi a cabeça, perturbado.

— Você quer dizer com isso que a morte de Naoko facilitou as coisas?

— Não, não é isso. Você já havia tomado sua decisão bem antes da morte dela. Disse que não abandonaria Midori. E isso não tinha qualquer relação com o fato de Naoko estar viva ou morta. Você optou por Midori, e Naoko pela morte. Você é uma pessoa adulta e deve assumir responsabilidade pelas suas escolhas. Caso contrário, tudo será em vão.

— Mas eu não consigo esquecer Naoko — falei. — Prometi esperar por ela, mas não esperei. Nos momentos finais, eu a abandonei. Não é uma questão de quem é culpado ou não culpado. É uma questão de ordem pessoal. Mesmo que eu não a tivesse abandonado na metade do caminho, acho que o resultado teria sido parecido. Ela provavelmente teria optado por morrer. Mas, independentemente disso, não consigo perdoar a mim mesmo. Você me diz que não há como escapar já que se trata de um movimento natural do coração, mas a relação entre mim e Naoko não era assim tão simples. Quando paro para pensar, vejo que desde o início estávamos ligados à fronteira entre a vida e a morte.

— Se você sente algum tipo de sofrimento relacionado com a morte de Naoko, terá de carregá-lo pelo resto de seus dias. Se puder tirar daí alguma lição, aprenda com o sofrimento. Mas, independentemente disso, você deveria ser feliz com Midori. Seu sofrimento não tem relação com ela. Se você a magoar ainda mais, a situação vai ficar irremediável. Sei que é difícil, mas você precisa ser forte. Cresça, vire adulto. Foi para lhe dizer isso que saí do pensionato e vim especialmente até aqui. Vim de longe, naquele trem que mais parece um ataúde.

— Entendo bem o que você quer dizer — respondi. — Mas ainda não estou preparado para isso. Sabe, foi um funeral realmente triste. Ninguém deve morrer daquele jeito.

Reiko estendeu o braço e acariciou meus cabelos.

— Todos nós vamos morrer desse jeito algum dia. Eu, você...

Levamos cinco minutos pelo caminho que margeia o rio até chegarmos ao banho público. Voltamos para casa refrescados. Abrimos uma garrafa de vinho, que bebemos sentados na varanda.

— Toru, você poderia me trazer mais uma taça?

— Claro. Mas o que vai fazer com ela?

— Vamos fazer um funeral para Naoko, só nós dois — disse Reiko. — Um que não seja deprimente.

Reiko encheu de vinho a taça que eu lhe trouxe, pondo-a sobre uma lanterna de pedra no jardim. Em seguida sentou-se na varanda, com as costas contra uma pilastra, segurando o violão e fumando.

— E poderia trazer uma caixa de fósforos também? Se possível, a maior que você tiver.

Eu trouxe da cozinha a caixa de fósforos e me sentei ao lado de Reiko.

— Bom, para cada música que eu tocar, você vai alinhando os palitos de fósforo ali, um a um. Vou tocar o maior número de músicas que puder.

Primeiro ela executou “Dear Heart”, de Henry Mancini, de maneira bela e pungente.

— Você não deu esse disco de presente a Naoko? — perguntou ela.

— Dei. No Natal do ano retrasado. Ela adorava essa música.

— Também gosto dela. É tão linda e terna. — Reiko tomou um gole de vinho depois de tocar mais alguns acordes da canção. — Bem, quantas músicas serei capaz de executar antes de ficar bêbada? Um funeral como este não é nem um pouco triste, você não acha?

Passando para os Beatles, ela tocou “Norwegian Wood”, “Yesterday”, “Michelle”, “Something”, “Here Comes the Sun”, que acompanhou cantando, e “Fool on the Hill”. Enfileirei sete palitos de fósforo.

— Sete canções — disse Reiko tomando mais um trago do vinho e soltando uma baforada do cigarro. — Esses caras conheciam bem os dissabores da vida, e a gentileza.

Com esses *caras*, Reiko obviamente queria dizer John Lennon, Paul McCartney e George Harrison.

Ela fez uma pausa para respirar, apagou o cigarro e voltou a pegar o violão para tocar “Penny Lane”, “Blackbird”, “Julia”, “When I’m Sixty-Four”, “Nowhere Man”, “And I Love Her” e “Hey Jude”.

— Quantas até aqui?

— Quatorze — respondi.

Ela suspirou.

— Não vai tocar nenhuma?

— Não. Eu toco muito mal.

— Não me importo.

Trouxe meu violão e, vacilante, executei “Up on the Roof”. Enquanto isso, Reiko fumava seu cigarro devagar e tomava goles de vinho. Ela me aplaudiu animadamente quando terminei a execução.

Em seguida Reiko tocou lindamente e com esmero uma adaptação para violão de “Pavana para uma infanta defunta”, de Ravel, e o “Clair de Lune”, de Debussy.

— Aprimorei a execução dessas duas peças depois da morte de Naoko — disse ela. — O gosto musical de Naoko nunca ultrapassou o limite do sentimentalismo.

Em seguida, ela interpretou alguns sucessos de Bacharach: “Close to You”, “Raindrops Keep Falling on My Head”, “Walk on By”, e “Wedding Bell Blues”, de Laura Nyro.

— Vinte canções — falei.

— Sou uma verdadeira *jukebox* humana — disse Reiko exalando contentamento. — Se meus professores da universidade de música me vissem agora, teriam um troço.

Ela tomou mais um gole de vinho, soltou mais uma baforada e tocou, em seqüência, várias músicas conhecidas. Executou cerca de vinte sucessos: várias canções de bossa nova, canções de Rodgers e Hart, Gershwin, Bob Dylan, Ray Charles, Carole King, The Beach Boys, Stevie Wonder, “A canção do *Sukiyaki*” de Kyu Sakamoto, “Blue Velvet”, “Green Fields”. Às vezes cantava de olhos fechados, balançando de leve a cabeça ao ritmo da melodia.

Quando o vinho terminou, passamos a beber uísque. Despejei o vinho sobre a lanterna de pedra do jardim e pus uísque no copo vazio.

— Quantas já toquei?

— Quarenta e oito — respondi.

A 49ª música tocada por Reiko foi “Eleanor Rigby”, e na 50ª ela reprisou “Norwegian Wood”. Ao terminar as cinqüenta músicas, Reiko fez uma pausa para beber uísque.

— Acha suficiente?

— Acho — respondi. — Foi excelente.

— Agora escute, Toru. Esqueça por completo o funeral triste — disse Reiko olhando-me fixamente. — Lembre-se apenas deste funeral. Não foi maravilhoso?

Assenti com um gesto de cabeça.

— E para fechar com chave de ouro... — disse ela.

E tocou como 51ª a costumeira fuga de Bach. Quando terminou, disse com uma voz que mal passava de um sussurro:

— O que acha de ir para a cama comigo, Toru?

— Que estranho — falei. — Estava pensando justamente a mesma coisa.

No quarto escuro, de cortinas fechadas, Reiko e eu nos abraçamos procurando nossos corpos como se aquilo fosse a coisa mais natural deste mundo. Despi sua blusa, suas calças e sua roupa de baixo.

— Muita coisa estranha aconteceu na minha vida, mas eu não poderia imaginar que um dia um rapaz 19 anos mais novo do que eu iria despir minha calcinha — confessou Reiko.

— Quer tirá-la você mesma? — perguntei.

— Não, vá em frente — consentiu ela. — Só espero que não se decepcione com o monte de rugas.

— Adoro suas rugas.

— Está pretendendo me fazer chorar? — perguntou Reiko com a voz débil.

Beijei várias partes de seu corpo e passei a língua por cada uma de suas rugas. Tomei em minhas mãos seus seios de menina, mordiscando seus mamilos delicadamente, e depois enfiei um dedo dentro de sua vagina morna e úmida e comecei a movimentá-lo.

— Toru — disse Reiko ao pé do meu ouvido. — Você errou de lugar. Aí é só uma ruga.

— Nem num momento como este você consegue parar com as gozações? — perguntei decepcionado.

— Desculpe — disse Reiko. — Estou com medo. Faz muito tempo que não faço isso. Sinto-me como uma menina de 17 anos que foi visitar um rapaz em seu alojamento, e de repente estou nua.

— E eu me sinto como se estivesse violentando uma moça de 17 anos.

Beijei-a do pescoço até a orelha, com meu dedo em sua “ruga”, enquanto apertava seu mamilo com os dedos da outra mão. Quando sua respiração tornou-se mais pesada e sua garganta começou a vibrar, abri suas pernas compridas e esguias e a penetrei devagar.

— Você está tomando cuidado para não me engravidar, não está? — perguntou-me Reiko num sussurro. — Seria uma vergonha se isso acontecesse na minha idade.

— Tudo bem. Não se preocupe — falei.

Quando meu pênis atingiu o ponto mais profundo, ela estremeceu e suspirou. Acaricieei delicadamente suas costas como se a estivesse massageando, e, movimentando-me dentro dela, para minha surpresa gozei. Foi um gozo intenso, inevitável. Permaneci colado a ela, meu sêmen pulsando para dentro de seu corpo cálido.

— Desculpe. Não consegui segurar — expliquei.

— Não seja bobo. Não precisa se preocupar com isso — disse Reiko me aplicando uma palmada nas nádegas. — Você sempre pensa nisso quando está fazendo sexo com uma mulher?

— Pode-se dizer que sim.

— Quando estiver comigo, não precisa pensar nisso. Simplesmente esqueça. Goze quando tiver vontade e quantas vezes quiser. Então, foi bom?

— Demais. Por isso não consegui me controlar.

— Não é hora de se controlar. Está tudo bem. Para mim também foi ótimo.

— Sabe, Reiko — falei.

— O quê?

— Você precisa se apaixonar novamente. É um desperdício. Uma mulher maravilhosa como você.

— Prometo pensar sobre isso — disse Reiko. — Mas será possível se apaixonar num lugar como Asahikawa?

Pouco depois, com o pênis novamente duro, penetrei-a uma segunda vez. Reiko se contorcia debaixo de mim, com a respiração entrecortada. Abraçado a ela, eu me mexia com calma enquanto falávamos. Era maravilhoso conversar estando dentro dela. Eu dizia alguma coisa engraçada e sentia as vibrações no meu pênis quando ela ria. Ficamos abraçados assim durante muito tempo.

— É uma sensação tão agradável — disse Reiko.

— Também não é nada mau quando estamos em movimento — retruquei.

— Vamos experimentar então.

Suspendi seus quadris e penetrei até o fundo, saboreando a sensação de me mexer dentro dela em movimentos circulares, até que, tendo atingido o máximo do prazer, me deixei gozar.

No final, fizemos amor quatro vezes nessa noite. Depois da quarta vez, Reiko fechou os olhos e suspirou profundamente, seu corpo abraçado ao meu tremendo de leve.

— Nunca mais vou precisar fazer amor, não é? — perguntou Reiko. — Diga que não, por favor. Diga que eu posso ficar tranqüila, pois fiz o suficiente pelo resto da vida.

— Quem poderá dizer? — respondi.

Aconselhei-a a ir de avião, o método mais rápido e prático, mas Reiko insistiu em ir para Asahikawa de trem.

— Gosto de pegar a barca entre Aomori e Hakodate. Voar não me agrada — disse ela. Eu a acompanhei até a estação Ueno. Ela carregava a caixa com o violão e eu sua mala de viagem. Nós nos sentamos lado a lado no banco da plataforma esperando a chegada do trem. Ela vestia o mesmo casaco de lã e as calças brancas que usava quando chegara a Tóquio.

— Você acha mesmo que Asahikawa não é assim tão ruim? — perguntou Reiko.

— É uma ótima cidade — falei. — Em breve irei visitá-la.

— Irá mesmo?

Assenti com a cabeça.

— Vou lhe escrever — falei.

— Gosto muito de suas cartas. Pena que Naoko as tenha queimado. Eram cartas espetaculares.

— Cartas não passam de papel — falei. — Queime-as, mas o que tiver de permanecer no coração permanecerá; guarde-as, mas o que tiver de desaparecer, desaparecerá.

— Para ser sincera, estou apavorada por ter de ir completamente sozinha para Asahikawa. Por isso, me escreva. Quando leio suas cartas, eu o sinto ao meu lado.

— Se minhas cartas têm esse efeito, vou escrever tantas quanto você desejar. Mas não há razão para se preocupar. Tenho certeza de que tudo vai dar certo aonde quer que você vá.

— Tenho a sensação de que existe alguma coisa ainda presa dentro de mim. Seria apenas uma ilusão?

— Um resquício de memória, talvez — falei rindo. Reiko também riu.

— Não se esqueça de mim — pediu-me ela.

— Não vou me esquecer nunca — prometi.

— Talvez nunca mais nos encontremos, mas aonde quer que eu vá as lembranças de você e de Naoko vão sempre me acompanhar.

Olhei para Reiko. Ela estava chorando. Eu a beijei espontaneamente. As pessoas que passavam por nós nos olhavam de esguelha, mas eu já não me importava. Nós dois estávamos vivos e só precisávamos pensar em seguir vivendo.

— Seja feliz — disse-me Reiko ao se despedir. — Já lhe dei todos os conselhos que podia e não há mais nada a dizer. Apenas seja feliz. Seja feliz por mim e por Naoko.

Ficamos de mãos dadas durante algum tempo, e em seguida nos separamos.

Telefonei para Midori.

— Preciso falar com você. Há muitas coisas que quero dizer. Muitas coisas sobre as quais precisamos conversar. Você é tudo o que eu desejo no mundo, e ninguém mais. Quero me encontrar com você para conversarmos. Quero recomeçar tudo com você desde o início — disse-lhe eu.

Do outro lado da linha, Midori permaneceu um longo tempo calada. O silêncio prosseguiu exatamente como se toda a chuva fina do mundo caísse sobre todos os gramados do mundo. Enquanto isso, de olhos fechados, eu apertava a testa no vidro da cabine. Midori finalmente rompeu o silêncio.

— Onde você está agora? — perguntou ela com a voz calma.

Onde eu estava agora?

Segurando o gancho do telefone, ergui o rosto e olhei ao redor da cabine telefônica. Onde eu estava agora? Não saberia responder. Não fazia nenhuma idéia. Afinal, que lugar era aquele? Apenas a silhueta de inúmeras pessoas passando por mim a

caminho de lugar nenhum se refletia nos meus olhos. Do centro sem vida desse lugar que não era lugar nenhum, eu continuava a chamar por Midori.